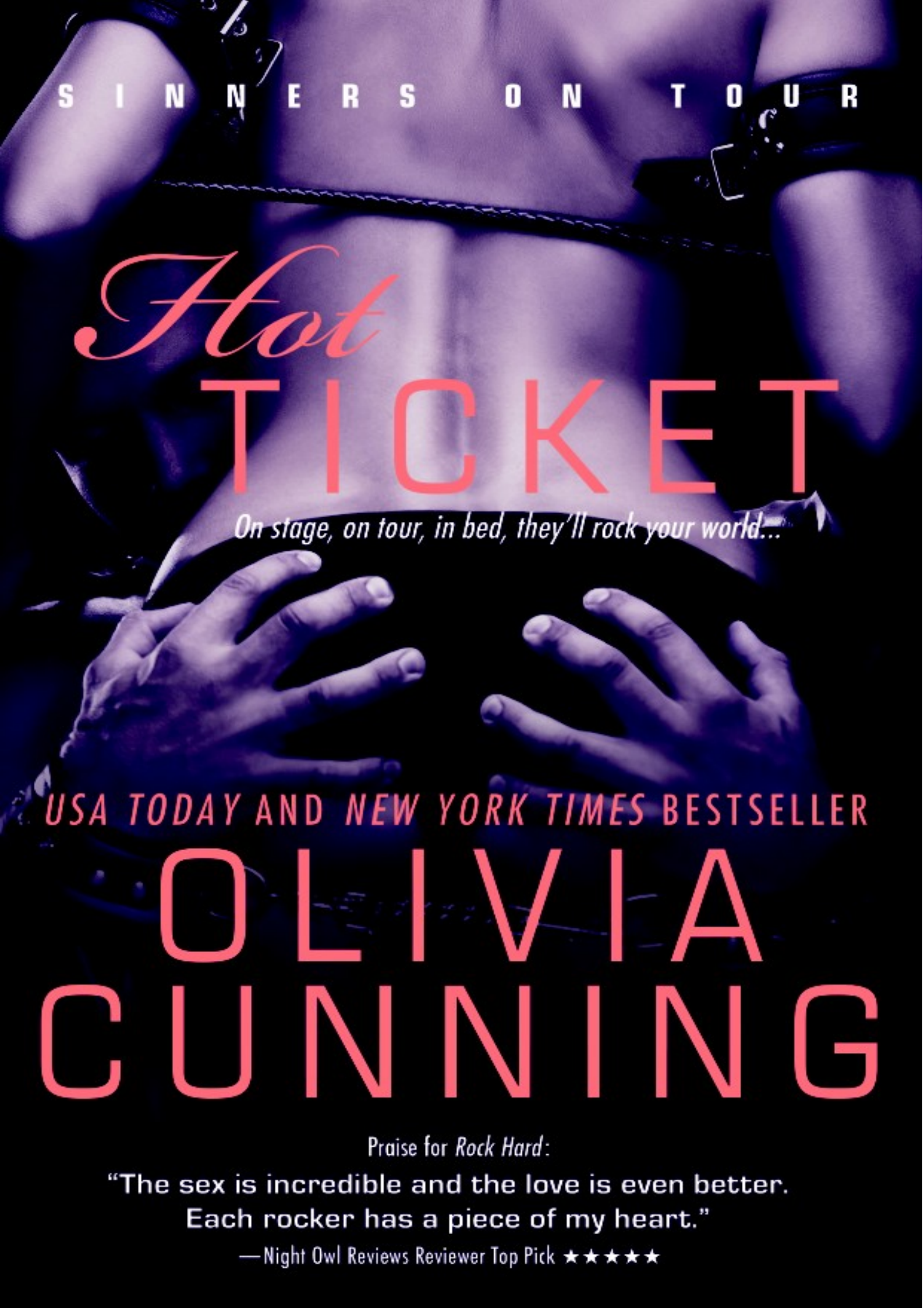

SINNERS ON TOUR
Hot
TICKET
On stage, on tour, in bed, they'll rock your world...
USA TODAY AND NEW YORK TIMES BESTSELLER
OLIVIA
CUNNING
Praise for Rock Hard:
"The sex is incredible and the love is even better.
Each rocker has a piece of my heart."
—Night Owl Reviews Reviewer Top Pick ★★★★★

Convite Quente



Ele precisa dela para mascarar sua dor...

Quando Jace atravessou as portas do calabouço de Aggie, a última coisa que esperava era encontrar o auto perdão e o amor de uma mulher notável. Mas quando um acidente terrível coloca Jace temporariamente fora da turnê da banda, as correntes pesadas de seu passado se envolvem ferozmente em torno de seu coração.

Ela precisa que ele perdoe a si mesmo...

Determinada a quebrar através da barreira blindada de Jace, Aggie deve ir além de seus métodos usuais para consertar seu coração para amar novamente.



Dedicado para a memória de Cliff Burton —

Um dos mais talentosos e influentes baixistas de metal

Para sempre dedilhando quatro cordas.

Você se foi, mas não será esquecido...

Agora eu irei apenas deus,

"Fade to Black"

~Metallica~

Reconhecimentos

Obrigada a todos os músicos que inspiram minha escrita — vocês fazem um dia ruim, bom, e um dia ruim um dia melhor. Obrigada a todas minhas amigas de escrita — ambos publicados e ambiciosos — por seu feedback e apoio: Wendy, Vivian, Jill, Lisa, Judi, Pat, Beth, e Dale, vocês são o máximo! Obrigada a minha família por não me deserdarem não importa quão chata eu consiga ser durante o processo de escrita e revisão. Obrigada a todos que resenham livros, e blogueiros que tomam o tempo para ler meu trabalho e partilhar suas opiniões com o mundo. Obrigada ao time que trabalhou duro em Sourcebooks para polir meu trabalho — dentro e fora — até ficar ajustado para consumo humano. E um agradecimento enorme para meus fãs, que sempre iluminam meu dia. Eu sou apaixonada por cada um de vocês.

Revisoras Comentam...

Dyllan: *O livro do Jace acredito ser o mais emocionante de toda a série. Apesar de parecer durão, ele é um bebê que precisa de amor e carinho.*

O Jace tem uma vulnerabilidade que sai da página e aperta o coração de quem está lendo. Ele não se sente bom o suficiente, e não sabe o valor real que ele tem. Ele já sofreu muito, e por isso tem problemas em se relacionar com as pessoas que mais querem ele bem.



Já a Aggie é uma das mulheres mais decididas da série. Ela sabe o que quer e vai atrás. Ela tem coragem e força. As profissões dela pedem isso, e com uma mãe no minimo louca, é necessário ser muito forte.

A relação deles é muito quente, e nada baunilha. Os dois são mestres em dar prazer, e quando estão em uma cama, chão, ou até moto colocam fogo em tudo. Não esqueçam de ler ao lado da geladeira, e com a porta aberta. O Jace vai esquentar as coisas. Leiam!

Claudia: *Eu não pensei que o Jace tivesse um passado tão dramático! o nosso bebê passou por poucas e boas, mas a Aggie é maravilhosa e exatamente o que ele precisava. Muito bom ver essa família do rock a cada livro mais unida, nas alegrias, nos dramas, no sexo, ai, ai... e o pior (ou melhor) é que a gente fica louca pelos próximos, imaginem o que vem por aí com o Eric e o Trey!!!*

Rachael: *Quando as meninas falaram que o Jace era o bebê eu não entendia, aliás, eu comecei esse livro tentando entender quem era o Jace e a Angie. Precisava entender quem dominava quem, e no final compreendi que os dois dominam e se submetem. O Jace ele precisa ser dominado para extravasar suas dores, seus medos e seu passado, e cá entre nós que passado horrível.*

A Angie percebe nele essa necessidade e se conecta com ele, não como um cliente, mas como um homem, o ideal para ela, que aceita seu lado domme, suas necessidades e desejos. Ela é o que ele precisa e se encaixa perfeitamente na sua vida, mesmo que ele se recuse a ver isso. Os dois são fogo puro, eles se entendem na cama, no calabouço, na moto, no ônibus em qualquer lugar e no que for feito (as cenas são lindas, quentes, e tem tudo o que não imaginamos hahahaha)

A Angie tem seus problemas também, o principal é a mãe enlouquecida de pedra, mas hilária ao mesmo tempo, e apesar disso ela ajuda o Jace a ver o que ele mais se recusa: que ele é aceito na Sinners, que os meninos brincam com ele porque o consideram um pequeno irmão. O dia a dia com a banda se torna ótimo, até que o Jon volta a banda... será que a Angie consegue fazer o Jace superar esse baque? E qual o papel de Brian nisso tudo afinal? Leiam e se emocionem!!!!



Capítulo Um

Dentro de segundos de conhecer um homem, Aggie podia encaixá-lo em uma de duas listas.

Lista A: *Homens Que Não Valem Meu Tempo.*

Lista B: *Homens Que Eu Gostaria de Foder.*

A Lista A crescia mais a cada hora que trabalhava na boate, Paradise Found[1]. Ela não podia lembrar a última vez que um homem aterrissou na Lista B.

Isso poderia explicar por que Aggie deixou cair seu chicote quando *ele* chamou sua atenção. Quem quer que ele fosse. Potencial Lista B andou a passos largos pelo piso como se possuísse o lugar. Ele tinha aquele jeito de bad boy — couro, tatuagens, e um olhar gigante de injustiça — que era contradito pelo rosto mais doce que ela já vira. Quando sentou-se à mesa mais perto de seu palco, ele se debruçou em sua cadeira e cruzou suas pernas no tornozelo, como se planejasse ficar durante algum tempo.

Interessante. E completamente fodível.

Dando um gole em sua bebida, Rosto de Anjo olhou para ela com um estranho brilho de desafio em seus olhos escuros. Algo sobre ele a teve imediatamente pensando em coisas travessas. Só metade delas envolvia infligir dor em seu corpo apertado. Oh, o sujeito era bom de olhar, sem negar, mas isso não era sua atração principal. A coisa estranha era que ela não sabia o que separava dos outros frequentadores da boate. Talvez ela precisasse de uma nova lista só para ele.

Lista Temporária C: Homens Que Não Posso Identificar Imediatamente. Ela não tinha nenhuma dúvida que o único recipiente desta lista aterrissaria depressa na Lista A. De jeito nenhum iria considerar um cliente, um potencial da Lista B. Não importou o quão atraente ele fosse.

[1] Paraíso Achado.



Aggie recuperou seu chicote do chão (que embaraçoso) e o estalou perto da bochecha do Gostoso. Ele não vacilou. Seu corpo ficou tenso, mas não com medo. Pelo leve ofego que ele emitiu e o tremular de suas pestanas, ela podia dizer que sua ameaça o excitou.

A maioria dos homens gostava de assistir o show de Aggie das sombras e pensar que podiam aguentar seu abuso. Tentando mostrar sua dureza, eles escolhiam a dominatrix em couro para entretê-los em Paradise Found, mas poucos sentavam a pouca distância de seu chicote. Não que ela realmente bateria em alguém no clube. Se um homem quisesse que ela o punisse por nascer com um cromossomo Y, ele tinha que pagar extra.

Aggie puxou seu braço atrás e bateu seu chicote perto da bochecha do recém chegado novamente. O couro estalou a centímetros de sua pele. Ela ficou satisfeita quando ele não vacilou desta vez. Oh Senhor, ele seria divertido para quebrar. Fazia muito tempo desde que ela teve um desafio real em seu calabouço.

Ele olhou fixo diretamente em seus olhos quando ela dançou mais perto. Ele pareceu bastante jovem — em torno dos vinte e cinco, talvez — mas ele tinha sabedoria em seus olhos, apesar dos anos. Ela apostou que ele viu muita tragédia em sua vida. Muitos daqueles que a procuravam para libertação tinham.

O rapaz acenou para ela se aproximar com um dedo curvado. Surpresa, ela arqueou uma sobrancelha nele e olhou em Eli, o segurança próximo ao palco. Ela não deveria discutir seus negócios laterais no clube. Até onde seus colegas de trabalho estavam preocupados, a rotina de Dominatrix de Aggie era completamente um ato. Mais tarde, quando ela ia para o chão interagir com os clientes em uma base mais pessoal, ela deslizaria seu cartão para potenciais escravos, mas sua apresentação não havia acabado ainda. Ela precisava se concentrar em sua dança, e não sonhar em fazer algum gatinho com jeito de durão, sua puta.

Aggie enganchou sua perna ao redor do poste prateado e girou ao redor, seu cabelo longo, preto voando atrás dela. Quando parou, ela viu que o cara desocupou sua cadeira e estava de pé contra o palco, de pé. Ele puxou uma nota de seu bolso traseiro e a segurou para ela entre dois dedos. *Olá, Nota-C. Mamãe precisa de um novo par de botas*.



Segurando o poste com uma mão, ela se debruçou em direção ao cliente, oferecendo os topos de seus peitos para sua visão. Seu olhar se moveu para sua pele nua, e ele passou a língua acima de seu lábio superior. Normalmente, um sujeito parecia tão mundano quanto outro para ela, mas ela assistiu cada centímetro deste aqui, de suas botas pretas pesadas até seu cabelo loiro platina eriçado. Olhos escuros. Sobrancelhas escuras. Barba escura. A sugestão de uma tatuagem revelou acima de sua camiseta. Uma pulseira de couro adornava seu pulso direito. Ele parecia durão e agressivo, ainda como mel ao mesmo tempo. Anjo do Inferno, com ênfase no anjo. Ela se perguntou se sua barba por fazer era uma tentativa para cobrir aquele rosto inegavelmente bonito.

Ele deslizou a nota entre os seios de Aggie e no seu espartilho de seu couro preto. Conforme as pontas de seus dedos esfregaram por sua pele, seus mamilos apertaram. Reação totalmente incomum para ela. Os clientes tipicamente a deixavam nervosa quando a tocavam. Este aqui tinha todo o seu sistema pronto para ir. O aro de prata pequeno no lóbulo de sua orelha pegou uma luz estroboscópica. Aggie mordeu sua língua, querendo mordiscar em sua orelha ao invés. Ela tinha uma coisa por orelhas.

Hum, resposta errada, Aggie. Os clientes nunca eram liberados para ação na cama.

"Você faz danças privadas?" ele perguntou, com os olhos cor de chocolate fixados com os dela. Sua voz era mais profunda do que ela esperava e tão quieta, que ela não teria ouvido sobre a palpitante música do clube, se ela não estivesse inclinada tão perto.

"Você quer dizer como uma dança no colo?"

"Se isso é o que você faz. Quanto custa?"

"Cinquenta dólares."

Ele entregou-lhe mais cem. O cara devia ter tido um bom dia no cassino. Ele não parecia rico. Usava uma camiseta branca, jaqueta de couro preta bem usada e calça jeans, que se agarrava a grande protuberância em suas calças. *Bem, Olá, meninão.* Ela estava feliz por não ser a única a pensando que a próxima dança deia ser a mamba horizontal.

Aggie recomponha-se, mulher. Ele é um cliente. Não pode. Oh, mas ela queria muito. Fazer. Com ele.



Seu olhar baixou para o chão, e ele corou.

"Você oferece outros serviços?"

Opa, amigo. Freios puxados.

"Eu não sou uma prostituta, se é isso que você está perguntando."

Ele balançou a cabeça.

"Não foi isso que eu quis dizer. Eu quero que você me machuque." Ele puxou uma respiração profunda, estremecendo em seu peito se expandindo. "Hard-core."

Oh sim. Posso fazer, querido.

Aggie olhou para o segurança novamente para ter certeza que ele não estava olhando para sua transação paralela. A atenção de Eli estava no palco distante, onde a mais nova dançarina de Paradise Found, Jessica, também conhecida como Pluma, estava dançando em suas penas brancas e lenço de seda. Os homens ficavam hipnotizados por ela. Mesmo que Jessica tivesse um corpo fantástico e soubesse como se movimentar, ela simplesmente não tinha a mentalidade certa para ser uma dançarina exótica. Nenhum dos homens babando cercando o palco de Pluma com os olhos apertados, e zíperes ainda mais apertados concordaria com a opinião de Aggie. Tudo o que eles viam era o exterior bonito dela — não seu coração partido. Aggie via, embora. Ela reconheceu-o no instante em que conheceu Jessica e a ajudou conseguir esse trabalho. Pobrezinha. Tão confusa e em conflito.

Aggie voltou sua atenção para o homem aos seus pés. Ela não tinha a mesma simpatia por homens.

"Eu faço por um preço", Aggie disse a ele, "mas nada de sexo."

"Eu não preciso de sexo."

Ela assentiu com a cabeça. Ele não era novo nisso. O que o fez muito mais divertido do que suas vítimas habituais. Ela tinha alguns frequentadores que visitavam seu calabouço, mas a maioria de seus clientes eram caras visitando Vegas que queriam explorar seus lados mais escuros por uma noite. Ela nunca viu a maioria deles novamente, o que lhe convinha muito bem. Muitas Dommes preferiam clientes regulares, mas Aggie preferia fazer um dinheiro rápido, e evitar se envolver demais com um de seus submissos.



O corpo de seu interesse atual mostrava tensão em cada linha. Quando ele olhou para ela, a profunda dor emocional em seu olhar a fez tremer. *Sim, loirinho, você é exatamente o desafio que eu preciso agora.*

"Eu posso trabalhar você, anjo, mas não aqui. Eu vou entregar-lhe meu cartão mais tarde, e você pode me ligar. Se tiver sorte, eu vou te mostrar o meu calabouço."

Ele estremeceu, sua respiração saindo em um suspiro animado.

Talvez ela devesse levá-lo para trás do palco, e dar-lhe um gostinho do que tinha para oferecer. Ele parecia pronto para explodir com a tensão de conter a sua dor. Ele precisava da liberação que ela poderia lhe dar. E ela precisava vê-lo rastejar em suas botas para que pudesse descarta-lo por não valer seu tempo. Quanto mais cedo ele se juntasse aos milhares de homens na Lista A, melhor.

Aggie caiu de joelhos no palco para continuar a dançar conforme falou com ele.

"Quando você precisa disso?"

"Assim que possível."

"Eu acho que tenho uma abertura em poucos dias."

"Hoje à noite. Eu tenho dinheiro. Diga o seu preço."

Diga o seu preço? Ele definitivamente estava falando sua língua, mas fazê-lo esperar faria metade do seu trabalho para ela. Ela passou as unhas vermelho-sangue, no lado de seu pescoço, deixando arranhões leves em seu rastro.

"Vou verificar a minha agenda e ver se eu posso encaixá-lo, talvez amanhã. Ou no dia seguinte."

Ela estava ansiosa para levantar vergões em seu corpo e ouvi-lo gritar de dor. Queria aquele presente final que ele iria dar a ela: implorando por misericórdia, pedindo-lhe para parar. Naquele doce instante em que ele deu-lhe todo o seu poder, e ela o *possuía*. Isso é o que ela queria. O que precisava para se manter elevada desse poço profundo, escuro que às vezes residia. Mas era muito cedo para entrar satisfazê-lo. Ele atingiria maior satisfação se ela o colocasse de escanteio por alguns dias. Deixando a antecipação entrar em seu corpo e seus



pensamentos até que ele não conseguisse pensar em nada, além da deliciosa agonia que ela prometeu.

A comoção do outro lado do salão, chamou sua atenção. Eli, o segurança de Aggie, correu em direção ao palco de Pluma. Um cliente grande e bonito havia capturado Jessica em seus braços. Ela estava enrolada em uma jaqueta de couro, com os braços presos, impotente. Vários seguranças estavam tentando liberá-la. Vários outros estavam escoltando um cara alto e magro para fora do clube. Um terceiro homem em pé ao lado do captor de Jessica balançou a cabeça em desgraça. Todos os três clientes tinham uma aparência semelhante a eles. Como se estivessem em alguma banda de rock ou algo assim. Pensando nisso, o cara bonito perto de seu palco tinha uma aparência similar. Um grupo combinando. Ela olhou para baixo para ver que sua potencial diversão tinha desaparecido.

"Filhos da puta! "Seu anjo loiro gritou quando se lançou nas costas de um dos seguranças.

* * * * *

Quando Jace viu que um segurança estava arrastando o baterista do Sinners, Eric, em direção à saída, ele não pensou, só agiu. Todos os pensamentos da bela dominatrix de cabelos negros e as coisas gloriosas que ela poderia fazer com seu corpo fugiram de sua mente.

Jace correu pelo clube, pulou sobre uma cadeira, e caiu nas costas do segurança. Ele sabia que não era grande o suficiente para derrubá-lo, mas Jace poderia lutar. Se as coisas tivessem sido diferentes, ele poderia se tornar um boxeador profissional, em vez de o baixista de uma banda de rock.

Ele não se importava com uma briga ocasional, ele era bom em luta e sabia como derrubar um homem com um soco, mas Jace não tinha certeza de por que eles estavam envolvidos com um monte de seguranças na festa de despedida de Brian. Eles deveriam estar comemorando, não criando confusão. Era bom Eric ter uma boa razão para irritar oito



seguranças do clube o suficiente para bater em qualquer coisa que se movesse. À medida que a luta se moveu para a calçada em frente ao clube, ela aumentou. Jace derrubou uns dois caras com um soco, antes de fazer uma pausa para avaliar a situação.

Alto e magro, Eric estava fazendo uma luta excelente, mas em desvantagem Quatro a um. Cercado por todos os lados, sem saída, Eric inesperadamente apontou para o céu.

"Olha, os Elvis Voadores!"

Todos os quatro seguranças olharam para o céu escuro como perus em uma tempestade de granizo. Quando sua atenção se voltou para o céu, Eric colidiu com um dos seguranças na altura da cintura, tentando escapar do círculo de músculo, mas tão logo eles perceberam que não havia ícones de para quedas para entretê-los, todos os seguranças bateram em Eric em rápida sucessão.

Jace decidiu equilibrar os números. Dois golpes no queixo e uma dúzia de socos depois, mais dois seguranças estavam na calçada: um desacordado, o outro tentando se levantar, mas não para recuperar o seu equilíbrio.

Eric limpou o sangue para fora do olho, o olhar surpreso indo dos restos humanos a seus pés para Jace.

"Jesus, pequeno homem, você é sozinho uma equipe de destruição inteira."

Distraído pelo elogio do Eric, Jace encontrou um soco inesperado contra sua mandíbula. Dor irradiou pelo lado de seu rosto. Seus ouvidos zumbiram. Visão ficou turva. A dor não importava para ele, mas o choque em seus sentidos o deixou desequilibrado. Ele tomou outro golpe no queixo antes que pudesse se concentrar bem o suficiente para derrubar seu adversário com um soco forte no queixo.

Respirando com dificuldade, Jace girou e viu um cara bater no guitarrista do Sinners, Trey, na parte de trás da cabeça com um bastão de alumínio. Trey ainda não estava no clube quando a briga começou. Por que ele tinha sido atacado?

"Fodido bicha," O segurança rosnou.

Trey caiu na calçada, imediatamente inconsciente. Eric foi atrás do idiota com o bastão, puxando a arma de suas mãos e jogando-a na rua para além da calçada.



"Ninguém." Eric deu um soco na cara do homem. "O chama." Soco novamente. "De bicha." E mais uma vez. "Nunca mais." Eric continuou a golpear o cara até que ele parou de se levantar.

Seu guitarrista, Brian (quando no inferno ele entrou na briga?), estava no mano-a-mano com o ultimo segurança de pé. Os dois iam e voltavam com golpes pela calçada. Brian tomou um soco duro no nariz, o que irritou o suficiente para derrubar o cara com um par de socos rápidos.

Jace respirou fundo. Ainda bem que acabou. Agora, talvez ele pudesse terminar seu uísque e marcar aquele encontro, com a dominatrix quente como fogo. O vocalista do Sinners, Sed, saiu correndo para fora do clube. Aparentemente, ele tinha se cansado da stripper que tinha capturado para fora do palco e estava pronto para lutar. Eles poderiam ter usado ele antes. Sed era enorme. Um fisiculturista que teria feito um bom segurança se não tivesse sido dotado de uma voz dos céus. Sed olhou ao redor, à procura de alguém para bater, mas cada segurança já estava caído.

Infelizmente, Trey também.

Sed atravessou a calçada em dois passos e se inclinou sobre Trey. Sed o segurou por ambos os ombros, ergueu o tronco do chão, e deu-lhe um aperto suave. Inconsciente, a cabeça de Trey pendeu levemente. "Trey? Trey! Trey, abra os olhos." Sed olhou para Eric. "Que diabos aconteceu com ele?"

"Aquele babaca bateu na parte de trás da cabeça dele com um taco." Dito idiota estava gemendo no meio da calçada. Eric tinha feito um estrago no rosto do cara.

"Que porra é essa?" Sed aliviou Trey até a calçada, caiu de joelhos e encostou o ouvido no peito de Trey. "Seu coração ainda está batendo. Ele está respirando."

"Bem, dã. Você não achou que ele estava morto, não é? Ele nem sequer está sangrando."

Brian cambaleou de volta até a calçada para se juntar a eles. Ele massageou os dedos de sua mão direita, as sobrancelhas escuras se juntando em uma irritada carranca.

"Droga, Eric, por que você sempre tem que começar a merda?"



"Foi culpa da Sed. Foi ele quem arrancou Jessica para fora do palco."

O olhar de Jace girou em direção a Sed com espanto. Jessica? A noiva de Sed que o abandonou há quase dois anos? Mundo pequeno. Jace não a tinha reconhecido sem roupas.

"Quem se importa quem começou? Acabou," disse Sed. "Vamos dar o fora daqui antes que a polícia apareça. Duvido que Myrna vá querer tirar Brian da prisão no dia do casamento, e depois há o show de amanhã. Meio que não podemos perder."

Eles provavelmente deveriam ter pensado nisso antes de se atrapalharam com suas mãos, rostos e corpos em uma briga que parecia inútil agora que tinha terminado. Enquanto concorria ao recorde mundial da Festa de Despedida Mais Curta, a última noite de Brian como um homem solteiro tinha sido definitivamente inesquecível.

Jace olhou para a porta do clube e lançou um suspiro de frustração. Ele não tinha pegado o cartão da dominatrix que causava ereções, e ele precisava muito vê-la em privado. Lutar tendia a liberar um pouco de sua tensão — por isso que ele continuou a boxear por lazer, embora tivesse um emprego melhor — numa banda de rock agora, mas entrar em uma briga de bar não acalmava a turbulência de sua alma. Não da mesma forma que ser chicoteado até os limites de sua tolerância por uma mulher em saltos altíssimos e couro preto faria.

Sed pegou Trey da calçada, jogou-o sobre um ombro largo, e se dirigiu para o Thunderbird rosa 1957 estacionado no meio-fio. O som das sirenes ficou cada vez mais alto.

"Jace, vamos!" Eric gritou.

Depois de um último olhar de saudade nas portas giratórias do clube, Jace subiu em sua Harley, esperou por Eric se ajeitar atrás dele, e então seguiu o carro de volta para o seu ônibus de turnê por trás do Mandalay Bay Hotel. Certamente alguém iria denunciar seus veículos. Havia uma abundância de testemunhas para a luta. Cada membro de sua banda estava, provavelmente, ferrado. Pegos. Em grande problema. Seu gerente, Jerry, lhes tinha dito se algum deles fosse preso novamente, para não se incomodarem em chamá-lo. Ele se recusou a socorrê-los. Ele também ameaçou sua equipe de palco com rescisão imediata do trabalho, caso eles prestassem ajuda. Jerry não fazia ameaças vãs.



Quando Jace estacionou atrás do ônibus, Trey cambaleou para fora do carro de Myrna e inclinou-se contra o para choque. Pelo menos ele estava consciente agora. Jace balançou a moto de volta em seu estribo lateral, desligou o motor e saiu para verificar Trey.

"Está tudo bem, cara?" Perguntou Jace.

Nenhum de seus colegas de banda era o que Jace iria considerar bronzeado, mas Trey parecia francamente fantasmagórico.

"Sim. Só um pouco tonto." Trey pressionou as têmporas com as duas mãos. "Porra, minha cabeça dói."

Brian inclinou-se para fora da janela do motorista.

"Volte para o carro, Trey, e nós vamos levá-lo para o hospital."

"Foda-se. Você sabe que eu odeio hospitais. Por que você acha que eu nunca segui os passos do meu pai?"

"Porque você é burro demais para ser um médico", disse Brian. "Agora volte para o carro."

Sed tirou seus quase dois metros do pequeno carro. "Escute Brian, Trey. Volte para o carro." Ele agarrou Trey pelos ombros e tentou forçá-lo.

Trey saiu de seu alcance.

"Eric está sangrando por todo o maldito lugar, e você não está ameaçando levá-lo ao hospital."

Sed encolheu os ombros. "Tanto faz. É só o Eric."

"Muito Obrigado pela sua preocupação, Sed," disse Eric. "Realmente. Muito obrigado." Pelo corte na lateral da cabeça, sangue continuava a escorrer pelo rosto de Eric e em sua camiseta preta.

"Você precisa de pontos?" Jace perguntou.

As sobrancelhas de Eric se juntaram.

"Você precisa?"

Jace balançou sua cabeça.

"Eu não estou sangrando em qualquer lugar."



"E qual é o por que disso, homenzinho?"

Jace deu de ombros, movendo o olhar para o chão para evitar que Eric descobrisse que ele conseguiu irritá-lo. Novamente. Ele simplesmente não conseguia ganhar com Eric. Nunca. E ele o respeitava muito para derrubá-lo de bunda no chão. Jace respirou fundo e soltou o ar lentamente, enquanto olhava para o chão. Ele aceitava um monte de merda de Eric, mas se era isso que ele tinha que fazer para ficar na banda, continuaria a aceitar. Nada mais em todo esse maldito planeta significava mais para ele do que estes quatro músicos brilhantes.

"Sed, dê-me seus óculos de sol." Brian disse agora de pé em seu pequeno grupo.

"Para que diabos você precisa de óculos de sol, e acenando com uma mão para Sed? É quase meia-noite."

"Apenas entregue."

Sed pegou seus óculos do bolso do paletó, entregou a Brian, e então respirou fundo.

"Ok, eu vou entrar. Myrna vai me matar por deixar Brian ter a bunda chutada uma noite antes de seu casamento."

"Eu não tive a minha bunda chutada."

"Você já esteve melhor, meu amigo. Confie em mim."

Sed subiu os degraus do ônibus, seguido por Eric.

"Tem certeza que está tudo bem, Trey?" Jace perguntou.

"Sim. Só preciso de um pouco de gelo." Trey tocou sua nuca e fez careta. Ele seguiu Eric nos degraus, apenas virando um pouco para a esquerda.

"Você é o próximo." Brian insistiu com Jace.

Jace sorriu para ele.

"Medo da Myrna?"

"Inferno, sim, eu tenho medo da Myrna. Odeio discutir com ela. Ela sempre ganha. E ela tem toda a razão por ficar aborrecida comigo. Quem quer subir no altar com um cara que tem dois olhos roxos?"

O sorriso de Jace aumentou, e o calor do embaraço espalhou pelo seu rosto.

"Myrna quer. Ela te ama."



Brian tomou uma respiração profunda.

"Eu espero que você esteja certo. Deus, eu não vejo a hora de colocar o anel no dedo dela. Ok, Jace, vá. Sed provavelmente já deu a notícia a ela agora. Preciso de vários obstáculos em meu caminho, e eu não acho que ela realmente quer bater em você. Ela acha que você é o doce do grupo." Brian quase engasgou com seu riso.

Jace nunca tinha dado a Myrna uma razão para pensar o contrário.

"Tudo vai ficar bem. Apenas rasteje."

"Rastejar?" Brian pareceu refletir por um momento, e então balançou a cabeça. "Posso fazer."

Jace subiu os degraus para encontrar Myrna, ainda vestindo seu terno de negócio e parecendo toda afetada e apropriada, quando ela era decididamente não era afetada e apropriada por nenhum estiramento da imaginação, fazendo algo sobre o corte perto da têmpora de Eric. Eric amou cada minuto de sua preocupação. Ele tinha uma pequena, diga-se grande, queda pela mulher de Brian, portanto, qualquer atenção que ela lhe desse, o deixava tonto e estúpido. Trey estava procurando por gelo no freezer. Sed estava ao lado da mesa de jantar parecendo como se tivesse assaltado um banco.

Não deu nem dois minutos para que Myrna para colocasse Brian em seu lugar. Ela foi consciente o suficiente da falta de privacidade para levar o seu argumento até o quarto na parte de trás do ônibus, mas mesmo com a porta fechada, Jace podia ouvir Brian rastejando. Ele estava fazendo um bom trabalho pela estimativa de Jace, embora Myrna ainda não soasse como se estivesse perdoando os olhos roxos de seu noivo.

Jace esfregou os dedos inchados, imaginando como ia tocar jogar na noite seguinte. Ele não podia entrar mais em nenhuma luta. Se machucasse suas mãos, os Sinners, sem dúvida, se livrariam dele. Ele não queria dar-lhes uma razão para demiti-lo da banda. Não depois que trabalhou tão duro para se tornar uma parte dela.

Sed pegou um frasco de aspirina do banheiro e sorriu quando entregou a Trey. Ele acenou com a cabeça em direção à porta do quarto.

"Eu acho que eles fizeram as pazes."



Não havia mais sons de Brian rastejando. Apenas os gritos inconfundíveis de êxtase que Myrna produzia em uma base muito regular.

Trey riu.

"Quem pode ficar com raiva de Brian?" Ele engoliu vários comprimidos e passou o frasco para Eric.

"Estou feliz por eles terem feito as pazes." Eric disse, segurando um pano com sangue em sua têmpora." Eu me sentiria terrível se ela cancelasse o casamento."

"Você *deveria* se sentir terrível," Jace disse, olhando para o chão, como se soubesse que o seu olhar iria segurar um desafio. De todas as lições que seu pai tentou ensiná-lo, manter o desacato fora de seu olhar nunca tinha colado." Você começou a coisa toda."

"Bem, eu não pedi sua ajuda, homenzinho, pedi?" Eric disse.

Não, ele não tinha. Jace deveria ter ficado de fora e deixado os seguranças reorganizarem a cara de Eric.

Jace apertou os lábios e balançou a cabeça ligeiramente. Ele deixou o ônibus sem uma palavra, sem cabeça para um novo confronto. Não com Eric. O homem que não tinha ideia de como tinha causado um impacto positivo sobre a vida de Jace. Se tivesse pensado em Eric como nada menos do que o seu herói, ele teria lhe dado um soco no rosto anos atrás.

Jace subiu em sua Harley, colocou seu capacete, e ligou a moto. O motor rugiu para vida debaixo dele. A liberdade que o som representava, imediatamente lhe trouxe paz de espírito. Ele dirigiu sem saber para onde estava indo, mas seus pensamentos tinham se estabelecido em uma beleza de cabelos negros com um chicote. Aquela mulher era exatamente o que ele precisava.

Ele se perguntou se ela ainda estaria no clube. Precisava pegar o cartão que ela tinha prometido a ele e marcar uma hora para seu abuso perfeito.

Imediatamente.



Capítulo Dois

Jace estacionou no beco ao lado do clube de strip. Ele não deveria estar ali. Enquanto sempre foi bom em permanecer despercebido, sabia que tinha uma aparência distinta, e os seguranças não amaram ter seus rabos chutados. Se eles o vissem, ele provavelmente iria passar a noite na cadeia. Ou pior, no hospital. Participar de uma luta era uma coisa, ser atacado por um grupo de homens musculosos, outra coisa completamente diferente. Mas ele estava disposto a correr o risco para vê-la novamente. Ela. Quem quer que fosse. Inferno, nem sabia o nome dela.

Jace desligou a ignição da Harley, colocou a moto para trás para envolver o estribo lateral e desceu. Encostado ao lado do assento com o seu capacete, ele esperou do lado de fora da saída dos fundos por seu belo demônio em couro preto surgir. Esperava que não tivesse perdido ela. Precisava dela. Muito. Esperaria a noite toda se fosse preciso. Não era como se tivesse outro lugar para ir.

Durante a meia hora seguinte, várias pessoas, a maioria outras dançarinas, saíram do clube pela porta dos fundos. Jace ganhou alguns olhares curiosos, mas ninguém questionou seus motivos.

Quando ela finalmente saiu, sua respiração parou. Ela usava um longo casaco preto de pele sobre seu bustiê de couro, calcinhas pretas de cetim, e botas até as coxas. Jace reprimiu um estremecimento de desejo primal. Ela fez uma pausa na parte inferior da escada e enfiou a mão no bolso, procurando algo. Um cigarro, talvez?

Jace apalpou os bolsos à procura de um isqueiro, mas ela tirou um pacote de chicletes e colocou um pedaço na boca. Ela virou a cabeça em sua direção.

Notou-o.

Seu pênis agitou com emoção. Antecipação. Cada centímetro de sua pele se arrepiou com desejo.



Seus lábios vermelhos cheios se curvaram em um sorriso sexy.

Será que ela o reconheceu? Ele não sabia como. Ele ainda usava o capacete com a viseira preta para baixo. Talvez ela sorrisse daquele jeito para qualquer cara. Ele não sabia por que esse pensamento o incomodava. Só queria comprar seus serviços por algumas horas, e não torná-la um elemento permanente em sua vida. Mas, como coisas permanentes iam, ela estava em uma classe própria. Querido Deus, a mulher era positivamente deliciosa.

Ela caminhou em direção a ele, movendo-se graciosamente, como um gato rondando. Quanto mais se aproximava, mais duro o seu coração batia e mais rápido corria. Jace se endireitou, afastando-se da moto.

Ela parou em frente a ele. Podia sentir seu calor através de suas roupas. Ele acariciou sua pele. Aumentou sua consciência dela.

Ele se inclinou em direção a ela. Querendo tocá-la. Prová-la. Experimentar tudo o que ela era.

Mas, principalmente, queria que ela batesse nele.

"Imaginei que você pudesse voltar," ela murmurou. "Eu ainda te devo uma dança."

Em suas botas de salto de oito centímetros, ela ficou alguns centímetros mais alta do que ele. Sem elas, ele provavelmente teria dois centímetros a mais que ela. Sua altura não o incomodava. Olhar para ela o excitava. Seu longo pescoço branco excitava. O ângulo agudo de sua mandíbula. Bochechas macias. Cílios cheiros. Grossas, franjas pretas. O cheiro almiscarado de seu perfume misturado com couro e chiclete de hortelã. O som rouco e suave de sua voz. Tudo sobre ela o excitava. Precisava dela. Agora. Precisou de todos os fragmentos de sua força de vontade para não arrastar seu corpo contra o dele.

"Como você sabia que era eu?" Ele perguntou.

Ela levantou a viseira do seu capacete e olhou em seus olhos. Suas íris azul celeste ficavam em contraste chocante com os cabelos negros e pele de porcelana branca. "Além do fato de que você ainda está usando as mesmas roupas?"

Oh.



"É a maneira como você se comporta, anjo. A tensão em seu corpo. Ele pulsa fora de você. Quanto tempo se passou desde que você teve liberação?"

Ele sabia o que ela queria dizer. Ela não quis dizer liberação sexual. Ele poderia ter aquilo a qualquer momento que quisesse. Ela quis dizer quanto tempo desde que ele tinha conseguido o que precisava. A liberação que ela poderia lhe dar.

"Quase um ano."

Ela apertou os lábios com simpatia.

"Coitadinho. Vou corrigir isso." Ela tocou seu rosto. "Fazer tudo melhor."

Ondas de prazer serpentearam ao longo de sua mandíbula, abaixo do pescoço e barriga. Agarrou-o pelas bolas. Ele estremeceu. Estendeu a mão para ela. Precisando *disso*. Dela.

Ela deu um tapa na mão dele.

"Não."

Ele apertou sua mão em um punho e baixou para o seu lado. Sabia que ela era uma domme e acostumada com homens obedecendo a suas ordens, de modo que lhe permitiu manter seu poder. Por enquanto.

"Vamos lá."

"Agora?"

"Sim, agora. Agora."

Ela riu. O som rico e rouco fez sua espinha formigar.

"Eu tenho que voltar ao trabalho, doçura."

Sua respiração saiu em um acesso de raiva frustrada.

"Então, quando? Quando?"

"Amanhã à noite. Dez horas."

O estômago de Jace se apertou. Ele balançou a cabeça.

"Eu não posso esperar tanto tempo."

Sua mão acariciou sua virilha. Ele prendeu a respiração. Ela apertou suas bolas. Não muito forte. Apenas o suficiente para presenteá-lo com deliciosa agonia. Doeu tão gostoso, ele mordeu o lábio para se impedir de gritar de êxtase.



"Você vai esperar," disse ela calmamente. "Diga."

Ele resistiu.

Ela apertou com mais força.

"Diga."

Ele puxou a horrível, doce dor para dentro, desejando mais do mesmo.

Ela retirou a mão, e ele fez uma careta. Seu estômago se agitou, mas ele queria mais dor. Muito mais. E sabia que ela não iria dar a ele, nunca, a menos que ele obedecesse.

"Eu vou esperar."

Ela sorriu e colocou algo em sua mão. Um cartão de visita.

"Este é o endereço. Esteja lá na hora, ou não vou responder a campainha."

Ele olhou para seu cartão de visita preto liso. Havia pouca luz o suficiente no beco para ler o texto em vermelho sangue.

Mistress V

Especialização em Punição Corporal

Punição Corporal? Senhor, ele quase gozou pela perna, apenas vendo impresso.

Jace respirou fundo para limpar seus pensamentos. Ele tinha outras responsabilidades a serem consideradas. O Sinners tinha uma importante apresentação na noite seguinte. Será que o show acabaria até as dez? Embora eles eram normalmente a banda principal, Sinners iria abrir amanhã, assim seu show começaria mais cedo do que o habitual. Eles deveriam encerrar nove e meia, então teria que se apressar.

"Eu estarei lá." disse ele.

"Estou ansiosa para fazê-lo implorar por misericórdia." Ela murmurou.

"Então você vai ficar desapontada." Ele deslizou seu cartão no bolso e subiu em sua moto. Ele girou a chave e o motor rugiu para a vida debaixo dele.

"Até amanhã."



Capítulo Três

Jace moveu o bloco de gelo de sua mão esquerda para a direita. O inchaço estava começando a diminuir, mas ele sabia que não iria tocar coisa nenhuma hoje. Eles estavam abrindo para o Exodus End, na frente de uma multidão esgotada. Na porra de Las Vegas, Nevada. Este devia ser um enorme impulso para suas carreiras musicais, e eles foram todos, com certeza, ser uma merda. Sinners estava subindo no negócio, mas Exodus End estava no topo do gênero, sem sinais de abrandamento. Eles poderiam ter escolhido um show pior para estar fora de forma? Provavelmente não.

Com cabelo de rock star molhado de um banho recente, Eric afundou-se no sofá ao lado de Jace.

"Como está a mão?"

Jace deu de ombros.

"Eu vou viver."

"Sim, mas o mais importante, você pode tocar?"

Jace olhou para Eric, que tinha três tiras finas de fita em sua têmpora fechando a ferida.

"Devo conseguir. Como está Trey?"

"Ele está tirando uma soneca."

Jace puxou as sobrancelhas.

"Uma soneca?" Isso não parecia Trey. Ele não devia estar fora encontrando uma garota para foder por algumas horas? Ou algum cara? Trey não se importava de qualquer maneira. "Talvez devêssemos levá-lo ao médico."



"Acho que ele está meio triste por Brian se casar esta tarde. Ele não vai dizer nada, é claro, mas Brian não vai ter tanto tempo para seu melhor amigo agora que Esposa Sinclair está na foto."

Jace imaginou que fizesse sentido. Trey e Brian tinham sido melhores amigos por quase vinte anos. Eles foram até companheiros de quarto. Trey foi obrigado a se sentir deixado de fora, agora que Brian estava casado.

"Sim."

Sem nenhum aviso, Eric deu um tapa na parte de trás da cabeça de Jace.

"Por que você nunca mencionou que luta como um campeão do UFC[2]?"

Jace olhou para ele.

"Você nunca perguntou."

"Onde você aprendeu a lutar?"

A cabine do ônibus pareceu fechar-se sobre Jace. Ele não gostava de pensar sobre o seu passado, e muito menos falar sobre isso. Ele olhou para o bloco de gelo na mão e deu de ombros.

"Eu não sei. E você? Você estava chutando batendo bastante."

Jace esperava mudar o foco de si para Eric. Geralmente funcionava para dissuadir curiosos. Especialmente com Eric, extraordinário amante de atenção.

"Eu não tive escolha, a não ser aprender a lutar. Fui jogado de orfanato em orfanato por quinze anos. Eu não recebi o benefício de ser colocado com alguém que quisesse ajudar as crianças ou fazer uma família saudável. Eles estavam todos apenas querendo um salário fácil. Metade deles nem sequer me alimentava." Ele encolheu os ombros, os olhos azuis iluminando tão facilmente quanto abandonava os pensamentos de seu passado. Jace queria ser capaz de fazer isso.

"Lutar juntos é divertido, certo?"

Divertido? Não, não realmente. Encorajador? Sim, totalmente.

"Eu acho. O que começou essa luta de qualquer maneira?"

[2] Ultimate Fighting Championship (UFC) é uma organização americana de MMA (Vale Tudo ou Full Contact NHB). Lutadores desse esporte usam diferentes modalidades como jiu jitsu, boxe, wrestling, muay thai, karate, e muitas outras artes marciais.



"Você não viu aquele segurança estrangulando Sed? Ele nem sequer o soltou quando eu disse que ele era um cantor profissional. Tive de derrubá-lo com uma porrada."

Jace teria provavelmente dado uma porrada também. A voz de Sed era uma daquelas coisas que fazia o Sinners tão singular. Jace sorriu levemente.

"Estou feliz que tenhamos acabado com eles, então."

"Devíamos ir ensaiar." Eric ficou de pé. "Nosso show terá cerca de metade do tamanho que normalmente tem. Eu só sei que vou acabar começando com a introdução de 'Twisted' quando eu deveria estar tocando 'Good- bye is not forever'."

Jace riu.

"Tenho a sensação de que vamos ser péssimos de qualquer maneira." Ele levantou do sofá de couro confortável e jogou o bloco de gelo derretendo no freezer pequeno do ônibus.

"Ninguém vai notar. Os fãs vão ficar tão animados para ver Exodus End que não vão dar a mínima para o que fazemos."

"Eu acho que eles vão perceber que vai ser uma merda."

Eric riu.

"Não se preocupe. Ninguém escuta o baixista. Seja tão ruim quanto quiser."

Jace mordeu o lábio para impedir-se de responder Eric. A tensão estava realmente começando a chegar a ele, e precisava de uma saída. Quantas horas até que pudesse visitar Mistress V? Ele olhou para o relógio sobre o aparelho de som. *Merda*. Quatro horas é muito.

Depois do ensaio e um lanche rápido de sobra de bolo de casamento, Jace ficou nos bastidores sozinho, tentando se concentrar o suficiente para tocar ao vivo na frente de doze mil pessoas. O inchaço em suas mãos tinha diminuído, mas seus dedos não tinham a flexibilidade normal. Ele temia que iriam desapontar Exodus End e fazer um péssimo trabalho como sua banda de abertura hoje à noite. Deixava-o doente pensar que poderia decepcioná-los. Ele devia a essa banda um mundo de gratidão. Especialmente o guitarrista, Dare.

Algo o cutucou no ombro esquerdo, e ele virou-se para encontrar Eric sorrindo para ele, enquanto usava sua baqueta como uma agulha.

"Você vai se esconder pelo kit de bateria novamente hoje à noite?"



Jace deu de ombros. Ele não gostava da parte de interação de tocar ao vivo. Ele só queria tocar seu baixo com toda a habilidade que conseguiu reunir e deixar o entretenimento da multidão para Sed, Brian, e Trey. Os três eram naturais quando se tratava de interagir com o público. Jace não era. Sentia-se como um idiota quando era forçado para fora da segurança da metade de trás do palco.

"Há um problema com essa ideia hoje, homenzinho."

"Qual é o problema?"

"Estamos abrindo, o que significa que estamos trabalhando com metade de um palco. Não há espaço para você perto da parte traseira. Minha bateria ocupar muito espaço. É frente e centro para você esta noite."

O estômago de Jace caiu em suas botas.

"Merda".

Eric riu de sua miséria.

"Isso deve ser divertido. Embora eu me lembre de um show quando Brian estava distraído com Myrna, e você pegou a deixa. Você pode ser divertido quando quer."

O problema era que ele nunca quis ser. Estava lá para a música. Nenhuma outra razão. Ele não exigia a viagem de ego pela adulação dos fãs. Um estrondo assustou Jace de seu devaneio. Travis, um de seus assistentes de palco antigo, estendeu a mão em uma pilha de caixas de guitarra vazias e puxou Trey de pé.

"Você está bem?" Perguntou Travis.

Trey tropeçou de lado quando recuperou o equilíbrio e segurou o braço de Travis por um longo momento. Ainda anormalmente pálido, Trey balançou a cabeça lentamente.

"Sim, só perdi o equilíbrio."

Jace se moveu para ficar ao lado de seu guitarrista instável.

"Eu acho que você devia ser examinado. Ferimentos na cabeça não são algo para brincar."

"Eu estou bem. Gostaria que todo mundo parasse de me tratar como se eu estivesse gravemente ferido. Onde diabos está Brian?"



"Eu acho que ele está dando uma rapidinha com Myrna," Sed disse, mastigando cordas de alcaçuz vermelha. Ele usava a glicerina do doce para lubrificar as cordas vocais, ou assim ele afirmou. Sua garganta ainda devia estar incomodando.

"Jesus, tudo o que ele faz é foder essa mulher esses dias," Trey resmungou. "Será que ele não percebe que estará no palco em 10 minutos?"

"Sete minutos" Dave, seu operador de som, corrigiu antes de correr para o público a trabalhar a sua magia em seu equipamento de áudio.

Trey tropeçou contra Jace, que o agarrou pelos braços para firmá-lo.

"Respire fundo."

Trey fechou os olhos e obedeceu sem argumento.

"Melhor?"

Ele acenou com a cabeça um pouco e, em seguida, fez uma careta de dor.

"Porra, minha cabeça dói."

"Por que não se senta?" Eric disse. "Você vai quebrar alguma coisa."

"Provavelmente o pescoço." Disse Brian quando finalmente se juntou a eles e levantou a correia da guitarra sobre a cabeça.

"Terminou de comer a Myrna?" Trey perguntou, balançando a cabeça para ao pau mandado que seu melhor amigo tinha se tornado.

Brian riu.

"Nem de longe. A verdadeira lua de mel começa em 46 minutos."

Sed fez uma careta e agarrou Jake, o assistente que afinava as guitarras por ambos os braços.

"Aí, Jake. Encontre-me duas gostosas para hoje à noite." A carranca de Sed se aprofundou. "Três gostosas."

Ninguém precisava perguntar três gostosas de que. Sed significava groupies[3]. Ele tinha estado em um humor desde que encontrou com sua ex, Jessica, na noite anterior. Quem quer que fossem as três groupies que Jake selecionasse para a diversão de Sed, iam ser fodidas.

[3] Groupie é uma pessoa que busca intimidade emocional e/ou sexual com um músico. O termo, utilizado pela primeira vez em 1967 para descrever garotas que perseguiam lascivamente integrantes de bandas de pop ou rock.



Fodidas, longo, duro, e bom. Sed estava modo predatório total. Jace estava duplamente feliz que estaria passando o tempo após a apresentação no calabouço de Mistress V. A mordida de seu chicote com certeza seria menos doloroso do que assistir as groupies de Sed chorar e implorar por sua atenção, depois dele ter terminado com elas e as mandado embora.

As luzes do estádio baixaram, e a multidão aplaudiu, sabendo que significava que era hora de a banda subir ao palco.

Quando Trey tropeçou no degrau no escuro, Brian levou-o pelo braço e ajudou-o a subir ao palco.

"Você tem certeza de que está bem, cara?" Jace ouviu Brian dizer sobre o ruído da multidão.

"Como se você se importasse." Trey arrancou o braço livre do aperto de Brian e trotou para seu lugar de costume. Não havia muita luz para Jace encontrar seus próprios X amarelos colados no chão. Pelo menos ele estava atrás da linha de frente e em algum lugar no meio. Aqui, ele provavelmente poderia se esconder atrás da ampla forma musculosa de Sed.

A primeira batida da bateria de Eric chutou a frequência cardíaca de Jace acima uma nota. Ele entrou na primeira música, "Twisted", com sua linha de baixa progressão constante. Seus dedos machucados e inchados protestaram cada nota. No momento em que Brian entrou em seu solo, Jace mal podia forçar os dedos a se moverem. Trey encontrou um alto-falante para se sentar. Ele normalmente dedilhava seu ritmo de guitarra com grande entusiasmo, mas vários tropeços em seu pedestal fizeram com que ele buscasse um lugar estável para descansar. Ele conseguiu tocar sem problemas, desde que não se movimentasse muito. Quando Sed gritou no microfone, no final de um pequeno solo péssimo de Brian, o vocalista parou no meio da nota com uma tosse. Ele limpou a garganta e tentou novamente sem sucesso. Jesus, que desastre.

Quando a música felizmente chegou ao fim, Jace esfregou os dedos rígidos e doloridos enquanto Sed falava com a multidão e disse que eles eram a melhor audiência de sempre. Mesma coisa que ele disse a cada multidão. Ele pediu desculpas para a incomum péssima atitude da banda. O único que estava se apresentando em qualquer lugar próximo do normal



era Eric. Como Eric foi a principal razão que eles tinham entrado em uma briga no clube, em primeiro lugar, não parecia justo que ele não fosse tão ruim, quanto o resto deles.

Desde que a cantoria de Sed estava abaixo da média, ele aparentemente decidiu que carisma adicional poderia compensar isso. Ele mergulhou no meio da multidão durante a segunda música e parecia alheio ao fato de que não cantou a cantar a grande maioria das letras, enquanto a multidão o passou de mão em mão sobre suas cabeças. Se Jace tivesse tentado aquela merda, ele provavelmente teria sido jogado no cimento e pisoteado até a morte. Um segurança resgatou Sed da multidão se retorcendo, e ele finalmente fez o seu caminho de volta para o palco.

"Maldição. Vocês. Filhos da mãe loucos sabem balançar!" Sed gritou em seu microfone. "Quem está aqui para ver Exodus End?" Ele colocou um punho no ar, enquanto a multidão irrompeu em aplausos. Ele limpou a garganta. Estremeceu. Virou o volume para um rugido baixo. "Minha garganta está um pouco dolorida hoje à noite. Nota para mim mesmo, não entrar em brigas em clubes de strip uma noite antes de um show, não importa o quão gostosa a garota é."

O público aplaudiu o deboche da Sed. Jace não pôde deixar de sorrir. Quanto mais problemas os Sinners entravam, mais seus fãs os amavam. Ocasionalmente, eles tiveram que agir como, bem, Sinners e manter sua, imagem em parte fabricada, escura. Eles esperaram enquanto Brian e Trey trocaram suas guitarras elétricas usuais para a acústica para tocar sua próxima música, "Good-bye is not forever." Essa música sempre colocava a porra de um nó na garganta de Jace. Ela o lembrava de Kara Sinclair. Eles tiveram um relacionamento secreto quando adolescentes. Quanto mais imprudente, sem lei, e fora de controle Jace tinha sido, mais atraída por ele, ela tinha se tornado. Uma razão que não podia esquecê-la era, Kara era a irmã mais nova de Brian, ou tinha sido, antes de um acidente de carro tomar sua vida. Brian não tinha ideia de que Jace tinha uma vez namorado ela. Roubado sua inocência. Isso era um segredo que ele planejava levar para o túmulo. Não havia razão para manchar lembranças puras e queridas de um homem de sua irmã perfeita.



Trey e Brian se dividiram dos lados do palco, sentados em plataformas, enquanto tocavam o refrão intrincado da única balada da banda. Sed sentou-se na frente do palco, com as pernas balançando sobre a borda, e cantou com o coração. Com o nó na garganta, arrepios correram pela espinha de Jace com o som da voz maravilhosa da Sed.

O único de pé, Jace sentiu-se incrivelmente exposto. Ele respirou fundo, os dedos, encontrando as cordas da guitarra de metal e as notas adequadas de memória. Concentrar-se em produzir o som perfeito não foi fácil, com os nós dos dedos tão inchados, ele se aproximou da frente do palco, de pé entre Sed e Trey. Seus olhos percorreram a multidão, tomando nota do entusiasmo repentino de várias jovens na plateia quando entrou no seu ponto de vista. Jace saudou particularmente uma garota animada de vinte e poucos anos com dois dedos, e ela agarrou a bainha de sua camiseta. Ela levantou as duas mãos sobre a cabeça, gritando com todo seus pulmões, enquanto expôs seus seios nus para a banda. Sed olhou para Jace e sorriu. Para não ficar atrás, Sed levantou a camisa e mostrou um par de peitoral rígido e seu abdômen tanquinho para as Senhoras Sinners nas primeiras fileiras. Os gritos das mulheres da plateia fizeram os ouvidos de Jace estralarem, mesmo com a filtragem através do ponto eletrônico em seu ouvido.

Sed inclinou a cabeça a Jace, como se dissesse, *sua vez*. Jace balançou a cabeça e deu vários passos para trás, seu desejo temporário de interagir com o público completamente obliterado. Ele se mantinha em boa forma, mas não era páreo para o físico de Sed. Não havia sentido em passar vergonha na frente de doze mil pessoas.

Quando o show terminou, os dedos de Jace se recusavam a se mover, Trey mal conseguia ficar de pé, Sed estava cantando em um sussurro, e Brian estava tão distraído por pensamentos de sua lua de mel, sem dúvida, que ele saiu do palco sem remover sua guitarra. Ele produziu uma série de sons discordantes enquanto ele se dirigia aos bastidores correndo, até que um assistente conseguiu detê-lo o tempo suficiente para reivindicar o instrumento de seu guitarrista ansioso. Todas as coisas consideradas, Jace não conseguia se lembrar de um desempenho pior. Se a multidão percebeu, não dava para dizer por seus gritos e entonação de "Sinners, Sinners, Sinners" tocando por todo o estádio.



"Uau, vocês foram todos péssimos." Eric comentou conforme jogou uma baqueta no meio da multidão na frente do palco.

Jace balançou sua palheta para a garota na fileira da frente. Quando ele pousou em sua mão estendida, ela levou até os lábios e beijou-a, em seguida, começou a pular para cima e para baixo.

"Eu acho que você tem uma fã, Jace," Sed comentou, enxugando o suor do rosto com a bainha de sua camisa. "Talvez você devesse convidá-la aos bastidores. Parece que você precisa de um boquete."

Jace sentiu seus ouvidos ficarem vermelhos. A garota não tinha nada que ele precisava, mas uma dominatrix de cabelos pretos vestida de couro tinha. Pensando em Mistress V e as necessidades que ela estava prestes a cumprir, Jace se forçou a ajustar seu zíper atrás de seu baixo.

"Eu sei que *eu* preciso de um," Sed acrescentou.

"Eu vou assistir, né?" Eric Perguntou.

"Você sabe que eu tenho desempenho melhor na frente de uma audiência." Sed piscou, agradeceu as palmas e se dirigiu para fora do palco.

Jace entregou seu instrumento para Jake, que cuidadosamente o levou à coleção de guitarras ao longo da lateral do palco. Jace cavou o cartão de visita preto e vermelho do bolso. Agora, só tinha que encontrar o seu endereço. Nada menos do que a morte o impediria de chegar à sua porta, precisamente às dez horas.



Capítulo Quatro

Campainha de Aggie tocou as 09:55h. Ela sorriu. Acendeu outra vela. Estalou os dedos através da chama. O fez esperar.

A campainha tocou de novo, mais longa dessa vez. Olhando no espelho que cobria uma parede inteira da sala externa de seu calabouço, Aggie alisou o cabelo longo, reto com as duas mãos. Verificou a maquiagem. Passou a língua sobre os dentes. O fez esperar.

Buzz. Buzz-Buzz. Buzzzz.

Ela acariciou a alça de seu chicote favorito. Traçou o design floral que ela tinha bordado em seu espartilho de couro. Olhou para o relógio. Dois minutos até as dez. Ainda não.

Ele apertou a campainha. Buzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzz.

Aggie riu.

Ela saiu da sala à prova de som e atravessou o saguão para atender a porta.

Na porta da casa dela, estava o anjo duro que não saía de seus pensamentos. Seu nome era Jace. Jace Seymour. Jessica, ex-noiva de Sed que tinha o privilégio para tais informações, tinha derramado aquela doce migalha para Aggie mais cedo naquele dia. Sim, Aggie havia engolido sua fachada de cadela dura tempo o suficiente para perguntar a Jessica sobre um cara. Não era seu momento de maior orgulho. Ela não pensou que Jess iria contar a ninguém que estava interessada em alguém que não deveria.

Jace encontrou seus olhos e respirou profundamente, estremecendo.

"Pensei que eu estivesse atrasado. Que você não iria responder."



Tão bonito quanto ela se lembrava dele. Se perdesse os piercings, cabelo espetado e tatuagens, ele poderia ter feito uma vida confortável como um modelo da Abercrombie e Fitch[4]. Como um cara tão lindo como este acabava com um fetiche de dor? Não era da sua conta, ela decidiu. Estava apenas tentando ganhar a vida aqui. E inferno, ela pode muito bem apreciar seu trabalho.

"Entre."

Ele entrou. Olhou em volta, parecendo animado e ansioso.

Ela pegou a mão dele e o levou para a namoradeira com estampa de zebra do lado de fora da porta aberta do seu santuário: a sala onde os homens passavam a maior parte de seu tempo de joelhos. Aggie e Jace estavam sentados lado a lado, centímetros separando suas coxas. Eles precisavam falar de negócios, para que soubesse o que ele queria. Como queria. E por quanto tempo. Cada cliente é diferente. "O que você quer que eu o chame, doçura?"

"Jace." disse ele.

"É curto para Jason?"

Ele ficou tenso, e um flash de dor emocional profunda passou por suas feições. "Nunca me chame de Jason. Nunca."

"O que você preferir. Posso chama-lo de cão, vadio, escravo, medroso, bastardo, Batman, o que você quiser."

Ele sorriu e desviou o olhar para sua mão, que repousava em seu joelho.

"Jace está bem."

Esse breve vislumbre de seu sorriso fez sua barriga tremer. Ela nunca tinha sido tão estúpida por um cara antes, especialmente um de seus submissos. O que havia de errado com ela? Iria acertá-lo com mais força por fazê-la quere-lo.

Ela levantou a mão e acariciou a escura, áspera barba por fazer em seu rosto, tentando fazer com que olhasse para ela. Sua boca se abriu, e ele inclinou a cabeça na direção dela, estremecendo com o desejo contido. Oh merda, sim. Precisava começar a trabalhar.

"Sua palavra segura é *misericórdia*. Misericórdia, Mistress V."

[4] Abercrombie & Fitch (A&F) é um varejista de roupas norte-americano.



"Eu não preciso de uma palavra segura."

Ela mordeu o lábio para segurar seu riso de diversão. "Minha especialização é em punição corporal."

"É por isso que estou aqui."

Ela decidiu que esse cara era do tipo que gostava de coisas que ela era muito melindrosa para executar. "Há algo que você deve saber antes de começar. Recuso-me a romper a pele. Não uso ganchos ou arame farpado. Não vou pregar suas bolas no chão. Se você quiser esse tipo de coisa, eu tenho algumas colegas que poderia encaminhá-lo, mas eu não vou tão longe, não importa o quanto você me pague."

Ele balançou a cabeça.

"Eu só quero que você me bata."

Ela riu.

"Isso eu faço. E faço bem."

"Podemos começar agora?"

Sim, eles podiam.

"Você quer que eu amarre você?"

"Não."

"Mordaça, capuz, coleira?"

"Só me bata, ok? Eu não quero falar sobre isso."

Ela o faria lamentar o desrespeito.

"Você paga metade do seu tributo agora. Metade, quando tivermos terminado. "

"Quanto?"

"Duzentos durante dez minutos."

"Quanto por duas horas?"

Seus olhos se arregalaram.

"Duas horas?"

Ele assentiu, evitando seu olhar.

"Doçura, eu não acho que –"



"Quanto?"

O mais longo que ela já tinha ido era 40 minutos. Ele não devia saber o que tinha por vir. Algumas Dominadoras passavam a maior parte da sessão provocando, mas ela gostava de ir direto ao que interessa. Sua teoria era, poupe o chicote e estrague o escravo. Ela não amarrava caras e os deixava no chão por duas horas enquanto pintava as unhas, e depois os espancava por três minutos antes de enviá-los para casa. Ela batia em primeiro lugar. Chicoteava em segundo. Se eles chegassem tão longe. Mas se Jace queria pagar-lhe por duas horas, ela estava mais do que feliz de ter o seu dinheiro.

"Dois mil." Desconto para caras quentes.

Ele abriu a carteira e pegou dez notas de cem dólares.

Ela dobrou o dinheiro e colocou-o em seu corpete de couro.

"Não há reembolso."

"Tudo bem." Ele se levantou. "Onde?"

Um homem de poucas palavras. Ela estava realmente começando a gostar desse cara.

"Eu quero deixar claro que não sou uma prostituta. Você não está comprando sexo. Eu não tenho relações sexuais com os clientes."

"Eu sei como isso funciona."

"Bom." Ela ficou de pé e pegou sua mão. "Siga-me."

Ela o levou para o santuário e puxou a pesada porta atrás deles. Ele fechou com uma batida. Ela trancou-a e verificou o botão de pânico para se certificar de que estava funcionando. Nunca tinha tido que usá-lo e duvidava que precisasse agora, mas até mesmo uma garota que era especialista em auto defesa e sabia como usar um chicote podia precisar de ajuda da polícia ou um paramédico em algum ponto.

Jace olhou em volta com interesse. O quarto era perfeitamente quadrado, com estofamento em três paredes para abafar o som. O espelho na quarta parede era para os clientes que gostavam de observar enquanto ela os infligia dor. Se não quisessem se ver chorando e implorando, ela podia deslizar a cortina pesada de veludo em toda ela. Havia uma segunda



sala onde ela guardava os instrumentos extras, e limpava e higienizava as ferramentas de seu ofício após cada sessão.

Jace examinou os instrumentos em uma mesa contra a parede.

"Alguma aí chama sua atenção?" ela perguntou.

"Eu gostaria de experimentar todos eles." Ele olhou para ela por cima do ombro, seus olhos castanhos encontrando os dela com firmeza. "Repetidamente, e em excesso."

Aggie cobriu a surpresa com uma risada. "Você vai se arrepender de me dar completa liberdade, Jace. Eu sou conhecida por minha maldade."

"Mal posso esperar."

Ele sorriu, e seu coração pulou uma batida. Meu Deus, ele era provavelmente o homem mais bonito que já tinha encontrado de qualquer maneira, mas quando sorria... Ela engoliu em seco e deu-se uma agitada mental. Não podia se dar ao luxo de ficar atraída por um cliente. Nem mesmo aquele que a deixava molhada só de olhar.

"Você está pronto para começar?"

"Sim."

Ela aproximou-se dele, o nariz a centímetros do seu.

"Sim, senhora V." Sua voz era dura.

Ele estremeceu, observando-a através das pálpebras meio baixas.

"Sim, senhora V."

"Tire a roupa."

"Toda?"

Ela cerrou os dentes e enfiou-o um dedo no centro do peito dele. "Não me questione. Nunca me questione. Entendeu?"

"Sim, senhora."

Ele tirou o casaco de couro, camiseta, botas e meias. Bom corpo. Magro, mas com os músculos esculpidos. Decorado aqui e ali com tatuagens. Ela desejou ter mais tempo para examiná-las mais de perto, mas tinha que fingir que não tinha nenhum respeito por ele. Que ele



era insignificante. Que ele tinha o privilégio de receber qualquer atenção dela. Até seu abuso. Especialmente seu abuso. Era um dos componentes mais importantes do jogo que eles jogavam.

Jace hesitou, apertando o cinto da calça jeans.

"Eu não uso cueca."

"O quê? Você acha que eu me importo em ver seu pau? Você acha que é especial? Que poderia ter o meu interesse?"

Ele treinou seu olhar no chão.

"Não, Senhora."

"Então tira."

Ele tirou os jeans. Constatou-se que seu pênis era algo especial. Enorme. Lindo. Grosso. E duro como granito. Sua vagina palpitou ao vê-lo. Ok, então ela estava interessada, mas não podia deixar que ele soubesse.

"Eu te excito, Jace?" ela perguntou com um sorriso sardônico. Tinha sido um longo tempo desde que quis transar com um homem. Qualquer homem. E ela nunca quis foder um cliente.

Até agora.

"Sim, senhora." Ele engasgou. "Você me deixa duro. Puna-me."

"De joelhos."

Ele hesitou. Ele não olhou para ela quando disse: "Não."

"Não?"

Então ele queria brincar. Ela gostava de um desafio. Raramente tinha um.

"Eu só quero que você me machuque. Não quero rastejar ou ser humilhado." Quando ele inclinou a cabeça para olhar para ela, havia desafio em seus olhos. Resistência? Ele não era um submisso? Então, por que estava aqui? Para que diabos precisava dela?

Ela o viu lutar para reprimir sua resistência e decidiu que ele queria se submeter. Só precisava de mais estímulo do que a maioria. Seus clientes típicos já estariam rastejando de joelhos, implorando pela dor, e, em seguida, clamando por misericórdia.



"Se você quer que eu te machuque, vai fazer o que eu digo", disse ela em um rosnado perigoso. Ela deslizou a mão sobre a parte inferior das suas costas, e ele ficou tenso. Ela tentou ignorar a emoção que tremeu em sua barriga quando o tocou. "E se você acha que pode falar comigo sem me tratar corretamente, eu vou colocar uma maldita mordaça em você. Você *sempre* irá me tratar com respeito. Como Senhora V." Ela pegou seu mamilo e torceu. O que ela realmente queria fazer era derrubá-lo e conduzir o seu enorme pênis em sua vagina por cerca de uma hora. Era o olhar em seus olhos. A força. Portanto, ao contrário do que ela estava acostumada. Era difícil para ela ficar em seu caráter dominante. A fez querer se submeter a ele. E isso era totalmente inaceitável. Sem sequer tentar, ele conseguiu tirá-la de seu jogo, e ela não gostou. Isso a irritou.

Ela rangeu os dentes.

"Não olhe para mim desse jeito, Jace."

O desafio nunca deixou os seus olhos, mas ele baixou o olhar. Para esconder. Quando ela soltou seu mamilo, ele respirou fundo várias vezes.

"Peço desculpas, Senhora V."

Sua incomum mistura de força e fraqueza deixava louca.

"Se você quer sentir a mordida do meu chicote, Jace, você vai ficar de joelhos."

Lutando com o seu orgulho, ele caiu de joelhos a seus pés. Ele não olhou para ela. Mantinha os olhos baixos. Sem dúvida, ainda estava escondendo sua resistência dela. Ela o aliviaria daquilo em breve. Ela ergueu o pé e pressionou o salto em seu peito.

"Beije-o."

Mais uma vez ele hesitou. Este seria tão divertido para quebrar. Ela não podia esperar para começar.

Ela esperou pacientemente. Os minutos passavam lentamente. Sua perna estava ficando cansado pelo tempo que ele beijou a sola de sua bota. "Perdoe-me, senhora V."

"De pé, Jace."

Ele ficou de pé. Sem hesitação.



Ela pegou uma corda vermelha grossa que estava ligada a um anel na parede. Ela puxou-o para fora e entregou a ele. Ele envolveu-o em torno de seu pulso esquerdo e segurou a corda esticada com a mão esquerda machucada. Ela entregou-lhe uma segunda corda afixada na parede oposta. Ele colocou aquela em torno do punho de couro preto em seu pulso direito e segurou a corda com a mão direita. Com os braços estendidos para os lados, ela deixou as costas expostas para seu trabalho, e deu-lhe uma vista maravilhosa de seu corpo quente. Ele não era alto, mas tinha um físico perfeito. Especialmente aquele traseiro apertado dele. Droga, ela tinha uma grande fraqueza quando se tratava de homens. A bunda perfeita. E não poderia ficar melhor do que a dele. A curva suave. Bochecha macia. Ligeiro recuo sobre os lados laterais. Ela poderia escrever sonetos sobre a bunda, mas ele não lhe tinha pago para cobiçar seu lindo corpo nu. Ela tinha trabalho a fazer.

Aggie iria começar leve e aumentar a intensidade, até que ela encontrasse o seu lugar feliz. Não sabia qual era sua tolerância à dor e tinha que buscar seu limite antes que pudesse fazer o seu trabalho real. Encontrar seu limite e deixá-lo apenas além dela. Não muito longe. Nunca longe demais. Mas levá-lo exatamente onde ele queria estar. Além da dor. Onde euforia reinava.

Selecionando uma lisa, palmatória de madeira redonda, de sua mesa, ela moveu-se para ficar ao lado dele. Seus olhos se encontraram no espelho.

"Você foi impertinente, Jace? Você precisa de uma surra?" O cheiro almiscarado de sua excitação a envolveu, e seus mamilos apertaram.

"Sim, senhora V." disse ele sem fôlego.

Ela deixou cair o ato de Senhora V por um momento para sussurrar-lhe.

"Grite o quanto quiser, Jace. O quarto é a prova de som. Ninguém vai ouvir você. Eu vou bater em você até você dizer, Misericórdia, Senhora V. Você entendeu?" Ela deu um tapa em sua bunda com a palmatoria, com cuidado para arder, mas não deixar um hematoma.

Ele nem sequer pestanejou, muito menos gritou.

"O que você diz para me fazer parar?" ela solicitou.



Quando ele não respondeu, ela passou a mão sobre sua bunda, seu quadril, sua coxa. O músculo firme do seu flanco tremeu sob seu toque.

"Diga-me, Jace, ou termino por aqui."

"Eu não preciso de uma palavra segura."

Ela baixou a mão e se afastou.

"Então, eu acabei. Coloque suas roupas."

"Misericórdia, Senhora V." disse ele.

Ela sorriu para si mesma. Estava começando a entender como ele funcionava. Ela tocou a palmatoria em sua bunda.

"Isso é bom. Diga novamente para que não se esqueça."

"Misericórdia, Senhora V." Ele sussurrou.

"Agora não fale, a menos que seja de verdade. O segundo que falar, eu prometo parar, não importa o quanto eu esteja gostando de sua agonia."

Ele engoliu em seco e assentiu.

Ela bateu em sua bunda com a palmatória, observando sua reação para determinar quando ele estava perto de seu limite. Mais duro. No mesmo lugar. Novamente. Novamente. Ela sabia o doce local. Aquele local sensível nas nádegas que picava como o diabo quando golpeado. Ele olhou para ela como se a perguntar quando ela ia começar.

"Você foi muito impertinente, não é?" Disse ela, esfregando sua bunda com a mão nua. Ela sempre fazia isso para aliviar a dor para que seu cliente pudesse ter mais dor, mas no seu caso, ela só queria tocá-lo.

"Me machuque, Senhora V. Por favor, me machuque."

Ela mudou para algo mais doloroso. Ela pulou os chicotes pequenos e selecionou três açoites curtos ligados a um punho. Ela bateu em suas costas com um estalo alto. A maioria dos caras teria gritado. Jace nem sequer se contorceu. No espelho, ela viu que seus olhos estavam vidrados de dor. Não dor física. Dor emocional. Profunda e com cicatrizes. Por que ela teve a súbita vontade ridícula de abraçá-lo? Ela o atingiu com mais força. Mais duro. Mais duro do que fazia normalmente, observando os vergões subirem em trios em sua pele. Ela não



costumava levar um homem tão perto de sangrar. Por que ele se recusava a gritar ou implorar por misericórdia? Será que ele podia sentir dor?

Sentindo pontadas de frustração, ela jogou o açoite curto de lado e agarrou um chicote longo da mesa. Ele estalou alto quando a ponta bateu e deixou uma faixa vermelha ao longo de seu lado. O segundo golpe foi em volta de seu corpo e deixou um vergão em sua barriga. Sua coxa. Seu peito. Seu lado. Ele não reagiu. Nem uma vez. A única indicação de que sentiu que havia algo, era uma contração ocasional acima de seu olho esquerdo. Ele não estava nem mesmo segurando as cordas apertadas.

Onde diabos estava o limiar desse cara? Não tinha certeza de quanto mais poderia atingi-lo. E os sinais usuais que reconhecia para ajudá-la a localizar o limite de um homem estavam todos perdidos.

"Estou machucando você, afinal?"

"Não o suficiente", ele sussurrou. "Faça-me sangrar."

Ela se recusou a fazê-lo sangrar, mas havia outras coisas que poderia fazer para quebrá-lo. E isso é o que ele precisava. Ele precisava ser quebrado. Ela iria deixá-lo de joelhos. Fazê-lo implorar para ela parar. Ele *iria* submeter-se a ela, mesmo que levasse a noite toda.

Senhora V jogou o chicote longo de lado e voltou para a mesa. Ela soprou uma vela. Testou a cera derretida com as pontas dos dedos e empurrou de volta. Quente! Ela olhou-o no rosto e jogou a cera por seu peito e pescoço.

"Como é isso?" Ela bradou. "Isso dói?"

"Eu a deixo com raiva, Senhora V?"

Ela nunca tinha conhecido um homem que não poderia quebrar, e sim, seu sofrimento silencioso, seu *estoicismo* irritou-a. Ele tinha que estar em um monte de dor, mas por tudo que mostrou, ela poderia muito bem estar fazendo cócegas com uma pena.

"Eu não estou com raiva. Estou tentando descobrir como fazer você se submeter."

"Ninguém nunca fez antes", disse a ela, "Mas você está fazendo um bom trabalho tentando. Não pare agora."

"Não seja condescendente comigo."



"Você tem um açoite? Com nós?"

Ela o açoitou, primeiro com seu açoite de nylon com suas três dúzia, de cordas cortantes. E então, com seu açoite de couro amarrado que deixou sua pele em uma confusão de vergões cruzados. Ele não vacilou. Não protestou. Ela pegou uma vara de madeira grossa e o golpeou mais de uma dúzia de vezes contra as costas já machucadas. Cuidando para evitar órgãos vitais, como os rins, ela gemeu com o esforço de cada golpe que pousou entre os ombros. Golpeou-o com a vara. Ela nunca recorreu a tal surra. Não utilizava muito a vara, como não era geralmente necessário. E ainda ele não fez nenhum protesto. Ela não estava nem gostando disso. A sensação de poder que geralmente corria por ela quando cuidava de seus escravos era inexistente. Seu temperamento aumentou.

Ele olhou para ela por cima do ombro.

"Se você está cansada –"

"Cale a boca."

Ela pegou seu chicote longo novamente e ventilou sua frustração crescente em suas costas. Ela não estava mesmo em seu papel de dominatrix quando estalou o objeto. Só queria que ele gritasse. Apenas uma vez. Qualquer indicação de que estava chegando até ele seria apreciada. Precisava disso. Para saber que estava no controle. Ela não queria admitir que não estava. Ou que, enquanto ela o deixou chegar até ela, *ele* era o único no controle. Ela bateu nas costas de suas coxas, percebendo o quanto aquilo doía, mas ele aceitou. Ele pegou e calmamente esperou que ela continuasse.

"Droga, Jace! Trabalhe comigo." Ela o golpeou nas costas novamente. Uma faixa vermelha nervosa apareceu. Não era um vergão. Sangue.

Ele suspirou baixinho.

Aggie deixou cair o chicote. Orgulhava-se como uma profissional em causar toda a dor, mas nunca tirando sangue. O que ela tinha feito para ele não tinha sido profissional. Estava frustrada. *Zangada*. Nunca tinha se irritado durante uma sessão antes. É claro que nunca tinha conhecido um homem que não poderia quebrar em dez minutos ou cujo limiar para a dor ia tão longe acima do normal. Talvez ele estivesse alto com analgésicos ou algo assim. Ele não parecia



drogado, mas não conseguia pensar em qualquer outra razão plausível para ele aceitar tanta dor tão facilmente. Aggie parou atrás de Jace, tocando suavemente a pele em carne viva acima do corte sangrando que correu em diagonal do ombro à coluna vertebral.

"Eu sinto muito, Jace. Não era minha intenção... "

"Obrigado, Senhora V, pode me dar outro?"

"Não." Ela balançou a cabeça vigorosamente. "Não! A sua sessão acabou."

"Eu paguei por duas horas."

"Então eu vou dar o seu dinheiro de volta."

"Você disse que não há devolução."

Ela circulou seu corpo para encará-lo e olhou em seus olhos. Nunca tinha visto tanta dor em um homem tão jovem. Ele não estava usando a dor para a liberação. Estava tomando o abuso e internalizando, acrescentando ao que já existia e construindo sobre a dor dentro dele. Ela sabia que ele sentia cada golpe de seu chicote. Sabia que o tinha machucado muito mais do que ele estava mostrando. Por que ele se recusar a desmoronar? Ela não entendeu.

"Seja o que for que o está comendo vivo, você tem que deixar isso ir." ela murmurou, acariciando sua testa, seu rosto áspera, e sua mandíbula angular com dedos suaves. "Deixe ir, Jace."

Sua mandíbula apertou. Ele balançou a cabeça ligeiramente.

"Eu prefiro ser eviscerado vivo."

Sua mão ainda segurando o lado de seu rosto, ela inclinou a cabeça e chegou mais perto até que uma fração de centímetro separava seus lábios. Ela não deveria beijá-lo. Queria, mas... Se afastando um pouco, seus olhos procuraram os dele. Por mais que o quisesse fisicamente, era mais importante ajudá-lo. Tirar essa sombra angustiada de seu olhar. Tirá-la.

Pegá-la.

Seus lábios roçaram os dele, leve como uma pluma. Ele estremeceu, emitindo um sopro de ar, e os lábios entreabertos para persuadi-la mais perto para um beijo mais profundo. Ela devorou sua boca, intoxicada por seu gosto, seu cheiro. Um desejo profundo escavou seu núcleo, deixando-a vazia e querendo. Ela apertou seu seio vestido de couro contra seu duro



peito, a mão livre circulando costas as para pressioná-lo mais perto. A viscosidade do sangue contra as pontas dos seus dedos a lembrou do que tinha feito para ele.

Ela se afastou, sabendo que o beijo tinha sido uma ideia toda sua. Ela não podia colocar qualquer parte da culpa nele. Ele ainda estava segurando as cordas, com os punhos apertados e as juntas brancas.

"Eu quero você, Senhora V," ele rosnou.

Seus lábios se separaram, os mamilos se apertaram, e sua boceta inchou até que pulsava incessantemente. Ela o queria também, mas nunca teve relações sexuais com clientes. Ela suspirou com remorso.

"O nome é Aggie." Ela desenrolou a corda do seu pulso direito, e ele soltou. "Vamos cuidar desse ferimento."

"Não é nada", ele insistiu. "Termine comigo."

"É algo, e eu estou *terminada* com você. Você pagou por tratamento profissional, e eu me deixei levar. Peço desculpas por quebrar sua confiança. Eu tirei sangue. Isto é inaceitável."

"Eu não penso assim, mas tudo bem. Se você não quer isso, eu vou embora." Ele soltou a segunda corda e moveu-se para o canto da sala para encontrar as roupas.

Ela não queria que ele fosse. Seu pênis ainda estava em plena atenção. Ela o queria dentro dela. Dentro de Aggie, não Senhora V, mas era Senhora V que ele queria. Ele mesmo disse isso.

Antes que ele pudesse vestir suas calças, ela pegou a mão dele e puxou-o para a porta trancada.

"Você não vai a lugar nenhum até que eu limpe esse corte." disse ela.

Ele não protestou, permitindo-lhe para abrir a porta e levá-lo através do vestíbulo para a segunda parte de seu domicílio — seus aposentos privados. Ela nunca trouxe um cliente em sua casa pessoal antes, mas agora que a sua transação comercial acabou, não estava pensando nele como um cliente. Ela bateu um código no teclado da fechadura e abriu a porta blindada que separava sua casa de seu calabouço.



Depois de fechar a porta atrás deles, ela levou Jace para seu quarto e pediu-lhe para se sentar na beira da cama, enquanto ia ao banheiro pegar a pomada antibiótica, bandagens, e... Um preservativo. Ela deslizou o preservativo em seu corpete e encontrou o dinheiro que ele tinha dado a ela que ainda estava lá. Ela puxou os mil dólares para fora, atirou-o na pia, e levou os suprimentos de primeiros socorros de volta para seu quarto. Ela encontrou Jace onde o deixou, com os olhos fechados, respirando profundamente pelo nariz. Seu pênis ficou mais suave a cada expiração.

"O que você está fazendo?" Ela perguntou.

Ele se assustou e virou a cabeça para olhá-la de pé na soleira da porta. Conforme seu olhar vagou sobre seu corpo, seu pau cresceu novamente. Bom. Ela queria duro. Duro e desconfortável, para que pudesse acalmá-lo com sua carne. E ele poderia cuidar dessa profunda dor entre suas coxas.

"Estou tentando me acalmar." Jace agarrou seu pênis em uma mão e se encolheu, puxado a respiração com os dentes cerrados. Ele estava, provavelmente, já muito excitado para ser bom, mas isso não a impediu de querer esse pau enorme profundo. E duro.

"Você não quer me foder?"

"Você não fode clientes," ele lembrou.

"Verdade. Senhora V nunca fode seus clientes." Ela subiu na cama atrás dele. Ele a olhou por cima do ombro quando ela aplicou pomada antibiótica e algumas ataduras em lugares que ainda estavam sangrando. Ela esperava que não deixasse cicatriz. Ele tinha um corpo tão bonito. Ela odiaria pensar que causou danos permanentes. Deu um beijo em sua pele, logo acima do corte. "Eu disse a você, a sua sessão acabou. Se quer foder Senhora V, ela está de folga, mas se quiser foder Aggie, ela está disposta."

Ela deslizou os braços ao redor de seu corpo, amando a sensação contínua de seus peitorais duros e abdômen ondulado sob as palmas das mãos. Ele tinha a mais sexy faixa de cabelo correndo no centro de seu ventre. Ela gostava da textura grossa contra suas mãos enquanto chupava o lóbulo da orelha e o brinco de prata que a decorava em sua boca. Orelhas. Outro ponto fraco dela.



"Aggie," ele sussurrou.

O som de seu nome em seus lábios enrolou em seu coração e apertou. Ela não devia perder-se com ele. Já sabia que seria triste vê-lo ir, se ele saísse em 30 minutos, 30 dias ou 30 anos. Droga de qualquer maneira. Ela tinha um fraco por estes tipos trágicos e tranquilos. E um submisso desafiador? Meu Deus, como ela deveria resistir a essa combinação? Quase esperava que ele fosse péssimo na cama. Que fosse um homem de minuto que subisse em cima dela, empurrasse duas vezes, e gozasse com alguma expressão estúpida no rosto. Seria mais fácil para descarta-lo. Ela não tinha nenhuma utilidade para um homem. Qualquer homem. Nem mesmo este, que parecia feito sob medida para suas especificações.

Aggie soltou seu lóbulo da orelha, e ele se virou, subindo na cama para encará-la. Ele puxou-a contra si e beijou-a, chupando seus lábios com ternura e abandono. Se ele fodesse metade do que a beijava, ela estava perdida. Agarrou-se a suas costas em ruínas, abrindo a boca para aceitar a sua língua exploradora. Ele não sondou e empurrou como um animal rude. Ele acariciou e acariciou seus lábios e boca com tanta ternura que fez seu coração inchar. Enquanto a beijou, seus dedos metodicamente trabalharam nos fechos na parte de trás de seu bustiê de couro. Sem pressa, ele lançou as fixações uma por uma, as pontas dos dedos escovando cada centímetro de sua espinha quando eles se moviam para baixo. Ele afrouxou a roupa até que nada a segurou no lugar, além da proximidade de seus corpos entrelaçados.

Seus dedos encontraram a pele macia de suas costas. Eles cavaram em sua carne conforme ele esfregou seu corpo contra o dele e, em seguida, seu toque amaciou, acariciando suavemente, persuadindo um suspiro suave de sua garganta. Ele deitou-a de costas, roubando sua boca da dele, quando ele levantou a cabeça para olhar para ela.

"Sua beleza rouba minha respiração", ele murmurou.

"Seu beijo rouba a minha."

Ele sorriu e segurou seu rosto com as duas mãos. Ele beijou seu rosto, a ponta do nariz, os lábios ávidos. Ela abriu as pernas para ele, e ele se estabeleceu entre elas. Uma mão forte, moveu-se para a margem onde o couro de sua bota e terminava, e a carne de sua coxa



começava. Sua boca se moveu sobre o queixo para a garganta, onde ele chupou e beijou a sensível carne até que ela pensou que poderia pelo cuidado que ele mostrou a ela.

Ele mudou de posição sobre um cotovelo e retirou seu bustiê de seu corpo. Ele jogou a peça rígida de lado, encontrou o preservativo descansando entre os seios dela, e sorriu torto.

"O que é isso?"

Seu coração batia forte. Aquele sorriso dele. Se já não tivesse sido completamente seduzida pelo homem, aquilo teria feito.

Jace deslizou o preservativo na parte superior de sua bota. Seus mamilos endureceram sob o olhar pesado. Ele não tocou ou beijou a carne excitada, apenas olhou como se em reverência absoluta. Sentia-se como a mulher mais bonita do mundo naquele momento. E então ele deslizou seu corpo para sugar o mamilo na boca.

Ela suspirou, os dedos indo para seu cabelo loiro espetado. Ela segurou-o contra o peito. Suas costas arquearam e ela estremeceu de prazer. Sua mão se moveu contra o seio livre, e ele segurou-a suavemente, acariciando o mamilo com o polegar. Ele usou um ritmo que combinava com os traços de sua língua. Nenhum puxão estranho e beliscão brutal desse cara. O homem sabia como agradar um seio.

"Jace." Ela murmurou. "Jace."

Ela se contorceu, virando os quadris de um lado para o outro, querendo que ele enchesse seu corpo com o dele. Seu eixo escovou o interior de sua coxa, e ela gritou.

Oh Deus, Jace. Me tome.

Ela estava pronta para ele. Provavelmente tinha estado desde o momento em que reparou nele caminhando pelo clube. Ele levantou a cabeça, abençoou-a com um sorriso gentil, e, em seguida, mudou a cabeça para colocar o outro seio em sua boca quente. Ele chupou duro, e, em seguida, esfregou a palma da sua língua contra seu mamilo. Chupou duro novamente. Esfregou. Chupou. Ela estremeceu debaixo dele, a dor latejante entre suas coxas insuportável.

"Jace," ela chorou desesperadamente.

Suas mãos deslizavam sobre suas costelas, e ele moveu-se para baixo de seu corpo, arrastando beijos carinhosos para o centro de sua barriga. Ele fez amor com o seu umbigo com a



língua até que ela pensou que iria explodir. Deslizando mais para baixo, ele mudou até que seu rosto estava ao nível de sua virilha. Suas coxas tremiam em antecipação. Ele devia sentir seu sexo e sentir o calor vindo dele. Estava tão quente. Tão molhada.

Esperando.

Querendo.

"Jace, por favor."

"Shhh, Aggie. Não apresse."

Ele abaixou a cabeça e beijou a face interna da coxa. Ela engasgou, sua boceta apertado, tão perto da liberação que sabia que explodiria no segundo que ele finalmente a possuísse. Mas ele não a tomou. Ele beijou uma trilha até o interior de sua coxa. Quando sua boca alcançou o topo de sua bota, ele pescou o preservativo e o colocou dentro da outra bota. Ele, então, começou sua jornada devagar pela perna. Soltando sua bota enquanto subia, seus lábios e língua forjaram um caminho suave de prazer da coxa aos pés. Quando ele terminou, a bota estava descartada em algum lugar no chão, e ela se agarrava aos lençóis.

"Jace, você está me deixando louca."

Ele riu. Ela adorava o som de sua risada. Profunda e rica. Feliz. Poderia um homem tão consumido pela dor sentir felicidade?

Ela levantou a cabeça e olhou para ele enquanto ele fez seu caminho por seu corpo para trabalhar em sua outra perna. Ele estava sorrindo para si mesmo quando puxou a camisinha de sua bota restante e colocou-o em sua calcinha, como se quisesse dizer que este é o próximo na minha lista de coisas para dar prazer com a minha boca pecaminosa. Sua respiração saiu em uma arfada animada.

Sim, Jace. Aí. Ela não podia esperar. Não podia esperar para sentir sua língua contra o clitóris. Acariciando os lábios molhados. Contorcendo-se em sua vagina. *Oh! Por favor, se apresse*.

Ele trabalhou seu caminho até a outra perna, sua barba por fazer áspera contra o interior de sua coxa. Ele acalmou a sensibilidade deixada para trás com beijos carinhosos. Ela



estava ofegando e se debatendo com entusiasmo quando ele se mudou de volta para cima de seu corpo. Ele passou o dedo sob o elástico da calcinha de cetim preto. Ela estremeceu.

O preservativo caiu livre sobre seu quadril e pousou em algum lugar na cama ao lado dela. Ele tomou-a entre dois dedos e colocou-a na boca dela. Ela lutou contra a vontade de mordê-la, não querendo comprometer sua integridade e tê-la quebrando quando ele finalmente abrisse o pacote, desenrolasse o preservativo sobre seu enorme pau e empurrasse dentro dela. Suas costas arquearam no pensamento dele dentro dela. Enchendo-a. Metendo nela. *Oh Deus, Jace, eu preciso de você. Dentro de mim. Imediatamente.*

Ele deslizou sua calcinha, suas mãos roçando as coxas, as costas dos joelhos, panturrilhas e tornozelos. Ele jogou a roupa para o lado e abriu suas pernas. O ar frio banhou a carne quente e dolorida de Aggie. Seu hálito quente agitou contra sua pele úmida. Ela gemeu.

Ela ficou feliz por ter depilado cada um de seus pelos pubianos, quando ele colocou um lábio inchado em sua boca, chupando até que ela pensou que iria enlouquecer, deslizando sua língua ferina sobre a superfície interna lisa até que seus quadris empurraram. Ele sugou seu caminho para sua entrada. Sua língua roçou a capa de pele que cobria seu clitóris, e ela gritou em tormento delirante. Ele sugou o outro lábio inchado, rodou sua língua entre o vazio molhado entre elas muito rapidamente, e raspou seu queixo áspero sobre seu traseiro sensível. Ele mergulhou sua língua dentro do orifício enrugado e depois deslizou até enterrá-lo dentro de sua boceta latejante.

"Jace, Jace!" Ela agarrou seu cabelo, puxando para cima duro.

Ele estremeceu e depois fodeu-a com a língua, empurrando o mais profundamente possível e retirando, antes de empurrar para dentro novamente. Ele deslizou a ponta de um dedo no ânus dela, retirou a sua língua de sua boceta, e substituiu-o com dois dedos na mesma mão. Seu corpo ficou tenso contra sua mão enquanto ele enfiou os dedos mais profundo, mais profundo, contorcendo-os dentro dela, abrindo-a mais. E então, ele chupou seu clitóris em sua boca.

Ela explodiu em ondas de prazer inigualável.



"Sim, sim, sim", ela gritou enquanto ele chupava seu clitóris, sua língua acariciando o corpo inchado, os dedos se contorcendo dentro de sua vagina apertada e seu traseiro feliz.

Muito rapidamente, ele se afastou e subiu para o seu corpo até que eles estavam cara a cara. Ele lambeu seus sucos de seus dedos, murmurando sons de prazer no fundo da sua garganta.

Ele pegou o preservativo perto de seu ombro e rasgou com os dentes. Ele abaixou a cabeça e beijou-a, antes de rolar para o lado para aplicar o preservativo. Era muito pequeno. Ele lutou para esticá-lo sobre o seu eixo grosso, mordendo o lábio com concentração — deveria ter trazido uma Magnum[5]. Ela esteve com apenas outro cara que precisava delas, mas aquilo tinha sido anos atrás. Ela sabia que não tinha um a mão.

Ele usou a mão para orientar-se em seu corpo, e toda a preocupação desapareceu.

Suas investidas começaram leves conforme ele molhou seu pau com seus sucos e permitiu que ela se acostumasse com sua gloriosa espessura. Quando finalmente a possuiu completamente, ela arqueou as costas para levá-lo ainda mais profundo. Ah Deus, ela nunca se sentiu tão deliciosamente cheia em sua vida.

"Você é linda," ele murmurou, roçando seus lábios nos dela. "Seu corpo — *êxtase*."

Ela não sabia como ele conseguia fazê-la se sentir tão amada. *Amor*? Esse é um sentimento que ela não considera tipicamente quando um cara estava entre suas coxas.

Jace se afastou lentamente e empurrou a frente novamente. Ele a olhou de perto. Parecia estar avaliando suas respostas para determinar o que ela gostava. Era como se o seu próprio prazer não importasse para ele, só o dela. O ritmo de Jace, implacável e perfeito, puxou-a de bom grado a encosta em direção a libertação, em espiral ao mais próximo nirvana. Seus golpes profundos não eram nem muito lentos, nem muito rápidos. Apenas certo. E profundo. Oh tão profundo.

Uma vez que encontrou seu ritmo, ele beijou seu pescoço, enquanto ele fazia amor com ela, roçou as costas das mãos sobre a pele dela, esfregou os mamilos entre o polegar e o indicador, e deixou-a completamente louca de desejo. Ela nunca tinha conhecido um cara que

[5] Preservativos da marca Trojan, conhecidos por seus tamanhos extra grandes.



continuasse com as preliminares durante toda a experiência. Jace trabalhou cada ponto de prazer em seu corpo enquanto se movia dentro dela. Indo tão longe a esfregar seu dedão do pé sobre o peito do pé dela de vez em quando, depois que ele descobriu que a fazia estremecer de prazer inesperado. Ela fechou os olhos e deixou que ele tivesse o controle completo. Nunca tinha dado o seu poder a um homem tão facilmente. Ela sempre lutou com isso, mas não com Jace. Por quê? Ela estava muito delirante para considerar a razão.

Depois de um longo tempo infligindo seu prazer perfeito, a respiração de Jace pegou, e Aggie abriu os olhos para encontrá-lo mordendo o lábio.

"Esperei muito tempo," ele suspirou. "Posso gozar agora?"

Ele estava pedindo a ela?

"Sim, vá em frente." Ele tinha mais do que merecido a sua liberação.

Era como se algo dentro dele estalasse. Ele quebrou como um animal. Passou os braços ao redor das costas de suas coxas e cruzou no meio. Ele fodeu duro, dirigindo seu pau grosso em seu corpo. Ela gritou, incapaz de distinguir entre o prazer e a dor, sabendo apenas que amava e não queria que ele parasse. Ela gostava do contraste duro de ser fodida após a considerada, foda delicada que ele mostrou a ela antes.

"Sim, Jace" ela gritou. "Foda-me."

"Me machuque." ele respondeu.

As unhas de Aggie se enfiaram no peito dele. Ele gemeu.

Ela puxou as mãos para baixo, deixando oito arranhões paralelos no peito. Ele estremeceu, sua cabeça inclinada para o lado, com a boca aberta caindo em êxtase.

"Deus, sim", ele rosnou.

Ela agarrou seu mamilo, torcendo violentamente.

Ele abaixou a cabeça para beijá-la. Ela mordeu o lábio dele até que provou seu sangue. Ele não resistiu à sua crueldade, mas levantou-se de joelhos para que ele pudesse foder mais.

Ela gritou, perto do orgasmo.

Seu lábio agora livre de sua mordida, ele levantou a cabeça e olhou para ela.

"Você quer gozar duro?"



Bem, é claro que ela queria. Que tipo de pergunta é essa?

"Sim, Jace. Faça-me gozar duro."

"Não tire os olhos dos meus."

Ele continuou a empurrar para dentro dela, deixando-a mais perto da borda. Ela olhou para ele, perdida em seu olhar intenso. Ele a olhou como se estivesse procurando o momento exato para deixar ir e se juntar a ela em êxtase.

Ela sentiu uma conexão com ele, profundamente pessoal, mais do que sexo. Mais do que ela queria experimentar com um cara que mal conhecia. Seu coração bateu forte no peito. Por um breve instante, ele a deixou vê-lo. Essa parte interna de sua psique perturbada que ele escondia do mundo. Sua respiração ficou presa, e ela o segurou, mesmo depois de seus pulmões começaram a arder em protesto.

Inesperadamente, seu útero contraiu. Um espasmo agarrou sua boceta. Ondas de liberação correram por seu corpo em convulsões, e ela não conseguia manter os olhos abertos por mais tempo.

Oh Deus, ela estava gozando. E gozando. E gozando. Ele bombeou dentro dela com mais força.

"Aggie, me machuque. Eu preciso..."

No instante em que ela enterrou os dedos nas costas machucadas dele, seu corpo estremeceu contra o dela enquanto ele gozou dentro dela. Ele esfregou seu rosto contra a curva de seu pescoço enquanto gritou. Eles se abraçaram, os corpos se contorcendo em êxtase mútuo.

Ele fez uma pausa e levantou a cabeça. Sua voz soava distante.

"Respire, bebê. Tome fôlego."

Respirar? O que ele quis dizer?

"Aggie." Ele sacudiu-a pelos ombros.

Ela engasgou, ar glorioso enchendo seus pulmões ardendo, e gozou novamente. Gozou ainda mais duro do que quando teve seu primeiro orgasmo segurado naquele momento intenso de conexão pessoal que ela não entendia muito bem. Aggie gritou, balançando os quadris para



trabalhar contra o seu pau amolecendo. Seu corpo inteiro se contorceu de êxtase, torcendo-a em um espasmo involuntário de prazer.

Aquilo tinha sido fodidamente incrível.

Quando seu corpo se acalmou, Jace moveu os braços de suas coxas para que ela pudesse esticar as pernas em linha reta. Ele esfregou seus quadris para aliviar a dor, e, em seguida, segurou seu rosto com as duas mãos para beijar suavemente seus lábios.

"Você está bem?" Ele sussurrou. Esfregou a ponta do seu nariz contra seu rosto, seus lábios fazendo cócegas na pele perto de sua orelha. "Eu acho que você esqueceu como respirar por um segundo."

"Estou mais do que bem." disse ela delirantemente. "O que foi isso?"

"O quê?" Ele esfregou os lábios sobre sua mandíbula.

"Eu não posso explicar. Eu não sei se era o quão duro você estava me fodendo, ou o jeito que você estava me olhando ou qualquer outra coisa. Foi... "

"Excitante?"

"Excitante? Isso foi inacreditável. Faça novamente, por favor."

Ele levantou a cabeça e olhou em seus olhos. Ele parecia totalmente atordoado.

"Você não me odeia agora? "

"Como eu poderia odiá-lo depois disso? Eu nunca passei por nada parecido em minha vida. Foi maravilhoso."

"Mesmo quando eu não pude gozar até você me machucar?"

"Se é isso que você precisa para gozar, estou perfeitamente bem com isso."

Ele sorriu.

"Essa geralmente é a parte em que a mulher me chama de bastardo doente, pega suas roupas e sai correndo nua do quarto, sem olhar para trás."

"Eu não estou fugindo."

Seu sorriso aumentou, fazendo com que seu coração palpitasse estupidamente em seu peito.



"Eu notei. Você pode me chicotear de novo? Vou aceitar melhor agora que não estou tão frustrado sexualmente."

Ela sorriu. "Eu ficaria feliz. Você me foderá novamente quando tiver dor suficiente?"

Ele a beijou e levantou.

"Se eu ainda for capaz de me mover."

Ele tirou a camisinha de seu pênis, olhou ao redor do quarto, e se levantou da cama para descartá-la na pequena lata de lixo perto de sua mesa. Ela arrastou-se da cama, não pronto para agitar o prazer ainda percorrendo seu corpo.

Ela suspirou e pegou a calcinha.

"Você vai se vestir?" Ele perguntou.

"Você não quer que eu chicoteie de novo?"

"Sim, eu quero que você me chicoteie — Aggie, não Senhora V. Eu quero você nua. Eu quero o corpo que eu estou aprendendo a dar prazer exposto enquanto você me machuca."

"Eu não posso, Jace. Não sou capaz de te machucar como eu. Eu tenho que estar no papel de domme."

Ele levantou uma sobrancelha para ela e passou a mão pelos arranhões no peito.

"Ah, é mesmo?"

Ela abaixou a cabeça. Ela tinha machucado ele. E algo sobre isso a excitava.

"Essa geralmente é a parte onde o homem me chama de puta louca, pega suas roupas e sai correndo do quarto nu, sem olhar para trás."

"Eu não estou fugindo. " Ele estendeu a mão, e ela atravessou o quarto para pegá-la.

Ele levou-a através de sua casa, de volta para o hall de entrada e na sala à prova de som. Um telefone celular estava apitando na pilha de roupas de Jace. Ele tinha uma mensagem de voz. Sua testa franziu. "Quem poderia ser? Ninguém nunca me liga."

Ele pegou o telefone de sua jaqueta de couro e ouviu a mensagem. Ela viu sua expressão mudar de confusão para horror. Ele pegou suas roupas e começou a se vestir.

"Desculpe, mas eu tenho que ir."

"Tem alguma coisa errada?"



"Trey está no hospital."

"Trey?"

"Guitarrista do Sinners."

"É algo sério?"

Ele enfiou o pé em uma bota.

"Sim, parece que é. Ferimento na cabeça. Eu posso ver você de novo?"

Ela cruzou os braços sobre os seios nus.

"Se você marcar hora."

"Amanhã à noite? Mesmo horário?"

"Eu tenho outro cliente agendado para as dez amanhã."

Todo o seu corpo estremeceu, do jeito que deveria ter respondido quando ela o espancava.

"Oh," ele murmurou sem fôlego.

"Que tal lá pelas cinco horas da tarde?"

Seu sorriso rivalizava com o sol em seu esplendor.

"Melhor ainda."

Ela tentou esconder um sorriso, mas não conseguiu.

"Eu vou coloca-lo na agenda."



Capítulo Cinco

Se a espera não matou Jace, a nuvem escura de destruição em torno de Dare Mills poderia. O cabelo longo e couro identificou-o como a estrela do rock infame que era, mas a preocupação torcendo o rosto com preocupação era um lembrete firme de que ele era apenas humano e um absolutamente devastado sobre a hospitalização de seu irmão caçula. Eram quase cinco horas. Trey tinha saído de uma cirurgia bem sucedida por algumas horas agora, mas ele ainda estava dormindo por conta da anestesia.

"Por que eles não nos deixam entrar para vê-lo?" Dare perguntou pela vigésima vez. "Eu só quero vê-lo."

"Ele precisa descansar." Eric disse. "Isso é tudo." Ele produziu um bocejo gigante e esfregou o rosto com as duas mãos.

"Não é como se eu fosse tirar ele da cama do hospital e levá-lo para um passeio por Las Vegas. Eu só quero vê-lo. Para saber que ele ainda está respirando."

Jace deu um tapinha nas costas da mão de Dare. Ele sabia muito bem o que Dare estava sentindo. Não que ele pudesse expressar. Toda vez que abria a boca para dizer a Dare como ele se sentia ao sentar-se em uma sala de espera de hospital, enquanto a vida de um ente querido



estava nas mãos de estranhos, as paredes brancas pareciam fechar-se sobre ele, e uma angústia paralisante roubou seu fôlego. Nenhuma de suas experiências com salas de espera havia terminado bem. Dare não precisava ouvir isso, e Jace não queria lembrar, então ele só deu um tapinha nas costas da mão de Dare algumas vezes, esperando que de alguma forma ele percebesse que Jace estava lá para apoiá-lo. Ele devia a Dare seu sucesso, todo o seu sustento.

Nenhum dos caras sabia como Dare o ajudou a se tornar uma parte dos Sinners. Tinha sido Dare quem arranjou a audição de Jace com a banda. Dare que havia convencido Trey em ter o baixista original dos Sinners, Jon, demitido por abuso de drogas. Dare que tinha inventado uma história sobre Jace estar sendo considerado como um substituto de Logan — o baixista de Exodus End. Logan nunca tinha considerado sair de Exodus End. Tinha sido uma armadilha. Dare alegou ter intervindo porque era melhor para a banda do seu irmão caçula. O cara tinha um forte instinto de proteção quando se tratava de Trey. Jace se perguntou se Trey percebia o quanto seu irmão mais velho se preocupava com ele, e como seria a sensação de ter alguém amá-lo tanto assim.

"Estou prestes a cair." disse Eric. "Quando Brian deve chegar aqui e nos dar uma folga?"

"Em poucas horas." disse Jace.

"Pode ir, Eric." Dare disse. "Você já fez o suficiente por ele."

Eric sorriu e, em seguida, ficou de pé. "Não vou sumir agora. Quem precisa de café?"

"Pode ser." Dare disse distraidamente.

"Eu aceito um copo." disse Jace. Ele esperava que Eric torcesse suas palavras, mas ele saiu da sala para encontrar outra dose de cafeína. Jace decidiu que Eric devia estar completamente esgotado se tivesse desistido de piadas.

"Eu não falei com ele sobre Brian." disse Dare.

Jace olhou para ele em questão.

"O que tem Brian?"

"Eu deveria ter ido falar com ele. Deveria ter ido verificá-lo para ter certeza que ele estava bem."



Outra coisa que Jace completamente compreendia. Um caso de "deveria ter." *Eu deveria ter pego o ônibus para a escola naquele dia. Eu deveria ter afastado Kara para longe. Eu nunca deveria ter subido pela janela. Eu nunca deveria ter nascido.*

"Eu deveria ter falado com ele para ir ao médico mais cedo." disse Dare.

"Nós tentamos convencê-lo a ir ao médico, Dare." disse Jace.

"Mas ele me ouve." Dare acariciou sua sobrancelha com o dedo do meio. "Às vezes."

"Nós deveríamos ter insistido. Nós sabíamos que ele estava ferido." Jace disse.

Mais deveria ter.

Eric voltou com três copos de isopor entre os dedos longos.

"De que vocês dois estão reclamando?" Ele entregou um copo para Dare e, em seguida, um para Jace, antes de tomar um gole do seu.

"Nós deveríamos ter conseguido ajuda para Trey mais cedo." Dare respondeu.

"Bem, nós fizemos. Agora temos que lidar com as consequências. Não há sentido em se bater sobre coisas que não podemos mudar. Você tem que fazer o melhor da situação atual." disse Eric.

"A situação atual é uma merda." Dare disse.

Jace bateu na mão de Dare novamente. Ele entendia. Ele ainda se batia sobre coisas que não poderia mudar, anos depois de terem ocorrido. Não podia imaginar deixar aquela culpa ir embora.



Capítulo Seis

Detestáveis batidas na porta da frente de Aggie a acordaram antes do meio dia. Ela pegou um travesseiro e enterrou a cabeça embaixo. Ele abafou as batidas persistentes, mas não o suficiente para deixá-la voltar a dormir. Quando o barulho se intensificou, ela bufou alto, chutou o cobertor de lado, colocou um roupão por cima do corpo nu, e saiu pela porta da frente. Sua mãe estava no batente, olhando por cima do ombro nervosamente.

"O que você está fazendo aqui?" Perguntou Aggie.

Mamãe abriu caminho pela porta, fechou-a atrás dela, e trancou.

"Eu vou ficar aqui por alguns dias. Você tem café?" Ela olhou para a porta da sala à prova de som, onde Aggie trabalhava seus clientes. Havia ficado aberta desde que Jace tinha ido embora à noite anterior.

Aggie segurou o cotovelo de sua mãe e levou-a através do hall de entrada para a sala. Ela continuou até a sala para a cozinha, que era separada por um grande balcão. "Por que precisa ficar aqui? O que você fez agora?"

"Alguns homens estão procurando por mim. Não é grande coisa, apenas melhor se não me encontrarem. Se importa se eu fumar?"



Sua mãe enfiou a mão na bolsa e tirou um maço de cigarros. Ela bateu um fora da embalagem e colocou entre os lábios rosa brilhante.

"Na verdade, eu me importo. Vá fumar lá fora. Vou fazer café."

Sua mãe olhou por cima do ombro em direção à porta da frente fechada.

"Eu preciso parar de qualquer maneira." Ela colocou o cigarro de volta no maço e foi fechar a porta reforçada que separava a sala do vestíbulo. Aggie geralmente deixava aberto, a menos que estivesse esperando um cliente, mas se fazia sua mãe paranoica se sentir melhor, ela manteria fechado para maior segurança.

Sua mãe seguiu Aggie para a cozinha e se sentou em uma banqueta do balcão. Bocejando, Aggie começou a fazer um pote de café fresco e encostou-se ao balcão em frente a sua mãe.

"O que há com você?" Perguntou sua mãe. "Você transou ou algo assim?"

"Como é?" Como na terra sua mãe saberia disso?

"Você está andando com as pernas todas abertas."

"Cala a boca." disse Aggie. "Eu não estou."

"Se você diz." Sua mãe deu-lhe um olhar avaliador, enfiou a mão na bolsa e pegou seu maço de cigarros novamente. "Homens. Idiotas. Todos eles."

Normalmente, Aggie concordaria, mas ela tinha encontrado um na noite passada, que ela meio que gostou. Um que aparentemente a fazia andar com as pernas abertas.

"Eles não são de todo mal."

Sua mãe bateu outro cigarro do maço, colocou-o entre os lábios e acendeu-o.

"Merda, você encontrou um homem, não é?"

Aggie deu de ombros.

"Não é *verdade*."

Sua mãe deu uma tragada profunda no cigarro, a fumaça ondulando em torno de sua cabeça enquanto flutuava para o teto. Aggie realmente desejava que ela não fumasse em sua casa, mas com essa mulher havia tantas batalhas, que Aggie tinha que escolher as que ela estava disposta a lutar.



"Não é *verdade*?" Mamãe ergueu as sobrancelhas feitas a lápis para ela. "Qual é o nome dele? Ele é bom"

"Não há nenhum cara, mãe." Aggie disse, balançando a cabeça. Ela não quis dizer à sua mãe coisa alguma sobre Jace. Nem mesmo o seu nome. Ela não iria descrever quão atraente ela o achava, ou como sua risada rara aquecia seu coração. E especialmente nunca mencionaria como ele a satisfez sexualmente de uma forma que nenhum outro homem jamais fez. Ela sabia que se confidenciasse o mais ínfimo detalhe, sua mãe apontaria todos os pontos negativos, até Aggie perder de vista o quão maravilhoso ele era. Ela sempre fazia isso.

"Então o que está acontecendo com você?" Perguntou Aggie. Ela nunca aparecia a menos que precisasse de alguma coisa. Mesmo quando Aggie tinha sido criança, sua mãe esteve mais ausente em sua vida do que presente. A mulher estava sempre perseguindo um sonho improvável ou outro. Ter um filho nunca tinha sido um sonho, mais um fardo. Ela era muito mais propensa a correr de suas obrigações parentais do que abraçá-las. Aggie havia chegado a um acordo com aquilo anos atrás.

A cafeteira borbulhou quando derramou o resto da bebida na garrafa. O aroma inebriante de café forte penetrou a cozinha aconchegante. Aggie virou-se para encher duas canecas. Ela despejou várias colheres de açúcar no copo de sua mãe, tomando o seu preto.

Sua mãe aceitou a caneca entre as mãos ossudas e tomou um gole.

"Eu tive uma grande ideia para finalmente tirar você daquele clube de strip."

Aggie revirou os olhos.

"Quantas vezes eu tenho que dizer? Eu gosto de trabalhar lá. Eu não danço, porque preciso. Eu danço porque eu quero."

"Não seja ridículo, Agatha." Ela balançou a cabeça com desdém. "Eu comprei um livro na Internet."

"Um livro? Que tipo de livro?"

"Sobre como ganhar em caça-níquel. Garantido."

"Você não fez."

"Fiz. E eu tentei o método." Ela sorriu. "Ganhei uns dois mil."



"Isso é ótimo. Você pode pagar seus cartões de crédito."

Mamãe deu outra tragada no cigarro. Tomou um pouco de café. Tomou seu tempo sobre como chegar ao ponto.

"Então eu pensei que se eu posso começar com cinquenta dólares e fazer dois mil, então se eu começar com cinquenta mil, eu poderia fazer dois milhões." Ela apontou o cigarro em Aggie e ofereceu-lhe uma piscadela. "Eu sempre fui boa em matemática."

O coração de Aggie afundou.

"O que você fez, mãe?"

"Bem, o que você acha? Peguei um empréstimo e fui para o casino. Eu ficava pensando que iria chegar à frente. Segui o livro à risca."

Oh merda.

"Quanto você perdeu?"

Mamãe olhou para a ponta incandescente do cigarro.

"Bem, depois de ter perdido os primeiros cinquenta mil —"

"Cinquenta mil!"

"Eu peguei mais cinquenta e..." Ela encolheu os ombros, deu a última tragada no cigarro, e não encontrando cinzeiro disponível, esmagou-o na bancada de granito de Aggie.

"Você perdeu cem mil dólares em caça-níqueis!"

"Oh, não, não, não, não, não", disse a mãe, abanando a cabeça vigorosamente.

Aggie tomou uma respiração profunda de alívio.

"Eu só perdi cinquenta mil em caça-níqueis. Os outros cinquenta perdi na roleta." Ela sorriu doce como xarope.

"O que há de *errado* com você?" Aggie gritou.

"Eu queria tirar você daquele clube, docinho. Isso é tudo."

"*Mãe*! Não se atreva a tentar fazer disso minha culpa." Aggie esfregou o rosto com as duas mãos. Ela tinha alguns milhares de dólares no banco e mais um pouco na pia do banheiro máster, mas ela havia acabado de reformar a casa para o seu negócio, por isso seus ativos líquidos eram mínimos. De jeito nenhum ela poderia chegar a cem mil para pagar esse



empréstimo. "Espere um minuto." Ela prendeu a mãe com um olhar duro. "Quem diabos iria emprestar-lhe dinheiro? Seu crédito é uma merda."

Sua mãe deu de ombros, torcendo o cabelo vermelho berrante em torno de um dedo.

"Oh, alguns caras."

"Alguns caras?"

Ela franziu as sobrancelhas e os lábios.

"Eu acho que eles são membros da Máfia," ela sussurrou e olhou por cima do ombro, como se estivesse esperando vê-los em pé atrás dela com pás de areia.

"*O quê*?"

Ela se encolheu.

"Não grite comigo, mocinha!"

Aggie andou na área da cozinha, mastigando a ponta de seu dedo.

"Quando você deve pagá-los de volta?"

"Em breve."

"Quanto tempo?"

Sua mãe se encolheu.

"Eu não gosto do seu tom, Agatha. Não se esqueça de com quem você está falando. Se não fosse por mim, você não existiria."

"Quanto tempo?"

"Três semanas atrás." Ela pegou mais um cigarro do maço e acendeu-o.

Aggie descobriu que era impossível fechar a boca. Ou respirar.

"E você me diz isso *agora*?" Ela balbuciou finalmente.

"Eu sei como você é ocupada. Eu não queria incomodá-la com meus pequenos problemas."

E agora Aggie estava hiper ventilando.

"Pequenos! Acho que você deve a eles juros também."



"Claro. Quem concede empréstimos sem cobrança de juros?" Ela disse e deu um profundo trago no cigarro número dois. Ela tirou a ponta de sua boca e olhou para a brasa enquanto lentamente exalava e puxava fumaça em ambas as narinas.

"Quanto?"

"Vinte por cento."

"Anualmente?"

Mamãe riu, uma onda de fumaça saindo de sua boca. Ela ergueu o olhar de olhos azuis para Aggie.

"Eles não fazem empréstimos anuais, o querida. Eu realmente pensei que seria uma grande jogadora, agora, sem nenhum problema para pagar tudo de volta e nos deixando bem para toda a vida, em algum lugar diferente de Vegas. Estou cansada de Vegas. Você não está?" Ela encolheu os ombros e deu outra tragada no cigarro. "O que acha do Taiti?"

"Eles vão matar você, mulher estúpida."

"Como é que eles vão receber o seu dinheiro de um cadáver? Eu vou pensar em alguma coisa. Sempre penso. Mas até então, eu não quero que eles saibam onde estou, então estou de visita por um tempo. Ok?"

Não, não estava bem, mas o que ela poderia fazer? Esta era sua mãe — sua ridícula, estúpido, e irritante mãe. Se ela não a amasse tanto, iria estrangulá-la.

E então ela tinha esse pequeno problema de Jace vindo naquela noite. Como Aggie iria escondê-lo da mulher intrometida? A última pessoa no mundo para quem queria apresentá-lo era sua mãe.



Capítulo Sete

Jace tocou a campainha de Aggie precisamente às cinco. Ele jogou o sentimento de culpa para o fundo de sua mente. Deveria estar visitando Trey no hospital, não buscando, sexo quente da mulher mais desejável do planeta. Trey tinha acordado há algumas horas, mas não havia voltado ao normal ainda. Ele perdeu muito da mobilidade em ambas as mãos. Jace não tinha certeza de como lidar com isso. Ele só precisava tirar Aggie fora de seu sistema mais uma vez, e ficaria bem. Com a ajuda dela, poderia se concentrar em outra coisa que não a dor em sua alma que já estava aumentando novamente. A dor que correspondia em sua virilha era apenas uma consideração secundária.

Uma mulher de meia idade, de cabelos vermelhos, atendeu a porta e o olhou de cima e a baixo com desconfiança.

"O que você quer comigo?" Ela rosnou. Seus olhos eram do mesmo azul celeste que os de Aggie, mas essa mulher com cara de durona não era Aggie.

"Uh..." Desconcertado, Jace tinha perdido a língua.

"Eu não tenho ainda, Maynard. Mantenha seu pau em suas calças."

Ela bateu a porta na cara dele.



Jace coçou a cabeça. Verificou o número da casa para assegurar-se que esta era a casa de Aggie.

Quem?

O quê?

A porta se abriu novamente. Adorável Aggie apareceu vestindo seu traje de couro de dominatrix. O design bordado no colete era diferente. Ontem à noite tinha sido rosas vermelhas. Hoje tinha passarinhos verdes.

Aggie revirou os olhos para Jace.

"Desculpe por isso. Minha mãe está visitando. Inesperadamente. Contra a minha vontade. E melhor julgamento."

A meia ereção que estava levando a maior parte do dia murchou.

"Sua mãe?"

"Você é apenas um cliente." Ela deu-lhe um olhar severo.

Apenas um cliente. Então aquela incrível intimidade que tinham compartilhado na noite anterior, aquela conexão que ele nunca tinha experimentado com ninguém, não tinha significado nada para ela? Por que esse pensamento cortou seu coração? Não era como se ele ligasse. Ele não ligava. Não dava a mínima para nada, além de sua música. Era a única coisa em sua vida que nunca o desapontava.

Aggie pegou sua mão e levou-o para a sala à prova de som, onde tinha batido nele de forma tão espetacular na noite anterior. E tirado sangue. Ele estremeceu com a lembrança.

"Você o conhece?" A mãe de Aggie estava no hall de entrada com os braços cruzados sobre o peito, olhando a filha com desaprovação.

"Eu disse que tinha um compromisso às cinco horas. Volte para dentro da casa."

"Eu não confio nele, Agatha. Ele parece desconfiado. Como um membro da mafia."

Máfia? Provavelmente, a jaqueta de couro. Jace correu para o quarto onde Aggie atendia seus clientes.



"Ele não é da máfia. Vá embora, mãe." Aggie deslizou a porta do santuário atrás dela e fechou. Ela se virou para enfrentar Jace. "Desculpe por isso. Ela tem... problemas." Ela agitou uma mão.

Jace deu de ombros e olhou para o chão. Ele queria sair. Não podia fazer isso com sua mãe na casa, especialmente depois que a mulher lhe tinha dito para manter o pau em suas calças. A única razão que ele estava aqui era para colocar o pau em sua filha. Repetidamente e em excesso.

"Eu deveria ir." disse ele calmamente.

Aggie se moveu para ficar diretamente na frente dele. Seus seios grandes e suculentos entraram em sua linha de visão. Ele lambeu os lábios. Seu pênis agitou em suas calças. Esta mulher era positivamente deliciosa, e arrancou todos os pensamentos de sua cabeça. Ela cobriu seu o rosto com as duas mãos e aliviou o olhar dele até ela. "Qual é o problema?"

"Trey..."

"O guitarrista no hospital?"

Ele acenou com a cabeça.

"Eu deveria ir visitá-lo."

"Como ele está?"

"Ele sobreviveu à cirurgia, e está acordado agora. Eu deveria estar com ele."

"Ele está bem, então?"

Jace balançou levemente a cabeça.

"Ele não pode mover os dedos direito, ou algo assim."

"Você pode ir vê-lo mais tarde. Ele provavelmente está descansando."

"É." Jace baixou os olhos para seus lábios vermelhos rubi. "Descansando." Ele olhou para os lábios, hipnotizado pela sua sensualidade. "Posso beijá-la?" Suas mãos se moveram para descansar sobre seus quadris. Ele se moveu mais perto.

"Você vai ficar por um tempo?"

Ele acenou com a cabeça. Mesmo que ele fosse apenas seu cliente, hoje, ele ainda queria ficar com ela.



"Então, sim. Beije-me, Jace." Ela disse seu nome como uma carícia suave. Fez seu coração doer.

Não finja que você se importa. Não faça.

Ele roçou os lábios nos dela. Seus lábios estavam macios. Cedendo. Ele a beijou novamente. Mais profundamente. Ele se afastou e olhou nos olhos dela.

"Eu pensei muito sobre você hoje." ela murmurou, enxugando o canto da boca com o polegar. Ele provavelmente estava usando metade de seu batom agora.

Ele sorriu. Era natural sorrir quando estava com ela. Nunca se sentiu assim com ninguém. Ele sempre se sentiu em guarda, mas não com ela. Com ela, se sentia... Seguro? Confortável? Entendido? Alguma coisa.

"Ah, é?"

Ela assentiu com a cabeça.

"Você pensou em mim?"

"Constantemente."

Ela puxou a camisa sobre a cabeça dele e se inclinou para pressionar os lábios contra sua clavícula.

"Eu tenho medo de olhar para suas costas. Está com dor?" Seus dedos se arrastaram delicadamente sobre sua pele.

Ele teve um momento difícil para sair da cama naquela tarde, mas estava pronto para mais agora.

"Não muito. Você não vai facilitar comigo, não é?"

"O que quiser, bebê. Você vai fazer o mesmo por mim, não vai?"

Ela não iria pedir-lhe para bater nela, iria? Ele não tinha isso dentro dele.

"O que você tem em mente?" Ele perguntou.

"O que você quiser fazer comigo, eu confio em você."

O coração de Jace tropeçou em uma batida. Ela daria a liberdade para fazer o que quisesse com ela? Precisava levá-la para o ônibus da turnê. Sua mala de implementos de prazer



estava guardada em um armário lá. Ele vinha colecionando coisas para infligir prazer em uma amante por anos. E cada mulher que ele tentou iniciar o havia desapontado.

Aggie desabotoou a braguilha de sua calça jeans. Ela se agachou conforme empurrou suas calças para baixo de suas coxas. Ela colocou um beijo carinhoso na cabeça de seu pênis. Ele se contorceu, rapidamente aumentando, ficando grosso, longo e duro. Querendo ser enterrado em seu voluptuoso corpo em seu calor escorregadio, onde pertencia.

Aggie andou até a mesa e escolheu uma palmatoria. Ela virou-se para olhá-lo e estremeceu quando seu olhar caiu sobre suas costas.

"Você está realmente machucado." Murmurou. Ela se moveu para ficar atrás dele e traçou as bandas espessas de machucado ao longo de suas costas. "A vara. Por que você não me disse que eu estava fazendo tanto dano assim a você? Eu teria parado."

"Eu não quero que você pare. Precisava disso."

"Eu não vou bater em você com uma vara de novo." disse ela. "Você vai ter que se contentar com umas boas palmadas." Ela beijou seu ombro e lhe rodeou o corpo para encará-lo. Acariciou as nádegas nuas e, em seguida, golpeou-o na sua bochecha carnuda com a palmatória.

Estalou contra sua carne tenra. Dor aguda atravessou sua bunda, estabelecendo-se como prazer na base de seu pênis. A outra dor — a dor em seu coração, sua alma aliviou um pouco. A única vez que ele deixava ir era quando estava distraído com a dor física. Dor física sempre dói muito menos do que a emocional. Tornou-se um indulto. Aggie golpeou novamente. Seus dedos se curvaram em suas botas. Novamente. Seus mamilos apertaram.

Ah Deus, Aggie. Me machuque.

Leve a dor embora. Me machuque.

Observando seu rosto, ela o golpeou novamente e, em seguida, beijou-o profundamente, sua língua se misturando com a dele. Ele não costumava experimentar uma mistura de dor e prazer. No passado, ele fez o seu melhor para manter os dois separados. Mas, mesmo na noite anterior, Aggie lhe tinha dado o que precisava e não o tinha julgado por isso. A



excitação de Jace cresceu rapidamente. Ele passou os braços em volta dela, puxando-a contra si e aprofundando o beijo.

Ele gemeu em sua boca quando ela o golpeou novamente. Porra, ele estava duro. Ele a queria. Não, mais do que isso. Precisava dela.

Como precisava de ar.

Ela virou a cabeça, quebrando o beijo, e espancou-o novamente.

"Você gosta disso?"

Ele não podia formar um pensamento coerente.

"O que?"

"Um toque de prazer com sua dor?"

"Sim."

Ela deslizou para baixo de seu corpo, ficando de joelhos a seus pés. Ela lambeu a cabeça de seu pênis. Ele estremeceu, prazer ondulando através de sua carne. Ela atraiu seu pênis em sua boca quente e chupou. Quando ela bateu em sua bunda de novo, ele gritou. Ela chupou mais forte, rapidamente balançando a cabeça para esfregar os lábios macios sobre a borda sensível. Ela fez uma pausa com frequência para golpear ele, antes de voltar a dar prazer a ele com a boca.

A doce dor misturou com prazer agonizante, até que ele não aguentava mais. Ele torceu os dedos em seu espesso cabelo preto e sedoso, e segurou sua cabeça.

"Aggie." ele sussurrou. "Não faça isso. Eu não posso. É muito."

Ela alcançou entre suas pernas, segurando suas bolas em uma mão. Ela apertou. Seu estômago se agitou quando a dor o deixou sem fôlego. Ela afrouxou seu aperto, e enquanto Jace respirou através da dor, ela chupou-o profundamente na parte de trás de sua boca e trabalhou seus músculos da garganta e língua em torno de seu pênis. Ele forçou as mãos do seu cabelo, sabendo que ia puxar e machucá-la se ele ficasse muito animado. E ela estava rapidamente deixando-o muito excitado.

Ele olhou para ela, submissa aos seus pés, seu pau em sua garganta.



"Ah, porra." Ele engasgou, sua respiração presa. Ele desviou o olhar para o espelho do outro lado da sala. Seu cabelo balançava na cintura contra suas costas enquanto ela se afastava, chupando profundamente, e se afastando.

Colocando a palmatória no chão, ela soltou seu pênis de sua boca. Enfiou a mão no corpete de couro apertado e pegou um preservativo. Depois de rasgar a embalagem com os dentes, ela desenrolou-o sobre seu pênis. Não era um desses pequenos que ele tinha sido forçado a usar na noite anterior.

Ele sorriu para ela.

"Obrigado por considerar o meu conforto neste momento."

"Fui lá e comprei algumas camisinhas maiores apenas para você, garotão." Ela deu um tapa na bunda dele com a mão nua.

Ele riu.

"Acho que você deve saber que o baterista da minha banda me chama de homenzinho."

"*Homenzinho*? " Ela olhou para seu pau com apreciação. "Dificilmente. De que você o chama? Cego?"

Jace não queria falar sobre Eric. Queria colocar o preservativo em uso. Ele puxou as botas e chutou calça jeans de lado. Ele olhou ao redor.

"Não há cama aqui."

"Não, mas há uma mesa."

Ele agarrou-a pela cintura e puxou-a pela sala. Depois que tirou sua calcinha, ela se empoleirou na borda da mesa. Ele se agachou entre suas pernas e chupou seu clitóris até que ela estava encharcada. O cheiro dela o deixava louco. Ele inalou profundamente pelo nariz enquanto lambia seu doce néctar, sua língua dançando sobre sua pele lisa. Sua respiração excitada, prendendo na parte de trás de sua garganta, alertou para o orgasmo iminente. Ele se levantou e cuidadosamente inseriu seu pênis em seu corpo. Suas costas arquearam, e ela moveu seus quadris para fora da mesa para levá-lo mais profundamente, mantendo a maior parte do peso com os braços. Seu calor o engolfou. Ele gemeu, apoiando-se com os pés afastados para



mantê-la em seu pênis latejante. Ela mudou de volta para a borda da mesa, e ele avançou para enchê-la novamente.

"Jace." ela sussurrou sem fôlego.

Ele empurrou nela lentamente e viu suas reações quando metodicamente aumentou o seu ritmo. Quando encontrou seu ritmo perfeito, evidente por ela estar se contorcendo e gemendo, ele o manteve implacavelmente, com base na mesma cadência consistente, que servia sua música.

Ela alcançou por trás dela e pegou um mangual[6] da mesa. Ela o bateu levemente no peito. Cada uma das dezenas de fios finos lançavam deliciosas picadas em sua carne. Ele prendeu a respiração. Dirigiu nela mais duro. Ela encontrou seus impulsos com golpes correspondentes, tanto em ritmo e intensidade. Quão mais duro ele a fodia, mais duro, ela o batia. Ele entrou nela cada vez mais duro. Deixou a emoção carregá-lo, perdendo todo o controle consciente de seu movimento, dando o seu desejo para a dor, controle total sobre a sua obtenção de prazer. Como ela sabia exatamente o que ele precisava? Rapidamente, a sua necessidade para sua liberação cresceu ao ponto de ruptura. Suas bolas doíam com o peso.

Ele forçou seus olhos a abrirem. Ela já estava perto do orgasmo? Seu corpo inteiro tremeu com cada impulso duro, seus belos peitos balançando cada vez que seus corpos se uniam. Seu peito estava dolorido e vermelho dos golpes de sua vingança perfeita. Sua boca se abriu de espanto enquanto observava. Ela estava mais perto do que ele percebeu.

"Olhe para mim." ele pediu.

Ela abriu os olhos, e seus olhares se encontraram. Ele deslizou um dedo para baixo em sua fenda, esfregando seu clitóris e mandando-a ao orgasmo.

"Jace!" ela gritou.

[6] Um mangual é um instrumento através do qual se malha cereais para debulhá-los. Consiste em um pedaço de madeira comprido e fino no qual se sustenta a base, chamado de mango, que serve de cabo. Esse cabo é ligado por uma correia de couro, chamada por sua vez de inçadouro, a um outro, curto e grosso: o pírtigo, que percute as hastes.





Com sua boceta apertando em torno de seu pênis no orgasmo, ele se soltou. Seu corpo ficou tenso, bombeando sua semente dentro dela com surto após surto glorioso, enquanto seu corpo tremia incontrolavelmente. Ele segurou o olhar dela o tempo todo, sabendo quão emocionalmente vulnerável aquilo o deixava, mas com ela, parecia certo.

Gasto, ele caiu contra o seu corpo tremendo. Ela colocou os braços ao redor dele e balançou os quadris para trás e para frente, continuando a encontrar prazer em seu pênis.

"Oh Deus, Jace." ela murmurou. "Nunca vou ter o suficiente de você."

Ele nunca se cansaria dela também, o que era meio que um problema que ele estava preocupado. Ele enrolou as mãos em seus cabelos longos e sedosos, sabendo que ela merecia muito mais prazer do que ele tinha dado a ela. Com ela batendo daquele jeito, ele tinha ficado muito excitado para tratá-la com o devido cuidado e atenção. O que ele tinha em mente para a próxima iria compensar isso, ele esperava.

"Você quer ir a algum lugar comigo?" Perguntou ele, inclinando-se sobre ela para beijar-lhe o ombro.

"Sim, está bem." disse ela. "Para onde vamos?"

Ele se levantou em seus braços acima dela e olhou para seu rosto ruborizado. Ela fez beicinho quando viu a o que tinha feito em seu peito. Seu toque suave era inebriante quando ela traçou os vergões cruzando em sua pele, tirando as memórias da dor para a vanguarda de sua mente novamente. Ele segurou-lhe os pulsos, e ela olhou para ele.

"O ônibus da turnê. Eu quero mostrar-lhe o verdadeiro êxtase."

"Verdadeiro êxtase? Não foi isso o que eu experimentei?"

Ele riu.

"Bebê, isso foi apenas o aquecimento."



Capítulo Oito

Aggie aconchegou-se nas costas de Jace, com as mãos achatadas contra seu abdômen. Ela adorava motocicletas. Especialmente Harleys que roncavam gravemente. Preliminares sobre rodas.

Eles dirigiram por Vegas Strip. O ar da noite de verão era sufocante, mas as multidões ainda eram grossas nas calçadas e o tráfego pesado. Os turistas realmente saiam para brincar depois de escurecer. Aggie tinha vivido em Las Vegas toda a sua vida, e a excitação incessante da cidade ainda a agitava. Jace virou na área atrás de Mandalay Bay, no extremo sul de Las Vegas Boulevard e parou próximo a um conjunto de três ônibus. Jace estacionou ao lado de um ônibus prata e preto e segurou sua mão enquanto ela descia da bicicleta.

Ela tirou o capacete, o cabelo longo, grosso caindo em cascata sobre os ombros e as costas. Ela tirou-o para fora de seu rosto impaciente.

"Precisamos dirigir para o deserto e ter uma orgia com esta moto."



Ele tirou o capacete, sorrindo para si mesmo.

"Eu acho que pode ser arranjado."

"Agora?" ela perguntou sem fôlego.

"Eu tenho outros planos para você agora. Da próxima vez."

Da próxima vez? Ela não era fã de planejar o futuro, especialmente se fosse necessário confiar em um homem, mas faria concessões para Jace.

Ele abriu a porta do ônibus e subiu os degraus íngremes. Olhando pelo corredor, ele a conduziu para dentro com um aceno. O interior era melhor do que ela esperava. Um sofá de couro enfrentava duas poltronas de capitão, uma televisão de tela plana, e um sistema estéreo. Mais adiante, o corredor principal, uma cozinha pequena estava em frente a uma pequena mesa quadrada e assentos. Além da sala de jantar, havia dois compartimentos fechados de cortinas empilhados de cada lado. Conforme Jace continuou pelo corredor, ele abriu cada cortina para revelar quatro beliches vazios.

"Eu não acho que alguém esteja aqui," disse ele.

A porta do banheiro estava entreaberta. Ninguém lá. Ele bateu na porta no final do corredor. Quando não houve resposta, ele abriu a porta para revelar um pequeno quarto. Acendeu a luz, e Aggie entrou no quarto, olhando ao redor. A cama queen-size confortável ocupava mais da metade do quarto. Um armário, cheio de roupas, roupas de cama e toalhas preenchiam uma parede. Uma cômoda estava ao lado da porta, e uma pequena janela situada na parede oposta do armário. Um gancho no teto chamou sua atenção.

"Isso é para você," Jace sussurrou em seu ouvido.

"Para mim?"

"Você vai ver. O que quer beber?"

Sua personalidade dicotômica sempre a surpreendia. Ele tinha um lado gentil e atencioso que tão completamente contrastava com o animal logo abaixo da superfície. Um anjo e um demônio. O estranho era — ela gostava dos dois, o lado que aquecia seu coração com carinho e o lado que queimava seu corpo com luxúria.

"Você tem algum vinho?"



Ele sorriu.

"Uma mulher segundo o meu coração. Eu espero que você goste doce."

"Existe algum outro tipo?"

"Eu tenho um vinho do porto no outro ônibus. Volto logo. Sinta-se confortável." Ele beijou a bochecha dela e deixou-a sozinha.

Aggie tirou a jaqueta de couro, dobrando-a cuidadosamente e deitando-a sobre a cômoda. Ela contemplou remover suas roupas e esperar por Jace nua, mas decidiu que gostaria que ele a despisse. Devagar. Sedutoramente. Com muito cuidado e carinho. No silêncio, um leve zumbido veio da gaveta da mesa do lado. Sua testa franziu com a confusão, e ela foi investigar. Puxando a gaveta, ela encontrou-a cheia de brinquedos sexuais. Vibradores de todos os tamanhos e espessuras. Dildos. Preservativos. Óleos com sabor. Anéis penianos. Plugs anais. Era por isso que ele a trouxe aqui? Ela encontrou o vibrador zumbindo e desligou antes de cair de volta na gaveta.

"Você gosta desse tipo de coisa?" Jace perguntou atrás dela.

Ela virou-se.

"Desculpe me intrometer. Um dos vibradores estava vibrando. Segui o som" Ela apontou para a gaveta." Essas coisas são suas?"

Jace balançou sua cabeça.

"De Brian. Ele gosta de brinquedos. Ele não se importa de dividir, no entanto, se quiser pedir alguma coisa."

"Quem é Brian?" Ela aceitou o copo do vinho que ele estendeu para ela.

"Nosso guitarrista. Acho que você não é um fã de Sinners. Todo mundo conhece Brian 'Mestre' Sinclair. Ele é um deus do rock. Sed, nosso vocalista, é um mulherengo notório. Trey toca guitarra e qualquer pessoa, homem ou mulher, que chama sua atenção. E depois há o Eric, que... é o nosso baterista. Eu sou obscuro por comparação."

"Tem certeza disso? Você é muito lindo."

Ele corou.

"Sed é quem tem todas as garotas gritando para ele. Ele é uma fera."



"Como você?" Aggie sorriu, tomando um gole de vinho perfeitamente refrigerado, encorpado e doce. Ela nunca provou nada mais delicioso. "Mmmm." Olhou para seu copo. Grosso, o vinho agarrava à superfície interna da taça. A lembrava de sangue. Ela tomou outro gole, mantendo o líquido fresco em sua boca. Seu leve sabor azedo aquecia na superfície da língua. Ela engoliu em seco.

"Eu sou um tipo totalmente diferente de fera."

Ela olhou para ele. A frieza em seus olhos enviou um arrepio em sua espinha. Ele bebeu o vinho em dois goles e pôs a taça sobre a cômoda. Foi até o armário e tirou uma maleta preta de suas profundezas. Ele se ajoelhou na frente dela no chão.

Ela moveu-se para ficar ao lado dele, olhando para a mala.

"O que é isso?"

"O motivo que me trouxe aqui."

Ele virou as fechaduras e abriu a tampa. Os olhos de Aggie se arregalaram. Ele tinha todos os tipos de coisas dentro, desde óbvias palmatórias e velas, a coisas que ela não conseguia identificar.

Ele olhou para ela.

"Você ainda confia em mim, né?"

A vibração ansiosa em seu estômago a excitava. Não tinha ideia do que ele tinha em mente, mas o que quer que fosse, estava dentro. Ele ainda tinha que desapontá-la.

"Sim."

Ele começou a classificar a maleta, organizando as coisas em pilhas. Ela não conseguia decifrar qualquer padrão em seus grupos, enquanto observava, tomando um gole de vinho. Ele acendeu velas, colocando-as na mesa ao lado. Ele saiu do quarto e voltou momentos depois com uma tigela de gelo, uma garrafa de xarope de chocolate, e uma lata de frutas misturadas.

"O que você está fazendo? Preparando-se para o inverno nuclear?"

Ele sorriu maliciosamente.

"Você vai ver. Como está o vinho?"

"Perfeito."



"Você quer mais uma taça?" Ele parecia pronto para iniciar a sua sessão orquestrada de prazer. Ou seria tortura? Estava ansiosa para descobrir.

Aggie terminou seu vinho em um gole e pousou a taça vazia ao lado da dele.

"Não, eu não quero mais vinho. Eu quero você."

"Em breve." Ele fechou a porta do quarto e se aproximou dela. Despiu-a devagar, acariciando cada centímetro de carne que revelou, pela primeira vez com as pontas dos dedos, e depois seus lábios. Sua ternura nunca deixou de surpreendê-la. Ele fodia duro. Fazia amor com ela com delicadeza.

"Você é tão linda," ele murmurou enquanto desabotoou o sutiã. "Eu amo suas curvas."

Ela tinha muitas curvas. Nunca tinha possuído a magreza atlética que Hollywood e as passarelas consideravam bonito, mas estava confortável com seu corpo e feliz que Jace apreciava. Sua dança a manteve em boa forma, mas seus pés nunca tocaram em uma esteira. Seus seios pesados caíram livres de seu sutiã, e ele os segurou, olhando para a carne transbordando de suas mãos. Ele abaixou a cabeça para beijar os globos macios, sua língua deslizando sobre seus mamilos. A barriga de Aggie apertou. Ela apoiou as mãos em seus ombros enquanto ele beijava o caminho para o centro de sua barriga. Ele tirou sua calça jeans, calcinha e sandálias com igual cuidado e lentidão agonizante. Pelo tempo que a levou para a cama, ela estava mais do que pronta para ele possuir seu corpo, e ele não tinha sequer começado a usar os objetos de sua mala.

Ajoelharam no centro da cama, de frente para o outro. Jace tirou algo do bolso de trás e prendeu em torno do pulso esquerdo de Aggie. Ela olhou para a pulseira de couro grossa, forrada com lã. Seu coração bateu contra as costelas. Restrições? Ele prendeu uma pulseira igual em seu outro pulso, e juntou os dois com um pedaço de corrente.

"Por que você está me prendendo?" ela perguntou.

"Para que você não interfira com o que eu posso fazer com seu corpo."

Seu coração bateu ainda mais forte.

"Você vai me machucar?"



Ele ficou na frente dela na cama e levantou as mãos acima de sua cabeça, prendendo-lhe os pulsos no gancho no teto com a corrente pesada. Ele não respondeu a sua pergunta.

"Jace, eu não gostaria de receber dor. Apenas dar." Ela imaginou que se ficasse muito assustada, ela poderia levantar na cama e tirar as mãos do gancho. Ela era bem versada em auto-defesa, mas algo dentro disse que ela podia confiar nesse homem. Sua intuição nunca tinha falhado com ela no passado.

Ele se ajoelhou na frente dela e tocou seu rosto suavemente.

"Eu nunca a machucaria, Aggie. Eu só gosto de receber dor. Nunca dar." Ele acariciou seus braços com as costas das mãos, e depois continuou até atraí-las ao longo dos lados de seus seios, o recuo de sua cintura, e a curva de seus quadris. "Eu planejo fazê-la implorar por misericórdia, mas do prazer que dará a seu corpo, e não dor."

Bom, tudo bem... Se ele insistia.

"Tenho a sua permissão para continuar?" ele perguntou.

Ela mordeu o lábio, olhando em seus olhos castanhos suaves por sinais de fraude. Ela não encontrou nenhum.

"Sim."

"Bom."

Ele tirou algo do bolso de trás e colocou uma venda nos olhos dela.

"Eu não posso ver," disse ela, sem fôlego. Seu coração bateu mais rápido. Não tinha medo, não exatamente. Excitada. Sim, isso foi o que fez seu fôlego prender, com o coração disparado, seu núcleo doendo com o vazio.

Ele riu.

"Essa é a ideia, querida. Você não precisa ver. Apenas sinta. Sinta-me, Aggie."

"Eu sinto. Eu sinto você."

Ele reuniu seus cabelos na mão, torceu e prendeu-os na parte de trás de sua cabeça.

"Sua pele é tão macia." ele murmurou no ouvido dela por trás. Suas mãos suavemente acariciaram suas costas... A barriga... Seios. "Lisa. Quente."

"Pálida." Ela acrescentou com um sorriso.



"Perfeita."

Ele chupou e beijou a carne nas costas de seus ombros enquanto suas mãos continuavam a acariciar sua barriga, seios e quadris. Suas mãos deslizaram entre suas coxas, abrindo-lhe as pernas. Ela tremeu. Seus dedos separando sua carne inchada e mergulhando dentro dela. Sua cabeça caiu para trás contra o ombro dele. Ele esfregou seu clitóris, deslizou os dedos em sua boceta, esfregou seu clitóris novamente. Como ele sabia exatamente como excitá-la além de seus limites de tolerância?

"Jace."

Ele continuou a acariciá-la até que estava pronta para explodir, e então ele se afastou, deixando-a tremendo. Insatisfeita.

Algo gelado deslizou por sua espinha. Ela estremeceu. Ele continuou descendo até sua bunda, sobre a abertura de sua vagina, e, finalmente, o clitóris. Ele acariciou-a ali, com o gelo entre os dedos e sua carne, até que o gelo derreteu completamente. Ela não sabia como era possível sentir seu clitóris pegando fogo e congelado ao mesmo tempo.

"Jace," ela disse em um tom de súplica.

Ele deslizou dois dedos em sua boca. Eles tinham gosto de chocolate. Ela chupou o doce deleite de seus dígitos. Ele retirou e inseriu novamente com mais chocolate. Algo frio e grosso passou sobre o mamilo. Sua boca quente chupou seu mamilo, enquanto ele continuava a empurrar seus dedos dentro e fora de sua boca. Ele percebeu o que estava fazendo com ela? Ela o queria agora. Ele provavelmente colocou suas mãos acima da cabeça para que ela não pudesse se masturbar enquanto ele a torturava com prazer. Estava definitivamente desesperada o suficiente para fazê-lo.

Ele se afastou de novo, e ela ouviu um rangido estranho. Sua frequência cardíaca pulou um nível até que ela identificou como um abridor de lata. Ele não tinha trazido uma lata de frutas...?

Algo frio e liso deslizou em sua boca. A áspera textura da pera doce dissolveu em sua língua. Ela cheirou a cera um instante antes de calor líquido queimar o centro de suas costas. Sua coluna arqueou involuntariamente. Ele traçou o outro lado de suas costas com gelo. Sua



boca se moveu para chupar o lado de seu pescoço. Só que sua boca não estava quente como o esperado. Estava fria. Ele deixou a água do gelo derreter de seus lábios enquanto beijava o caminho até sua garganta e ombro. Finos filetes de água traçaram linhas para baixo por seu peito, seguindo os contornos de seu corpo para coletar entre os seios, deslizando por sua barriga, em torno do umbigo, e, finalmente, entre suas coxas. Ela estremeceu quando as primeiras gotas encontraram sua vagina depilada.

"Jace." Ela tinha desistido de tentar descobrir o que ele ia fazer a seguir.

Ele fez uma pausa para colocar mais gelo na boca. Ouviu-o chupar, e bater contra os dentes. Enquanto a água escorria entre suas pernas e descobria novos caminhos ao longo de seu osso do quadril, ela se contorcia de impaciência. Ele moveu a boca para o outro lado do pescoço dela e usou ao palma de suas mãos para acariciar sua barriga e parte inferior dos seios. Ele beliscou os mamilos inesperadamente, e ela estremeceu à beira do orgasmo.

"Jace, foda- me, por favor. Eu quero você. Quero você dentro de mim."

Ele se afastou abruptamente. Ela escutou os sons de seu movimento. Uma fatia de pêssego entrou em sua boca. Ela chupou, saboreando sua doçura. Ela esperou por sua volta. Parecia horas antes de suas mãos voltarem sobre ela novamente. Elas tinham uma textura excepcionalmente áspera agora. Ele acariciou a pele de sua barriga e seios delicadamente com as mãos enluvadas enquanto soprou respirações suaves sobre a pele de suas costas.

"Oh Deus, Jace. Você está me deixando louca."

"Você quer que eu pare?" O baixo ruído de sua voz fez formigar sua espinha.

"Sim." Ela engasgou quando ele tirou as mãos. "Não. Não faça isso! Não pare."

Ele enrolou o corpo contra as costas dela. Ela sentiu seu pênis contra sua bunda, e ela esfregou-se contra ele, arqueando as costas em uma tentativa de levá-lo a entrar nela. Suas luvas ásperas moveram entre suas coxas, pressionando-as abertos para o ar fresco que banhava a carne aquecida.

"Fique quieta." ele murmurou.

Ela tentou ficar parada, mas as partes negligenciadas de seu corpo estavam gananciosas por seu toque. Ela torceu os quadris e esfregou sua virilha contra a mão que ele



tinha acariciando sua coxa. Ela chupou uma respiração trêmula entre os dentes. Ele deu um sonoro tapa em sua bunda. Seu corpo inteiro ficou tenso.

"Não, Aggie. Fique quieta."

"Jace. Por favor. Por favor. Eu não aguento mais."

Ele afastou-se novamente, e ela sufocou um soluço de protesto. Algo fez cócegas em seu ombro. *Uma pena*? E depois nada. Quando ela tinha desistido achando que ele nunca iria tocá-la novamente, ele traçou sua costela com a pena. Ela gemeu. Uma eternidade depois, ele acariciou o osso do quadril. Ela lutou contra suas correntes, seus quadris ondulando involuntariamente enquanto ela procurava alivio.

A porta se abriu. Duas inalações rápidas vieram da periferia geral do batente.

Jace colocou algo na boca de Aggie. O sabor explodiu contra sua língua, liberando o suco doce. Uva branca. Aggie engoliu em seco, forçando os ouvidos para os sons que iria dizer a ela o que estava acontecendo além de sua percepção.

A porta se fechou novamente.

"Quem era?" Aggie sussurrou.

"Sed e Jessica. Parece que eles estão juntos novamente."

"Eles estão aqui com a gente?"

Ele riu.

"Não, querida. Eles foram embora."

O colchão ao lado dela afundou.

Ela se inclinou em direção a ele, desapontada quando não encontrou nada, mas o espaço vazio ao seu lado.

"Você não vai me tirar do gancho?"

Ele passou um braço em volta de sua cintura e levantou-a de joelhos. Suas mãos se soltaram da corrente acima de sua cabeça.

Ela riu.

"Não quis dizer literalmente. Você terminou de me torturar com prazer, então?"



Ele massageou suas mãos, voltando a circulação para os dedos. Ele beijou cada dedo, sugando suavemente, antes de massagear cada junta com uma pressão suave. Ela não tinha percebido que suas mãos estavam dormentes. Cada sentido estava sintonizado ao prazer. Desconforto não registrava.

"Você quer que eu termine?" Ele perguntou.

Aquela era uma pergunta difícil de responder. Ele tocou seu corpo como um instrumento dominado. Dentro de alguns minutos, ela sabia que estaria implorando para fodê-la novamente.

"Eu não tenho certeza. Quanto tempo você vai me fazer esperar antes de me dar o que eu preciso?"

"Eu não sei. Eu nunca tive uma mulher chegando até aqui antes."

Então, se estendesse por mais algum tempo, aquilo iria torná-la especial para ele. Era o que ele estava insinuando? Seus lábios roçaram um ponto sensível abaixo da orelha. Ela virou o rosto na direção dele e inalou seu perfume. Um toque de pós barba suave. Um monte de homem quente.

"Eu tenho certeza que posso continuar por horas." ele sussurrou. Sua voz profunda brincou com as terminações nervosas da pele ao longo de sua coluna vertebral. Ela queria mais dele, seu cheiro, seu gosto, sua voz. As ferramentas que ele usou para excitá-la foram excepcionais, mas o homem encarregado tinha muito mais apelo.

"Horas?"

"Se você quiser." Ele chupou o lóbulo da orelha em sua boca, ainda esfregando suas mãos. Seus dedos estavam formigando agora.

Ele empurrou-a de volta na cama.

"Coloque seus braços sobre sua cabeça", ele murmurou, deslizando as mãos por seus braços enquanto ela obedeceu. Amarrou suas restrições sobre sua cabeça e, em seguida, agarrou seus quadris para puxá-la para baixo na cama e deixando a corrente apertada. "Levante os quadris para mim."



Ela estava acostumada a dar ordens aos homens, não tomá-las. Por que estava tão disposta a se submeter a esse homem? Porque sabia que ele iria fazer valer o seu tempo, por isso.

Quando ela levantou os quadris, ele deslizou um par de travesseiros sob a parte inferior de suas costas, inclinando a pélvis para cima e levantando sua bunda da cama. Com uma mão em cada coxa, ele abriu suas pernas.

"Se você ficar assim, não prenderei suas pernas."

Ela riu.

"Eu já sei que não serei capaz de ficar assim uma vez que você comece."

Áspera barba por fazer raspou sua coxa. Um tecido suave acalmou a ligeira picada, e, em seguida, uma língua fria traçou o mesmo caminho. Ele repetiu a ação na outra coxa — áspero, liso, frio. Ele lembrou como dores que sentia como dirigiu a sua atenção para o vazio entre as coxas. Algo quente escorria sobre um osso do quadril e depois o outro. Ela chupou uma respiração afiada através de seus dentes. Parafina. Ela podia sentir o cheiro. O calor líquido queimou um caminho acima de sua vagina, como se ele estivesse enquadrando sua boceta latejante com um triângulo de cera. Uma única gota de cera quente espirrou em seu púbis. O dedo de Jace traçou um caminho ao redor da gota, chamando sua atenção para a substância esfriando até endurecer, e ela não podia sentir por mais tempo. A segunda gota caiu perto do primeiro, mais esfregadas.

"Jace."

Outro toque de cera quente. Desta vez, ele traçou com gelo. Ela girou, desesperadamente lutando contra o desejo para prender as pernas juntas e esfregar o clitóris entre seus lábios inchados até gozar.

"Fique quieta."

"Eu estou tentando." Ela suspirou. "Isso me faz te querer."

Sentiu-o afastar-se e ouviu a vela sendo colocada em cima da mesa. Gelo fez barulho, em seguida, ele moveu-se entre suas pernas, abrindo-as bem e mantendo-as abertas com os



ombros. Seus dedos abriram seus lábios, e a primeira gota de água gelada atingiu seu clitóris. Ela pulou.

"Shh. Fique quieta." Suas palavras saíram truncadas ao redor do gelo na boca. Seu objetivo era notável. Cada gota atingiu o clitóris superestimulado, mas procurou um caminho diferente sobre os lábios, abertura, e bunda. Gota. Gota. Gota. Sua doce tortura era demais para suportar. Ela tirou as pernas de seus ombros e apertou as coxas em sua cabeça. Apertando os pés em suas costas, ela puxou o rosto para sua boceta.

"Ah Deus, lamba, Jace. Chupe."

Ele trabalhou um cubo de gelo dentro dela com a língua. Ela estremeceu.

"Foda- me, por favor. Por favor. Por favor. Por favor. Foda- me."

Ele puxou-lhe as pernas para soltar sua cabeça.

"Eu acho que você não está pronta para a sequência inteira ainda." disse ele." Talvez da próxima vez."

Havia mais?

Ela ouviu algo amassar. A embalagem de camisinha? Graças a Deus ele não ia deixá-la assim. Ele a soltou da corrente acima de sua cabeça. Ela estendeu a mão para seus olhos vendados, mas ele virou-a de barriga para baixo, empurrou seu rosto no colchão, e entrou nela com um impulso profundo. Ela gritou, um orgasmo tremendo seu núcleo. Ela balançou para trás para satisfazer seus impulsos profundos, seus sucos e gelo escorrendo por suas coxas. Ela nunca precisou tanto ser fodida na sua vida. E ele estava dando a ela exatamente o que precisava. Seus pulsos ainda estavam unidos pelas restrições, de modo que ela moveu ambas as mãos entre as coxas, esfregando seu clitóris, enquanto ele metia nela. Ela gozou novamente com um grito assustado, tremendo incontrolavelmente. Frios, dedos escorregadios massagearam seu ânus, deslizando para dentro. Novamente. Lubrificando sua bunda. Oh, sim. Ela queria que ele lá também. Jace se retirou dela, e antes que ela pudesse protestar, ele abriu suas nádegas e mergulhou seu pau enorme na bunda dela.

Ela engasgou.

Ele hesitou.



"Você está bem?"

Ela esperava que seus gemidos indiscerníveis soassem como acordo. Ele se afastou lentamente. Pouco antes de sair dela, ela se lançou contra ele, tomando-o profundamente novamente.

"Oh Deus, Jace. Foda minha bunda. Sim. Foda cada centímetro de mim."

Ela deslizou três dedos em sua vagina, suas restrições limitando seus movimentos.

"Meu pau não é o suficiente para você?" ele perguntou, puxando seus cabelos enquanto empurrava em sua bunda implacavelmente.

"Mais. Por favor, mais."

Ele puxou para fora.

"Não." ela gritou desesperadamente.

Ele tirou os dedos de sua boceta e substituiu-o com algo grosso, longo e frio. Uma espécie de falo, com um segundo anexo que tocava seu clitóris. O dispositivo vibrou à vida contra seu clitóris, e se contorcendo dentro de seu corpo.

"Oh," ela ronronou.

Ele enterrou seu pau na bunda dela novamente.

"Isso é suficiente para você?"

Ela não podia responder. Estava gozando muito duro. E gritando. Não conseguia parar de gritar. Não tinha certeza de quanto tempo Jace manteve assim, resistindo contra ele, tomando tudo o que tinha para dar e desejando mais. Ela caiu eventualmente, tremendo com uma mistura de satisfação e cansaço.

"Você acabou?" Ele perguntou.

"Sim." ela sussurrou sem fôlego. "Sim. Sim... Muito obrigada."

Ele e tirou o vibrador de seu corpo. Ela rolou para o lado para vê-lo retirar o preservativo. Ele ainda estava duro. Não a tinha seguido no caminho para a felicidade desta vez. Ela percebeu que era porque, enquanto ele lhe tinha dado o que ela precisava, ela não tinha feito o mesmo por ele. Ele precisava de dor para gozar.

"Venha aqui." ela murmurou, sonolenta.



Ele apontou em direção à saída.

"Eu só vou — "

"Venha aqui," ela exigiu.

Quando estava ao seu alcance, ela puxou-o para a cama. Colocando-o de costas, ela tomou seu pênis em sua boca, sugando-o profundamente em sua garganta. Conforme dava prazer a seu eixo com a boca, apertou suas bolas ritmicamente com a mão. A dor logo lhe tinha ofegante de excitação.

"Aggie." ele sussurrou, seus dedos enredando em seu cabelo. "Aggie, você vai me fazer gozar."

Bem, *sim*, essa era a ideia.

Ela balançou a cabeça mais rápido, chupou com mais força, apertou ritmicamente. Seus inesperados, gritos excitados começaram a despertaram novamente. Dois minutos atrás, ela teria dito que teve orgasmos suficientes na última meia hora para durar a vida. Já estava reavaliando essa análise. Jace gritou e puxou sua cabeça para longe quando estalou com a liberação. Seu sêmen salpicou sobre sua barriga lisa.

Ela olhou em confusão.

"Por que você não me deixou ter isso?"

Ele respirou fundo e levantou a cabeça para olhar para ela.

"Você queria?"

"Pedi-lhe para me foder na bunda, Jace. Isso exige uma boa quantidade de intimidade."

"Você estava tão excitada que eu poderia ter feito tudo o que eu queria com você."

Ela sorriu e depois riu, lembrando-se que como tinha estado apenas alguns minutos antes.

"É verdade."

Sentou-se ao lado dele, a cabeça apoiada em seu ombro, seus dedos brincando com os fluidos em sua barriga. Sua respiração desacelerou e se tornou nivelada.

"Jace." ela sussurrou.

"Hmm." ele murmurou sonolento.



"Eu acho que você deve saber que eu não tomo muitos amantes."

"Sério? Por que isso?"

"Como regra geral, eu não gosto de homens."

"Você é lésbica?"

Ela riu.

"Não foi isso que eu quis dizer. Estou em torno de homens o tempo todo e vejo como eles são — não faz muito para minha libido. Você, por outro lado, me põe em plena aceleração."

"Eu fico... Feliz." Ele roncou baixinho enquanto sucumbiu à exaustão.

Aggie deu um tapa em sua barriga, e ele grunhiu acordado.

"Eu estou tendo um momento aqui." disse ela.

"Sinto muito. O que você quer que eu diga?"

"Eu não sei. O que você está pensando?"

"Eu gosto disto, o que há entre nós."

Ela sorriu.

"Eu gosto também."

"Posso dormir agora?"

"Por pouco tempo. Eu quero ver se eu posso tomar mais do seu prazer-tortura na próxima vez."

"Você fez muito bem da primeira vez." Ele acariciou seus cabelos.

Gritos de excitação sexual de uma mulher vieram a partir da frente do ônibus pela porta do quarto. Aggie levantou a cabeça.

"O que foi isso?"

"Jessica, eu presumo."

Uma voz profunda respondeu os gritos agudos mais altos de êxtase.

"E Sed. Eu acho que eles realmente estão juntos novamente."

Aggie tinha esquecido completamente que eles invadiram mais cedo. Eles a tinham visto indefesa e necessitada. Agora que tinha recuperado a sua inteligência, isso a incomodava.



Já era ruim o suficiente que Jace a tinha visto assim, tão diferente de si mesma. Tão impotente, que realmente implorou.

"Eu provavelmente deveria ir. Tenho várias sessões hoje a noite." Ela se sentiria melhor depois que fizesse alguns submissos lamberem suas botas.

Jace levantou a cabeça para olhar para ela.

"Sessões?"

"Mmm-hmm." Ela arrastou um dedo para baixo em barriga entre os solavancos que compunham seu tanquinho. O corpo desse cara realmente era incrível, de muitas formas. E aquela mente inventiva sexual dele? *Oh, meu Deus*. "Se você passar por lá hoje à noite, eu vou tratá-lo com uma sessão livre. Por volta da meia-noite?"

Seu pênis se contorceu e começou a inchar.

"Estava falando sério quando disse que não fode clientes?" ele perguntou.

Por que ele perguntou isso a ela?

"Você é o primeiro. Eu não sei o que há sobre você que me faz quebrar minhas próprias regras."

Jace aliviou sob o corpo dela e ficou de pé.

"Eu preciso ir visitar Trey no hospital agora."

Da cabine externa do ônibus, os gritos de Jessica e Sed chegaram a um fim abrupto. Jace limpou o sêmen de sua barriga com uma camisa suja e deslizou em seus jeans. Ele abriu a porta.

"É seguro para sair agora?" Ele gritou pelo corredor.

Por que Aggie tem a sensação de que ele estava tentando fugir? Típico homem depois de conseguir o que queria no quarto e, em seguida, perder o interesse. Ela iria chicoteá-lo bem por isso.



Capítulo Nove

Jace não conseguia respirar. Com a cabeça enfiada firmemente entre peitos enormes de alguma fã, nenhuma lutar garantiu sua libertação. Se fosse Aggie tentando sufocá-lo com seus seios suculentos, ele não teria se importado tanto. Não tinha percebido que visitar Trey no hospital, podia ser fatal.

"Oh Jace, você é tãoooooo lindo," A jovem gritou com todos seus pulmões. Sed de alguma forma colocou uma mão entre a testa de Jace e o decote da garota, e o soltou.

Jace engoliu ar avidamente.

"Obrigado."

"Não foi nada." Sed disse em seu rosnado barítono típico.

Desta vez Jace andou perto de Sed e Jessica enquanto eles abriam caminho através da multidão de fãs em questão de Trey e eventualmente chegaram ao quarto particular de Trey.

Eles o encontraram, Eric, e seu engenheiro de som, Dave, sentados na cama do hospital assistindo algum vídeo pornô no laptop da banda. Quando os caras notaram que Jessica tinha entrado no quarto, Trey fechou o computador na mão de Eric. Dave pulou da cama e foi para fora da porta em segundos. Não demorou muito tempo para descobrir o que havia três homens



adultos em pânico. Os caras estavam assistindo *O vídeo*. Com certeza, seria perturbador para a maioria das garotas se verem sendo fodidas na Internet, quando não tinham tido conhecimento de que alguém estava filmando, mas o que ela esperava? Ela e Sed tinham tido sexo em público. Isso meio que fazia um jogo justo como pornografia gratuita na Internet. Eric parecia ser o único a entender a angústia dela. Quando ela saiu do quarto com lágrimas, foi Eric quem sugeriu que Sed fosse atrás dela.

Quando Sed correu para fora em busca dela, Jace disse,

"Eu acho que ela estava chateada."

"Você acha?" Eric disse. Ele balançou a cabeça. "Nós não devíamos ter assistido."

"Sim, nós devemos." disse Trey. "Isso foi uma das coisas mais quentes que eu já vi na minha vida. Jesus Cristo, não é de admirar que Sed a queira tanto. Ela é uma deusa do sexo. Eu não me importaria em fodê-la todas as noites pelo resto da minha vida."

Eric balançou levemente a cabeça.

"Mas nós assistir, vai machucá-la."

Trey riu da óbvia chateação de Eric.

"Cara, você é tão idiota quando se trata de mulheres. É por isso que elas passam por cima de você, sabe."

Jace olhou para Eric. Ele nunca tinha visto Eric com uma mulher tempo suficiente para testemunhar elas passando por cima dele. Eric tendia a evitar qualquer coisa remotamente parecida com um relacionamento romântico. Inferno, ele raramente se envolvia em relações sexuais. Normalmente, assistia e participava apenas se tivesse certeza de que a mulher não estava realmente interessada nele para nada além de sobras. A única exceção foi Myrna. Myrna só queria Brian, não importa quão apaixonado Eric tinha se tornado. Era esse o motivo de sua atração por ela? Sabendo que ela nunca realmente se interessaria por ele, então era seguro definhar por ela?

Eric fez uma careta para Jace.

"Que porra você está olhando, homenzinho?"



Jace baixou o olhar para o chão, escondendo o desafio que sabia que estaria em seus olhos.

"Nada."

"Isso é o que eu pensava."

Jace desviou o olhar para Trey.

"Como está se sentindo? Eles vão deixar você sair daqui em breve?"

Trey levantou a mão e tentou fechar um punho. Sua mão nem sequer fechou metade.

"É assim que estou me sentindo, Jace. Fodido e chateado. Tanto faz. Eu vou sair daqui amanhã. Não dou a mínima para o que o meu médico diz."

Jace balançou a cabeça. Ele não queria Trey aqui mais do que ele queria ficar.

"Não seja um idiota." disse Eric. "Você vai ficar no hospital até você esteja melhor."

"Esse lugar mata pessoas." Jace mordeu o lábio. Ele não quis dizer isso, mas não podia deixar de se perder em seu passado, quando confrontado com tais lembranças flagrantes.

"Este lugar salvou a vida de Trey." disse Eric, as sobrancelhas pretas finas se reunindo sobre seus penetrantes olhos azuis. "Eu sou o único que teve de assistir ele ter uma convulsão. Quase tive um ataque cardíaco quando Trey parou de respirar e mijou si mesmo."

"Eu gostaria que você mantivesse essa parte do 'mijou a si mesmo' em segredo." Trey murmurou.

Eric colocou a mão na testa de Trey e afastou a franja de sua testa.

"Isso não é nada para se envergonhar, irmão. Eu pensei que você estivesse morto. Foi a menor das minhas preocupações."

"Eu teria morrido se você não tivesse chamado a ambulância."

"Você estava voltando a si no momento em que eles chegaram lá. Eu executei massagem cardíaca em você por uns 20 minutos, cara".

Os olhos de Jace se arregalaram. Ele não tinha percebido o que Eric tinha feito por Trey. Jace se perguntou se ele teria ido tão longe para salvar Trey, ou se apenas se enrolaria em posição fetal e se esconderia, como tinha feito quando sua mãe tinha morrido.

Trey sorriu torto.



"Então é por isso que eu tenho gosto de tequila desde que acordei. Foi realmente necessário me dar a língua?"

Eric riu.

"Ei, eu sei que você gosta desse tipo de coisa. Eu pensei que poderia revivê-lo."

"Você deu-lhe língua?" O nariz de Jace enrolou. Ele sabia que Trey era bissexual, e Jace estava bem com isso, contanto que não fosse confrontado por isso. Cada um com suas manias, apenas as mantenha atrás de portas fechadas.

Eric revirou os olhos para o teto e balançou a cabeça.

"Não, eu realmente não dei língua. Puxa, cara, você tem algum senso de humor?"

Jace tinha dificuldade em descobrir quando Eric estava falando sério e quando ele estava brincando. Ele provavelmente faria melhor se ele errou no lado da brincadeira. O cara era raramente sério.

"Eu sabia que você estava brincando." disse Jace.

"Tanto faz."

"Estou entediado. Vamos assistir o vídeo de Sed e Jessica de novo." disse Trey.

Dave espiou pela porta.

"Eric, você está pronto para ir?" Ele sussurrou em voz alta.

"Sed e Jess foram embora," Eric disse, acenando a Dave voltar para o quarto. "Está seguro."

Dave entrou no quarto, olhando em volta com cautela.

"Sed ficou chateado por nós termos assistido?"

"Sed?" Trey perguntou. "Não, eu tenho certeza que ele está orgulhoso. Jess, por outro lado..."

"Ela saiu correndo chorando." disse Jace. "Sed foi atrás dela."

"Se ela estava chateada, então Sed vai ficar chateado também." Dave disse.

Os quatro trocaram olhares e acenaram com a cabeça em uníssono.

"Tudo bem," Trey disse. "Nós não vamos vê-lo novamente." Ele suspirou alto.



"Uma pena, realmente," Eric murmurou. "Excelente material para punheta. Eu só não quero perturbar Jessica. Ela é uma boa mulher."

Jace nunca tinha dado muita atenção a Jessica. Ela era linda. Nenhum engano sobre isso, mas ele não a conhecia bem o suficiente para julgar seu caráter. Devia haver algo muito grande sobre ela se poderia manter Sed interessado por dois anos, mesmo quando ausente.

"Onde você esteve durante todo o dia, Jace?" Dave perguntou. "Queríamos pegar sua moto emprestada antes, mas não conseguimos encontrá-lo."

Jace corou, os pensamentos voltando para Aggie.

"Desculpe, eu estava..."

Trey riu.

"Ele estava fodendo. Olhe para ele ficando vermelho."

As bochechas já quentes de Jace queimaram ainda mais.

Dave o cutucou com o cotovelo.

"Ela era gostosa?"

"Perfeita."

"Quanto você pagou?" Eric repreendeu.

Jace tinha certeza de que seu rosto estava prestes a explodir em chamas.

Uh... Mil dólares."

"Você pagou por isso?" Trey perguntou. "Cara, eu posso colocá-lo com qualquer garota que quiser. Nunca pague por boceta."

As defesas de Jace levantaram.

"Não é o sexo. Eu não paguei por essa parte."

"Então o quê?" Perguntou Dave, parecendo intrigado.

Jace balançou sua cabeça. Ele não estava disposto a compartilhar essa parte de si mesmo com os caras. Eles pensariam que ele era uma aberração. Eric agarrou-o pelo pescoço e puxou a parte de trás de sua camisa para cima. Dave engasgou enquanto tomava nota que devia ter sido uma matriz de hematomas, equimoses e arranhões.

Eric cutucou uma ferida com um dedo.



"Assim como eu pensava. Cara, se você quer que alguém bata em você, é só pedir. Eu adoraria bater em você."

Trey riu.

"Cuidado. Vai dar uma ereção a ele, Eric."

O duro punho de Jace no abdômen de Eric ganhou sua libertação.

"Ai, porra, você bate duro." Eric agarrou seu lado, fazendo uma careta de dor.

Jace sentiu remorso imediato por machucá-lo.

"Sinto muito."

"Então, você paga um cara para bater em você?" Dave perguntou, com perplexidade escrita em cada linha confusa de seu rosto.

Trey soltou uma gargalhada.

"Uh, não, Dave. Andando com a gente, seria de imaginar que você sairia da sua proteção baunilha de vez em quando. Ele gosta que mulheres batam nele."

Os olhos de Jace se arregalaram, e ele desviou o olhar para suas botas.

"Eu preciso ir embora."

"Não saia. Diga-nos o que ela fez com você," Trey insistiu. "Pode aliviar meu tédio por alguns minutos."

"Ela mijou em você" Dave perguntou. Ele deslocou-se para o outro pé e ajustou a braguilha de suas calças cáqui.

"Não, ela não mijou em mim."

"Mas você quer queria que ela mijasse em você, não é, Dave?" Disse Trey.

"Você está todo duro só de pensar nisso," Trey observou." Ela provavelmente vai mijar em você por um par de dólares. O que você diz, Jace? Dê-lhe uma chamada. Pergunte a ela se ela vai mijar em Dave. Eu vou avistá-lo a vinte anos."

"Não," disse Dave, rubor da gola da hortelã polo verde para a linha de seu cabelo castanho imaculadamente estilo, claro.



Jace fez uma careta. Ele não sabia se Aggie chateava com caras por dinheiro, e ele não quer saber. Falando sobre esta banalizado suas experiências com ela. Ele não gostou. Ela o tratou diferente do resto de seus clientes. Ela já havia dito isso a ele. Parte dele queria acreditar.

"Eu não acho que ela faz esse tipo de coisa."

"Puh-lease. Uma garota como ela vai fazer qualquer coisa por dinheiro", disse Eric.

"No. Ela não é assim." Por que ele sente a necessidade de defendê-la? Ela serviu homens por dinheiro. Mas foi em seus termos. Não foi? "Eu tenho que ir."

Jace deixou, mas ele jurou que não iria ver Aggie novamente hoje à noite, mesmo que ele tinha um compromisso com ela em cinco horas e 37 minutos. Ele não podia se permitir ficar mais ligado.

Capítulo Dez

Jace estava na varanda de Aggie, o dedo indicador em sua campainha, a outra na direção de sua têmpora, simulando um cano de pistola. O que ele estava fazendo aqui? Ele prometeu a si mesmo que ele não viria.

A porta se abriu para a irritada carranca de uma ruiva irritadiça.

"Aggie." A mãe de Aggie virou-se e gritou para dentro de casa. "Outra das suas aberrações está aqui!"

Essa mulher realmente sabia como fazer as bolas de Jace murchar para o tamanho de uvas passas. Aggie saiu de trás da porta. Ela não disse uma palavra, mas o olhar que ela lhe deu, como se ele fosse o mais vil pedaço de merda no planeta fez aquelas uvas passas voltarem ao tamanho normal em um instante. Ela abriu mais a porta e virou-se, indo em direção ao santuário, seus quadris cheios balançando lado a lado com cada etapa.

Ofegante, Jace seguiu.



"Feche a maldita porta, Maynard! Você está deixando o ar condicionado sair." A mãe de Aggie gritou. Como é que aquela mulher deu à luz a criatura sensual que era Aggie?

Jace fechou a porta e seguiu Aggie no santuário. Ela deslizou a porta fechada, assustando-o. Quando ele se virou para olhá-la, ela trancou. Seus olhos estavam tão frios como aço ártico. Ele não sabia se ela estava realmente aborrecida com ele, ou se era tudo um ato. Sua fonte não importa. Seu olhar fez seu pau inchar desconfortavelmente em seus jeans.

Com o olhar firme, Aggie o levou para um canto. Ela deslizou o chicote sob a bainha de sua camiseta e levantou alguns centímetros. Suas sobrancelhas se ergueram, e ela não tinha que dizer-lhe o que ela queria duas vezes. Ele tirou sua camiseta sobre a cabeça e jogou-a de lado. Ela o golpeou através da barriga, e todo o seu corpo estremeceu. A ponta de sua chibata desapareceu no cós da calça jeans. Ela deslizou mais abaixo, ao longo de todo o comprimento de seu pênis e, em seguida, puxou a ponta fora. Novamente ela levantou as sobrancelhas para ele, mas não disse nada.

Tremendo, ele soltou a braguilha e puxou seu pênis livre de suas calças. Ele ficou em atenção rígida entre eles. Ela não o golpeou por obedecê-la. Apenas continuou a fitá-lo e esperar. O que ela queria?

"Aggie?"

Ela empurrou a bola dentro de sua boca e coloquei a mordaça ao redor de sua cabeça. Ele disse-lhe ontem à noite que não gostava de ser amordaçado. Quando ele ergueu as mãos para liberar a fivela da mordaça, ela se virou e se afastou com seus felinos passos aperfeiçoados. Ele baixou as mãos, a mordaça ainda no local, e a viu se movimentar em direção à mesa onde ela guardava chicotes e chibatas, do menos ao mais vicioso em uma linha pura. Ela colocou o chicote para baixo, o terceiro na fila, depois de uma pequena palmatória e um maior de madeira, e selecionou sua quarta ferramenta de três chicotes em um cabo curto. Ela olhou por cima do ombro e deu um olhar aguçado para as roupas ainda em seu corpo.

Será que ela o queria nu? Será que ela lhe bateu se fizesse o que ela queria?

Ele tirou as botas e as calças, chutando-as de lado. Vestindo apenas meias, ele esperou. Ela sorriu para ele friamente e caminhou de volta em sua direção. Ela virou-lhe a para encarar a



parede. Ele sentiu o couro fresco dos três chicotes deslizarem sensualmente sobre suas costas nuas, nádegas, entre as pernas provocando suas bolas, seu traseiro, e de volta para os ombros. Ela atacou-o uma vez, duas vezes, entre as omoplatas. Doce, doce agonia. Seu pênis se contraiu em antecipação. Ela não lhe deu mais, embora. Algo frio passou em volta do seu pescoço e apertou quase a ponto de sufocá-lo. Uma coleira? Ela estava realmente determinada a tratá-lo como um fodido cachorro? Ela inclinou-se contra suas costas, os globos de seus seios pressionando em sua carne. Ela deslizou as caudas de seu chicote para cima e para baixo em sua barriga. Sempre que as pontas roçavam seu pênis, ele ficava tenso. Concentrando-se na sensação, ele relaxou. Ele nem percebeu as algemas ligadas a sua coleira até que ela tinha o pulso esquerdo imobilizado em uma.

Jace agarrou a coleira com a mão livre. Ele tinha tido o suficiente disso. Ela não tinha o direito de —

Seu chicote estalou contra sua bunda. Ele ficou imóvel, saboreando a dor. Ah, sim. Isso é o que ele precisava. Ela o golpeou novamente e novamente até que ele ficou mole contra a parede, com o rosto pressionado no estofamento. Foi quando ela colocou sua mão livre na outra algema ligada a sua coleira. Agora que tinha as duas mãos presas e inúteis, ela agarrou-o bruscamente pelo pescoço e virou-o de frente para ela.

"Você não me trata com descaso," ela rosnou.

A sobrancelha de Jace enrugou em confusão. Descaso? O que ela quis dizer com isso?

"Eu estou no controle."

Sim, tudo bem, ela estava no controle. Ela iria acertá-lo um pouco mais?

Ela prendeu uma corrente na coleira, e o puxou do canto da parede. Seu primeiro instinto foi o de lutar. Ele lutou para reprimir esse impulso conforme ela o puxou para o chão de joelhos. Ele atirou veneno por seus olhos para ela por tratá-lo desta forma.

Aggie estava sobre ele, olhando para baixo com a confusão em seus lindos olhos azuis.

"Você realmente não gosta disso, não é? Ser tratado como um cão?"

Ele balançou a cabeça.



"Huh. Eu pensei que você estava apenas dando uma de durão. É realmente apenas a dor que você quer."

Eu tentei dizer, ele queria gritar, mas não podia porque ela tinha amordaçado ele.

"Você quer que eu o solte?"

Ele acenou com a cabeça.

"É uma pena. Você precisa ser ensinado uma lição."

Por quê? Ele tentou dizer. Mas saiu como um som confuso no fundo de sua garganta.

"Você me fez me submeter a você e, em seguida, no momento em que terminar de gozar, você me descarta. Nem mesmo gozou na minha boca."

As lágrimas nos olhos totalmente o desconcertaram. Ele não a havia descartado. Ele não conseguia pensar em nada, além dela o dia todo. Nem mesmo quando ele deveria estar se preocupando com as lesões e recuperação de Trey. E ele tinha apenas assumido que ela não queria que ele gozasse em sua boca. A maioria das mulheres não gostava. Ele tirou como uma cortesia, e não como parte de um jogo de dominação estúpido. Por que ela estava torcendo tudo ao seu redor?

"Eu te odeio por me fazer sentir assim." disse ela.

Ela o empurrou para baixo em suas costas.

"Esta pessoa carente, estúpida, totalmente fraca não sou eu, Jace." Ela olhou para ele. "Você vai gozar na minha boca desta vez. Você entendeu?"

Ele estava estranhamente feliz por ela tê-lo amordaçado naquele momento, porque ele teria rido de suas demandas. Mulher tola. Ela não tinha que segurá-lo por isso. Ele assentiu obedientemente para fazê-la feliz. Ou a si mesmo, ele não tinha certeza de qual.

Aggie abaixou a cabeça e chupou seu pênis em sua boca. Seu corpo estremeceu em resposta. Uma de suas mãos massageava suas bolas. A outra torceu delicadamente a base de seu pênis enquanto ela chupava a cabeça de seu pau na parte de trás de sua garganta. Lembrou-se de seu ritmo e usou-o implacavelmente, conforme o engoliu e se retirou, engoliu e se retirou. Ele gemeu contra a mordaça, suas mãos apertando em punhos em seus apoios. Tanto prazer assim não poderia ser certo. Ele fechou os olhos e deixou as sensações consumi-lo. A puxada. O



calor. O atrito. Escorregadio. Úmido. Puxando para ele. Puxando. Seu orgasmo se aproximou em poucos minutos. Algo sobre ela dominá-lo e, em seguida, admitir que a fazia fraca empurrou-o para a beira do êxtase rapidamente. Seu corpo se apertou com a liberação inevitável, e ela rachou seu mangual duro contra seu ventre. Ele explodiu em sua boca com um grito sufocado, seus músculos rígidos quando ele largou tudo por alguns momentos de rendição extasiada. Ela permitiu que seus fluidos enchessem sua boca antes de engolir. Ele ficou ali, tremendo, na sequência, tentando recuperar o fôlego puxando ar pelo nariz. Ela levantou a cabeça e olhou para ele por alguns minutos.

"Eu tenho outra lição para você."

Se esta lição fosse parecida com a primeira, ele estava mais do que pronto para aprender.

Aggie foi para sua mesa e voltou com um saco de pano preto. Ela colocou-o sobre sua cabeça. O quarto foi matizado de preto, enquanto ele olhava através do material transparente. Podia ver muito bem, e conseguia respirar. Ele percebeu que ela não podia ver seu rosto assim. Era o seu propósito? Então, ela não teria que olhar para ele?

"Fique." disse ela, antes de deixá-lo deitado no chão frio, sua coleira ao lado dele. Ele inclinou a cabeça e a viu caminhar para o segundo quarto de seu santuário. Ela voltou um momento depois com um grande homem, musculoso em uma coleira. Ele estava encapuzado, mas de outra forma solto.

"Ajoelhe-se, Perdedor." ela rosnou para o homem.

"Sim, senhora V." Ele caiu de joelhos, inclinou-se sobre suas botas, e esfregou o rosto envolto em couro sobre seus pés e tornozelos com reverência febril.

Ele notou Jace deitado nu no chão com meias e olhou para sua dominatrix em questão.

"Não olhe diretamente para mim."

Ele desviou o olhar.

"Nós vamos mostrar a este escravo mal comportado, a maneira correta de respeitar sua Dona. Você acha que pode lidar com isso?"

"Sim, senhora V."



Ela passou a coleira através de um anel de metal no chão e puxou até que seu rosto estava pressionado contra o chão. De joelhos, com os ombros no chão, e seu rabo esticado para cima no ar, as bolas e o pau de Perdedor balançavam livremente debaixo dele.

"Segure." ela disse, e entregou-lhe a sua própria coleira. Manteve-se nessa posição enquanto Aggie foi recuperar a palmatória retangular da mesa. Ela voltou para Perdedor e pisou na parte de trás do seu pescoço com uma bota.

"Quantas você quer?"

"Cinco."

"Só cinco? O que você é? Um covarde? Diga."

"Eu sou um covarde."

"Quantas você quer?"

"Seis, seis. Por favor, senhora V."

Ela puxou o braço para trás e bateu em sua bunda com um estalo retumbante. Sua carne distorceu para a forma da palmatória, em seguida, se acomodou no lugar, um tom vermelho brilhante. Ele grunhiu de dor. Senhora V puxou seu braço de volta e bateu na bunda do cara no mesmo lugar. Desta vez, ele gritou com voz rouca. Jace olhou para Aggie, observando-a saborear seu poder enquanto batia na bunda de seu escravo pela terceira vez. Quatro. Perdedor, ou quem quer que fosse o homem encapuzado, gemeu em angústia, mas não pediu misericórdia. E seu pau tinha ficado mais duro com cada golpe. O de Jace também. Não de assistir a dor do outro homem. De ver a alegria absoluta no rosto de Aggie conforme ela dava a este homem exatamente o que ele queria. Perdedor não merecia sua atenção. E nem Jace.

Após o sexto golpe, Aggie tirou o pé da parte de trás da cabeça do perdedor e esfregou seu traseiro vermelho com uma mão.

"Quer mais?"

"Me dê o plug, senhora V. Por favor. Por favor."

"Eu não acho que você gritou alto o suficiente para ter o plug."

"Sinto muito, senhora V." Ele engasgou, literalmente em lágrimas. "Eu vou fazer melhor. Mais três, por favor."



Ela golpeou três vezes mais, e se não achava que ele gritou alto o suficiente desta vez, ela estava precisando de um aparelho auditivo.

"Bom garoto." ela sussurrou. "Solte-se."

Ele soltou a coleira e se arrastou para seus pés.

"Posso?" Ele sussurrou. "Posso?"

"Você pode."

Mais uma vez ele esfregou seu rosto contra suas botas como um gato carinhoso, cantando baixinho para seus pés enquanto ela estava lá e permitia.

"Você ainda quer o plug?" ela perguntou.

Ele começou a tremer incontrolavelmente e esfregou o rosto sobre suas botas.

"S-Sim, senhora V. O-obrigado."

Ela empurrou-o de lado e desapareceu na sala onde trouxe Perdedor mais cedo. Jace queria perguntar ao cara que tipo de plug, mas ainda estava amordaçado. Perdedor estava evitando olhar para ele de qualquer maneira. Não era como se Jace iria reconhecê-lo se o encontrasse na rua. Seu rosto estava completamente obscurecido pelo capuz. O de Jace pelo saco preto.

Aggie caminhou de volta para a sala, os saltos estalando no chão de cimento.

"Assuma a posição."

De joelhos novamente, Perdedor plantou seu rosto no chão, agarrou suas nádegas com as duas mãos e as abriu. Aggie pegou algo espesso, negro e brilhante e inseriu-o no ânus do rapaz. Jace estremeceu quando ela levantou um pé, apertou-o contra a ponta do plug, e empurrou-o profundamente na bunda do cara com um chute forte. Perdedor estremeceu e, em seguida, pegou o pau com as duas mãos, acariciando-se a sério. Aggie bateu em sua bunda com a palmatória novamente.

"Não. Sem tocar a si mesmo até implorar por misericórdia."

Ele soltou seu pau, respirando com dificuldade enquanto lutava para conter a emoção. Aggie o bateu implacavelmente agora. Não tão duro como antes, mas sem pausa. Bateu assim a vibração iria viajar através do plug anal que ele gostava. Gemendo, chorando, contorcendo-se



no chão, Perdedor encontrou algum glorioso lugar onde a dor se tornou prazer. Depois de alguns minutos, ele gaguejou,

"Misericórdia, Misericórdia Senhora V."

Embora ela estivesse obviamente exercitando suas ministrações, seu braço parou no meio de um golpe. Ela relaxou sua postura.

"Você pode continuar."

Perdedor pegou seu pau e começou a se masturbar animadamente.

"Se você gozar no meu chão, eu vou fazer você lamber." Alertou a ele.

Quando ele gaguejou com a liberação alguns segundos mais tarde, ela era uma mulher de sua palavra. Ela abriu a boca de seu capuz, e obrigou-o a lamber seu próprio esperma do chão, exceto que ela não estava realmente forçando-o. Ele estava fazendo de bom grado, ansioso para agradar sua Dona. Uma vez que ele tinha limpado o chão para sua satisfação, ela permitiu que ele beijasse suas botas. Jace não podia acreditar que lamber as botas de uma garota poderia excitar um homem tanto assim, mas Perdedor estava, sem dúvida, desfrutando de seu privilégio. Ele chupou-as com a boca aberta, a língua rolando sobre suas superfícies pretas brilhantes. Ele fez sons encantado no fundo de sua garganta o tempo todo.

"Vá se limpar agora." disse Aggie. "E leve o seu plug anal com você."

"Sim, senhora. Obrigado por sua misericórdia."

Perdedor se arrastou para o segundo quarto.

"Não saia de lá até que eu mandar."

"Sim, senhora."

Aggie se inclinou sobre Jace e puxou o pano de seu rosto.

"Você entende agora?" ela perguntou.

Jace tinha entendido desde o início, mas não era como a maioria dos masoquistas. Ele não precisava do pequeno show para aceitar o seu castigo. Ele sabia que merecia se ela achava que ele merecia ou não.

Ele rolou de costas, seu pau duro apontando para o teto.

Ela chupou uma respiração entre os dentes quando viu a evidência de sua excitação.



"Droga, Jace. Por que você está duro de novo? Você gostou de me ver fazer um homem chorar?"

Ele acenou com a cabeça vigorosamente. Ela ajoelhou-se sobre ele e colocou sua calcinha para o lado. Antes que ele pudesse compreender o que ela estava prestes a fazer, sua boceta quente afundou e seu pau latejante foi enterrado dentro dela.

"Por que eu o quero tanto? Diga-me o porquê. Eu não entendo isso. Não entendo."

Aggie o cavalgou até gozar, seu corpo ficando rígido. Ela beijou suas pálpebras e puxou o pano sobre seu rosto novamente. Ela recuperou o equilíbrio e o deixou lá, insatisfeito, preso, amordaçado, e confuso, com o pênis duro e suas bolas cheias e pesadas. Ela levou Perdedor para a porta, aceitando seu pagamento, e entrou outro homem no santuário. Se ela pensou que Jace ia apenas ficar ali no chão durante toda a noite e vê-la bater em outros homens, até que implorassem por sua misericórdia, ela estava enganada. Pelo menos é o que ele estava pensando antes de assistir o segundo cara implorar por misericórdia depois de duas chicotadas de Aggie em suas costas. Deus, o olhar em seu rosto quando eles se submetiam a ela era a coisa mais linda que ele já tinha visto. Ela estava totalmente no controle.

Uma deusa. Um demônio. Um anjo.

Seus submissos nunca viam esse olhar. Eles estavam muito ocupados olhando para o chão ou tinham os olhos bem fechados, mas Jace viu. Quando o segundo rapaz saiu, Aggie montou os quadris de Jace novamente e transou com ele até seu próximo cliente chegar.

"Como castigo por me deixar louca, eu vou mantê-lo por perto para me entreter entre as sessões pelo resto da noite." disse ela.

Isto era outra lição? Puta Merda — ela era a melhor professora que já teve.

Aggie se inclinou sobre ele e sussurrou em seu ouvido.

"Eu costumo ir para o quarto dos fundos me masturbar, se eu ficar muito excitada, mas isso é muito mais divertido."

Para ela, talvez. Seu pênis protestou quando ela se afastou novamente. Ok, ele tinha que admitir. Ele estava gostando isso por algum motivo torcido. Não por ver os caras sendo submissos ao seu doce demônio em couro, mas vê-la ter prazer com isso.



Pena que ele nunca seria capaz de lhe dar o prazer de sua submissão.

Capítulo Onze

Aggie quase caiu do palco quando reconheceu Jace sentado em uma mesa próxima, em um boné de beisebol e óculos escuros. Ele deveria ter pensado melhor antes de vir aqui. Os seguranças do clube tinham memórias longas e temperamento curto.

Ela pulou para fora do palco e caiu em seu colo.

"O que você está fazendo aqui?" Perguntou ela, fazendo sua rotina típica da dança no colo para evitar que os seguranças ficassem desconfiados.

"Estamos indo embora amanhã cedo." disse Jace. "Voltando para Los Angeles. Eu queria dizer adeus."

Ela virou-se, esfregando a bunda contra sua virilha.

"Vou vê-lo de novo?"

"Tenho certeza que vou aparecer de vez em quando. Você faz muito esse tipo de coisa?"

"Que tipo de coisa?"



"Essa dança no colo."

"É parte do meu trabalho, docinho."

"Sim, *bem*..."

"Você está com ciúmes?" Brincou ela, virando-se para encará-lo novamente. Ela não sabia como ele poderia estar com ciúmes depois de tudo o que ela fez, depois que ele sobreviveu observá-la punir os clientes por mais de duas horas e depois ainda conseguir fodê-la corretamente depois que eles todos foram para casa. Ela nunca tinha visto um homem gozar tão duro como ele na noite passada.

Ele abaixou a cabeça.

"Não..."

"Eu vou terminar em poucos minutos. Encontre-me no beco, e eu vou dar-lhe um bom adeus."

"Isso não é tão ruim, em se tratando de despedidas." Ele arriscou um olhar para ela, com um sorriso torto.

Ela se inclinou para frente para dar-lhe uma boa visão de seus seios e traçou a ponta de sua orelha com a ponta dos dedos.

"Se isso é o suficiente para você, então — "

"Eu vou encontrá-la no beco."

Sorriu para ele e voltou ao palco, estalando seu chicote em algum empresário pastoso com cara de quem estava babando em cima dele e vibrando uma nota de vinte dólares em sua direção. O rapaz estremeceu com uma mistura de medo e excitação, quando o chicote agitou seu cabelo, mas não tocou sua pele. Ela deve dar-lhe o seu cartão. Convidá-lo para seu santuário da dor. Convencê-lo a pensar que ele poderia ter 30 minutos e quebrá-lo em dois. Dinheiro fácil. Ela não ofereceu seus serviços para ele, no entanto. Ela não sabia por que hesitou.

Olhou para Jace quando aceitou dinheiro do empresário entre os seios, mas Jace já tinha saído. Quando sua apresentação terminou, ela correu para o camarim e colocou uma saia



por cima do traje. Não muita diferença com seu bustiê, e botas nas coxas, mas pelo menos sua bunda estava coberta.

"Mel, eu vou tirar uma pausa por cerca de 20 minutos." ela disse para uma das gêmeas loiras que tinham acabado de sair de palco. "Cubra para mim, ok?"

"Sem problema, Aggie."

Aggie saiu correndo pela porta dos fundos para encontrar Jace encostado em sua moto com os braços cruzados sobre o peito. Ela levantou a viseira quando parou diante dele.

"Estou feliz que você veio para dizer adeus." ela sussurrou.

"Você quer dar um passeio?"

Ela olhou de volta para o prédio, inquieta. Não deve tirar uma pausa maior que vinte minutos a esta hora da noite, mas não queria perder a chance de estar com Jace. E se nunca mais o visse?

"Eu não acho que posso ficar fora por muito tempo."

"Nós podemos apenas rodar por um tempo."

"Eu prefiro te beijar por um tempo." disse ela, inclinando a cabeça para o lado para que pudesse beijá-lo dentro de seu capacete.

"Beijar será envolvido."

"Sim?"

"Entre outras coisas."

Gostou do som disso. Ela o beijou novamente e afastou-se para que ele pudesse montar a moto. A Harley rugiu para a vida, e ele estendeu a mão para ajudá-la a subir por trás dele. Ela moldou-se à suas costas, amando o cheiro do seu corpo misturado com o cheiro de couro. Ele dirigiu para uma área isolada até fora da cidade, desligou a moto, e colocou-a no seu estribo lateral. Roy iria arrancar a pele dela viva por sumir assim. Ela já devia estar de volta ao trabalho agora.

Ela teria o prazer da companhia de Jace por mais um minuto. Só um minuto. Ela abriu seu casaco, suas mãos deslizando sobre a camiseta por baixo do couro desgastado. Ela não conseguia o suficiente de seu pequeno corpo duro. Ela era tão idiota sobre esse cara. Caramba.



Por que ele a fazia se sentir tão fora de controle? E por que ela gostava? Controle sempre tinha sido seu forte.

Ele tirou o capacete e prendeu na ponta do guidão.

Olhando para o céu, ele disse,

"Você pode ver as estrelas aqui longe das luzes da cidade."

Ela inclinou a cabeça para trás e olhou a beleza do céu salpicado.

"Eu nunca tenho tempo para olhar as estrelas. Geralmente estou trabalhando." Ela se aconchegou mais perto de Jace. Esperava que Roy não a demitisse. Ela poderia dizer que teve uma emergência. Saber que Jace estava indo embora de Vegas contava como uma emergência, não é? Seus braços se apertaram ao redor dele. Ela tinha que admitir que não queria que ele fosse.

"Venha aqui," Jace murmurou, deslizando um braço ao redor da cintura dela para convencê-la a se mover em torno de seu corpo.

Ela deslizou para que eles se enfrentassem, de costas para o guidão e as pernas abrangendo as dele. Na estrada principal, um carro passou, mas ninguém parecia saber que existia a pequena estrada de terra.

"Você disse que queria dirigir para o deserto para ter uma orgia na minha moto." Sua voz baixa enviou ondas de prazer através de seu corpo. "Se você ainda quis — "

Aggie o beijou, enfiando a língua em sua boca. Ele lembrou-se daquele comentário improvisado? Ele gemeu, suas mãos segurando suas coxas nuas debaixo de sua saia. Ela puxou a camiseta para cima e passou as mãos sobre a carne quente de sua barriga. Por que este homem a deixava tão louca? Nenhum outro homem jamais fez. Não assim. Seus dedos se moveram para a braguilha, liberando seu pau grosso de dentro de seus limites. Ela acariciou seu comprimento com as duas mãos até que ele estava totalmente ereto.

Ela puxou sua boca da dele.

"Camisinha," ela sussurrou.

"Não tem que se apressar." ele murmurou.

"Sim, nós temos. Eu quero você."



Ele tirou uma camisinha do bolso, e ela tomou dele. Depois de aplicá-la, ela deslizou sua calcinha de lado e moveu seus quadris mais perto dele no banco da bicicleta.

"Cuidado." disse ele, "O motor ainda está quente."

"Eu vou mostrar o que está quente." Ela levantou-se, dirigiu seu pênis em seu corpo, e afundou, levando-o profundamente. Sua cabeça caiu para trás na maravilha. Sua respiração se soltou em um suspiro trêmulo.

"Isso é quente," ele murmurou.

"É sempre quente para você." Ela encontrou bons pontos de apoio, sem ter ideia de que parte da moto estava usando para alavancar e não ligando muito. Subindo e descendo sobre ele, ela balançou os quadris com cada movimento descendente, apertando seu clitóris contra ele. Ele segurou-a para apoiar seus movimentos, seus antebraços correndo ao longo de seus lados e para trás, as palmas das mãos em seus ombros, dedos pressionando em sua pele. Seus lábios acariciavam sua garganta e peito.

Por que sua ternura a deixava louca de desejo?

"Jace."

Ele balançou com ela, persuadindo-a para aquele ritmo perfeito. Ele parecia conhecer seu corpo melhor do que ela. A barba por fazer áspera rapou ao longo de seu queixo sobre a carne sensível de seu mamilo quando ele levou seu sutiã para baixo. Suas costas arquearam, o peito oferecido voluntariamente para sua atenção. Ele chupou seu mamilo na boca, esfregando o botão sensível com a língua. O ritmo de sua boca combinava com o ritmo dos dois. Ela sentiu o aperto no peito através de seu ventre, sua vagina, o clitóris.

"Oh, Jace. Oh."

Ela prendeu a respiração enquanto seu corpo caía em espiral em direção ao orgasmo. Ela aumentou o ritmo, subindo e descendo sobre o pau grosso, mais rápido e mais rápido, dirigindo-o duro em seu corpo. Profundo. Tão profundo. Buscando liberação.

Querendo ele.

Precisando dele.

Agora, Jace. Faça-me gozar.



Mas ele não teria nada disso. Com os cotovelos presos em seus lados, ele diminuiu seus movimentos no seu ritmo perfeito.

Ele soltou um mamilo de sua boca.

"Não se apresse, bebê. Saboreie. Pode ser algum tempo antes de ver você novamente."

Então, ele planejou vê-la novamente? Ela normalmente odiava fazer planos para o futuro. As coisas nunca pareciam funcionar do jeito que ela pretendia, mas tão incomum como era, ela queria vê-lo novamente. Quanto mais cedo, melhor.

Jace usou seu queixo para baixar o outro lado de seu bustiê e puxou o mamilo negligenciado em sua boca. Mais uma vez, ele chupou com o mesmo ritmo de sua união.

"Oh, Jace. Por favor."

Ele se deslocou levemente para frente, mudando o ângulo de penetração.

Ela engasgou, sua cabeça caindo para trás na maravilha.

"É tão bom."

Ele murmurou em acordo em torno de seu mamilo. Ele provavelmente gostaria que ela o machucasse, mas ela não queria. Queria ser carinhosa com ele, do jeito que ele sempre foi com ela. Bem, até que ele ficasse muito excitado, e a fodesse rápido. Ela se perguntava se ele podia gozar sem dor.

O ritmo de Jace aumentou em seu peito. Ela nivelou com ele, esfregando para baixo enquanto ele girou seus quadris. Ele se afastou de seu peito, arfando de prazer.

"Aggie. Me machuque."

"Não desta vez, Jace."

Estava escuro demais para ver sua expressão. Ele ficou desapontado?

Ele beijou-a. Seus corpos se moviam juntos mais rápidos. Mais rápido. Ela suspirou em sua boca. Apertou contra ele. Buscando liberação. Buscando.

Ele separou suas bocas e descansou sua testa contra sua mandíbula.

"Você é tão boa, bebê."

"Você pode gozar se formos calmos assim?"

"Vai levar algum tempo," ele murmurou.



"Eu tenho todos os 10 minutos do mundo. Vou ser demitida por fazer uma pausa para foda no meio do meu turno."

Ele riu.

"Se você for demitida, eu vou te contratar como minha dominatrix pessoal. Irei à falência em questão de dias, mas — "

"Eu vou lhe dar um desconto de cliente frequente."

Ele riu, a sonoridade rica e profunda aquecendo seu interior. Por que esse riso significa tanto para ela? Não fazia sentido. Ela adorava. Mais do que qualquer uma das outras coisas que amava sobre esse homem, sua risada significava mais para ela.

Seus corpos continuaram a vir juntos, movendo-se em sincronia perfeita. Suas coxas tremiam de exaustão.

"Você está cansada?"

"Um pouco," ela admitiu.

Ele se moveu para trás no assento, puxando-a com ele.

"Deite-se um pouco."

Ela encostou-se no tanque, a tampa do tanque entre suas omoplatas, o guidão batendo em sua nuca. Não era posição mais confortável, mas ele assumiu o movimento, balançando para frente a possuir seu corpo. Ela arqueou as costas para ficar mais confortável. Ele engasgou entrecortado.

"Deus, bebê, eu vou sentir saudades de você." ele murmurou.

"Los Angeles não é tão longe. Venha visitar quando tiver noite livre."

"Posso?"

"Eu quero. Vou sentir saudades de você também."

Ele deslizou os braços sob suas costas e ergueu para que pudesse beijá-la apaixonadamente. Ele prendeu a respiração. Seus corpos se moveram juntos, mais rápidos. Seu prazer aumentou. Suas respirações se misturavam em engates excitados. Ele gemeu, esfregando a boca aberta sobre sua garganta. Ela gritou. Eles ficaram tensos, um contra o outro quando



voaram para o nirvana juntos. As estrelas nos olhos de Aggie não tinham nada a ver com as do céu.

Capítulo Doze

Jace abriu a porta do apartamento e jogou a mochila no chão. Ele colocou seu baixo suavemente ao lado dele.

"Oi, querida, estou em casa." Sua voz ecoou pelo apartamento de um quarto escassamente mobiliado. Ele pendurou as chaves em seu gancho e fechou a porta.

"Brroowww rrrown rrown rrrown rown." Brownie, um gato de smoking preto com patas brancas e um grande, triângulo branco invertido sob o queixo, correu em sua direção e envolveu seu corpo elegante em torno de sua bota. Ela rodou e rodou tornozelo, ainda miando-ronronando em sua forma incomum.

Ele a ergueu e a aconchegou contra seu peito, as patas dianteiras descansando em seu ombro. Sua cauda macia batendo contra seu braço repetidamente.

"Você sentiu minha falta?"



Ela esfregou seu rosto contra o queixo e bateu em seu pequeno brinco de argola com uma pata.

"Eu também senti sua falta. Tony esteve te alimentando corretamente?"

"Brrroowww rrrowwwn." Ele a levou para a cozinha, e ela mudou de seu miado incomum para ronronar a sério.

Jace abriu um armário e viu que o estoque de comida de gato tinha diminuído significativamente na sua ausência, por isso Tony tinha ido alimentá-la regularmente. E pela falta de mau cheiro no lugar, ele também limpou sua caixa de areia como deveria. Um bom garoto de confiança. Jace lhe daria um grande bônus por cuidar de sua menina em sua ausência prolongada.

Jace colocou Brownie no balcão da cozinha e tirou várias latas de comida, lendo o conteúdo a ela enquanto pôs uma de cada vez em uma fileira na frente dela.

"Então o que vai ser?"

Ela colocou uma pata definitiva sobre a tampa de uma lata.

"Salmão?"

"Brrrooowww rrrowwwn."

"Tudo bem. Bafo de peixes será. Mas se você acha que eu vou deixar você lamber meu queixo mais tarde, nem tente."

Enquanto ele abriu a lata, ela pulou do balcão e voltou a se esfregar fazendo voltas e voltas em seu tornozelo novamente. Ele colocou o pires de comida no chão, deu-lhe um bom carinho atrás da orelha, e foi desfazer as malas.

A maioria das roupas em sua bolsa estava suja. Ele as colocou em pilhas para levar para a lavanderia no porão depois. Lavar roupa não era a sua tarefa favorita, mas ao contrário do resto de seus companheiros de banda, ele não era um porco. Apenas fingia ser bagunceiro, a fim de se encaixar melhor. Ele também fingia que não sabia cozinhar e limpar. Nenhum deles sabia que ele tinha uma gata, ou que ele falava com ela como se fosse uma pessoa. Ele era muito cuidadoso para disfarçar-se em torno dos caras. Para ser quem esperavam que ele fosse, não quem ele realmente era.



Ele tirou o bem mais precioso dos recessos profundos de sua bolsa e colocou sobre os dois pedestais no centro da prateleira de sua estante. Ele correu um dedo sobre a baqueta com um leve sorriso nos lábios. Este pedaço de madeira fina havia mudado toda a sua vida, e o homem que tinha dado a ele, completamente por acaso, nove anos antes, não tinha ideia do impacto que teve sobre uma criança abusada e negligenciada indo por um caminho de auto destruição. Jace não tinha dúvidas de que Eric Sticks tinha salvado sua vida. De uma maneira diferente da que ele salvou a vida de Trey, mas não menos importante no resultado. Jace ligou o aparelho de som e afundou-se no sofá que estava coberto com um lençol para esconder os rasgos e manchas no estofamento. Ele não estava certo de porque não comprava mobília nova. Não era como se ele não pudesse pagar, mas isso era o suficiente para ele. Ele não precisa de muito-não queria muito. Uma imagem do lindo rosto de Aggie, os lábios vermelhos enrolados em um sorriso sexy, entraram em seus pensamentos.

Brownie se juntou a ele no sofá e subiu em colo enquanto ela lambia as patas e os esfregava no rosto.

"Eu conheci uma garota."

Brownie fez uma pausa e olhou para ele com olhos de âmbar.

Ele riu.

"O que é esse olhar?" Às vezes ele pensava que ela entendia o que ele estava dizendo.

"Não se preocupe. Eu não vou ficar muito apegado a ela." Embora ele estivesse considerando ligar para Aggie agora. Ela provavelmente estaria dormindo. Ele não deveria incomodá-la. Talvez ele devesse mandar uma mensagem de texto para ela. Ela enviou uma foto de seu mamilo esquerdo mais cedo naquele dia e digitou que desejava que sua língua estivesse sobre ele naquele momento. Ah, sim. Ela tinha toda a sua atenção, mesmo sem as pequenas mensagens de texto sensuais. "Eu acho que vou para a academia." disse à gata. "Dar uma boa malhada. Fazer alguns rounds de boxe."

"Browww wwowwn." A gata olhou para ele melancolicamente.

"Tudo bem, eu vou malhar aqui, ao invés." Ele tirou a camisa em seu caminho para seu minúsculo quarto. Ele instalou uma barra na entrada e usava para fazer exercícios.



Depois que ele completou uma dúzia de repetições, Brownie deitou-se no chão e bateu nos dedos de Jace cada vez que eles vieram ao seu alcance. Jace deslizou seus pés entre a barra e a soleira superior e passou a fazer invertido. Brownie rebolou seu bumbum, saltou no ar, e atacou sua cabeça repetidamente. Depois de muitas unhadas em seu couro cabeludo, ele a pegou no ar e ergueu o olhar nos olhos dela de cabeça para baixo. "Quer parar com isso?"

Ela bateu em seu nariz com uma pata, com cuidado para manter suas garras escondidas.

"Você está entediada, não é? Eu preciso lhe arranjar um amigo. Estive muito na estrada recentemente."

"Browww wwowwn."

Ela pegou o brinco com uma garra e puxou-o para a frente para que ela pudesse esfregar a boca sobre sua mandíbula.

"Ugh. Bafo de peixes."

Ele a colocou no chão, agarrou a barra, e soltou seus pés antes de abaixar-se para o chão.

"Vamos tocar." Ele sabia o que Brownie queria. Sua gata amava o som de seu baixo. Para seu público de felino, Jace tocou toda a lista de músicas dos Sinners, e não da maneira como o baixista original, Jon Mallory, havia escrito, mas a forma como Jace sentia que deveria ser tocada. Ele nunca deixou os caras da banda saber que ele tinha reescrito cada linha. Eles não apreciariam esse tipo de criatividade. Enquanto ele tocava, Brownie assistiu, sacudindo a cauda seriamente com a batida. Eventualmente, o vizinho do apartamento de baixo começou a bater no teto. Jace desligou o amplificador e colocou a guitarra de volta em sua caixa. O celular dele tocou. Outra mensagem de Aggie. Outra imagem. De sua boceta. Eu estou imaginando seu pau dentro disto, ela digitou. Droga. A mulher estava tentando matá-lo?



Capítulo Treze

Jace passou a caixa preta guardando seu baixo para sua mão esquerda e tocou a campainha. Depois de um momento, Sed abriu a porta da frente e acenou para Jace entrar.

"Eric ainda não está aqui. Ele está a caminho."

"Obrigado por me convidar," disse Jace. Ele esteve escondido em seu apartamento por quase três semanas esperando por Trey melhorar para que eles pudessem voltar a turnê. Quando Sed o convidou para ajudar a trabalhar no novo álbum, Jace tinha quase se mijado com emoção.

"Por que você está me agradecendo?" Disse Sed. "Eu estou colocando o seu rabo para trabalhar."

O que estava ótimo para Jace. Esta era apenas a segunda vez que Jace tinha estado dentro do condomínio de Sed. A primeira tinha sido a festa de inauguração do lugar, provavelmente a mais selvagem na história do homem. Jace não lembrava muito da noite. Ele



desmaiou no pátio da cobertura em nada além de calcinhas de cetim azul, e Eric tinha desenhado flores por todas suas costas com um marcador permanente. Jace não lembrava onde ele tinha conseguido aquela calcinha.

A casa de Sed era enorme e extravagante. Talvez fosse hora de Jace para comprar um lugar próprio. Seu pequeno apartamento não era muito uado, mas Brownie provavelmente gostaria de ter uma varanda para tomar sol. Pareceu um desperdício gastar todo aquele dinheiro em algo tão raramente usado. Normalmente, Jace estava na estrada com muito mais frequência do que estava em casa, mas desde que Trey estava fora da comissão até a mobilidade em seus dedos melhorarem, eles tiveram que cancelar um monte de datas da turnê.

Jace seguiu Sed através da enorme sala aberta com seu teto de seis metros e decoração em vermelho, branco e preto. O segundo andar do apartamento tinha um quarto principal e um sótão aberto equipado com tudo a partir de um bar até uma mesa de bilhar. No primeiro andar, havia dois quartos adicionais. Um servia como um quarto de hóspedes, mas o outro tinha sido convertido em um estúdio de gravação. Eles entraram no estúdio, e Jace colocou seu baixo atrás do sofá de couro preto. Ele tirou a jaqueta, jogou-a numa cadeira e foi inspecionar os amplificadores e outros equipamentos.

"Quer uma cerveja?" Sed perguntou.

"Yeah."

Sed abriu um frigobar no canto, tirou um par de latas, e jogou uma para Jace. Enquanto Jace tomou um gole de cerveja, ele brincava com uma placa de som. Ele não podia adivinhar o que todos os botões e controles deslizantes e interruptores faziam.

"Você realmente sabe como usar essa coisa?" Ele perguntou a Sed.

"Não tenho a mínima ideia." Ele riu. "Acho que Eric sabe. Eu não sei."

A campainha tocou.

"É provavelmente Eric agora." Sed saiu para atender a porta.

De repente, nervoso, Jace sentou-se na beira do sofá. Eric ia falar merda por Jace estar lá. Por se intrometer em seu processo criativo e por tentar tomar o lugar de melhor amigo, Jon. Eric e Jon tinham composto os últimos três álbuns do Sinners juntos. Como uma banda, eles



estavam mergulhando em um novo território, e Eric iria com certeza se ressentir por Jace não saber o que diabos estava fazendo. Jace queria aprender, queria ajudar e compartilhar suas ideias, mas temia que pudesse arranjar alguma forma de fazer o Sinners ruim.

Eric entrou no estúdio, analisou a configuração de equipamentos de Sed, e, em seguida, sentou-se na cadeira em frente a Jace.

"Ei, homenzinho. Esteve ocupado?"

Jace esfregou o lóbulo da orelha, brincando com o brinco lá.

"Não. Estou pronto para voltar para a estrada." Ou fazer uma corrida para Vegas para ver Aggie. Até agora, ele tinha sido capaz de resistir seu canto de sereia, e intensificar a sua miséria, mas ele sabia que não iria aguentar muito mais tempo.

"Sim, sem brincadeira. Espero que Trey fique melhor em breve."

"Ele não vai ficar melhor até começar a tentar. Ficar na beira piscina dos seus pais durante o dia todo não está ajudando." Sed fez uma careta. "Eu acho que vou ter que ir endireitá-lo."

Jace esperava que Sed não fosse muito duro com Trey. Ele sabia que Sed queria o bem, mas ele não era muito gentil com os sentimentos de uma pessoa.

"Vamos trabalhar." disse Sed.

"Isso deve ser legal." Ânsia levando a melhor sobre ele, Jace endireitou-se para que pudesse ver todos os pedaços de música na mesa de café. Talvez se ele simplesmente ficasse em silêncio e tentasse não interferir com a genialidade de Eric, eles não iriam fazê-lo sair.

Eric vasculhou a pilha de música de guitarra que tinha trazido com ele. Coisas que Brian compôs enquanto fodia Myrna. Jace não tinha certeza de como alguém poderia pensar bem o suficiente para escrever música durante o sexo, mas parecia funcionar para o seu guitarrista.

Eric dispostos pedaços de música de guitarra e folhas de papel que continham as letras de Sed. A frequência cardíaca de Jace acelerou. Poucas coisas o excitavam. O talento da banda estava no topo. Um par de sensuais lábios vermelhos sorriu para ele em sua mente. Bem, e Aggie, mas ela o excitava de uma forma totalmente diferente.



Eric reorganizou as seções várias vezes e, em seguida, assentiu.

"Ok, eu tenho a música da guitarra. Agora temos a linha do baixo." Ele olhou para Jace. "Você trouxe sua guitarra?"

Jace pegou o baixo de sua caixa, e enrolou a cinta sobre o ombro. Eric bateu um ritmo em cima da mesa com dois pares de baquetas. "Combine-o."

Jace mais do que ouviu a batida, ele sentiu. Ele ouviu as músicas do Sinners tantas vezes que ele instintivamente sabia como a linha de baixo devia soar. Ela ecoava em sua mente. Complementando a batida. Enchendo. Enriquecendo.

Ligou seu baixo em amplificador de ensaio, e tocou a série de notas que atravessam sua cabeça.

Eric sorriu.

"Não é mau."

Isso foi quase um elogio. Jace não podia deixar de sorrir. Ele notou Sed observá-lo com um olhar mais introspectivo sobre o seu rosto.

Eric olhou para Sed.

"Você está pronto para cantar?"

"Eu estou pronto." Sed pigarreou.

Eric relatou sua visão de como as letras deveriam soar, e Sed tentou copiá-lo. Após várias tentativas para descobrir o que Eric deveria cantar, e que Sed devia fazer seus típicos gritos estrondosos em acompanhamento. O coração de Jace bateu enquanto ouvia o dueto exclusivo. Era isso. Esse era o som que iria levá-los para o próximo nível em sua música. Para crescer. Juntos. Jace não podia acreditar que ele era, finalmente, uma parte disso. Quando eles pararam de cantar, Sed e Eric se encararam com surpresa. Eles sabiam também. Jace apenas lamentava que Brian e Trey não estivessem lá para compartilhar o momento.

"Isso foi incrível." disse Jace. "Puta merda. Façam isso novamente."

Quando Eric abordou a possibilidade de utilizar um violino elétrico em algumas músicas, Sed concordou menos com sua visão.



Violino elétrico? Será que realmente precisamos de outro instrumento de cordas? Algo como um piano seria melhor, mas Jace estava muito intimidado para dizer. Eric, obviamente, sabia o que estava fazendo. Jace precisava reduzir sua ansiedade e deixar o homem trabalhar.

"Apenas tente." Eric disse para Sed. "Eu vou tentar algo diferente. Você também deveria."

Jace se inclinou para frente. Não podia evitar. Ele queria participar.

"Eu posso tentar algo diferente?"

"Não," disse Eric.

As esperanças de Jace despencaram.

"Bem, talvez." Eric mudou de ideia. "Você devia adicionar mais enfeites para as linhas de baixo para complementar Brian. Você é melhor baixista do que Jon. Acho que você precisa empurrar o seu nível de habilidade no novo álbum. Deve estar entediado pra caralho de tocar a merda repetitiva que Jon compôs antes de você entrar para a banda."

Melhor baixista que Jon era. Eric reconheceu aquilo? Ele estava, provavelmente, apenas enganando Jace, mas a esperança insistia em flutuar de volta à superfície. Jace sorriu até seu rosto doer e olhou de Eric para Sed e de volta para Eric.

"Ok."

"Eu vou ligar para Trey" Sed disse inesperadamente. "Ele precisa estar aqui muito mais do que eu. As letras vem por último." Sed ficou de pé. "Sigam em frente. Volto logo."

"Ei, eu não posso esperar o dia todo. Eu tenho coisas para fazer," disse Eric.

Sed saiu da sala.

"Como o quê?" Perguntou Jace.

"Nada da sua conta." disse ele. "Vá me buscar uma cerveja."

Ele não tinha que ser um idiota sobre isso. E Jace *não* ia lhe pegar uma cerveja.

Eric olhou-o por alguns instantes e, em seguida, estendeu a mão para um outro conjunto de música.

"Ok, homenzinho. Eu tenho outra batida para você. Combine-a."



Ele ouviu a batida de Eric sobre a mesa, e como antes, uma linha de baixo complementar soou em sua cabeça. Ele começou a tocar antes de Eric completar a sua progressão.

"Como você faz isso?" Perguntou Eric. "Você está escrevendo música nas nossas costas?"

Jace balançou sua cabeça.

"Eu não sei. Eu ouço a sua batida, e só sei o que se passa lá. Acho que é porque estamos tocando juntos há alguns anos."

"Acho que faz um tempo, não é?" Eric pareceu nostalgicamente triste. "Aqui vai o próximo."

Eles continuaram assim por um tempo. Eric produzindo uma batida. Jace combinando-o com linhas de baixo. Eric rabiscando as notas que Jace tocava. Sed ainda não tinha retornado.

"Eu me pergunto para que merda Sed foi."

Jace deu de ombros.

Eric saiu da sala. Jace examinou as folhas de pontuação na tabela até que Eric voltou alguns minutos depois.

"Ele está indo para algum lugar com Jessica."

"Algum problema?"

"Ela parecia triste, mas o que há de novo? Drama segue-a como um cachorrinho perdido. Mas Sed a ama, então o que podemos fazer?"

"Nós podemos continuar a escrever enquanto ele não está."

Eric considerou-o por um momento e depois assentiu.

"Sim, acho que sim. O que você acha sobre a ideia do violino elétrico?" Eric perguntou. "Brilhante, hein?"

Jace baixou os olhos. Ele sabia que Eric só queria afirmação, mas ele ainda não viu a ponto de acrescentar mais um instrumento de cordas para uma banda que já tinha três.

"Talvez um piano em vez disso," ele disse calmamente.

Eric enfiou o dedo na sua orelha e o contorceu ao redor.



"Eu juro que eu preciso de um aparelho auditivo. Muita percussão, eu acho. O que você disse?"

"Eu disse, talvez pudéssemos fazer uma música com um pouco de piano."

"Piano?" Eric sentou-se ali por um momento. "Bem, essa é uma ótima ideia, homenzinho, mas Sed não toca piano, e eu não posso tocar, enquanto estou na bateria."

"Eu toco." No momento em que estava fora de sua boca, ele desejou poder colocar de volta. Ele tinha desistido de piano há mais de uma década atrás, quando sua mãe tinha morrido. Essa tinha sido a coisa que eles sempre tinham feito juntos, e ele nunca se sentiu bem tocando sem ela.

"Você sabe?" Eric disse, se deslocando para frente em seu assento. Ele tinha aquele olhar pensante em seu rosto, e Sed não estava lá para acalmá-lo.

"Não, eu — "

"Está escondendo algo de nós? Você é bom?"

Ele era, mas com certeza não queria que Eric soubesse.

"Não, sou péssimo. Esqueça que eu mencionei."

Eric se recusou a ser dissuadido, e depois de muito pedir, implorar, e ameaçar, Jace tocou algo no teclado. Não era um piano tecnicamente. Pelo menos é o que Jace disse a si mesmo conforme seus dedos se moviam sobre as teclas frágeis.

"Bem, aí está." disse Eric. "Você pode tentar algo diferente."

"Eu realmente não estou confortável tocando piano."

"Por que não? Você é ótimo nisso."

Jace baixou os olhos.

"Minha mãe —"

"Não tenho uma dessas, por isso não posso relacionar, me desculpe. Você pode tocar um refrão de guitarra no piano?"

Jace deu de ombros.

"Eu acho."

Eric teve música de piano embutida em uma canção em questão de minutos.



"Como você faz isso?" Jace perguntou.

"O quê?"

"Coloca tudo isso junto tão rapidamente."

Eric encolheu os ombros.

"Não sei. As camadas apenas engrenam na minha cabeça. Onde diabos Sed foi? Eu tenho essa coisa que eu preciso ir."

"Que tipo de coisa?"

"Um programa para manter as crianças fora da rua. Eu estava esperando que Sed fosse comigo. Brian costumava ir e dar as aulas de guitarra crianças. Eles amam essa merda, mas ele está sumido, provavelmente perdido entre as coxas de Myrna. Então imaginei que Sed poderia tomar seu lugar. Ele é ótimo com crianças, acredite ou não."

Jace não achou difícil de acreditar. Sed meio que assumiu um papel de figura paterna com todos ao seu redor. Jace incluído.

"Você quer ir?" Eric Perguntou.

O coração de Jace bateu.

"Eu?"

"Sim, por que não? As crianças provavelmente não tem ideia de quem diabos você é, mas ainda pode se divertir com eles."

"Eu não sou bom com crianças."

"Provavelmente seria um pé no saco ter que olhar para cima para falar com alguém de até oito anos o tempo todo."

E eles estavam de volta para tirar sarro da altura de Jace.

"Sim, está me dando problemas no pescoço."

Eric riu e bateu nas costas dele com entusiasmo.

"Então você está vindo, certo? Eu não quero ir sozinho, e você é o único aqui."

Jace ficou surpreso, por ser convidado, mesmo que fosse, porque não havia ninguém disponível para Eric coagir.

"Sim, tudo bem. Tanto faz. Eu não tenho nada melhor para fazer."



"Incrível. Você vai parecer realmente especial com a fantasia roxa de dinossauro."

"O quê?"

* * * * *

Graças a Deus por pequenos favores, não havia fantasia de dinossauro. Jace teve um ótimo momento mostrando a crianças carentes como tocar no baixo, mas ele teve ainda mais diversão assistindo Eric, o trepa-trepa humano, fazer um idiota total e completo de si mesmo para a diversão delas. Quando Eric finalmente chegou a sua razão de estar ali, ele presenteou cada criança com um conjunto de baquetas. Jace considerou dizer a Eric sobre a baqueta que ele tinha estimado ao longo dos últimos dez anos. Como Eric havia mudado sua vida, mesmo sem conhecê-lo. Jace simplesmente não conseguia encontrar as palavras. Sua ligação unilateral com Eric era muito pessoal. Muito estúpida. Embaraçosa. Assim, ele acompanhou Eric fazendo da mesa a bateria, com uma linha de baixo improvisada em seu lugar.

Para manter o tempo com a batida de Eric, as crianças batiam mais umas ao outras do que as superfícies sólidas, mas todo mundo estava rindo e se divertindo. Até Jace.

Sua hora com as crianças voou. Eric tinha mais energia do que todas as vinte crianças juntas. Em seu caminho para fora, Eric bateu no ombro de Jace.

"Vamos tomar uma cerveja ou duas. O que você acha?"

Jace sorriu. Ele finalmente estava fazendo aquela ilusiva conexão com Eric?

"Sim. Parece ótimo."

Duas cervejas viraram dez ou doze. Jace perdeu a conta. Sendo um bêbado calmo, Jace olhou para sua caneca que enchia magicamente enquanto Eric falava suficiente por cinco pessoas com todo mundo a distância para escutar. Manteve a si mesmo e metade do bar entretidos. Jace não tinha certeza de que Eric estava mesmo ciente de sua presença. Ele se perguntou o que Aggie estava fazendo. Três semanas foi o tempo suficiente para deixar sua dor



crescer. Talvez ele fosse até ela no dia seguinte. Supondo que ele não morresse de envenenamento por álcool ou asfixiado em seu próprio vômito durante a noite.

"Você já está bêbado?" Eric perguntou perto da meia-noite.

Jace fechou um olho para se livrar dos três ou quatro Ericks extras em sua linha de visão.

"Defina bêbado."

"Quer ir fazer uma tatuagem comigo?"

Jace balançou a cabeça.

"Deixe-me escolher. Eu prometo que vai ser impressionante."

Jace deu de ombros.

"Então você está bêbado o suficiente."

Aparentemente, Jace também estava bêbado o suficiente para ter seu mamilo perfurado, o que doeu menos do que o esperado. E muito bêbado para ficar consciente durante a tatuagem, apesar do sorriso maligno que Eric ostentou enquanto falava com o tatuador que estava preparando a pele na parte superior do pé de Jace para a ideia de Eric de um design 'impressionante mau'.



Capítulo Quatorze

Aggie verificou pelo olho mágico e sorriu, com o coração batendo forte de emoção. Ela abriu a porta e jogou-se nos braços de Jace com um grito feliz. Ela não o tinha visto em quase um mês e havia começado a pensar que nunca o veria novamente.

"Lamento aparecer assim," disse ele. "Eu deveria ter ligado antes."

Ela beijou-o avidamente, segurando os lados de sua jaqueta de couro aberta e puxando-o para dentro da casa. Ela bateu a porta e fechou e apertou-o contra sua superfície, ainda beijando-o enquanto se atrapalhou com o ferrolho. Ela se afastou e olhou para ele, com as bochechas doendo de sorrir tão amplamente.

"Acho que você não está com raiva de mim," ele murmurou.



"Eu senti sua falta," disse ela, beijando-o novamente.

"Eu pensei que você estava em turnê novamente."

"Nós fomos, mas parece que vamos ter que cancelar mais datas."

"Eu pensei que Trey estava bem agora."

"Sim, ele está bem. Sed feriu a garganta há alguns dias atrás. Estourou um vaso no meio de uma apresentação. Desmaiou. Sangue por toda parte."

"Puxa, vocês estão em uma onda de má sorte, ou o que?"

"Eric acha que o álbum é amaldiçoado." Ele riu e baixou as pálpebras para esconder seus olhos castanhos chocolate.

"Eu trouxe isso a você..." Ele corou quando enfiou a mão no bolso dentro de sua jaqueta.

Oh Deus, adorável.

Ele puxou uma única rosa e apresentou a ela. Ele não a olhou quando ela aceitou. O que tinha sido uma vez uma flor perfeita agora estava esmagada por seu abraço entusiasmado. Era a coisa mais bonita que já tinha visto. Seu coração deu uma pontada.

"Obrigada." ela sussurrou.

Seus olhos se voltaram para os dela por um momento e depois para o chão.

"Você gostou?"

Ela poderia imaginá-lo comprando para ela, envergonhado e inseguro. Uma flor nunca significou muito para ela. Ela tocou seu rosto com barba por fazer, e seu olhar finalmente encontrou o dela.

"Eu adorei, Jace."

Ele sorriu, os olhos suavizando quando olharam para ela. Ela derreteu e inclinou-se para beijá-lo. Seus lábios firmes comandaram todos os sentidos para a plena atenção. Ela gemeu baixinho, com os olhos fechados à deriva, com a mão livre enrolando em seu peito. Ele era tão bom quanto ela se lembrava.

"Uh... Senhora V?" Disse uma voz hesitante atrás dela.



Merda! Tinha esquecido completamente que tinha um cliente esperando no santuário. Relutante, ela se afastou de Jace.

"Você está ocupada. Eu vou," disse Jace. Seu olhar focado sobre o ombro para o enorme homem tatuado em suas costas.

O bom e velho Larry. Um de seus poucos clientes regulares.

"Eu não quero que você vá. Você pode esperar? Ele é o meu único compromisso hoje à noite. Isso só vai me levar três minutos." Ela o beijou novamente. "Três minutos."

"Eu paguei vinte," Larry disse rispidamente.

Aggie sorriu.

"Três minutos." ela sussurrou.

Jace balançou a cabeça.

"Eu vou esperar."

Ela inclinou-se para longe dele e foi colocar no código para desarmar o alarme. Ela abriu a porta de sua casa pessoal e andou com Jace para dentro.

"Sinta-se em casa," disse ela. "Há um pouco de sopa no fogão, se estiver com fome. Vinho na geladeira." Ele atravessou a soleira, olhando ao redor ansiosamente. Provavelmente à procura de sua mãe, que não estava em casa. Supostamente, ela estava em uma entrevista de emprego — a primeira vez em um mês. Aggie bebeu à visão de Jace em sua casa. Deus, ele estava bem. Tinha esquecido quão atraente ele era. "Ou você pode ficar nu e esperar por mim no meu quarto," ela sussurrou em seu ouvido.

Ele sorriu.

"Vá cuidar de seu *amigo*. Eu vou ficar bem."

Ela virou-se para encontrar seu cliente olhando para ela com uma carranca escura.

"Eu disse que você poderia sair da sala, seu maldito covarde?" ela gritou.

"Não, senhora V." Tremendo, ele tropeçou de volta para o santuário.

"Eu vou te bater por me desobedecer!" Acrescentou para uma boa medida. Ela se virou para Jace e trouxe a rosa para o nariz, inalando sua fragrância delicada.

"Você pode levar isso para a cozinha para que eu possa colocá-la na água?"



Ele acenou com a cabeça, aceitando a rosa. Ela plantou um beijo carinhoso ao lado dos lábios divertidos de Jace.

"Vejo você logo, bebê."

Ela fechou Jace em sua casa e se trancou no quarto à prova de som com seu cliente. Ela achou que esses grandes, caras durões eram sempre os mais fáceis de quebrar. Fácil porque queriam se submeter, mas nunca tiveram a oportunidade de fazê-lo em suas vidas diárias.

"Por que você está vestido?" Ela perguntou. "Eu lhe disse para tirar a roupa. Não estou satisfeita."

"Perdoe-me, senhora V."

"Eu não vou! Sua disciplina será rigorosa e dolorosa."

Levou mais tempo para tirar suas roupas e as restrições, do que ela levou para fazê-lo chorar e implorar para parar. Ela deu-lhe um pouco de tempo para ele se recompor antes de pegar seu dinheiro e escoltá-lo para fora da porta da frente.

"Na mesma hora na próxima semana?" ele perguntou.

"Você vai durar os 20 minutos da próxima vez?"

Ele riu.

"Provavelmente não, mas ainda vou pagar por isso, apenas no caso."

Ela sorriu e acariciou sua bochecha. Seu tipo favorito de cliente — que desperdiçava muito de seu dinheiro e pouco de seu tempo.

"Vou anotar em minha agenda, Larry. Agora, vá para casa, e foda sua esposa. Considere trazê-la com você na próxima vez." Aggie gostava de trabalhar com casais.

Ele riu de novo.

"Talvez eu traga. Nossa vida sexual nunca foi melhor. Ela adora quando venho vê-la."

"Aposto que sim."

"Talvez eu a surpreenda com um desses espartilhos que você faz. Você acha que ela gostaria disso?"

"Você não será capaz de surpreendê-la. Ela vai ter que tirar as medidas."

Seu rosto caiu.



"Oh."

"Mas vamos deixá-la escolher o design."

Ele sorriu.

"Sim, está bem. Obrigado, boneca."

Aggie piscou e trancou a porta atrás dele. E agora, um pouco de prazer para si mesma.

Ela encontrou Jace tomando sopa de legumes reaquecida no balcão. Sua magnífica rosa esmagada estava em um copo de plástico azul na água no balcão ao lado dele. Ela sorriu com a visão. Adoraria que ele estivesse em sua cozinha todas as noites, mas sabia que ele era arisco sobre relacionamentos. Não se importava em levar lentamente. Mas, Deus, ela sentia falta dele. Suas conversas telefônicas e mensagens de texto monossílabas ocasionais não foram o suficiente.

Ele virou com surpresa quando a viu.

"Eu pensei que você estivesse brincando quando disse três minutos."

"Eu acho que ele conseguiu chegar até quatro desta vez. Ele é um cliente regular."

Jace baixou o olhar, colocou outra colher de sopa na boca. Cada linha em seu corpo apertou com a tensão.

Ela pensou que ele estava bem com a sua profissão — ela compartilhou com ele e mostrou-lhe o que implicava, mas, aparentemente, ela estava errada. Foi por isso que ele não tinha vindo vê-la? Ela cansou de convidá-lo e ele recusar repetidamente. Talvez ele não fosse arisco. Talvez ele estivesse envergonhado por ela. Ela se recusou a aceitar essa besteira. Ela precisava saber quais eram suas intenções. Se ele estivesse aqui apenas para sentir a mordida de seu chicote, ele ia pagar por isso, assim como todos os outros. Ela não era idiota. Aggie inclinou-se sobre o balcão em frente a ele e se abaixou até que seu olhar entrou em sua linha de visão

"Isso te incomoda?"

"O quê?"

"O que eu faço para viver?"

Ele balançou a cabeça.



"Não o incomoda que eu bata em homens do jeito que você gostaria de apanhar?"

"Não."

"Que eu olhe os vergões subirem em sua pele nua e escute os seus gritos de agonia, noite após noite?"

"Não."

"Que eu bata neles, até que implorem por misericórdia, porque me dá algum senso de poder por fazê-los chorar?"

"Nem um pouco."

"Sério?"

Ele levantou o olhar e fixou-a com um olhar duro.

"Não, não realmente. Eu odeio que *eles* lhe deem prazer, mas isso é problema meu, não seu."

Ele estava com ciúmes. Oh meu Deus, ela o amava.

Incapaz de manter as mãos longe dele por mais tempo, ela subiu no balcão e derrubou-o no chão. Ele caiu fora do banco para o azulejo duro.

"Ai." Aggie caiu em cima dele, puxando sua camisa para fora de seu corpo.

"Mole."

Ele riu. Seu coração derretido. Ela não podia deixa-lo nu rápido o suficiente. Queria encher-se com ele. Não só sua boceta ensopada — as mãos, a boca, o olhar dela.

Tudo. Preenchida. Com ele. Todo ele. Jace.

Ele riu de novo enquanto ela trabalhava na remoção de seus jeans. Era tudo isso que precisava para fazê-lo feliz? Atacá-lo na cozinha?

"Você tem camisinha?" Ela perguntou.

Ele puxou uma faixa inteira de seu bolso.

"Você estava achando que ia se dar bem hoje à noite?" ela perguntou, com um sorriso provocante.

Ele riu.

"Eu estava esperando que fosse mais de uma vez."



"Você tem algum compromisso mais tarde?" ela perguntou, olhando para ele com uma carranca fabricada.

"Só com você."

"Bom," ela sussurrou.

Ela inclinou a cabeça para beijar sua barriga. Um espasmo assolou todo o seu corpo. Ela arrastou beijos de boca aberta sobre seu estômago, logo acima da baixa cintura de suas calças jeans.

Seus dedos afundaram em seu cabelo.

"Aggie."

Bem, Olá, zona erógena.

Mordiscando, lambendo, chupando seu ventre, ela localizou seus pontos mais sensíveis no interior dos sulcos de seus ossos do quadril, indicados por sua arfada de ar e a sucção de ar entre os dentes. Quando seus dedos tocaram a protuberância crescendo em sua calça, ele estremeceu e gritou. Ela sorriu com a súbita percepção.

Ela beijou seu caminho sobre seu corpo até que eles estavam face a face. Ela esperou que ele abrisse os olhos e perguntou: "Você teve relações sexuais desde que fizemos amor em sua motocicleta?"

Ele olhou para sua testa e balançou a cabeça.

"Eu também não."

Desviou o olhar para ela. Seu sorriso poderia ter iluminado os céus.

"Por que você não veio me ver mais cedo?" ela perguntou.

"Eu não achei que... eu pensei que era melhor..." Ele tomou uma respiração profunda. "Eu não tenho nenhuma maldita ideia. Eu queria."

"Você se importa se eu pensar em você como meu namorado?" Ela não ia deixá-lo tirar o valor disso. Se tivesse que fazer a perseguição, que assim seja. Ela sempre foi atrás do que queria na vida. E ela queria Jace Seymour.



Ele empalideceu e mudou o olhar de seus olhos para a testa novamente. Ela esperou ele encontrar sua voz. Não ia lhe dar uma saída fácil. Se ele não estava pronto para se comprometer, isso estava bem, mas ele teria que dizer. Ela não faria isso.

"Ok." ele disse finalmente.

"Tudo bem?" Ela sorriu para ele.

"Eu não me importo."

Ela acariciou sua bochecha.

"Você pensa em mim como sua namorada?"

Ele hesitou.

"Eu penso em você. Constantemente. É o suficiente?"

Ela riu.

"É um começo." Ela o beijou delicadamente.

Ele pareceu culpado.

"Sinto muito. Isso é novo para mim."

"Você não tem que se desculpar."

Ele tocou seu rosto.

"Foi muito difícil ficar longe. Eu quero que saiba que você significa mais para mim do que simplesmente fantástico, fantástico sexo incrível."

"Apenas dois fantásticos?"

Seus olhos rolaram na parte de trás de sua cabeça e se fecharam.

"Mil fantásticos."

Ela deslizou para baixo de seu corpo, beijando sua garganta. Ela puxou sua camisa para cima e avistou a nova adição ao seu peito esculpido. Ela sacudiu o pequeno anel de prata em seu mamilo com a ponta dos dedos.

"O que é isso?"

Ele riu de novo.

"Momento de intimidade com Eric."



Ela chupou o anel em sua boca, e seu corpo enrijeceu. *Ooo, divertido*. Ela o soltou com a língua.

"Quem é Eric?"

"O nosso baterista."

"Qualquer outra coisa que eu deveria saber?"

"Hmmmm. A tatuagem impressionante mau na minha bunda?"

Ela tirou sua calça jeans e botas e inspecionou seu bonito, pequeno bumbum para encontrar sequer uma marca em sua bunda perfeita.

"Eu não vejo nada."

"Olhe atentamente."

Ela passou as mãos sobre as faces lisas, para cima e para baixo.

"Não há nada aqui."

"Isso é certo. Não foi na minha bunda, não é? Eu juro que tenho uma nova em algum lugar. Eu duvido que você vá encontrá-la."

Lembrou-se um pouco sobre cada uma de seus braços, um no lado esquerdo do peito. O problema era que ela não tinha certeza se podia encontrar uma nova de sua coleção. Ela persuadiu-o de costas e puxou a camisa dele, deixando-o nu, exceto por suas meias, e começou com a tatuagem em seu braço. Um crânio em chamas. "Lembro-me desta."

"Você tem certeza?"

Ela não tinha.

"Sim." O punhal e rosas embaixo parecia familiar. "Essa é velha também."

O cavalo demônio e o Grim Reaper em seu abdômen esquerdo? Antiga. Ela gostava de brincar com seu novo piercing no mamilo, no entanto. Ela puxou-o com a língua, até que ele se contorcia. Em seu outro braço ele tinha um padrão tribal em vermelho e preto do ombro ao cotovelo. Ela definitivamente se lembrou daquele.

"Onde está?" Ela perguntou.

"Mais baixo."

Ela beijou seu mamilo... Costelas... Barriga.



"Estou ficando quente?"

"Está ficando mais quente." ele murmurou. "Isso não tem nada a ver com a forma como você está perto de encontrar a tatuagem."

Ela chupou na pele ao redor de seu umbigo. Ele riu, se contorcendo de lado no chão.

"Eu não tinha ideia de que você era tão sensível," ela murmurou.

"Há muitas coisas que você não sabe sobre mim."

Isso era verdade. Ele estava pronto para compartilhar? Ela olhou para ele.

"Então me diga alguma coisa."

"Depois de encontrar a tatuagem, eu vou responder a qualquer pergunta que você fizer."

Ela procurou cada centímetro de pele visível e não encontrou nada. Seu interesse foi mudando rapidamente para seu pau grosso, que era muito mais fascinante do que qualquer tatuagem, mas ela queria lhe fazer uma pergunta. Ela procurou em seu couro cabeludo.

"Ok, eu desisto. Onde está?"

"Talvez você devesse olhar debaixo da minha meia."

Bem, é claro, que é onde estaria. Ela tirou suas meias e encontrou. Seus olhos se arregalaram, e ela caiu no chão rindo. Uma margarida animada com um rosto sorridente em seu centro amarelo brilhante decorava sua pele na base do seu dedão do pé esquerdo.

"A moral desta história é nunca desmaiar bêbado quando Eric Sticks irá escolher sua tatuagem impressionante mau."

"E é permanente?"

"Sim, até eu conseguir retirá-la." Ele sorriu. "Ou talvez eu mantenha. Ninguém vai vê-la lá. A não ser que eu vá para a praia."

Ela ficou surpresa, ele parecia tão calmo com isso. Ele não deveria ficar chateado que um amigo o tinha enganado para colocar uma tatuagem embaraçosa enquanto ele estava bêbado demais para parar com isso?

"Você não ficou bravo?"



"Nah. Eu deveria ter sabido melhor. A última vez que fiquei bêbado com Eric, ele desenhou flores por todas minhas costas com marcador permanente."

"Sim, mas isso sai quando lava."

"Depois de uma semana."

"Grande amigo que você tem."

Jace baixou os olhos.

"Sim."

Ela viu uma coisa nele nesse momento que nunca tinha visto antes. Vulnerabilidade. Ela poderia levá-lo a se abrir? Sabia que se o empurrasse com muita força, ele fecharia completamente.

"Então, qual é a história com o cara, Eric"? ela perguntou.

Ele não falou por um longo momento.

"Ele é a razão pela qual eu me tornei um baixista."

"O que, ele é velho ou algo assim?"

Jace balançou sua cabeça.

"Não mais que cinco anos mais velho do que eu."

"E ele teve tanta influência sobre você?"

"Eu vi um show do Sinners quando eles estavam apenas começando. Eu tinha quatorze anos e estava em um bar com uma identidade falsa."

"Como você passou por vinte e um quando tinha quatorze? Você é tão fofo, que dificilmente aparenta vinte e um agora."

Sua carranca disse que ela tinha dito a coisa errada. Ela praticamente podia ver o seu muro de defesa subindo.

"Vamos foder ou o quê?" Disse ele.

Ela não ia deixá-lo mudar de assunto tão facilmente.

"Então você viu Sinners quando tinha quatorze anos. Então o quê? Como é que isso fez de você um baixista?"

Mais silêncio. Ela esperou.



Ele tomou uma respiração profunda.

"Eles foram incríveis, mesmo lá atrás. Brian e Trey sempre estiveram completamente em sintonia uns com os outros, duas metades de um todo. A voz de Sed é inacreditável, e Eric é o melhor baterista do planeta. Eu só fiquei lá. Atordoado. Eu não podia me mover. Tudo o que podia fazer era ouvir. Eu mal podia respirar. Os quatro foram tão incrivelmente talentosos. E depois havia o elo mais fraco. Jon Mallory."

"Deixe-me adivinhar. O baixista?"

"A banda merecia melhor. Ele é totalmente normal. Não horrível. Só não tão bom quanto o resto deles, e acho que ele estava drogado, ou algo assim. Ele não estava na música. Ele estava apenas em si mesmo."

"Então, você decidiu tornar-se o baixista."

"Não. Eu não sabia como tocar baixo. Eu sempre amei a música e tinha algum talento, mas nunca me ocorreu fazer a vida com isso. No final do show, Eric jogou suas baquetas para a multidão, e eu peguei um. Eu nem sequer tentei. Meio que caiu a minha mão. Foi um tipo de grito de alerta para mim. Eu passei os quatro anos anteriores me metendo em encrencas, mas naquele momento, eu sabia o que queria fazer com o resto da minha vida — o que eu tinha que fazer. Foi o destino. Eu tinha que fazer parte do Sinners."

Esta foi a vez que Jace falou tanta coisa ao mesmo tempo. Aggie tomou cuidado de não dizer algo que pudesse encorajar o seu silêncio novamente.

"Então, quanto tempo você demorou a se tornar o baixista?"

"Seis anos. E se não fosse o irmão de Trey, eu provavelmente estaria tocando com outra banda agora."

"Trey é o guitarrista que estava machucado, né?"

"Sim, o irmão dele, Dare, é o guitarrista de Exodus End."

Êxodo End? Eles eram famosos em todo o mundo. E Sinners eram bem grandes também e crescendo.

"Uau. Acabou de me ocorrer que você é famoso."

Ele riu.



"Não é verdade. Brian? Talvez. Sed? Definitivamente. Mas eu sou apenas o baixista."

"Eu quero vê-lo no show."

"Você quer?"

Ela assentiu com a cabeça.

"Sim, só de pensar nisso está me deixando excitada."

"Nós devemos ter um show em São Francisco neste sábado. Eu poderia conseguir convites para você quiser ir, assumindo que Sed poderá cantar até então. Conhecendo Sed, ele vai encontrar um caminho."

"Sério? Eu adoraria ir. Conta comigo."

"Eu vou fazer os arranjos, então."

Seus olhos baixaram a sua boca, e ele passou a língua sobre seu lábio superior antes de morder. Ela só podia imaginar o que ele estava pensando. Felizmente, algo sexy. Ela decidiu que poderiam falar mais tarde.

"Vamos para o meu quarto. Não há como saber quando minha mãe vai aparecer, e você está meio nu."

Ele olhou para seu corpo.

"Ah, eu não tinha notado."

"Bem, eu sim, e você é gostoso. Eu não posso esperar para colocar minhas mãos em você."

"Mesmo com a tatuagem de flor sorrindo?"

Ela riu.

"Especialmente com a tatuagem. Você explicou por que é especial."

"*Especial?*" Ele riu. "É isso me faz sentir realmente especial."

A porta da frente abriu. Os olhos de Jace se arregalaram.

"Merda, é a minha mãe. Coloque suas calças."

Aggie agarrou suas calças, jogou para ele, e em seguida, pôs-se de pé. Ela alisou o cabelo e estampou um sorriso inocente no rosto. Sua mãe jogou a bolsa sobre o balcão.

"Alguma sorte?" perguntou Aggie.



Sua mãe suspirou.

"Não. É impossível para uma mulher com mais de trinta anos encontrar um emprego na cidade."

Ela acendeu um cigarro e apontou a ponta vermelha brilhante na rosa no copo de água sobre o balcão.

"O que há com a rosa amassada, e meio morta?"

Aggie fez uma careta

"Meu namorado me deu."

Dito namorado ficou de pé ao lado dela. Ele tinha colocado a calça, mas ainda estava sem camisa.

Ele respirou fundo e estendeu a mão para a mãe de Aggie.

"Sou Jace."

Ela apertou sua mão rapidamente.

"Tabitha," ela forneceu seu nome e, em seguida, olhou para Aggie. "Desde quando você tem um namorado?"

"Desde cerca de dez minutos atrás."

Mamãe levantou uma sobrancelha para Jace.

"Você é rápido, Maynard." Ela assentiu com a cabeça em direção ao chão a seus pés. "E parece que você deixou cair suas camisinhas. Todas as doze."

Os olhos de Jace se arregalaram, e ele se inclinou para recolher a faixa de preservativos. Ele enfiou-as no bolso. Ele pegou sua camiseta e puxou-a sobre sua cabeça.

"Eu tenho que ir."

"Não vá." Aggie disse, seu coração apertado com a decepção. "Você acabou de chegar."

"Eu-eu tenho coisas para fazer. Eu provavelmente deveria ver Sed. Saber se ele está bem. Ele acabou de sair do hospital."

Engraçado como ele sempre aparecia quando um de seus amigos ficava ferido. Aggie fez uma nota para perguntar sobre isso quando sua mãe não estivesse olhando para ele com controle brutal.



"Não se importe comigo, Maynard." Disse sua mãe, dando uma profunda tragada no seu cigarro. "Pelo que importa, continue trepando com minha filha no chão da cozinha."

"Mãe!"

"O quê?" Sua mãe deu de ombros e deu outra tragada, a fumaça ondulando em direção ao teto lentamente.

"Por que você sempre faz isso comigo? Eu realmente gosto dele."

"Então vá trepar com ele. Esta é a sua casa. Eu não me importo com o que você faz. Eu poderia comer alguma coisa antes de vocês continuarem? Sua trepação está bloqueando a geladeira."

Jace pegou suas meias e botas e se dirigiu para a porta da frente. Aggie fez uma careta para sua mãe e, em seguida, foi atrás dele.

"Você não vai nem se despedir?" Tinha sido um longo tempo desde que um cara tinha ferido seus sentimentos, mas as lágrimas não derramadas queimaram seus olhos e lhe deram dor de cabeça. Ela esfregou sua testa em aborrecimento.

Ele virou-se para ela, com os olhos baixos. Ela tinha finalmente conseguido que ele se abrisse um pouco com ela, e sua mãe idiota tinha que aparecer e estragar tudo.

Ele acenou com a cabeça em direção à sala de jantar.

"Eu esqueci da minha jaqueta."

"Se você não quiser ficar aqui, podemos ir a algum lugar. E não temos que fazer nada sexual, se você não quiser. Tenho certeza de que minha mãe assustou-o e colocou seu desejo sexual em marcha lenta."

"Está mais para marcha ré."

"Tudo bem. Eu só quero passar algum tempo com você."

Seus olhos subiram para encontrar os dela.

"Você quer?"

"Sim. Nós podemos conversar."

"Eu não falo muito."

Ele tinha acabado de falar bastante, mas ela não iria afastá-lo por apontar isso.



"Então eu vou falar. Você escuta."

"Eu sou bom em ouvir."

Ela aproximou-se e colocou os braços ao redor dele.

"Essa não é a única coisa em que você é bom."

Aggie deslizou os dedos no cabelo em sua nuca e puxou-o para mais perto para um beijo roubado. Lentamente, ele relaxou dentro dela. Ela podia sentir seu coração batendo em seu peito contra seus seios enquanto suas bocas se fundiram.

"Agatha, onde está o molho de Tabasco?" A mãe dela chamou da cozinha.

Jace enrijeceu e se afastou.

"Vou mudar de roupa. Você pode esperar por mim lá fora, se isso faz você se sentir mais confortável."

Ele acenou com a cabeça em agradecimento.

"Traga minha jaqueta com você, por favor." Ainda descalço, ele saiu da casa.

Aggie invadiu a cozinha.

"Eu poderia bater em você." Ela estalou a mãe.

"Você não deve se envolver com os seus clientes de qualquer maneira, Agatha. Eles têm mais bagagem do que o porão de carga de um 747[7]."

"Eu não pedi conselhos. Você quer que eu acabe como você? Sozinha e infeliz e amarga. Sem dinheiro. Sem emprego. Com alguém atrás de você porque é estúpida o suficiente para pegar dinheiro emprestado da Máfia."

Os olhos dela mamãe se estreitaram.

"Eu acho que você é quem precisa apanhar, mocinha."

Aggie balançou a cabeça em aborrecimento.

"Eu vou sair, não que eu precise de sua permissão. E você não deveria estar indo embora?"

"Sim, eu irei em breve. Eu já teria ido, se eu tivesse uma escolha no assunto."

"Você escolheu entrar em apuros, então eu não quero ouvir isso."

[7] O Boeing 747 é um avião widebody de longo alcance, projetado e produzido pela companhia norte-americana Boeing.



"Seu namorado não está esperando por você?"

"Sim. E não me espere acordada. Eu pretendo trepar com ele a noite toda." Aggie fugiu da cozinha, sentindo-se como uma intrusa em sua própria casa. Ela precisava ficar longe de sua mãe. Depois de colocar uma calça jeans e uma camiseta, Aggie agarrou sua jaqueta de couro, juntamente com a de Jace e, em seguida, encontrou-o no meio-fio. Ele estava sentado em sua moto, olhando para o céu. Ela tocou o braço dele suavemente, e ele se assustou.

"Você sempre pensa com tanta intensidade?" ela perguntou, entregando-lhe a jaqueta. Ele entrou na peça de couro desgastado.

"Quase sempre."

"Aonde você quer ir?"

"Em qualquer lugar."

Então, ele estava de volta para responder suas perguntas com tão poucas palavras quanto possível.

"Você quer ir para um lugar tranquilo, onde poderemos ficar sozinhos? Ou lotado onde podemos ter um monte de diversão?"

"Eu não gosto de multidões."

"Então, vamos rodar."

"Você gosta disso?"

"Sim."

Ele sorriu, e seu coração derreteu.

"Eu também."

Ele pegou a mão dela e ajudou-a a subir na moto atrás dele.

"Aggie?"

"Sim?"

"Eu realmente gosto de você também."

Ela deslizou os braços ao redor de sua cintura e colocou o queixo em seu ombro para tentar ver sua expressão sob a luz da lâmpada da rua.

"Fico feliz em ouvir você dizer isso, Jace, mas o que trouxe isso tudo de repente?"



"Você disse a sua mãe que realmente gostava de mim, e eu não disse de volta."

Ela beijou a ponta de sua orelha.

"Você provavelmente estava muito desconfortável para formar palavras."

"Mais ou menos."

"Eu sei que minha mãe é arrogante, e eu gostaria de dizer que ela faz por bem, mas eu não acho que ela faz. Às vezes eu acho que ela está tentando me transformar nela. E eu não quero ser como ela. Eu não sou ela."

"Eu tive um pai assim."

"Teve?"

Ele ligou a moto, e eles dirigiram para fora da cidade. Ele nunca respondeu a pergunta.

Eles pegaram comida chinesa para viagem e dirigiram para o deserto. Sentados em uma pedra enorme no meio do nada, eles comeram em silêncio, apreciando o pôr do sol no horizonte.

"Há quanto tempo você fez o que você far?" Jace Perguntou.

Ela o olhou, surpresa por ele ser o primeiro a quebrar o silêncio confortável entre eles.

"Qual parte?"

"Tudo isso."

"Há muito tempo. Comecei a bater em homens na minha adolescência e decidi aprender sob a tutela de outra dominatrix cerca de oito anos atrás, para me tornar profissional. Eu trabalhei em um clube de sexo com algumas outras Dommes por vários anos e, em seguida, por conta própria. Mas primeiro precisava comprar uma casa, então comecei a dançar para ganhar dinheiro extra. Eu nunca quis que se tornasse uma carreira permanente, mas eu gosto." Ela riu. "Bem, na maioria das vezes. E isso faz com que seja mais fácil encontrar clientes."

Jace fez uma careta.

"Eu nunca o teria conhecido se não estivesse dançando."

"Acho que sim."

Ela pressionou.



"Minha avó me ensinou a costurar e fazer bordados quando eu tinha sete anos. Tenho certeza que ela nunca pensou que eu ia usar essa habilidade para fazer espartilhos de couro. Ela teve um derrame quando eu tinha nove anos e morreu. Então, minha mãe passou a me *criar*." Se o que sua mãe tinha feito contava como criar um filho.

"Você faz espartilhos?" ele perguntou.

Ela assentiu, observando como ele sempre evitou falar sobre família.

"É principalmente um hobby. Eu comecei a fazê-los para mim, mas as pessoas me veem usando e perguntam onde eu os compro. Quando descobrem que eu faço, eles querem que eu faça para eles. Eu gosto de fazê-los. É divertido."

"Quer dizer que você fazer esses espartilhos que usa, a mão? Aqueles com os desenhos sobre eles."

Ela assentiu com a cabeça.

"Uau, querida, você é muito talentoso. Artística."

Ela sentiu-se corar. Ou talvez fosse o calor do deserto.

"É apenas um hobby."

"Não são os hobbies que fazem as melhores carreiras?"

"É. O meu primeiro hobby é fazer homens chorar." Ela se inclinou e beijou sua têmpora. "Então, como é a sua família?"

Ele ergueu uma barreira emocional entre eles tão rápido, que ela ficou com medo de ser golpeada com ela.

"Quer ir para um hotel?" ele perguntou.

Ela queria saber mais sobre ele. Já sabia que ele era bom de cama.

"Eu pensei que íamos conversar."

"Que tal uma conversa de travesseiro?"

Ele roubou um beijo, e ela decidiu que podiam conversar em outro momento. Um mês sem o toque inebriante de Jace foi um mês muito longo.



Capítulo Quinze

Era quase dez horas quando o telefone celular de Aggie tocou. Ela sorriu quando viu o nome de Jace no identificador de chamadas. Seu avião pousou em segurança em San Francisco alguns minutos atrás e estava sentada no avião esperando ele aclopar a porta de desembarque. Ela não podia esperar para ver Jace no concerto da noite seguinte e esta noite ela tinha grandes planos para ele em seu quarto de hotel.

"Olá."



"Aggie, eu sei que deveria estar pegando você no aeroporto neste momento."

"*Suposto* para ser?"

"Você poderia me fazer um grande favor?"

"Como grande é?"

"Pagar a minha fiança e de Eric para sairmos da cadeia."

Cadeia? Ela deixou cair o telefone no colo. Pegando-o de volta. "Por que você está na cadeia?"

"Porque Eric é um idiota."

"Como inferno eu ia saber que era ilegal?" Um cara disse ao fundo. "Em quanto tempo ela pode chegar aqui? Aquele cara está olhando para mim de novo."

"Você está em Los Angeles," perguntou Aggie. "É um longo caminho a partir daqui. Eu nem sequer saí do avião em San Francisco ainda."

"Não, estamos no centro. Em San Francisco."

"Não posso acreditar que você foi preso quando deveria estar me pegando no aeroporto," ela resmungou. "Serviria como castigo se eu o deixasse apodrecer ai dentro."

"Eu sei. Não tenho um problema com uma noite na cadeia. Eric parece pensar que ele vai ser estuprado."

"Você viu o jeito que o cara bêbado fica me olhando," o mesmo cara, que aparentemente Eric, disse ao fundo.

"Ele está tentando descobrir por que seu cabelo é verde."

"Nem tudo é verde. Apenas uma pequena seção. Além disso, meu cabelo não está na minha bunda."

"Você tem certeza disso?"

Aggie balançou a cabeça, perguntando-se por que Jace tinha chamado se ia ficar discutindo com Eric o tempo todo. "Você não tem alguém próximo que possa buscá-lo? Eu nem sei aonde ir. Esta é a minha primeira vez em San Francisco."



"Não há mais ninguém. Quando Eric chamou Brian e Trey, eles apenas riram até suas bundas cairem[8]."

"E Sed está tendo a orgia de sua vida em um veleiro com Jéssica," Eric acrescentou.

"Nenhum de nós tem qualquer família ou amigos por aqui, e os roadies têm sido ameaçados com a perda de emprego se salvarem qualquer um de nós fora da cadeia. Sempre."

"Então ela está vindo?" Perguntou Eric.

"Eu não sei. Cale a boca."

"Nós deveríamos ter chamado Jerry," disse Eric.

"Jerry vai nos amarrar pelas bolas. Você sabe disso."

"Jace," Aggie interrompeu.

"Sinto muito. Eric está pirando. Ele está me deixando louco. Está dirigindo os policiais loucos. E está dirigindo seis ou sete caras bêbados putos. Ele faz essa coisa de ficar andando, gritando quando está chateado. Se fosse só eu, diria para esquecer, mas — "

"Eu vou ver o que posso fazer. Por que você está na prisão, afinal?"

"Assim, poderíamos ganhar uma aposta."

Bem, isso explicava tudo. Não!

"Quebrar patrimônios públicos e perturbar a paz!" Eric gritou. "Nada que vale a pena ser estuprado, digo-lhe isso." Aparentemente, ele estava ouvindo a conversa.

"Eric, você vai *calar a boca*?"

"Não, mas eu vou chutar o seu traseiro, homenzinho. Isso é o que vou fazer."

Jace suspirou profundamente. "Se você não puder vir, Aggie, eu entendo. Mas se eu o espancar até a morte com o seu próprio sapato, isso vai ficar na sua consciência."

Ela suspirou com resignação. "Onde eu vou ter que ir para socorrê-lo?"

Ele entregou o telefone a um policial, que explicou o caminho. Ela fez algumas anotações. Provavelmente poderia pegar um táxi para o tribunal sem nenhum problema, mas já estava perdendo a deliciosa noite que tinha planejado com Jace entre suas coxas.

Jace voltou ao telefone. "Obrigado, querida. Te devo uma."

[8] Laughed their asses off – "rir até a bunda cair" uma gíria utilizada pelos americanos que significa rir muito duramente.



"Você vai estar me devendo por anos, *bebê*."

Até o momento que ela conseguiu ter Jace e Eric sob sua custódia, passada das duas da manhã. "Vamos para o hotel e dormir um pouco." Aggie sabia que tinha um sério problema com atitudes, mas ela não podia evitar. Que tipo de idiotas achava que era bom andar de moto na calçada de pedestres na ponte Golden Gate e pendurar no monumento nacional enormes banners? Seu namorado e seu amigo baterista aparentemente. Foi muito legal da parte deles ajudar a Jéssica a propor casamento a Sed, mas não inteligente.

"Soava como um plano. Estou batido," disse Eric. Ele era alto e esbelto — bonito e robusto, com um louco corte de cabelo tipo áspero. Ela se lembrava vagamente dele ser o cara que tinha sido escoltado para fora do clube pelos seguranças na noite em que conheceram Jace. Em circunstâncias normais, Aggie poderia ter apreciado a masculinidade graciosa de Eric, mas no momento, ela realmente queria chutá-lo nos dentes.

"Uh, obtenha o seu próprio quarto," Aggie resmungou.

"O hotel está reservado, e ele não tem nenhum lugar para passar a noite," disse Jace.

"Há um perfeito bom banco de parque ali mesmo." Aggie indicou um banco que já tinha um hospede dormindo, cheirava a homem, que estava roncando suavemente sob um jornal.

"Aggie," Jace murmurou perto de sua orelha. "Por que ele não pode dormir no nosso quarto? Não é como se você fosse me deixar tocá-la no humor que você está."

"E por que eu estou com esse humor, Jace?" Ela não tinha sequer o deixado beijá-la ainda.

Eric sorriu. "Porque ele deveria buscá-la no aeroporto e levá-la para um bom jantar antes dos dois destruirem um quarto de hotel em um frenesi de luxúria louca de sexo. Eu estou supondo que nada disso está acontecendo hoje."

Nenhum argumento. Aggie desmoronou no banco de trás do táxi e deslizou para o outro lado. "Tudo bem. Eric pode dormir no chão. Isso fará com que seja mais fácil pisar em cima dele várias vezes na parte da manhã."

"Cara, sua menina é agressiva," disse Eric para Jace.



Jace deslizou no banco ao lado de Aggie com um sorriso perverso em seu rosto lindo. "Eu gosto disso sobre ela."

Eric dobrou sua forma longa no banco de trás. "Ela também é um bebê quente. Você esteve me ocultando esse fato. Então você gostou de sua nova tatuagem, Agster?" Eric riu. "É impressionante mau, não é?"

"Estou apenas feliz que foi você quem o escolheu e não ele," disse Aggie. "Eu não gostaria de pensar que um cara que estou fodendo tem o sabor de uma buceta quente."

Eric lambeu o lado da testa de Jace. "Ele tem um gosto levemente de maricas." Eric estalou os lábios enquanto contemplava seu paladar. "Um toque mais salgado do que o molho de senhora, mas não ruim."

Aggie tentou manter-se irritada, mas era impossível. Ela soltou uma gargalhada. Jace limpou o cuspe de Eric do lado de seu rosto, obviamente irritado. "Você está pagando para obter a minha moto da apreensão, idiota."

"Uh, não, eu não vou."

"A coisa toda da Ponte Golden Gate foi ideia sua."

"Você poderia ter dito não."

Aggie pegou a mão de Jace na escuridão e deu-lhe um apertão. Ela sabia que ele não poderia facilmente dizer não para Eric — aquela coisa de adoração ao herói ainda continuava. Agora que Aggie conheceu Eric, ela entendia a devoção de Jace para o cara. Ela estava esperando o tipo mentor, não esse cara louco com o senso de humor maluco.

"Você deve pagar a metade," disse Jace.

"Eu vou pagar a metade. Justo." Eric cutucou Jace do lado, um enorme sorriso no rosto. "Pelo menos nós ganhamos a aposta. Que tipo de tatuagens que devemos fazer Brian e Trey terem em suas bundas?"

"Margaridas sorrindo que tal?"

"De jeito nenhum. Isso é vintage de Jace Seymour. Eu estava pensando mais na forma de gatinhos e unicórnios."

"E arco-íris?"



Os olhos de Eric se iluminaram. “Sim, definitivamente arco-íris. Boa chamada, cara. Boa chamada.”

* * * * *

Havia muitas mãos no corpo de Aggie. Ela reconheceu um emaranhado de seus cabelos e aquele que descansa em suas costas como pertencente a Jace, mas e da sua bunda? Não. Não era familiar. Ou, talvez, um pouco familiar. Ela levantou a cabeça do ombro de Jace e virou para encontrar Eric Sticks sorrindo para ela.

“Bom dia,” disse ele, olhos azuis provocando com malícia.

“Existe uma razão para que sua mão esteja na minha bunda?”

Ele a tirou e piscou. “Parecia a coisa certa no momento.”

“Você deveria estar dormindo no chão.”

“É duro para as minhas costas, e tenho um concerto para fazer esta noite. Eu sabia que você ia entender.”

“A única coisa que entendo é que você está saindo dessa cama.”

“Shh,” Jace murmurou, seus braços apertando Aggie. Ela usou-o como um travesseiro toda noite porque Eric insistiu que ele precisava de três travesseiros se tivesse que dormir no chão. Isso deixou um travesseiro para Aggie e Jace compartilhar. “No início...”

“Nós podemos ficar assim enquanto Jace dorme,” Eric sussurrou. “Ele não vai se juntar aos vivos até o meio-dia.”

“Eu trouxe o mangual favorito de Jace,” disse Aggie. “Está na minha bagagem. Tenho certeza que você poderia obter uma surra, bem dura.”

Os olhos de Eric se arregalaram. “Você está brincando.”

Aggie levantou as sobrancelhas. “Eu pareço que estou brincando?”

“Não se preocupe. Isso não vai romper a pele,” Jace murmurou.



"Acho que vou passar." Eric deslizou ao longo de alguns centímetros e caiu de costas olhando para o teto. "Estou entediado."

Aggie se aconchegou mais perto de Jace. Ela estava começando a pensar que ele poderia dormir durante um terremoto.

"Então Aggie, o que você gosta de fazer para se divertir?" Perguntou Eric.

"Além de fazer os homens chorarem?"

Ele riu, desconfortável. "É, além disso."

"Ela costura," Jace murmurou.

"Costura?"

"Sim, costura."

"O quê? Como pegadores de panela?"

"Não, como espartilhos de couro," disse Aggie.

"Ela faz-lhes a mão e costura coisas sobre eles," Jace disse, começando a soar mais alerta agora.

"Bordados," Aggie esclareceu.

"São obras de arte." A mão de Jace acariciou seus cabelos letargicamente. "E sexy."

"Oh," Eric disse, sem rodeios. "Bem, isso me dá um tesão. Agora estou entediado e com tesão."

"E eu estou acordado," disse Jace. "É hora de você ir embora." Ele estendeu sobre Angie e empurrou Eric no chão.

Eric ficou em pé e ficou ao lado da cama com as duas mãos apoiadas nos quadris estreitos. "Por que eu tenho que sair?"

"Por causa daqueles planos que eu tive com Aggie ontem à noite..."

"Destruirem um quarto de hotel em um frenesi de luxúria louca de sexo?"

"É, esses planos. Estou pronto para começar agora. Temos um monte a fazer antes do concerto desta noite."



Jace se levantou em um cotovelo para olhar para baixo, para Aggie com seu olhar mais latente. Ela sorriu, sabendo que estava preste a ter um dia maravilhoso. *Rock on!*[9]

"Então, eu vou ajudá-lo," Eric ofereceu. "Devo-lhe muito."

"Suma, Eric," Aggie disse, seu corpo já vibrando com antecipação.

Jace levantou seu olhar para Eric. "Você ouviu a senhora."

"Ah, vamos lá, homenzinho. Eu estou morrendo aqui. Apenas me deixe ver um pouco."

Jace balançou sua cabeça. "Não desta vez. Agora vá embora antes de eu chutar o seu traseiro."

"Sim, certo." Mas como ele mesmo disse, Eric pegou sua camisa e a puxou sobre sua cabeça. "Estou morrendo de fome mesmo. Quem precisa de sexo quando você pode ter ovos mexidos?"

"Eu vou te ver na arena," disse Jace.

Eric lançou três travesseiros para eles antes de mostrar-se pela porta. "Não se esqueça que temos essa coisa de ensaiar para Jessica."

"Eu estarei lá."

A porta se fechou, e Jace voltou sua atenção para Aggie.

"Que coisa para Jéssica," ela perguntou.

Ele sorriu. "Você vai ver. É uma surpresa. Para todos."

"Eric é um pouco..." Ela franziu a testa, tentando pensar o adjetivo adequado.

"Excêntrico?"

"Sim, eu acho que é a palavra."

"A maioria dos gênios são."

"Você acha que ele é um gênio?" Aggie apontou um polegar na direção da porta, Eric tinha acabado de sair.

"Eu sei que ele é um gênio. Eu o vi compor."

"Você é o gênio," ela sussurrou e puxou seus lábios nos dela para um beijo.

[9] Uma frase que os roqueiros usam para cumprimentar uns aos outros, dizer adeus, ou apenas dizer quando Algo está legal.



"Eu realmente sinto muito que você teve que me tirar da prisão na noite passada." Ele parou os beijos ao longo de sua mandíbula.

"Estou feliz que você percebeu que pode confiar em mim."

Ele congelou. Lá, ela o estava assustando novamente.

"Mas acho que você precisa ser punido por arruinar a minha noite," acrescentou.

Ele relaxou novamente, lhe tomou as mãos e puxou os braços por cima da cabeça.

"Mais tarde," disse ele. "Primeiro, preciso oferecer minhas desculpas. Considere cada beijo um s*into muito*."

Não demorou muito tempo para perceber como ele estava sentindo muito.



Capítulo Dezesseis

Aggie estava ao lado do palco no chão do estádio. Roadies e todos os cinco membros da banda andavam na escuridão. Era quase hora dos Sinners subirem ao palco. Ela desejava agarrar Jace e plantar um grande beijo molhado nos lábios. Ele mais do que pagou a fiançada prisão, e ela estava mais do que preparada para mostrar a sua apreciação. Depois de horas de desculpas, ela imaginou que ele estaria relaxado em sua companhia. Exatamente o oposto.

Assim que ela chegou à arena, ele tornou-se retraído e fugia de seu toque. Ela culpou o nervosismo. Ele não parecia gostar que o tocasse ao vivo.

"Tem certeza que você pode cantar, Sed?" Um roadie de cabelo escuro, mais cheio de tatuagens do que os cinco membros da banda juntos, perguntou. Todo mundo estava tratando o vocalista como vidro frágil. Aparentemente, ninguém confiava que sua garganta estava bem o suficiente para um show.

"Sim, meu médico disse que cantar não era um problema. Eu deveria limitar de gritar, entretanto, daí o violino." Ele levantou um negro, violino elétrico e deslizou o arco sobre as cordas. Isso gritou em protesto. "Ainda não sei como devo segurar um microfone e um violino ao mesmo tempo."

Alguém apertou o ombro de Aggie. Ela se virou para encontrar Jessica radiante como um farol acesso. "Aggie! Faz tempo que não a vejo. Como estão as coisas?"

"Ótimo. Algo novo com você?"

Ela enfiou a mão esquerda no rosto de Aggie e fez uma dancinha animada enquanto Aggie examinava o pequeno anel de noivado em seu dedo. "Sed e eu ficamos noivos na noite passada."

Aggie abraçou-a e não mencionou que teve que socorrer Jace e Eric fora da cadeia, porque eles a ajudaram tornar possível a proposta de acontecer. "Estou feliz por você, querida. Eu sabia que você e Sed ainda tinham uma coisa um para o outro."



Jessica largou Aggie e abraçou seu noivo em torno da cintura. Ela o beijou apaixonadamente, antes de Sed ir cantar e gritar no palco. Sed assegurou-lhe que estava bem — o médico o tinha liberado para fazer este concerto — embora ninguém parecesse convencido, muito menos Jessica.

Alguém tocou a banda. Jace bicou Aggie na bochecha quando ele passou por ela. Ela decidiu que esse carinho era o que ela ia conseguir até que estivessemm sozinhos.

O bumbo batia repetidamente. Os sons baixos, rítmicos da guitarra e do baixo encheram as nuances da música. Aggie prendeu a respiração na expectativa das luzes próximas ao palco acendessem para que ela pudesse ver Jace. Agora tudo o que podia ver eram quatro conjuntos de pés em uma luz azul que brilhava em todo o chão do palco. A guitarra lamentou. A multidão aplaudiu. A nota feita de um violino elétrico soou através dos alto-falantes. Um silêncio atônito caiu sobre a multidão. Luzes brilhantes banharam o palco. Quando a nota chegou ao fim, Sed segurou o violino e o arco em uma mão e arrancou o microfone fora de sua base com a outra para cantar. O entusiasmo do público aumentou durante a música até Sed ir para o seu violino novamente, moendo uma longa nota contra as cordas, e o público ficou em silêncio, em choque.

Aggie não tinha certeza do que estava acontecendo.

Jessica estava ao lado dela com as duas mãos segurando contra o peito enquanto olhava Sed atrapalhado no seu caminho através da música, alternando o seu canto com violino. “O que está acontecendo?” Aggie perguntou a ela.

Jessica desviou o olhar de seu noivo no palco. “Coitadinho. Eu nunca o vi tão nervoso.”

Nervoso? O cara estava inequivocamente dinâmico. Como alguém poderia pensar que era capaz de nervosismo? Jace, por outro lado, havia avançado até agora em direção à parte de trás do palco, Aggie raramente tinha um vislumbre agora. Podia ouvi-lo embora. O tom baixo de sua guitarra pulsava através de seu corpo inteiro — o som rico e vivo e incrivelmente sexy.

Quando a música chegou ao fim, a multidão aplaudiu e em seguida ficou em silêncio enquanto Sed falava no microfone.

“Acho que vocês perceberam o violino.”



A multidão gritou concordando.

"Doutor disse que não estou autorizado a gritar por um tempo. Então, vou substituir alguns dos meus vocais pelo violino. Se vocês odiaram, culpem Eric Sticks. Foi tudo ideia dele."

"Acho que soou legal!" Um fã gritou.

"Sim, legal!" Alguém gritou.

A multidão rompeu em aplausos entusiasmados.

Sed sorriu. "Os fãs do Sinners são os melhores. Vocês sabiam disso?"

"Merda," disse Trey em seu microfone. "Acho que vou chorar Sed."

"E se Sed começar a chorar, você sabe que Jace seguirá em breve," disse Brian.

À menção do nome de Jace, os ouvidos de Aggie se animaram. Ela deu um passo para o lado do palco e esticou o pescoço para vê-lo. Sem sorte.

"É melhor ter um lenço pronto, Travis," disse Trey.

O excessivamente tatuado roadie jogou um lenço no palco. Ele deslizou até parar aos pés de Sed. A platéia caiu na gargalhada. Sed pegou e fingiu enxugar as lágrimas depois atirou para o fundo do palco. A baixa nota discordante tocou na guitarra através do alto-falante e, em seguida, um lenço bateu em Brian na parte de trás da cabeça. Aggie desejou que ela pudesse ver melhor.

"Você não deve ficar no caminho," o roadie, Travis, disse. "Você está bloquendo a passagem."

"Mas eu não posso ver."

As sobrancelhas com piercing de Travis franziram em confusão. "Você tem o melhor assento na casa."

"Jace," ela esclareceu.

"Oh." Ele a pegou pelo cotovelo e a levou subindo os degraus, em torno de equipamentos na beira do palco.

Quando Jace entrou em vista, seu coração pulou numa batida, e ela sorriu. Perfeitamente atento ao seu entorno, mas parecia perdido em seu próprio mundo, ele era um especialista em fingir não estar atento. Aggie o conhecia melhor.



"Obrigada," ela sussurrou para Travis pouco antes da próxima música começar. Agora que ela podia ver Jace, não conseguia tirar os olhos dele. Sua concentração era absoluta, cada nota tinha igual cuidado e precisão. Ele ficava concetrado em sua música, como se nada mais no mundo importasse. Tocou seu instrumento com o mesmo cuidado e atenção que dava a ela quando faziam amor. Seu coração deu uma guinada dolorosa quando percebeu que a música era toda a sua existência. Seu propósito na vida. Sua razão de ser. Ela nunca faria diferença para ele, tanto quanto sua banda — essas músicas, nesta fase, qualquer multidão.

Arrancou os olhos do Jace e forçou-se a ver o resto da banda, estava aterrorizada com a direção de seus pensamentos. Por que estava tão presa a esse cara? Por que se importava que nunca seria a coisa mais importante na sua vida? Não era como se estivesse pensando em um futuro com ele. Ela não contemplava o seu futuro em tudo. Não havia nenhum ponto. Se o destino queria levá-la para um passeio, estava além de seu controle. Por que se preocupar com isso?

Quando seus olhos se voltaram para Jace, ela descobriu que ele estava olhando para ela. Ele ofereceu seu mais sexy, sorriso gentil, ela teve o desejo inexplicável de fugir. Obrigou-se a ficar parada — para enfrentar esses sentimentos estranhos que rodavam através de seu coração.

Para chegar a conclusão que era importante para ela. Não importava se ele retribuisse seus sentimentos. Ela queria que ele fosse feliz, estar com ele de qualquer forma — permitindo-lhe ser devotado e dedicado para perseguir o seu primeiro amor. *Música.*

Oh Deus, eu sou uma groupie. Patética e necessitada. Correndo atrás de um cara.

O que no mundo havia de errado com ela? A ideia estranha de colocar as necessidades de alguém antes da sua própria, especialmente um homem, tinha sua cabeça girando. Tanto que não percebeu que a banda deixou o palco até que um braço deslizou em torno de suas costas e lábios roçaram seu pescoço abaixo da orelha.

Ela estremeceu e agarrou-se a camisa de Jace com uma mão.

"Aproveitando o show?" Ele murmurou.

"Terminou?" Ela perguntou, espantada.

Ele riu. "Você estava distraída?"



Isso era um eufemismo.

"Nós estamos fazendo uma pequena pausa, mas Sed tem uma surpresa para Jessica que estamos todos envolvidos, por isso não posso ficar muito tempo." Jace a tinha deixado sozinha no hotel por algumas horas para praticar essa surpresa, mas ele não tinha compartilhado o que era. Nem mesmo quando ela tinha tomado seu mangual com ele até que ele veio.

O lado do palco onde estava foi banhado em sombras. Aggie estava certa de que a privacidade era a única razão que Jace reivindicou sua boca em um beijo que fez enrolar os dedos dos pés.

"Estou feliz por você estar aqui," ele sussurrou contra seus lábios. "Que posso compartilhar essa parte de mim com você." Ele a beijou novamente, sugando seus lábios suavemente. "Como você compartilhou a sua paixão pelo calabouço comigo."

Bem, isso tinha sido um tipo diferente. Ele a assistiu fazer os homens gritarem, e estranhamente, tinha estado bem com sua natureza torcida. Sua paixão, sua música, era mais que qualquer um deles. Tocava milhões de pessoas em torno do mundo. Ela acariciou seu rosto, sua barba por fazer áspera contra seus dedos.

"Estou feliz que estou aqui também." Mesmo que isso significasse que ela tinha alguns sentimentos preocupantes para classificar.

Ele sorriu, o mesmo sorrisso apenas visível sob a luz fraca. Jace tocou as pontas dos dedos para o rosto de Aggie e depois voltou para o palco.

Sed levou Jessica pela mão e a levou para o centro do palco.

"O que você está fazendo?" Aggie ouviu a voz trêmula de Jessica através do microfone de Sed.

"O que eu pretendia fazer antes de você, mas não tive a chance."

A banda tocou uma introdução abrangente para uma balada. Todos os três guitarristas usavam arcos em seus instrumentos, para que a música soasse mais orquestral que metal. Era assustadoramente romântico. Quando Sed começou a cantar as palavras ternas de uma canção de amor para Jessica, a respiração de Aggie ficou presa na garganta. A dupla estava tão perdida em si que doze mil outras pessoas na arena foram esquecidas. Observá-los olhar um para o



outro trouxe lágrimas aos olhos de Aggie. Ela nunca tinha presenciado nada parecido, inconfundível — o amor incondicional que fluia entre eles — e ela nunca pensou que poderia ter algo parecido com isso. Nunca quis — até agora. Desviou os olhos do casal no centro do palco e viu Jace, mais uma vez apanhado em seu primeiro amor, sua música. Por mais assustador que a ideia era, não podia negar. Ela queria o que Sed e Jessica tinham. E ela queria com Jace.



Capítulo Dezessete

Aggie jogou um prato de ovos mexidos na frente de sua mãe, que estava sentada em um banquinho no bar. ”Então, quando você vai embora?”

“Quando for seguro,” disse a mãe, jogando molho de pimenta em seus ovos para comer.

De pé, como se fosse impossível subir em um banquinho, Aggie bocejou e seus olhos pesavam. Ela teve uma noite difícil no clube. Alguns idiotas bêbados subiram no palco e a coisa ficou dificil. Bem, dificil foi colocá-los pra fora. Os seguranças tiveram que socá-los para tirá-los de cima dela. Ela odiava os homens. Bem, a maior parte deles. No momento, Jace era a única exceção, e, como ele estava em turnê no Nordeste, ela não o tinha visto por várias semanas. Ele estava sempre fora. Mantinham contato por mensagem de texto. Ele não gostava de falar no celular. Sentia sua falta e trabalhou duro para não se sentir irritada sobre sua turnê ou que ele nunca estava fora de seus pensamentos por um momento.

Fazendo uma pausa na Turnê os Sinners estavam a caminho de casa em Los Angeles hoje. Talvez ela pudesse ver Jace ainda esta semana. Ainda não lidava bem com estes longos períodos longe dele._”Estou cansada. Vou pra cama.”

“A maioria das pessoas dormem à noite, você sabe.” Sua mãe acenou com a mão para o início da manhã com o sol entrando pela janela da cozinha.

“Foda-se, a maioria das mães não ficam visitando suas filhas por três meses, você sabe.”

Sua mãe apontou para ela com o garfo. “Cuidado com a boca, Agatha Christine. Eu estou partindo em breve.”

“Você está dizendo isso todos os dias desde que chegou aqui, o mínimo que poderia fazer é *admitir* que você está aqui para ficar.”

Mãe balançou a cabeça. “Estou esperando tudo ficar claro.” Ela enfiou a mão no decote de seu moletom folgado e puxou um colar.



"Aqui, eu quero que você fique com isso." Ela levantou a longa corrente sobre a cabeça e entregou um hediondo, medalhão em forma de coração para Aggie. Ele parecia ser de ouro, mas a pintura descascada revelava o plástico branco por baixo. Aggie nunca tinha visto isso antes.

"Nossa obrigado, Mãe. Você pegou isso no lixo atrás do Dollar General?"

"Encontrei-o em uma caixa de sapato velho no outro dia. Seu pai deu-me isso."

Aggie revirou os olhos. "O caloteiro imitador de Elvis?"

"Não desrespeite seu pai."

"Não acho que posso chamar um homem que nunca conheci de pai. Ele não sabe que eu existo."

"Oh, ele sabe. Disse a ele que estava grávida. Foi por isso que ele me deixou." Mãe sorriu nostalgicamente. "Ele era realmente bonito. Você parece muito com dele."

"Sim, meu legado é ser o maior imitador de Elvis feminina de todos os tempos. Pena que eu canto como uma avestruz estrangulada." Aggie escorregou a corrente do medalhão sobre sua cabeça. Não era como sua mãe já tivesse lhe dado coisas de importância em sua vida. Ela apreciou o gesto. Ela estava apenas... cansada. E realmente queria sua vida de volta. E, ser capaz de fazer amor com Jace no chão da cozinha, sempre que o desejo os golpeasse. Não que ele estava por perto o suficiente para apaziguar os impulsos, mas se estivesse.

"Tenha orgulho de quem você é, Agatha."

Aggie assentiu e apertou o medalhão na mão. "Obrigado pelo colar, mãe. É a coisa mais feia que já vi, mas vou valorizá-lo."

A mãe sorriu, um daqueles raros sorrisos que tocavam os olhos cansados. Ela teve uma vida dura. Mostrava em cada linha de seu rosto. Difícil de acreditar, a mulher só tinha quarenta e sete anos.

A mãe agarrou Aggie ao redor da cintura e puxou-a junto ao seu lado. "Você está feliz, bebê?"



Por alguma razão, a questão de sua mãe trouxe uma imagem de Jace em seus pensamentos, como fazia a cada vinte segundos ou assim. Aggie sorriu, examinando o medalhão mais de perto. "Estou trabalhando nisso. Existe uma imagem dentro?"

"Ele não abre. Nunca abriu. Não é realmente um medalhão." Mamãe deu uma cotovelada nas costelas Aggie carinhosamente. "Estamos bem, certo?"

Aggie assentiu. "Estamos bem."

Mãe beijou o braço de Aggie e afagou-lhe a bunda. "Vá para a cama."

"Tenho alguém que vem pegar um espartilho esta noite," disse Aggie. "Tenho que fazê-lo antes de sequer pensar em dormir."

"Não, você não," disse a mãe com um sorriso de orelha a orelha. "Terminei isso para você."

Aggie sentiu o sangue de seu rosto sumir. "Por favor, me diga que você não fez."

"Fiz um trabalho fantástico."

Aggie correu para a sala de jantar e parou em seu caminho. Espalhado sobre a superfície da mesa da sala de jantar ao lado de sua máquina de costura estava o espartilho que estava trabalhando antes de ir para o clube na noite anterior. Sua mãe havia feito um trabalho fantástico, merda.

Só se fantástico fosse sinônimo de fodido. A costura era desigual. Os pontos padrões de bordado não correspondiam porque os pontos de Aggie decoravam um lado, e os de jardim de infância de sua mãe projetavam desgraçadamente do outro. Não era como se Aggie pudesse retirar os pontos para corrigi-los. Ao contrário do tecido, se feito um buraco no couro, ficava lá. Ela teria que começar de novo completamente.

"Mãe!"

"Nada mal para minha primeira tentativa. Talvez pudéssemos entrar no negócio juntas."

Aggie pegou o espartilho e puxou-o para ver se por algum milagre conseguiria concertar. Os canelados estavam costurados de forma que qualquer mulher não conseguiria respirar e sofreria uma parada respiratória. "Ele está arruinado."



"Não seja rainha do drama, Aggie. Está tudo bem."

Ela não poderia ver a expressão de sua mãe em meio às lágrimas de frustração. "Ele não está bem. Nada que você toca fica tudo bem."

Sua mãe tomou uma respiração profunda, estremecendo. "Você está certa. Eu sou a maior iditoa do planeta." E agora ela estava chorando. Grande, apenas maldição. Ela destruiu o trabalho de Aggie e depois de alguma forma conseguiu a fazer sentir-se culpada por isso.

"Não é bom estar perto de mim agora, mãe," disse Aggie. "Tenho um monte de trabalho a fazer." Ela pegou um abridor de casas e rasgou a roupa em seções, rezando para que pudesse ser capaz de salvar alguns dos painéis — especialmente o que ela tinha bordado — e apenas substituir aqueles que sua mãe tinha desarrumado.

"Sinto muito," disse a mãe com a voz trêmula. "Pensei que poderia ajudar. Sei o quão duro você está sempre trabalhando, e sou um fardo enorme sobre você. Inventei as histórias sobre a máfia pra você me deixar ficar e comi sua comida, peguei dinheiro de sua bolsa para comprar cigarros. Sei que mereço ser expulsa, mas não tenho outro lugar para ir." Ela estava chorando agora.

Aggie fez uma pausa em sua retaliação raivosa contra um espartilho indefeso. "Espere. O quê? Você inventou essa história sobre o dinheiro emprestado da Máfia?"

A mãe provavelmente não deveria ter revelado isso, enquanto Aggie tinha um objeto cortante na mão.

"Você querrrr me enlouqueceeeeerrr?"

A mulher deveria fugir. Ela não estava em seu juízo.

"Meda, certo! Bem, pelo menos posso parar de trabalhar horas extras, uma vez que já não tenho que economizar dinheiro para pagar o seu empréstimo estúpido."

"Então você não está com raiva de mim?" Mãe desligou a torneira com força.

"Não. Basta ir embora. Você já fez o bastante."

"Agora você está somente mal humorada."



Aggie enrijeceu. *Mal humorada?* "Eu preciso de maldita férias," Aggie disse baixinho triturando, cortando em tiras a arruinada metade do espartilho com seu rasgador de costura, para que não atacasse sua mãe com o seu ponto mortal.



Capítulo Dezoito

Sentado no meio do estúdio em seu primeiro dia fora da turnê, de três semanas, Jace sorriu quando viu a mensagem de texto de Aggie. Ele não podia esperar para vê-la novamente.

Tinha planos para vê-la em Vegas nesse fim de semana, embora não tivesse compartilhado esses planos com ela. Enquanto lia suas palavras na tela, seu sorriso desapareceu.

Estou em Los Angeles. Me dê o seu endereço. Pensei em ficar com você por alguns dias. Minha mãe está me deixando louca. Eu tive que sair de Vegas.

Em sua casa? Ele nunca a convidou para o sua casa por uma razão. Ele morava em um buraco em um bairro ruim. Isso com certeza renderia uma enxurrada de perguntas incômodas. Jace precisava convencê-la de que deviam passar um fim de semana romântico em um hotel caro.

Ele se virou para o produtor, Chris. Eles estavam sentados do lado de fora da cabine onde Eric estava gravando as faixas de bateria para o próximo álbum.

"Você conhece algum hotel cinco estrelas em Los Angeles?" Jace perguntou.

Chris levantou uma sobrancelha. "Não sei, aquele grande rosa, onde todas as celebridades vão. Qual é o nome?" Ele estalou os dedos. "The Beverly Hills Hotel."

"Onde é isso?"

"Sunset Boulevard. Onde mais?"

Jace não andava em Beverly Hills. Ele sabia onde era Sunset Boulevard. "Você acha que posso conseguir uma reserva lá?"

Chris riu. "Se você não puder, tenho certeza que Trey pode."



Ao contrário de Jace, Trey rondava em Beverly Hills regularmente. Ele tinha sido criado lá e tinha conexões sociais com os ricos e famosos. Jace mandou uma mensagem de texto de volta para Aggie.

Por que você não me encontra no The Beverly Hills Hotel? Fica na Sunset Boulevard. Vamos passar o fim de semana junto.

Ele decidiu adoçar o negócio.

Vou levar minha mala e mimá-la.

Aguardando sua resposta, Jace deu a Eric um polegar para cima quando ele saiu da cabine.

"Perfeito," Chris disse a Eric através do microfone.

Eric balançou a cabeça. "Tropeçou em uma batida cerca de três minutos. Jace quebrou a sua concentração?"

O telefone de Jace apitou com a chegada de outra mensagem.

Prefiro ficar em sua casa.

Não estou preparado para ter companhia. Ele enviou a resposta.

Não sou visita. Sou sua namorada.

Se você ver onde moro, pode mudar sua mente.

Não sou tão superficial, Jace.



Jace supostamente teria uma maneira de descobrir se ela poderia lidar com a realidade dele. Mandou uma mensagem de volta.

Encontrarei você lá.

"Tenho que ir," disse ele a Chris.

"Você estará de volta mais tarde, não é?" Disse o produtor. "Você é o próximo."

"Não sei. Poderia estar de volta ainda hoje. Diga aos caras que me desculpe, mas tenho uma visita inesperada."

Na garagem, Jace subiu em sua moto e ligou o motor. Dirigiu-se para casa como se os demônios estivessem em seus calcanhares. Tinha que correr pra chegar antes de Aggie e esconder a sua roupa suja em seu armário. Colocar lençóis limpos na cama. Esfregar o vaso sanitário. Em seguida, teria que levá-la as compras de supermercado. Tinha acabado de voltar de turnê por três semanas, e sua geladeira estava vazia. Talvez fazer um bom jantar.

Estacionou sua moto na rua e foi até as escadas para o apartamento dele. Ele estava tirando os lençóis da cama quando seu celular tocou.

"Estou aqui. Será que o meu carro ficará estacionado em segurança nessa rua?" Aggie perguntou. "Este bairro parece um pouco sombrio."

Pouco sombrio? Talvez. Se ela considerar a densa floresta um pouco sombria. Ele olhou em volta de seu apartamento sem graça. Ela não seria feliz aqui. Ele estava envergonhado que ele mesmo vivia aqui.

"Vamos para um hotel."

"Não seja bobo. Eu já estou estacionada. Vem me ajudar com minha bagagem."

"Vou descer." Ele chutou os lençóis sujos debaixo da cama e dirigiu-se para ajudá-la com suas malas.

No segundo que chegou à calçada, dois caras já estavam ajudando-a com suas malas. Ou melhor, tentando puxar a mala.



Um jogou a mala na traseira de uma picape. Outro puxou a bolsa dela, que ela agarrava com as duas mãos. "Dê-me a sua bolsa, cadela."

"Vai a merda seu idiota." Ela o chutou na canela e deu-lhe um puxão na bolsa com força. O conteúdo caiu em todo o chão, mas ela não estava disposta a ceder um centímetro em seu cabo de guerra. Nem mesmo quando o homem puxou uma arma.

"Consiga um emprego, maldito perdedor," ela gritou.

"Vou atirar em você, se você não deixar ir."

"Isto é meu. Trabalhei duro para isso."

Aparentemente, a mulher de Jace tinha falta do gene do medo, mas ele tinha. Fazia tempo que não temia por alguém, mas fez agora. Seu sangue gelou nas veias, e tudo o que conseguia pensar era levá-la para longe do perigo.

Jace pulou para frente e empurrou Aggie de lado, lutando para manter o equilíbrio e ainda manter um controle sobre sua bolsa estúpida.

Antes de ele poder voltar a enfrentar o assaltante, dois tiros sucessivos cortou seu corpo. À parte de trás do ombro direito. Através de seu braço direito. Pneus cantaram. O chão se aproximou de seu rosto. Alguém gritou seu nome. Tudo ficou escuro.



Capítulo Dezenove

Aggie virou ao som de tiros. Viu o salpico de sangue para fora do braço de Jace. Observou-o cair. Sentiu seu mundo desintegrar. "Jace!"

Alguém lhe agarrou o braço e empurrou uma arma debaixo do queixo. "Eu disse, me dê sua bolsa de merda. Não me faça matar você também, sua cadela estúpida."

Ela não podia compreender o perigo em que estava, só podia assistir a quantidade de sangue se formando em uma poça embaixo do único homem que tinha amado. "Jace..."

Rangendo os dentes, deixou cair sua bolsa no chão e agarrou seu punho esquerdo com a mão direita. Com um grito de raiva, ela deu uma cotovelada no estômago de seu capturador.

Ele grunhiu de dor. Ela pisou no dorso do pé.

"Ow, cadela. O que você acha..."

Ela o esmurrou nas bolas, jogando-o de joelhos. Seu domínio sobre a sua arma afroxou. Ela agarrou a parte de trás de sua cabeça e dirigiu seu nariz em seu joelho. Ele caiu inconsciente na calçada, a arma caindo de suas mãos.

Aggie voou para o lado de Jace. "Oh, meu Deus," ela suspirou, sem ação para fazer qualquer coisa, passou a mão sobre ele. Ele estava sangrando muito. Certamente, estava morto.

Ela discou 911. Antes do atendente responder, o som de sirenes vinhanm a distância soando como um coro de harpas angelicais.

"Qual é a sua emergência?"

"M-meu namorado levou um tiro."

"Sua localização?"

Ela não sabia. Não sabia de nada.

"Estou fora. Na calçada."

"Você pode ver uma placa de rua?"



Aggie olhou para cima e leu os nomes das ruasnas placas no canto da interseção mais próxima.

A atendente disse: "Respire fundo, querida. Alguém chamou sobre um assalto em andamento há alguns minutos atrás. A polícia e os paramédicos já estão a caminho."

Aggie podia ouvir as sirenes cada vez mais altas a cada segundo.

"Qual é o nome do seu namorado?"

Ela cobriu os lábios com a mão trêmula e olhou para ele. A poça de sangue por baixo dele estava se espalhando. "J-Jace."

"Ele ainda está respirando?" O atendente perguntou.

Ela olhou para Jace, mas seus olhos embaçaram se recusando a ver qualquer coisa, além do acúmulo de sangue ao redor de seu braço direito. "Eu-eu não sei." Ela olhou ao redor, esperando que alguém com um mínimo de sentido estivesse perto para lhe dizer se Jace ainda estava respirando. As ruas estavam estranhamente vazias. Era como se o mundo tivesse sido abandonado. Sua única salvação era a mulher calma, na outra extremidade da linha.

"Qual é o seu nome, querida?" Perguntou a mulher.

"Aggie," ela gritou.

"Aggie, ouça o seu peito. Veja se o seu coração está batendo. Se não estiver, vou ajudá-la a iniciar a CPR[10]."

Aggie se inclinou e pressionou sua orelha no peito de Jace, para ouvir o som do seu coração. Ainda batia, lentamente na melhor das hipóteses.

"Ainda está batendo," disse ela para a atendente.

"Ele está respirando? Sinta o ar vindo do nariz e da boca."

Ela moveu a mão na frente do rosto e sentiu o hálito quente contra seus dedos. "Sim. Está respirando."

"Então, basta sentar-se calmamente até que a ajuda chegue."

Sentar-se calmamente? Esse era o conselho da mulher? Aggie deixou cair seu telefone celular no chão. Tinha que fazer algo por ele, mas não sabia o que. Deveria tentar parar o

[10] Abreviação para cardiopulmonary resuscitation – Ressuscitação cardiopulmonar.



sangramento? Virá-lo de costas? Esfregou a testa. “Eu não sei o que fazer,” ela sussurrou entrecortada. Alisou sua jaqueta de couro sobre suas costas, sem saber como ajudar. Retirou o cabelo de Jace de sua testa, deixando várias faixas de seu sangue em sua pele. “Não sei o que fazer. Jace? Jace, diga-me o que fazer!”

As sirenes continuaram passando por onde estavam até o final do próximo quarteirão. Talvez eles tivessem o endereço errado. Tinha que chamá-los para lá.

Tão inútil quanto atualmente era, eles saberiam como ajudá-lo.

“Vou voltar,” ela prometeu a Jace, com medo de deixá-lo, mas mais medo de não deixá-lo.

Ela correu para o meio-fio e agitou os braços freneticamente para um carro da polícia que passava. Pneus cantaram quando o oficial pisou no freio. Uma ambulância fez uma volta em U na extremidade do quarteirão e puxou para o meio-fio no lado oposto da rua.

Um oficial saiu do carro de polícia, olhando o sangue no rosto e nas mãos de Aggie com preocupação. “Madame. Senhora, você está machucada? Alguém levou um tiro?”

“Não, estou bem. Por favor. Você tem que ajudar Jace. Ele foi baleado.”

Ela correu de volta para onde tinha deixado Jace e encontrou o assaltante com a arma de fogo gemendo enquanto lutava para recuperar a consciência. Ele tomou uma profunda respiração e agarrou a arma. O policial ao lado de Aggie sacou a arma e caiu sobre um joelho.

“Solte sua arma,” disse o oficial gritando.

Aggie não hesitou. Correu em direção ao assaltante e chutou no lado da cabeça. A arma disparou, bala voando descontroladamente sem pontaria.

“Seu filho de uma cadela,” ela resmungou. Chutou-o na virilha. Uma vez. Duas vezes. Sentindo os ossos do saco dele sob seu pé. Ele gritou, apertando suas bolas em agonia, a arma foi esquecida ao lado dele. Ela não sabia como ajudar Jace, mas com certeza não ia ficar lá enquanto o idiota que tinha atirado nele machucava outra pessoa.

“Você está louca?” Disse o policial, virando a arma fora do alcance do homem. “Ele tinha uma arma, e você pula em cima dele? Você tem sorte de não levar um tiro.”



"O que você está fazendo?" Ela gritou com o policial. "Ajude o Jace. Eu não sei o que fazer por ele. *Ajude-o!*"

Dois paramédicos correram através da rua em direção a eles, empurrando uma maca que levava um estojo grande de primeiros socorros. Enquanto o policial prendia o assaltante ferido em algemas, os médicos trabalhavam em Jace, tentando conter o fluxo de sangue. Eles tiraram a jaqueta e a jogaram de lado. Todo o lado direito de sua camiseta branca estava saturado de sangue.

Aggie pegou o casaco e embalou-o contra o peito, observando os paramédicos fazerem seu trabalho.

"Há um ferimento de saída de uma bala, mas a segunda ainda está alojada dentro de seu ombro."

"Mantenha a pressão sobre isso. Temos que levá-lo ao hospital. Ele está perdendo muito sangue."

Dois agentes escoltaram o bandido em direção a uma viatura. "Você está morta, sua cadela. Assim que eu pagar a fiança, você vai morrer," gritou para Aggie.

Aggie ouviu, mas estava muito preocupada com Jace para sentir qualquer preocupação por si mesma. Os policiais ouviram embora. "Vou ter certeza que essa ameaça seja registrada no meu relatório," disse um oficial enquanto empurrava o cara na parte de trás da viatura. "A fiança não é uma opção. Onde está o seu cúmplice?"

"Não sei o que você está falando," alegou o assaltante.

Seu cúmplice tinha a mala de Aggie e tinha acelerado assim que seu amigo tinha atirado em Jace. Não que isso importasse — nada importava, só Jace importava.

"Senhora, é preciso fazer-lhe algumas perguntas."

Aggie não olhou para quem estava falando. Ela não conseguia tirar os olhos de Jace.

Quando o policial agarrou seu braço, ela puxou com força. "Não. Tire suas mãos de mim."



Os paramédicos levantaram Jace em uma maca, fazendo de tudo para não tocar na ferida em seu ombro. Sua mão estava branca, fantasmagórica com o torniquete em torno de seu braço onde surgia um fluxo de sangue no seu bíceps.

"Ele precisa de oxigênio."

"Ele precisa de sangue é disso que ele precisa. Jesus."

"Leve-o na ambulância."

Em um estranho estado de desprendimento, Aggie seguiu a maca para a ambulância. Ela saiu do meio-fio, incosiciente do tráfego que um policial desviava em torno das viaturas policiais. Alguém agarrou seu braço novamente. Desta vez, ele não soltou quando ela tentou torcer distância.

"Senhora, é preciso fazer-lhe algumas perguntas."

Ela balançou a cabeça com força, as lágrimas cegando-a.

O oficial puxou seu braço, tentando levá-la a segui-lo em direção ao carro da polícia.

"O que aconteceu? Minha senhora, diga-me o que aconteceu."

"Eles levaram a minha mala. Queriam a minha bolsa também. Eu deveria ter dado a eles. Jace," ela gritou. "Jace!"

"Estamos levando-o para o County," um paramédico disse. Aggie não entendia o que significavam. County? Hospital? A maca de Jace foi levantada na parte de trás da ambulância, e os paramédicos subiram dentro. Alguém fechou a porta e fechou a parte de trás do veículo. Ela decolou na rua, luzes piscando, sirenes ligadas.

"Havia mais de um?" O policial perguntou. Aggie concordou e rompeu em soluços, com o rosto enterrado na jaqueta de Jace.



Capítulo Vinte

Jace gemeu, tentando manter os olhos abertos. Ele sentia como se um elefante estivesse em seu ombro direito. Alguém tocou seu rosto suavemente.

"Ei você aí, abra os olhos, docinho," uma voz suave disse.

"Aggie," ele sussurrou.

"Meu nome é Karen. Eu sou sua enfermeira."

Enfermeira? O quê? Memórias inundaram sua mente, uma em cima da outra, convergindo em uma confusão indecifrável. Só duas coisas faziam sentido. Ele havia sido baleado, e o cara com a arma tinha Aggie.

"Aggie!"

Ele sentou-se na cama do hospital. A enfermeira tentou persuadi-lo a ir de volta para baixo. "Nós não conseguimos encontrar sua identificação. Você lembra o seu nome?"

"Onde está Aggie? Temos de mandar alguém para ajudá-la. Temos que..."

"Eu não sei quem é Aggie. Ela não está aqui. Você veio sozinho. Será que ela sabe onde você está? Poderíamos chamá-la."

Ele empurrou a enfermeira de lado e tentou levantar na cama. Dor esfaqueou por seu ombro e seu braço, mas podia tolerar a dor.

Sem saber onde Aggie estava, sabendo que não conseguiria mantê-la segura, isso não podia tolerar.

"Você tem que ficar na cama. Acabou de sair da cirurgia e não está em condições de ir a lugar algum." A enfermeira apertou o botão de chamada por ajuda.

"Vou te dar outro sedativo e algo para a dor."

Jace balançou a cabeça vigorosamente. "Esse cara vai matá-la," disse ele, caindo de lado na cama quando uma onda de tontura o acertou.



Tentou levantar-se novamente, mas seu corpo recusou a cooperar. *Levante-se, Jace.* Você *tem que se levantar*. A enfermeira colocou-o de volta na cama. "Não. Eu não posso ficar aqui," ele murmurou.

Seu braço direito estava estranho e não porque tinha levado um tiro nele. A braçadeira de couro grosso que normalmente usava em seu pulso estava faltando. Ele cobriu as cicatrizes de lá com a mão esquerda. "Onde está a minha pulseira?"

Karen abriu uma gaveta e entregou a ele. Ele a prendeu às pressas ao redor de seu pulso, não liberando sua respiração até que sua vergonha estivesse coberta novamente.

A enfermeira olhou com compaixão. "Nós não sabemos a quem notificar sua condição. Você tem família?"

Ele balançou a cabeça. Ele não podia recuperar o fôlego. Quem se importava se ele não tinha família? Aggie ainda estava em perigo. Ele tinha levado um tiro por ela, mas ainda não tinha ideia se ela estava segura, ferida ou morta. "Não, não tenho família. Por favor," disse ele. "Você não entende. Envie alguém para ajudar Aggie. Envie. Por favor. Alguém."

"Jace?" A voz doce de Aggie veio do outro lado da sala. Ele tinha que estar ouvindo coisas. Delirando por caisa dos remédios.

Então ela estava ao lado dele. Não sabia qual era o milagre que ela estava lá. Não morta. Aparentemente ilesa. Ela caiu contra ele, soluçando contra seu pescoço, agarrando-se a ele. A dor que ela causou lembrou-lhe que estava vivo. E, mais importante, que ela estava viva.

Ah Deus, me machuque, Aggie.

"Sinto muito, levou tanto tempo para chegar aqui. Esses policiais estúpidos não me deixavam sair. Esses dois caras que me assaltaram tem estado em uma onda de roubos, e sou a única que viu o rosto do outro cara. Eles me fizeram ir olhar através de várias fotos e apresentar um relatório. Eu só queria estar com você." Ela olhou para a enfermeira. "Será que ele vai ficar bem?"

"Não se você continuar apertando-o assim," disse a enfermeira em desaprovação.

Jace riu. "Aperte-me tão duro como você gosta. Como você fugiu desse cara? Será que a polícia o prendeu?"



Ela fez uma careta. “Não exatamente. Depois que ele atirou em você, fiquei louca e chutei a bunda dele.” Ela corou. “Principalmente suas bolas, na verdade.”

Jace riu. “Ele teve o que mereceu. Queria ter pensado nisso.”

“Ele atirou-lhe nas costas, o covarde. Eu não ia deixá-lo fugir assim.” Ela beijou seus lábios suavemente, com os olhos lacrimejantes, com lágrimas. “Deveria ter entregado minha bolsa. Então você não teria se machucado.”

Jace se concentrou em levantar o braço ileso e acariciou seu cabelo e rosto com ternura. “Tudo que me importa é que você está segura.”

“Estou tão feliz que você está bem. Tão feliz.” Ela o beijou de novo. “Eu te amo tanto. Se alguma coisa acontecesse com você, eu não gostaria de continuar vivendo.”

Ele tocou seu rosto. “Não diga coisas como essa,” ele murmurou. Ele a beijou suavemente. “Não vou a lugar nenhum.”

Ela fungou e olhou em seus olhos. Ele nunca tinha visto uma onda de fraqueza nessa mulher, e suas lágrimas rasgaram o seu coração. “Promete?” Ela sussurrou. Quando ele não respondeu imediatamente, pegou dois punhados de cabelos e deu-lhe um aperto rígido. “Prometa-me, Jace.”

“Prometo.” Ele se sentia tão fraco no momento, que temia que essa promessa pudesse se quebrar.



Capítulo Vinte e Um

Aggie assistiu Jace dormir por mais de uma hora antes que pensasse em informar a alguém sobre seu ferimento. Ele nunca falou sobre sua família, então não sabia como entrar em contato com eles, mas tinha o número de Jessica. Como noiva de Sed, Jessica tinha que saber como entrar em contato com os caras da banda de Jace.

Eles precisavam saber o que estava acontecendo. Tinha certeza de que gostariam de saber, e saberiam s quem mais informar. Aggie saiu para o corredor, para não perturbar o sono de Jace. Ele tentou fingir que não se machucou muito ruim, mas Aggie viu, através do ato durão. Ele precisava de seu descanso, e estava ali para ter certeza que teria.

"Aggie!" Jessica atendeu ao telefone. "Como você está? Desculpe não ficar com você depois do show em San Francisco. Sed quis comemorar."

"Não se preocupe com isso. Falando de Sed, ele está por aí?"

"Por quê?"

Aggie quase riu do som de ciúmes de Jessica. "Jace foi baleado. Eu não tinha certeza para quem ligar. "

"Baleado?"

"Sim, baleado."

"O que quer dizer que Jace foi baleado?"

"Eu quero dizer que um idiota atirou nele com uma arma."

"Atirou nele?"

"Sim, atirou nele. Posso apenas falar com Sed?"

"Ele não está aqui. Foi para o estúdio. Eric disse que Jace estaria lá pra gravar esta tarde, Sed está trabalhando em faixas vocais."

Aggie percebeu que se ela não tivesse surpreendido Jace com uma visita, ele ainda estaria em segurança no estúdio de gravação e não ferido em uma cama de hospital.



"Você vai deixar Sed saber o que aconteceu? Jace vai ficar aqui durante a noite. Provavelmente por mais tempo."

"Qual hospital você está?"

"County."

"Vou reunir os caras, e nós vamos vê-lo. Como é que ele conseguiu levar um tiro?" Jessica perguntou.

"Um cara tentou pegar minha bolsa e me recusei a dar para ele. Ele puxou uma arma, e Jace me empurrou para fora do caminho. Ele levou duas balas por mim — tudo porque fui uma idiota. Deveria ter dado para o bastardo a minha bolsa de merda." Aggie esfregou o centro do peito, o coração dolorido.

"Não se culpe, Aggie. Culpe o cara com a arma. Estaremos aí o mais rápido possível."

"Obrigado, Jess."

Aggie voltou para o quarto, sentou-se na cadeira ao lado da cama, e pegou a mão de Jace. Ela beijou os nós dos dedos — e os pressionou em sua bochecha. Realmente o amava. Não podia negar. Será que ele sentia o mesmo? Nunca falou muito sobre seus sentimentos, mas sabia que ele sentia algo por ela. Ele sempre falou muito mais em ações do que fez em palavras. Naturalmente, poderia ser a atração sexual simples na sua extremidade. Ela não tinha certeza se isso era o suficiente, tinha sido, mas agora... agora não tinha certeza de nada.

Uma hora depois, ouviu um barulho no final do corredor. "Sim, nós somos sua família. Sai fora do meu caminho." Isso era Sed? Tinha que ser. Essa voz profunda era altamente reconhecível. "Jace," Aggie sussurrou, sacudindo-o ligeiramente. "Eles estão aqui."

Ele gemeu, mas não abriu os olhos.

"Jace!"

"Cansado," ele murmurou. Pelo menos ela entendeu o que disse. Estava completamente certa de que ainda estava dormindo.

Em poucos minutos o quarto estava lotado de parede a parede com pessoas.

A banda inteira tinha vindo visitá-lo? Aggie sabia que iria significar muito para Jace.



"Obrigado por virem. Eu não sabia para quem ligar," Aggie disse, olhando de uma estrela do rock para a próxima.

"A banda não está completa sem o homenzinho," disse Eric.

Sed estava ao lado da cama, olhando para Jace como se pudesse curar com o poder de sua vontade. "Ele está muito mal," Sed murmurou. "Parece uma merda."

"Ele não vai morrer, não é?" Trey perguntou.

"O médico disse que a cirurgia correu bem," disse Aggie. "Eles tiraram a bala. A ferida está limpa. Somente precisa cicatrizar. "

"Deveria ter sabido que algo assim iria acontecer," disse Eric, olhando para Jace ansiosamente. "Ele deveria gravar no estúdio esta tarde, e pow — ele leva um tiro. Este álbum de merda está amaldiçoado, eu lhe digo."

"Você gravou faixas de bateria, esta tarde, e nada aconteceu com você," Trey lembrou.

"Ainda," disse Eric, olhando por cima do ombro como se estivesse procurando a nuvem de maldição que agora o seguia.

"Tem ideia de quanto tempo ele vai ficar fora?" Sed perguntou.

"Algumas semanas."

"Viajaremos para o Canadá em três dias," disse Brian.

"Vocês estão partindo de novo?" Aggie odiava ser a namorada carente, mas nem chegou a vê-lo, e Jace não podia seguir em turnê, enquanto estava ferido.

"Era pra ser," disse Sed. "Não é possível se apresentar sem nosso baixista."

"Como ele levou um tiro?" Eric perguntou.

"Protegendo-me."

Eric sorriu torto. "Olhando pra ele você não nem desconfia, mas o cara é foda."

"Tenho certeza que ele gostaria de você dizendo isso a ele." Aggie disse.

"Não posso fazer. Nós não precisamos de outro egomaníaco na banda. Sed já tem essa personalidade coberta." Eric estremeceu quando Sed lhe deu um tapa atrás da cabeça.

"O que você precisa que façamos por você, Aggie?" Jessica perguntou, colocando um braço em torno dela e esfregando o meio das costas.



Aggie enrugou a testa em confusão. "Eu?" Ela balançou a cabeça. "Eu não estou ferida."

"Isso não é o que eu quis dizer. Deve ter sido horrível testemunhar..." Jessica arqueou as sobrancelhas em questão. "Você está bem?"

Aggie assentiu. Ela deveria admitir que se importava com Jace. Mesmo diante de todos esses caras que significavam muito para ele e que ela não conhecia muito bem.

"Deve ter sido horrível testemunhar alguém que você gosta levar um tiro. Passei por isso quando Sed rompeu a garganta no palco mês passado."

Sed beijou a testa da noiva. "Não foi tão ruim quanto parecia, bebê."

"Como você se sentiria enquanto eu estivesse inconsciente em uma poça de sangue?"

Sed empurrou Jessica em seus braços e esfregou os lábios sobre seu sedoso cabelo ruivo. "Nem sequer coloque essa visão em minha cabeça." Ele deu um tapinha no ombro de Aggie. "Se você precisar de alguma coisa, qualquer coisa, é só pedir. Nós vamos ajudar."

"Estou bem. E acho que Jace precisa descansar. Eu não sei o que ele vai querer fazer sobre a próxima turnê." Aggie poderia adivinhar que ele não queria deixar seus colegas de banda na mão, mas ela não queria falar por ele.

"Na verdade, eu poderia ter uma solução," disse Eric. "Vou precisar fazer alguns telefonemas."

"Você tem uma solução?" Brian perguntou.

"O quê? Você não confia em mim para resolver os nossos problemas?" Eric perguntou.

Sed, Brian, e Trey balançaram a cabeça em uníssono. Pela primeira vez desde Aggie havia saído de seu carro, em Los Angeles, ela sorriu.



Capítulo Vinte e Dois

Jace gemeu em seu sono.

A maca seguiu. Ele correu um corredor sem fim. Azulejos brancos, paredes brancas, luz branca ofuscante em cima. Cheiro de anti-séptico.

Jason estava com muito medo de olhar para trás. Podia ouvir o barulho das rodas, assim que soube que a maca ainda estava lá. Ainda o seguindo.

Beije sua mãe filho, e diga adeus.

Jason parou. As rodas rangendo pararam logo atrás dele.

Beije sua mãe, diga adeus, filho.Beije sua mãe —

Ele cobriu os ouvidos para abafar a voz de seu pai. *Não. Eu não posso. Não faça isso.*

Esta pode ser a última vez que você vai vê-la. Você não a ama? Não se importa?

Isso não é ela. Não é ela.

Ele não queria olhar para ela, com o rosto esmagado, inchado e machucado.

Irreconhecível. Não humano. Seu corpo torcido. Contorcido. Aquela coisa na maca não era sua mãe.

A maca esbarrou em seus ombros. Seu coração deu uma guinada. Ele correu. Correu mais rápido do que já tinha corrido antes.

Não pise no buraco. Ele tentou saltar sobre eles, mas mexeram-se sob seus pés, e ele não podia evitá-los.

Ele pisou em um. Ele tinha ouvido barulhos, um corpo caindo quando os faróis se aproximaram e depois desapareceu. Sobre os sons do metal rasgando estilhaçando o vidro, ele ouviu do banco de trás.

Ela está muito machucada, filho. Se ela viver, nunca vai voltar a andar.

Mas ela ainda vei ser capaz de tocar piano, não vai, pai?

Acho que não.



Isso entristeceu Jason.

Não chore, menino. Os homens não choram. Nunca.

Ele não chorou. Ele correu. Correu até não poder correr mais. Sem fôlego. Nenhuma energia. Se ele não podia correr, tinha que se esconder. Esconder.

Se ele o encontrasse, iria levá-lo. A coisa na maca fingindo ser sua mãe iria buscá-lo.

Um galpão velho tornou-se a sua salvação. Ele enrrolou seu corpo em um espaço pequeno. Um lugar escuro. Mofado como um sótão antigo. O ar viciado e sufocante.

Mas estava sozinho aqui. Gostava de estar sozinho. Sozinho era seguro. Ouviu o barulho das rodas. Eles nunca vieram, mas depois de um tempo seu pai veio.

Todo mundo estava procurando por você por dias. Não tenho paciência para essa besteira agora, Jason. Sua mãe está morta. Você entendeu? Ela está morta! Você está vivo — nenhum arranhão de merda em você — mas ela está morta.

Jason estava atordoado demais para sentir o primeiro golpe.

Morta? O que isso significa estar morto? Como ele gosta de dormir? Um longo sono com dor, não mais?

Muito confuso para sentir o segundo golpe.

Nunca se esconda de mim de novo, seu pedaço de merda, nunca.

Jason ouviu o rangido das rodas da maca fora da porta do galpão.

Sentia muito medo de sentir o terceiro golpe. O quarto. Quinto. A dor tomou conta dele como um cobertor reconfortante. Ele merecia isso. *Machuque-me pai. Machuque-me.*

Os olhos de Jace abriram, seu coração batendo com terror. Seu olhar correu em torno das paredes brancas estéreis. O saco IV pendurado ao lado da cama.

O monitor de frequência cardíaca soando. A haste de cortina acima de sua cama. Em vez de recuar, o medo estrangulou sua garganta. Uma necessidade instintiva de gritar. Jace pegou a agulha IV na parte de trás de sua mão, mas antes que pudesse tirar, alguém agarrou seu pulso.

"Jace," Aggie disse. "Está tudo bem. Você lembra o que aconteceu? Você está no hospital."



Sabia que estava no hospital de merda, e precisava sair. Imediatamente. Anos atrás, um conselheiro lhe disse que ele tinha transtorno pós-traumático causado pelo estresse, mas de alguma forma, colocar um nome para torná-lo mais fácil de lidar o pegou de surpresa e o deixou em pânico. Tinha sido um longo tempo desde que tinha sonhado com a morte de sua mãe. Um longo tempo desde que os traumas de sua juventude tinham controlado suas reações ao mundo exterior. Pensou que tinha acabado — com essas besteiras.

"Aggie," disse ele, agarrando-a com os dois braços e puxando-a contra ele na cama. Ele abraçou tão apertado quanto podia, o que não fez parecer quase apertado o suficiente. "Aggie, você tem que me tirar daqui."

"Querido, você está ferido. Você não pode sair." Sua voz estava abafada contra seu ombro, que reconheceu que estava latejando.

"Eu tenho que sair. Agora."

"Não podemos sair. Você vai danificar o seu ombro."

Ele não tinha ideia do que ela queria dizer. "Aggie, por favor."

"Vou falar com o seu médico."

"Eles não podem me manter aqui contra a minha vontade." Ele lançou um olhar dasafiador, e ela olhou fixamente em seus olhos. Ela segurou seu rosto e lhe ofereceu um sorriso triste.

"Está certo bebê, tudo bem," disse ela. "Vou levá-lo embora." Ela beijou os lábios com ternura. "Vista-se."



Capítulo Vinte e Três

Jace abriu seus olhos para a escuridão absoluta. Seu corpo estava em chamas. Sua garganta mais seca do que um biscoito salgado do deserto de Mojave. O que o tinha acordado?

Sua bexiga protestou em sua plenitude. Oh. O brilho da rua do lado de fora de seu apartamento e o ronronar reconfortante de Brownie perto de seu travesseiro afundou em seus pensamentos. Ele estava em casa? Como tinha chegado em casa? Uma mão quente descansava em sua barriga. Oh sim. Aggie.

Deus, ele tinha que fazer xixi. Sentou na beira da cama, tropeçou em seus pés, e imediatamente caiu no chão com um baque forte. Dor irradiou através de seu ombro e braço. Foda-se, levar iria doer, e não era aquela agonia doce de ardor que tanto gostava.

"Jace?" A voz preocupada de Aggie veio da cama acima dele. Ela acendeu uma lâmpada e o observou sobre a borda do colchão.

"Você está bem?"

Ele estava no chão, ao mesmo tempo respirando através de sua dor e tentando não rir por isso não se irritou.

"Você pode me ajudar? Preciso ir ao banheiro."

Tentou resgatar sua donzela em perigo e ela tinha feito a maior parte do resgate, e agora ela ia ter que ajudá-lo a mijar. *Que belo herói que sou.*

Aggie levantou da cama e o ergueu a seus pés. Ele segurou a camisola do hospital com uma mão e segurou Aggie com a outra. Aparentemente, esses analgésicos maravilhosos que deram pra ele no hospital tinham passado.

"Você está queimando, bebê," disse Aggie.

"Estou congelando."

"Temos que te levar de volta para o hospital," disse ela. "Se você pegar uma infecção —
"



"Não, não preciso de um hospital. Preciso de um banheiro."

Ele apoiou-se nela que o ajudou a sair do quarto e ir para a porta do banheiro. Ele tentou conseguir o equilíbrio, mas era dificil sem o seu apoio, ele em breve encontraria o chão de novo. Nunca se sentiu tão tonto.

"Não posso ficar em pé sem você," ele sussurrou.

"Basta ir," ela insistiu. "Não vai me incomodar."

Ela o ajudou a manter a camisola do hospital fora do caminho enquanto ia ao banheiro. Não podia evitar, além de suspirar de alívio quando esvaziou a bexiga. Seus olhos rolaram em sua cabeça em êxtase. Aggie riu. Quando terminou, ela o ajudou a voltar para o quarto e colocou-o na cama.

"Sede," ele murmurou, quase dormindo novamente. Apenas a caminhada para o banheiro, minou suas energias.

Ela sacudiu-o acordado e pressionou uma garrafa aos lábios. "Jace, você tem que beber."

Quando ele tinha caído no sono de novo?

"Jace? Por favor, bebe, bebê."

"Aggie?"

"Sim, sou eu. Tome um gole. Vamos."

O primeiro gole machucou indo para baixo, mas não conseguia o suficiente. Ele bebeu a bebida gelada até que a garrafa estava vazia, e depois tremeu incontrolavelmente. Por que estava tão frio? Aggie se levantou e começou a deixá-lo sozinho.

"Fique," Jace sussurrou.

"Eu estava indo pegar outro cobertor."

"Fique."

Ela sentou-se ao lado dele, seus dedos acariciando seu rosto. Podia sentir-se à deriva voltando para o esquecimento, mas queria manter os olhos abertos — queria olhar para ela. Sentiu sua falta quando estavam separados, estiveram separados muito tempo, enquanto ele estava em turnê no mês passado e agora a queria perto dele.



Aggie fungou. Uma lágrima solitária deslizou pela bochecha e pingou fora da borda de seu rosto.

"Não chore," ele murmurou.

"É tudo culpa minha. Se você não me conhecesse, isso não teria acontecido."

"Se eu não te conhecesse, nunca teria chegado a segurar você."

Ele não tinha a intenção de fazê-la chorar mais. Ela colocou os braços ao redor dele e apertou o rosto em seu ombro. Seu corpo tremia com soluços quando se agarrou a ele. "Não morra, Jace, por favor."

"Não planejo fazer isso."

Ele queria abraçá-la, confortá-la, mas seu cansaço o venceu, e ele não tinha escolha à não ser sucumbir a isso.



Capítulo Vinte e Quatro

Da próxima vez que Jace abriu os olhos, uma luz brilhante estava brilhando em seu rosto. "Ah bom, você está acordado." Um rosto embaçado entrou em foco. No começo, pensou que era Trey, mas o homem era mais velho e não tinha a franja longa de Trey e piercings no rosto.

"Doutor Mills?"

"Eu não costumo atender chamadas em casa."

Bem, claro que não. Ele era um maldito cirurgião plástico. Que diabos ele estava fazendo aqui?

"Seus amigos acham que você está na porta da morte, mas você está apenas se curando. Não há sinais de infecção. Você está anémico e desidratado, mas vai se recuperar."

"Eu me sinto como uma merda."

"Não criança, você não está, mas realmente precisa de uma transfusão de sangue e um mês de repouso ininterrupto. De preferência num hospital, no caso de haver complicações com a sua recuperação."

"Aggie pode cuidar das minhas complicações?" Ele riu.

"Isto não é uma questão de brincadeira," Aggie disse do lado oposto da sala. Ele poderia ter pensado antes de dizer se soubesse que ela estava lá. "Ele vai ficar na cama e descansar, doutor. Você tem a minha garantia. Sei umas 15 maneiras de amarrar um homem."

Doutor Mills riu. "Aposto que você sabe."

"Não posso passar um mês na cama. Temos três shows na próxima semana. No Canadá."

"Então você estará tocando o seu baixo em sua cama," disse Aggie.

"Não se preocupe," disse Eric. "Tenho a solução perfeita."

Eric? Quantas pessoas estavam no quarto?



Jace levantou a cabeça, seus olhos examinando o quarto. Aggie, Brian, Trey, Sed, Eric, e o doutor Mills. Ok, todos os caras foram lá testemunhar em primeira mão o quão patético e indefeso ele estava. Jace abaixou a cabeça no travesseiro com um gemido.

"Que tipo de solução?" Sed perguntou.

"Pedi a Jon para substituir Jace em alguns shows," Eric disse alegremente. "Ele disse que não seria um problema."

Jon? Jon Mallory? O baixista anterior do Sinners, o sol nasce e se põe sobre seus dedos, esse era o baixista que poderia preencher corretamente as progressões para Eric, Jon Mallory?

"Sim, isso vai funcionar," disse Sed. "Boa ideia, Eric."

Fodeu. Atire em mim agora.

Jace levantou uma mão para cobrir os olhos. Uma explosão de dor esfaqueou a parte de trás do ombro e serpenteou para baixo em seu braço direito, lembrando-lhe que tinha sido baleado.

Bem, então... atire em mim novamente.

"Você descansa, e vamos ver como você está quando voltarmos do Canadá," Sed disse.

"Foda-se. Eu vou com vocês," Jace disse. Não havia nenhuma maneira no inferno que estaria deixando Jon Mallory na turnê em seu lugar sem ele lá.

"Tem certeza que você quer ir homenzinho?" Disse Eric.

Aggie pegou sua mão e deu-lhe um aperto. "Ele tem que se cuidar para ficar melhor. Se ele vai, então eu vou."



Capítulo Vinte e Cinco

Apesar da avaliação do Doutor Mills sobre a condição de Jace, Aggie o fez ir a um hospital para um exame mais completo, enquanto a banda e equipe se preparavam para a próxima turnê. Um exame de sangue, ressonância magnética e IV de fluidos enriquecidos, para Aggie parecer satisfeita que Jace podia fazer a viagemm. Ele não estava acostumado a ter uma mulher como um desafio em sua vida. Não tinha certeza de como reagir a ela com suas constante preocupações. Esperava que se curaria rapidamente, de modo que ela pararia com isso logo. E a fez ir às compras. Claro, sua mala havia sido roubada, e precisava de roupas e outras necessidades, além de compras? Jace odiava fazer compras. Quase tanto quanto odiava o olhar compassivo qua ela continuava a dar a ele.

"Talvez você deva apenas ficar no meu lugar enquanto eu estou fora," Jace disse, apoiando-se no carrinho de compras, enquanto passavam pelos corredores.

Ela tentou convencê-lo a usar um desses carrinhos elétricos quando entraram pela primeira vez na loja. "Prometo que vou ir ccom calma."

"Você não quer que eu vá na turnê com você?"

Ele pisou cuidadosamente questionando o território. "Não é que não quero que você vá comigo." *Os caras vão me zoar constantemente se eu levar uma garota me sufocando na turnê.* E esse movimento todo em "coisa" da excursão tinha sido ideia dela, não dele. Ele não entendeu por que ela insistiu tanto assim com veemência. Ele sabia que ela precisava de uma pausa de sua mãe, mas não precisar andar no ônibus da turnê para ficar longe dela. "Eu só acho você estaria mais confortável em minha casa. Ainda estaria longe de sua mãe, e Brownie adoraria a companhia." Ele esfregou o queixo em seu ombro para travar a vista de sua expressão. Ela estava comprando isso? Isso seria ruim. Ela olhou para o frasco de xampu com o bonito rosto se contorcendo em uma dura carranca.

"Entendo," ela disse em um tom cortante. "Posso muito bem voltar para Vegas."



"Não, eu não quis dizer..."

Ela jogou o shampoo e condicionador no carrinho.

"Iria te irritar ficar presa em um ônibus com cinco..." E Jon também, seis. "Uh, seis rapazes por um mês? Acha que seria bom?"

"Isso não tem nada a ver com a minha mãe. Você não entendeu? Estou preocupada com você. Sinto-me responsável por você se machucar."

Ele entendeu o sentido de sua culpa. Não deveria ficar tão preocupado com o que os caras pensavam. Passou o braço bom ao seu redor, seu braço ferido preso em uma tipoia recém-adquirida, e abraçou-a, acariciando-lhe os cabelos sedosos com uma mão.

"Tudo bem. Se isso faz você se sentir melhor, ir com a gente — "

Ela endureceu e afastou-se com um suspiro de frustração. Enquanto tentava descobrir o que havia de errado com o que ele disse, ela jogou o creme dental, enxaguante bucal, e uma escova de dente no carrinho, puxando o carrinho de seu alcance, para um corredor diferente.

Jace lutou para se recuperar, para estar ao lado dela. Ele precisava se deitar novamente. Encontrou-a nos corredores de produtos cosméticos. Sorriu quando ela acrescentou um brilhante batom vermelho-cereja ao carrinho. Ela ficava incrivelmente quente em vermelho. E couro. Ele sentia falta de sua jaqueta de couro.

"Não quero forçar-me em sua vida, Jace," ela disse. "Se você não me quer por perto, então é só dizer."

Por que ela achava isso? Ele achava que o seu mundo era ela. Ele só não queria que nenhum de seus colegas da banda a conhecesse. "Quero você na minha vida, Aggie. Eu não estou acostumado a... a pairar. Eu... minha mãe morreu quando eu tinha nove anos, e meu pai nunca se casou novamente, assim as mulheres... me confundem. Por que você está com raiva de mim?" E por que essa pergunta fez seu coração doer tão duro?

"Não estou irritada com você," disse ela.

Ela não estava?

"Sinto muito por sua mãe." Ela deslizou a mão em seu cabelo e beijou sua testa. "Por que você não me diz sobre ela?"



"Não. Eu não a trouxe para que sinta pena de mim. Quero saber o que eu disse que fez você ficar irritada."

Ela sorriu e abraçou-o. "Você está fodendo adorável. Você sabia?" Ela beijou a ponta de seu nariz.

Carrancudo, ele limpou a mancha molhada com as costas da mão.

"A razão de estar irritada — não exatamente louca — só um pouco magoada é que você me fez sentir como se não me quisesse na turnê com você."

Bem, ele meio que fez. Ele queria vê-la, sim, mas tê-la na turnê? Não, obrigado.

"Eu estava esperando que você ficasse feliz em passar um tempo comigo, Jace. Mostre algum entusiasmo. Não olhe para mim como, oh merda, agora eu vou ficar preso com essa vadia estúpida por um mês."

"Eu nunca disse isso. Nunca pensei isso."

"É a vibração que você está emitindo."

Ele deveria manter o controle de suas vibrações agora também? Foda-se, ele não poderia ganhar. Pelo menos entendeu o que ela queria.

"Não posso esperar para ficar preso com você por um mês," disse ele sinceramente.

Ela riu e abraçou seu braço. "Oh, você. O que eu vou fazer com você?"

Ele beijou-a profundamente, luxúria o inundando. "Já consigo pensar em algumas coisas."



Capítulo Vinte e Seis

Jace levou algumas das bolsas mais leves de Aggie até o ônibus da turnê. Parou quando notou Eric e Jon sentados no sofá rindo histericamente. Eric estava usando o que Jace suspeita ser um colete Kevlar[11]. Ele não se incomodou em perguntar o porquê. As sete ferraduras pregadas na parede acima do sofá eram novas, sem dúvida para dar sorte.

"Ah, aqui está o homenzinho," disse Eric, limpando as lágrimas dos olhos com as costas de seus pulsos. "Precisa de ajuda para carregar esse material? Eu não gostaria que você se machucasse."

"Posso carregar," ele disse, correndo em direção ao quarto.

Pensou que ele e Eric estavam começando a se dar bem. Agora, com o retorno de Jon, o Magnífico, eles estavam de volta à estaca zero.

"Bebê, desacelere," Aggie disse a ele. "Você tem que ter calma."

Grande. Era só o que ele precisava. Aggie o sufocando na frente de Eric. E pior. Jon.

Jace jogou as malas para o quarto e após voltou passando por Aggie em seu caminho de volta pelo corredor e abriu a geladeira. "Agora que Myrna está fora, temos que ter alguma merda de álcool no ônibus," ele rosnou. Pegou uma garrafa de suco de laranja do frigobar e bateu a porta. Agarrou a garrafa com o braço ferido e tentou desenroscar a parte superior sem sucesso.

"Sim, nós finalmente nos livramos de Myrna e Jessica, mas alguém trouxe outra garota na turnê com a gente," disse Eric.

"Ela pode visitar-me a qualquer momento que quiser," disse Jon. "É um lindo bebê."

Eric riu. "Ela é muito quente para o homenzinho, isso é certo."

[11] Kevlar é uma marca registada da DuPont para uma fibra sintética de aramida muito resistente e leve. Trata-se de um polímero resistente ao calor e sete vezes mais resistente que o aço por unidade de peso. O kevlar é usado na fabricação de cintos de segurança, cordas, construções aeronáuticas, velas, coletes à prova de bala, linha de pesca, na fabricação de alguns modelos de raquetes de tênis, na composição de alguns pneus, para fitas de alguns modelos de pedal de bumbo. O tanque de combustível dos carros de Fórmula 1 é composto deste material, a fim de evitar que objetos pontudos perfurem os tanques no momento da colisão.



Jace não tinha paciência para lidar com sua besteira agora. Jogou a garrafa de suco fechada na pia da cozinha e voltou para o quarto para encontrar Aggie arrumando suas compras. Ela sorriu, e sua atitude irritada sumiu.

"Onde coloco minhas coisas? Não quero invadir o território de ninguém," disse ela.

"Nós meio que jogamos toda a merda junto, aí tudo se encaixa."

Ela levantou a mão para tocar seu rosto. "Querido, você está pálido. Deve se deitar por um tempo."

"Estou bem."

"Quanto mais rápido você fica melhor, mais rápido pode tirar o idiota do Jon fora daqui," ela sussurrou e virou os olhos bonitos azuis dela em a direcção a área da sala.

Era um bom ponto. Ele a beijou com ternura. "Eu poderia tirar uma soneca."

"E eu poderia ter um chuveiro e colocar roupa limpa." Ela beijou a ponta de seu nariz. "Vá para a cama."

"Você vai se juntar a mim?" Ele murmurou, suas mãos se movendo para deslizar sobre sua bunda deliciosa.

"Depois do meu chuveiro."

"Se apresse."

"Você está planejando que eu fique suada de novo?"

"Sim. Você vai ter que fazer todo o trabalho. Eu só vou ficar lá e levá-la."

Ela sorriu. "Acho melhor ficarmos nos carinhos. Você realmente precisa de descanso."

Nossa, mulher, já estou me sentindo inadequado o suficiente aqui. Ele deu de ombros puxando o braço for da tipoia e puxando a camisa sobre a cabeça. Ela verificou a fita branca segurando suas ataduras no lugar. Ele precisava se curar rapidamente por mais de uma razão. Esta atitude de pena de Aggie estava mexendo com seus nervos. Ele tirou o resto de suas roupas e saiu do seu alcance.

"Venha se juntar a mim depois de seu chuveiro. Não se preocupe em colocar roupas."

Ela sorriu. "Se você insiste."



"As toalhas estão debaixo da pia." Ele subiu na cama e admitiu que precisava de um descanso. Estava quase inconsciente no momento que sua cabeça tocou o travesseiro. Ele ouviu-a fechar a porta do banheiro. Um momento depois, a água começou a fluir. Ele considerou se juntar a ela quando caiu para o esquecimento. Da próxima vez.

O grito de Aggie o acordou. "Saia daqui, maldito pervertido!"

A porta do banheiro se fechou. "Eu disse que ela usava a brasileira Eric. Você me deve vinte dólares."

Jon.

"Como eu sei que você não está apenas dizendo isso?" Disse Eric.

"Dê uma olhada." A porta do banheiro se abriu novamente. Houve um baque forte. "Hei, bebê, não jogue as coisas. Estamos apenas conferindo uma aposta."

Jace saltou da cama e caminhou pelo corredor. Agarrou Jon pelo braço e o fez girar. Jace deu um soco com a mão esquerda direto no queixo de Jon o fezendo voar. Jon caiu de costas nos pés de Eric. Eric olhou para Jace com espanto.

"Você quer um também?" Jace perguntou a Eric.

"Nós estávamos apenas nos divertindo um pouco. Homem, vê se relaxa um pouco."

"Se você desrespeitar minha mulher assim de novo, vou chutar seu traseiro de merda. Você não vai voltar a andar."

Jon levantou-se sobre um cotovelo, esfregando o queixo. "Jesus Cristo, isso machucou, seu idiota."

Aggie abriu a porta do banheiro, uma toalha enrolada em volta do corpo curvilíneo.

"Jace, você deveria ter me deixado socá-lo. Você vai arrancar os seus pontos."

Ele deu de ombros. Teria valido a pena.

Ela virou-se para Eric. "Seu amigo pervertido lhe deve vinte dólares, Eric. Quero que você saiba, eu não uso a brasileira. Ta depilada em forma de uma borboleta."

Jace riu, feliz que ela tinha senso de humor da situação. Ela não iria durar muito tempo em um ônibus com seis caras se não tivesse.

"Uma borboleta?" Jace disse. "Não me lembro disso. É melhor você me mostrar. "



Jace entrou no quarto. Quanto mais rápido ele fugisse de Jon, melhor.

"Por que você o chama de homenzinho, Eric? O cara é grande como uma baleia," Jon disse se levantando do chão.

"É uma ilusão de ótica. Ele só parece grande. Mesmo os oito centímetros é metade do tamanho dele."

"Acho que isso explica o que ela vê nele. Forma de uma borboleta, minha bunda."

Jace fechou a porta do quarto, balançando a cabeça em desgosto. A toalha de Aggie estalou contra a sua bunda. Seu corpo inteiro ficou tenso em resposta, e seu pênis agitou em excitação. Ele se virou para olhar para ela. Ela traçou uma forma de borboleta em seu monte depilado.

"Você não vê a borboleta," ela perguntou.

"Não, eu não."

Ela subiu na cama, rolou de costas, e abriu as pernas bem abertas. Ela traçou a forma novamente. "Veja isto agora?"

Ah, ele viu tudo. Não uma borboleta. Tudo o que ela tinha a oferecer entre as coxas. Ele negou com a cabeça levemente enquanto seu pênis engrossava.

"Talvez se eu chegar mais perto," ele murmurou.

"Penso que você deveria."

Ele encarranchou em seu estômago, descansando em seus cotovelos entre suas pernas. Seu ombro ferido protestou com o peso que ele colocou sobre isso, então passou para seu lado esquerdo. "Ainda não vejo isso. Tem certeza de que está aí?"

"Talvez se você tocá-la, vai sentir isso."

Ele acariciou a pele macia de seus lábios exteriores e monte até que ela estremeceu. Seu aroma intensificou quando ela ficou excitada. Molhada. Seu interior inchou. Avermelhada. Convidando-o a entrar, mas ele resistiu, apenas tocando suas áreas depiladas.

"Você não sente ainda?" Ela perguntou sem fôlego.

"Sinto bastante," disse ele, "mas não há borboleta."

"Talvez sua boca pode encontrá-la."



Ele sorriu. "Acho que estou sendo manipulado aqui."

Ele lambeu a carne suave. Chupando. Inalando seu perfume inebriante, mas propositalmente evitou saborear seus fluidos. Ele podia sentir seu calor contra a sua cara — inchada e ver como ela estava molhada. Seu pênis protestou em sua negligência.

"Talvez eu esteja errada," disse ela. "Talvez Jon ganhou a aposta depois de tudo."

"Não diga seu nome na nossa cama."

Ele deslizou para cima de seu corpo e deu um impulso em sua boceta deliciosamente quente. Ah Deus, por que ela era tão boa? Sua carne sedosa agarrou-o, estimulando todos os sensores de prazer em seu pênis com cada impulso para frente e para trás. Ele nunca se sentiu tão bem antes. Nunca conseguia o suficiente. Não poderia pensar em nada, além da sensação em sua volta. Ele a possuíu mais rápido, incapaz de acreditar que o prazer poderia intensificar, mas fez. E foi construíndo tão rapidamente, que não podia contê-lo. Ele era pouco consciente de seu corpo convulsionando com a liberação debaixo dele. Sua boceta apertou quando ela gozou, puxando para ele, incentivando-o a se juntar a ela em êxtase.

"Jace, Jace, tire," disse ela freneticamente.

Tirar? O quê?

Ele não podia. Era tão bom estar enterrado em suas profundidades de seda. Por que era tão bom?

Sem preservativo.

Foda-se.

Seu corpo endureceu quando ele se obrigou a retirar-se completamente. Ele deslizou seu pênis até a sua fenda, esfregando o comprimento contra seu clitóris. Estremeceu violentamente quando sua semente jorrou sobre seu ventre.

"Aggie," ele grunhiu, desejando que estivesse jorrando dentro dela, querendo-a a aceitar a sua oferta em seu corpo, precisando de seu calor apertado em torno dele quando soltou tudo.

Cansado, Jace desmoronou em cima dela, sentindo — drenado sexualmente, emocionalmente, fisicamente. Ele queria dar-lhe mais, mas não tinha nada para oferecer.



Aggie beijou sua testa, aconchegando seu corpo mais perto em um abraço. "Talvez seja a hora de eu começar a tomar a pílula para que você e eu possamos estar livre de preservativo." ela murmurou. "Gostaria?"

"Sim." Algo quente escorria pelo seu braço sob a bandagem. Ele não teve tempo para decifrar o que era antes de desmaiar.

* * * * *

Jace não se moveu, por muito tempo, nem quando Aggie substituiu seu curativo encharcado de sangue. Ela não poderia encorajá-lo a isso novamente.

Não até que seus ferimentos estivessem curados. O sangramento havia parado por agora, mas o buraco em sua carne parecia irregular e desigual. Ela supôs que as feridas de tiro eram sempre assim. Ele vai ficar com uma cicatriz horrível por causa dela. Poderia ter morrido se os paramédicos não estivessem tão perto.

Aggie beijou Jace e o cobriu com um cobertor.

Alguém bateu na porta. Jace se agitou, mas não acordou. "Só um minuto," ela ainda estava nua. Usou a toalha para limpar os vestígios de sêmen de Jace em sua barriga e pegou o saco de roupas novas. Assim que se vestiu abriu a porta para encontrar o guitarrista esperando calmamente no corredor. Brian. O magnífico (ou ele era o sensível?), mas casado, ela lembrou a si mesma, mas meu Deus, ele tinha um rosto que pertencia a uma versão roqueira de GQ[12] e uma sensualidade crua que não podia ser ignorada.

"Estamos saindo em alguns minutos. Você pegou todas as suas coisas no ônibus?"

Desde que sua mala não tinha sido recuperada, ela realmente não tinha muita coisa. Apenas as coisas que comprou na loja anterior. "Sim."

"Como está Jace?"

"Ele está dormindo."

Brian sorriu, seus intensos olhos castanhos amolecidos. "Você já o usou?"

[12] Revista Gay.



Ela corou sob sua atenção. Por que ela estava rubra? Brian era casado. E ela gostava muito de Jace — amava mesmo. Ela só não estava acostumada a ficar perto de homens que não eram clientes. Tinha que ser isso. "Ele está ferido. Não demora muito para desgastá-lo."

"Bem, sinta-se em casa, Aggie. Se precisar de algo, me avise."

"Obrigado." Um cara totalmente legal. Não admira que era casado.

Trey cutucou Brian de lado com sua mochila enorme. Ele jogou para o quarto de volta com um baque forte. "Shhh," disse Brian. "Jace está dormindo."

Trey revirou os olhos. "Você é uma merda desde que se casou. Graças a Deus, Myrna não está aqui. Você pode agir como outra coisa do que um marica."

Brian pegou Trey em um aperto de braço e esfregou os dedos sobre seu couro cabeludo vigorosamente. Trey fingiu protestar, mas Aggie viu o olhar satisfeito em seu rosto que escondeu de Brian. Trey colocou a palma da mão na barriga de Brian e sem entusiasmo tentou escapar de seu tormento. Aggie decidiu que estes dois tinham uma coisa. Bem, Trey definitivamente sentia alguma coisa. Ela não tinha certeza sobre Brian.

Quando Brian soltou Trey, Trey disse. "É um alívio não ter garotas controlando e sufocanto nossos pintos nessa turnê." Aggie limpou a garganta.

Trey olhou para ela. "Maldição, você é uma garota, vai nos controlar? Pensei que não era o tipo de garota que chutava as bundas nas festas. Você sabe. Divertida."

"Myrna é divertida," Brian protestou.

As sobrancelhas de Trey levantaran. "Sim. Isso é o que você diz, cara."

O bonitão (ou era o arrogante?), Sed, entrou no ônibus trazendo vários sacos de papel marrom para a quitinete. Colocou os sacos sobre o balcão e começou a estocar a geladeira com cerveja.

"Veja, Brian, temos a nossa cerveja de volta quando sua esposa não está por aí," disse Trey.

"Myrna não é sufocante," insistiu ele.

"Uh, sim, ela é," disse Sed. "Mas nós a amamos de qualquer maneira."

"Sinto falta dela," disse Brian miseravelmente.



"O que significa que você precisa de cerveja," Trey disse, pegando uma garrafa de Sed, torcendo a tampa fora, e pressionando-a na mão de Brian. "Fique bêbado que aí eu posso molestar você em seu sono."

"Há. Há. Muito engraçado," disse Brian, jogando para trás sua cerveja e engolindo metade em vários goles.

Aggie tinha a sensação de que Trey não estava brincando. Observando os dois era sexy como o inferno.

Eric entrou no ônibus com o pervertido, Jon, em seus calcanhares. "Todos prontos?" Eric perguntou.

"Vamos levar este show para a estrada!" Jon disse.

"Quem está dirigindo?" Sed perguntou, amassando um saco de papel marrom e jogando-o no chão.

O cara mais comum no planeta se inclinou em torno de Jon. Enquanto todos os homens na turnê usavam calças de couro ou jeans e uma camiseta preta, este cara estava vestido com calça cáqui e uma camisa pólo verde. Seu cabelo castanho claro estava bem aparado e foi puxado para fora da testa com uma aplicação de gel. Uma palavra o descreveria como perfeitamente: *normal.* "Isso seria eu." Seu olhar de olhos azuis caiu sobre Aggie. "Sou Dave," disse ele com um aceno. "Eengenheiro de áudio e motorista."

Ela colocou a mão em seu peito. "Aggie."

"Garota de Jace," Eric esclareceu.

"Prazer em conhecê-la," disse Dave. "Tudo bem, estamos indo para fora. Todos estão prontos?"

"Brian não quer ir," disse Trey em um gemido.

"Você é um linguarudo." Brian arrotou e jogou a garrafa vazia marrom na pia. Ele agarrou Trey em outra mão, mas desta vez ele recuou com Trey entrando pela porta do banheiro aberta. Trey tropeçou na borda do box para o chuveiro. "Diga que você sente muito, ou está bêbado."

"Se você não enlouquecer quando Dave falar para a você — "



Brian ligou a água.

"Ah, frio!"

Trey agarrou a camisa de Brian e arrastou-o para o chuveiro. Eles lutaram e debateram-se sob a pressão da água e Brian tentou escapar, Trey tentou colocar as mãos o máximo que pode na pele molhada de Brian. Se eles não saissem, Aggie jurou que iria arrancar sua roupa e se juntar a eles. Jace só teria que superar isso.

Sed cutucou Aggie nas costelas com seu cotovelo. "Esses dois deveriam foder um ao outro e tirar isso do seu sistema, você não acha?"

"Oh simm. Posso ver?" Aggie murmurou.

Sed riu. "É só o que eles precisam. Uma testemunha."

Brian caiu fora do chuveiro, caindo entre o vaso sanitário e a pia. Uma poça de água se espalhou por baixo dele, inundando o piso branco. Ele se mexeu para a porta, rindo tanto, que estava ofegante. Trey agarrou seu tornozelo com as duas mãos, puxando-o de volta para o banheiro.

"Se vocês dois querem tomar banho juntos, deveriam tirar a roupa primeiro," disse Sed. "Myrna vai chutar o seu traseiro por fazer bagunça." Sed olhou Aggie. "Ou talvez Aggie faça."

Aggie balançou a cabeça, sorrindo. Ela estava curtindo o show imensamente. Os dois eram sexys — como o inferno — guitarristas poderia inundar o banheiro tudo o que quisessem.

O ônibus andou para frente, e Trey escorregou no chão molhado, batendo a parte traseira de sua cabeça na parede. "Ai, maldição!"

"É tudo diversão e jogos até alguém se machucar," disse Aggie.

"Então que é divertido," disse Eric. Ele espiou para o banheiro e balançou a cabeça para os seus dois companheiros de banda encharcados. "Nós não precisamos de mais lesões nesta banda." Ele puxou um pé de coelho verde brilhante de fora de um bolso e esfregou entre seus polegares. "Não haverá mais lesões."

O comportamento de Brian mudou no instante em que viu Trey segurando a parte de trás de sua cabeça e fazendo uma careta. Brian estendeu a mão e desligou a água.



Ajoelhando-se diante dele, tomou os braços de Trey em ambas as mãos. "Você bateu sua cabeça? Você está bem?"

"Acho que eu poderia ter outra concussão. Minhas pupilas estão do mesmo tamanho?"

Brian se aproximou, olhando nos olhos de Trey. "Eu não posso dizer."

"Mais perto."

Brian chegou mais perto e Trey agarrou-o pelo pescoço e beijou-o na boca.

Brian deu um soco nas costelas. "Você é burro! Porque diabos você fez isso?"

"Totalmente valeu a pena," Trey murmurou, deitado no fundo do chuveiro esfregando as costelas com um sorriso feliz no rosto. Brian levantou e empurrou todo mundo para fora de seu caminho para o quarto.

"Trey está ficando desesperado," disse Eric.

"Ele está mais apertado do que você, Eric," Jon disse. "Esse garoto precisa de alguma boceta. Por que você não o ajuda, Aggie?"

Aggie não gostava desse cara. Não tinha nada a ver com o que Jace sentia por ele também. Jon Mallory era repugnante. Ela reconhecia uma enguia[13] quando via uma. "Por que não? Mas acho que ele gosta de caras."

Eric balançou a cabeça. "Trey gosta dos dois."

Ambos? Agora ela entendia.

[13] Uma pessoa escorregadia, muito perigosa, odiada por seu comportamento.



Capítulo Vinte e Sete

Vozes acordaram Jace de um sono profundo. Alguém certamente estava tendo um bom tempo. Podia ouvir uma voz feminina no meio das vozes dos caras, parecia ser Aggie. Ele esfregou o rosto com as duas mãos, esfregou os olhos sonolentos, procurando no quarto escuro por algumas roupas. Tropeçou quando o ônibus virou a esquina então agarrou a borda da cômoda para evitar cair.

Colocou um shorts, e abriu a porta do quarto indo para o banheiro. Ele podia ouvir a voz animada de Aggie através da parede fina enquanto ele se aliviava.

"Quero dizer que esse cara era enorme, ainda maior do que Sed. Eu só bati meu chicote para ele, nem sequer tocou nele, e ele desceu para sua perna. Depois começou a chorar que seu pai vendeu seu ursinho de pelúcia em uma venda de garagem, quando tinha onze anos."

Os caras riram ruidosamente.

"É isso que Jace faz quando você o chicoteia?" Eric perguntou.

"Jace está na extremidade oposta do espectro. Eu bato a merda fora dele, e ele nem vacila."

Agora por que ela tinha que lhes dizer isso? Ele saiu do banheiro e se moveu para ficar ao seu ombro na mesa de jantar. Através da mesa, Trey ofereceu um sorriso desconfortável. Aggie olhou para ele, com os olhos vidrados no rosto. Ele se perguntava porque ela estava dizendo essas coisas.

"Jace," ela disse, entusiasmada. "Você teve uma boa noite de sono?"

"Quem pode dormir com todos fazendo esse barulho?"

"Oh, pobre criança." Ela saiu da banqueta e o abraçou com entusiasmo, colocando a maior parte do peso sobre ele quando tropeçou. Seus lábios bateram ruidosamente contra sua mandíbula.

Jace ficou tenso. *Não na frente dos caras, bebê.*



"Você não vai me beijar?" Disse.

"Talvez mais tarde."

"Oh merda, você não é divertido."

"Você está bêbada."

"Um pouco." Ela beliscou os dedos e riu, agarrada ao seu pescoço com um braço para o equilíbrio.

"Ela já bebeu e Brian destá embaixo da mesa," disse Sed. "Acho que sou o próximo."

Ao som de seu nome, Brian levantou a cabeça na parte de trás da mesa. "Myrna?"

Trey riu. "Não, garanhão, ela ainda está em Kansas City. Volte para o seu sonho molhado."

O corpo de Brian caiu novamente, desta vez com a cabeça apoiada no ombro de Trey. Trey sorriu como o gato Cheshire[14] em Prozac.

"Sente-se", insistiu Aggie.

Ela empurrou Jace para a mesa.

E então...

Ela se sentou no colo dele.

Jace arriscou um olhar para Trey, mas estava muito interessado em Brian para provocá-lo sobre a atenção de Aggie. Trey não fez comentários quando Aggie brincou com o cabelo de Jace carinhosamente.

Jace passou a mão de lado. "Não."

Ela encolheu os ombros, deixando cair a mão, e se aconchegando mais perto, sua respiração fazendo cócegas em seu pescoço. "Você tem um cheiro bom."

"Precisamos deixar vocês dois sozinhos?" Sed perguntou.

O rosto de Jace aqueceu instantaneamente. "Não."

Ele cutucou Aggie fora de seu colo e foi para a geladeira. "Estou morrendo de fome. O que há para comer?" Ele olhou de volta para a mesa, vendo que perdeu a festa e o consumo.

14 



Não. Apenas tinham esvaziado e esvazido principalmente muitas cervejas. Então, eles estavam de volta a viver em uma dieta de cerveja. Maravilhoso.

"Tudo o que você cozinhar," disse Trey. "A menos que Aggie — "

"Eu sou do sexo feminino, por isso devo cozinhar? Foda-se."

"Não é porque você é mulher," Trey emendou. "Eu já provei a comida desses caras, e vamos apenas dizer que não é boa."

"Você é o pior cozinheiro de todos nós," murmurou Brian. Ele levantou a cabeça do ombro de Trey, um olhar preocupado sobre o seu rosto. "Trey?"

"Sim, amigo?"

"É essa a sua mão ou minha?"

"Eu acho que é sua."

"Okay." A cabeça de Brian bateu na mesa com um baque alto. Ele grunhiu de dor. Trey ajudou a levantar sua cabeça e colocou no seu ombro novamente. Brian tinha uma mancha vermelha se espalhando no centro de sua testa agora.

"Acho que Brian precisa de mais uma cerveja," disse Trey, segurando sua mão em direção a Jace.

Jace puxou uma garrafa marrom do frigobar.

"Brian terminou." Sed balançou a cabeça para Trey. "Nós todos sabemos o que você está tentando fazer, Trey."

Brian cutucou Trey atrás da mão repetidamente. "O que você ta tentan... ndo... O que você está tentando fazer, Trey?"

"Estou apenas tendo certeza que você tenha um bom tempo."

"Estou tendo um tempo muito bom meu amigo, obrigado de verdade." Sua cabeça bateu na mesa novamente.

Jace voltou a cerveja na geladeira. Ele procurou por algo comestível, que tivesse o mínimo de esforço de preparação. Contentou-se com uma torrada, encostou-se ao fogão, enquanto mastigava. Aggie olhou, parecendo confusa. E um pouco magoada. Ele evitou seu



olhar. Realmente estava apenas com fome. Desejava um bife de preferência. Bem sangrento. Ele mexeu-se para frente do ônibus para falar com Dave.

"Qualquer oportunidade de parar em algum lugar para comer? Eu tô morto de fome."

"Vou ficar atento para encontrar um lugar para parar."

O estômago de Jace roncou.

Dave tirou os olhos da estrada para olhar para ele. "Em breve. Vá se sentar. Você parece uma merda."

"Eu me sinto como uma merda."

Jace se sentou em uma das cadeiras em frente ao sofá, onde Jon e Eric estavam envolvidos em um jogo de cartão competitivo. Jon selecionou um cartão de Eric, e Eric riu.

"Merda. Eu não quero as suas solteironas, Sticks. Leve-as de volta."

Jon tentou devolver os cartãos de fãs de Eric, mas Eric segurou os cartões de forma segura em seu peito.

"Eh, não. Essa cadela velha é sua agora."

Solteirona? Tem que estar brincando comigo. Por que Eric estava usando um capacete de motocicleta no ônibus?

Eric olhou para Jace. "Como você está se sentindo homenzinho, tudo bem? Você — "

"Como merda. Sim, eu sei. Eu vou viver."

"Ou não," disse Jon. Eric revirou os olhos e balançou a cabeça. "Você é um idiota, Mallory?"

Eric estava o protegendo?

Aggie pressionou uma bebida gelada na mão de Jace. "Beba isso, querido. O médico disse que você precisa se hidratar "

"Sim, querido," disse Eric. "Beba sua aguinha como um bom menino."

Bem, isso era de se esperar. Jace levantou. "Venha me chamar quando pararmos para comer."

Ele tomou a bebida para o quarto e fechou a porta. Ele se sentou na beira da cama, olhando para a escuridão. Não tinha certeza do que fazer sobre a banda. Tinha estado com eles



por quase três anos, e se sentiram como estranhos. A porta se abriu. Ele sabia que era Aggie sem olhar para cima. Não sabia o que fazer com ela também. Gostava dela, mas não queria um compromisso sério. Não podia dar o que ela queria, e sabia que não era justo. Ela merecia melhor.

Ela acendeu a luz e se sentou ao lado dele na cama, sua mão macia descansando na parte inferior das costas. Ela beijou seu ombro. Ele não se importava com seus carinhos agora que estavam sozinhos, gostava muito na verdade.

"Você está bem?" Ela perguntou.

"Por que todo mundo fica me perguntando isso?"

"Não é verdade."

"Eu vou viver."

"Eu não perguntei se você ia viver. Fale comigo, Jace. Você está tão calmo em torno dos caras. Por que isso?"

"Eu —" Ele sacudiu a cabeça. Ele não estava disposto a derramar suas entranhas. Ele precisava mantê-las dentro. Onde pertenciam. "Você parece conviver com eles muito bem."

"Conhecendo os caras. Bem, a maioria dos caras. Eu não entendo você. Eu quero entretanto."

Ele não tinha medo de muita coisa, mas ela assustou o inferno fora dele. Essa não era a dominatrix com chicote em punho. Que parte dela era suficiente para ele. Esta mulher carinhosa e maravilhosa era demais. Não merecia. E sabia disso.

"Por que você almeja dor?"

"Por quê?" Ela queria uma razão? Sua garganta fechou. "Você não deve fazer perguntas desse tipo."

"Você pode me dizer alguma coisa, Jace. Não vai mudar o que sinto por você."

"Você tem certeza?"

Ela se aproximou, seu braço roçando o seu. "Tenho certeza. Seja o que for, você pode me dizer."

"Por que você não me diz porque gosta de bater nos homens?" Ele respondeu.



Ela encolheu os ombros. “Isso é fácil. Minha mãe deixou-me com os vizinhos enquanto saia da cidade perseguindo um sonho estúpido ou algum homem estúpido. Um dos homens vizinho, que eu sei agora era um pervertido, gostava de bater em mim. Ele se escondia e tentava me pegar fazendo algo de errado para que pudesse me arrastar em sua garagem, puxar minha calça para baixo, e me espancar. Eu odiava aquele bastardo. Um dia, cansei de apanhar. Esperei até que ele me arrastasse para a garagem, e então tomei o cinto dele. Eu esperava que ele me batesse por isso, mesmo pensei que valeria a pena, mas não me bateu. Gritou aos meus pés e me pediu para perdoá-lo por todas as vezes que me bateu. Nunca vou esquecer o prazer que senti de vê-lo chorar enquanto eu batia na bunda pervertida pela primeira vez. Houve muitas vezes depois disso. Começou a comprar presentes — fazendo valer a pena o meu tempo.” Ela riu. “Foi quando percebi como era fácil ter total poder sobre os homens. Eu tinha onze anos na época.”

Jace balançou a cabeça em descrença. Como ela podia falar disso assim tão natural? “Bastardo filho da puta doente. Será que ninguém tentou impedi-lo?”

“Eu não precisei de ninguém para detê-lo. Eu o parei.” Ela acariciou sua bochecha. “Confie em mim, foi melhor assim. Agora você tem que me dizer por que acha que precisa de dor.”

Ele ficou em silêncio por alguns minutos. Se dissesse, ela não seria mais capaz de aceitá-lo. Ela seria como todos os outros que pensavam que ele era uma aberração.

Mas ela ficou ali sentada em apoio silencioso, e ele sentiu seu muro de proteção desmoronando.

“Nove anos atrás...” Ele olhou para as mãos entrelaçadas, seu estômago agitado. Ele não deveria dizer a ela. Fechou os olhos e sussurrou: “Eu matei o meu pai.”



Capítulo Vinte e Oito

Aggie respirou profundo, sua mente incapaz de compreender o que Jace tinha dito. M*atou seu pai?* Como assassinato?

O ônibus estremeceu e parou num impasse. "Comida!" Alguém gritou. Um clamor de vozes e passos se afastaram do ônibus.

"Você está pronta para ir comer?" Disse.

"Eu... Você está indo somente para deixar isso por isso mesmo? Você está indo para não explicar por que ou como ou — "

"Aggie, não posso mudar o que fiz. Não posso trazê-lo de volta. Não posso fazer as pazes. Tudo o que posso fazer — é lidar com isso da única maneira que sei como."

Seu coração doeu por ele. Tudo o que ele tinha feito em seu passado, ela não se importava. Sabia que ele era um homem bom. Tomou sua mão e apertou.

"Eu quero ajudar. Como posso ajudar?"

Seu olhar desviou para o teto, a dor em seus olhos, de modo absoluto, sentiu-o profundamente em seu peito, na garganta, e por trás de seus olhos.

"Machuque-me, Aggie. Apenas me machuque."

Ela colocou os braços ao redor dele, abraçando-o, querendo alcançá-lo, mas ele se manteve duro em seu abraço. Se simplesmente submetesse a ela e admitisse o que realmente precisava, eles poderiam fazer progresso, mas até ele se abrir e aceitar o amor que ela poderia dar a ele, eles não teriam nada.

Ela beijou sua bochecha e se levantou. "Vista uma roupa. Vamos pegar algo para comer."

Ele olhou para suas mãos novamente, um músculo flexionando repetidamente em seu queixo enquanto ele trabalhava em enterrar sua dor. Depois de um momento, balançou a cabeça, colocou algumas roupas, e se dirigiu para a porta.



Enquanto caminhavam em direção à saída, Aggie levou sua mão esquerda na dele e se recusou a deixar ir quando ele tentou removê-la.

"Não vou segurar sua mão na frente dos caras, mas quando eles não estão por perto, eu a segurarei." Ela o cutucou nas costelas. "Entendeu?"

Ele riu. Deus, ela adorava quando ele ria. Ela queria que ele risse muito e muitas vezes. Esperava que pudesse dar isso a ele.

"Entendido." Ele passou o braço esquerdo em torno de seus ombros e entrelaçou os dedos da outra mão com a dela. Ela virou a cabeça para sorrir para ele, e ele surpreendeu-a beijando-a.

O que começou com um toque de carinhoso de seus lábios, logo se aprofundou em algo que fez doer. Ela inclinou-se sobre ele para apoio, culpando o álcool que tinha consumido mais cedo para a fraqueza súbita nas pernas.

"Não é a coisa mais doce que você já viu, Jon?" Eric disse da porta. Ele tirou o capacete de moto e colocou embaixo no banco do motorista. "Homenzinho tem uma namorada."

"Se você quer dizer o mais nauseante, então eu tenho que concordar," Jon, atuava como sombra de Eric, quando disse.

Aggie estendeu um braço em sua direção e mostrou o dedo.

"Você viu, Eric? Ela nos fez uma proposta," disse Jon.

"Tudo bem!" Eric bateu palmas. "Você transa com ela. Eu vou assistir."

Jace se afastou, seus olhos vagando lentamente. "Você ouviu alguma coisa, Aggie? Soou como um casal de bichinhas chorando por algo que eles nunca vão ter."

"Ou ser capaz de lidar." Ela deu um tapa na bunda de Jace que ficou rígido e depois prendeu a sua respiração ofegante de surpresa. "Há uma pá no quarto com o seu nome, doce."

"Ela assusta o inferno fora de mim," Jon sussurrou.

"Eu também," Eric concordou.

"Do que você tem medo? Meu chicote favorito foi roubado, vocês são uns fracos."

Jace apertou o ombro de Aggie em consolo. "Não se preocupe, querida, vamos comprar um novo."



Seus olhos arregalaram com avidez. “Com espinhos?”

Jace sorriu. “Oh sim. Definitivamente, um com espinhos.”

Eles passaram por Eric e Jon em seu caminho para fora do ônibus.

“E posso conseguir um novo chicote? E um mangual?”

“Qualquer coisa que você quiser, desde que prometa quebrar todos eles em mim.”

“Aww, não posso bater neles?” Ela assentiu com a cabeça sobre o ombro para Eric e Jon. “Só um pouquinho? Eu vou limpar os seus sangues quando terminar. Eu não quero espalhar suas doenças.”

“Vou pensar sobre isso.” Assim que eles saíram do ônibus, Jace caiu na gargalhada. “Você viu o rosto deles?”

Na verdade ela tinha estado muito ocupada olhando para o sorriso dele.



Capítulo Vinte e Nove

Os olhos de Jace abriram, seu coração ainda batendo com o terror. Não tinha esse pesadelo sobre a morte de sua mãe em anos. Agora o assombrava regularmente.

Uma mão acariciou sua barriga na escuridão. "Você está bem?" Aggie murmurou sonolenta.

"Sim."

"Você estava gemendo em seu sono."

"Pesadelos. Eu provavelmente não deveria comer um bife enorme antes de dormir."

Ela se aconchegou mais perto e descansou a cabeça em seu ombro, a dor serpenteava através de seu peito.

Lentamente curando feridas. Ele manteve todos os protestos para si mesmo. Queria que ela o lembrasse do que merecia. *A dor.*

"Diga-me sobre isso."

"Você não quer ouvi-lo."

"Era sobre matar seu pai?"

Ele hesitou. Nunca deveria ter dito a ela sobre seu pai em primeiro lugar. "Não, era sobre a morte de minha mãe."

"Quantos anos você tinha?"

"Nove."

"Essa é a idade que eu tinha quando a avó faleceu. Como sua mãe morreu?"

"Nós estávamos em um acidente de carro. Eu estava no banco de trás quando aconteceu. Não fui ferido. Ela viveu por um dia. Múltiplas lesões internas. Seu rosto foi desconfigurado."

"Sinto muito, querido."



Pensar nisso fez seu estômago apertar com nojo. Não sua mãe. Com ele mesmo. "Eu tinha medo dela — medo da minha própria mãe, do jeito que ela olhava. Então, nunca disse adeus. Meu pai nunca me perdoou por sobreviver ao acidente."

Ela tomou sua mão e apertou-a. "Isso é horrível. Não é de admirar que você tenha pesadelos sobre isso."

"Fazia tempos que não os tinha. Pensei que finalmente os tivesse enterrado para sempre. Deve ter sido a internação que trouxe tudo de volta." *Ou você*.

Ele puxou a mão da dela e rolou para o lado, tirando-a de seu ombro.

Ela se aconchegou contra suas costas, com o braço em volta da cintura. "Obrigado por compartilhar você, comigo. Sei que é difícil para você."

Ele bufou. "Você é sempre carinhosa e compreensiva com todos?"

"Não. Como regra geral, odeio os homens." Ela riu. "Você teve apenas a sorte que não odeio você, eu acho."

"Acariciando o meu ego de piedade?"

Sem fôlego. "Uau, Jace. Isso foi doloroso."

Ele não gostou do tom de sua voz. Não queria machucá-la. Queria que ela o machucasse. Virou-se para ela e segurou seu rosto na escuridão, sentindo a umidade das lágrimas contra seus dedos. Seu coração apertou. Ele a fez chorar?

"Você realmente acha que a razão pela qual estou aqui é porque tenho pena de você?" Ela perguntou.

É claro que foi por isso que ela estava lá. Por que mais seria? "E não é?"

Sua mão cobriu sua bochecha. "Eu gosto de você, Jace. Quero tomar a sua dor e substituí-la por risos, mas isso não é pena."

"Não quero que você tire minha dor, Aggie. Eu preciso disso."

"Por quê? Porque você se sente culpado por sua mãe? Sobre o que fez com o seu pai?"

"Eu me sinto culpado, mas não é por isso que preciso."

"Então por quê? Ajude-me a entender, Jace. Você sabe que vou te machucar fisicamente, enquanto você precisar disso, mas quero saber por quê."



"É o que mereço. E às vezes acho que mesmo a dor é muito boa para mim."

Beijou-o ternamente. "Você está errado. Você não merece dor. Você merece ser feliz."

"Sou bastante feliz. Eu tenho a minha música."

"Sim, eu estou feliz que você tem algo importante para você. E você tem..." Ela hesitou. "... A mim."

Seu coração pulou uma batida. "Não sei o que fazer sobre isso, na verdade."

"Você gosta de mim?"

"Muito."

"Isso é bom."

"Bom?" Essa conversa estava demasiado sério e de alta pressão. Ele tomou uma respiração profunda. "Será que você vai me amarrar e fazer coisas para mim, contra minha vontade?"

"Talvez."

Ele empurrou-a de costas e cobriu o corpo dela com o seu.

"Legal."

Antes que ele pudesse beijá-la, ela perguntou: "Você vai me dizer sobre o seu pai?"

"Desculpe, eu não posso, mas você pode me dizer sobre o seu."

Ela hesitou.

Ele beijou-lhe o queixo, a mandíbula.

"Eu nunca o conheci," ela sussurrou, como se as palavras a assustasse.

"Nunca?"

"Não. Ele seduziu a minha mãe, engravidou. Assim que descobriu que ela estava grávida, a largou."

Jace lançou um bufo de ar. "Sorte sua."

"Você não teve um bom relacionamento com seu pai? É por isso que você o matou?"

Ele a beijou suavemente, esperando distraí-la. Ele não gostava de pensar sobre seu pai, muito menos falar sobre ele. Seus lábios acariciaram sua mandíbula e garganta, ela se derreteu. Tão receptiva. Tão maravilhosa. Então, compreensiva e aceitadora. Ele sabia que nunca



encontraria outra mulher. Sabia que ela iria embora assim que descobrisse que tipo de homem ela se misturou. Ele desejava ser digno dela. Também desejou não ser tão fisicamente fraco e cansado. O espírito estava disposto. O corpo queria enrolar em posição fetal e dormir a partir da exaustão.

"Você está cansado," ela murmurou.

"Desculpe, não tenho sido um bom amante para você ultimamente."

"Não é verdade."

Ele bocejou. "Vou fazer algo para você quando estiver de volta aos meus pés."

"Eu não tenho dúvida de que você vai."

"Qualquer coisa que você queira fazer, eu jogo. Eu prometo."

Seu corpo afundou no dela quando sua força diminuiu.

Ela riu. Pouco antes dele se virar para dormir, ele a ouviu murmurar: "Você não deve prometer, doce. Eu tenho alguns gostos incomuns."



Capítulo Trinta

Aggie procurou no armário de remédios por uma aspirina. Precisava lembrar que beber não era uma competição. Especialmente quando se competia com caras grandes como Sedric Lionheart.

"Será que você pode se apressar ai?" Disse Jon do corredor.

Ela engoliu vários analgésicos e deslizou pela porta do banheiro aberta. "Todo seu."

"Diga-me uma coisa, Aggie, por que você e seu pequeno namorado se apossaram da cama enquanto eu estou preso dormindo no sofá duro?"

"Jace está ferido. Ele precisa de um lugar confortável para se recuperar."

"Vocês deviam ter ficado em Los Angeles. Nem sei por que ele está aqui. Será que ele não entendeu? Estou de volta. Não há nenhuma maneira no inferno de deixá-lo tomar o meu lugar outra vez."

Aggie cruzou os braços sobre o peito. "Pensei que você era o de reposição."

"Você pensou errado. Sou o original. Ele é uma cópia ruim. Um falso. Um aspirante."

Aggie sabia que a posição de Jace na banda era certa e segura. Pelo menos esperava que fosse. Se ele perdesse a música, porque levou um tiro tentando protegê-la, ela nunca se perdoaria.

"Onde você conseguiu esse colar horroroso?" Jon levantou o pingente em forma de coração de entre os seus seios. "Será que Jace deu para você?"

"Minha mãe me deu isso," disse ela, arrancando-o para fora de sua mão. "Não toque em coisas que não pertence a você."

"Vou tocar nas coisas que eu bem entender."

Ela não esperava que ele fosse agarrá-la. Beijá-la. Ugh! Braços presos a seus lados, ela lutou para se liberta. Por que ele era tão forte? Uma mão surgiu a partir da cama de cima através das cortinas e agarrou o colarinho de Jon. "Deixe-a ir, seu idiota," disse Eric.



Assim que Jon a largou, ela lhe deu um tapa no rosto.

Jon cobriu a mancha vermelha em sua bochecha com uma mão. “Sua cadela de merda.” Ele pulou em sua direção.

Eric empurrou o colarinho de Jon, e ele cambaleou para trás. “Você mereceu isso. Deixe-a sozinha.”

“O quê? Você precisa proteger a cadela do seu novo melhor amigo?”

Eric empurrou, e ele tropeçou em Aggie. “Eu nunca deveria ter sugerido que você substituisse Jace. Por que você não vai para casa?”

Merda, Jace precisava ouvir isso. Ele provavelmente não acreditaria nela se lhe contasse.

Jon explodiu em gargalhadas. “Boa, Eric.” Ele se vangloriou saindo para o banheiro e fechou a porta com mais força do que o necessário.

Eric murmurou baixinho, socou seu travesseiro algumas vezes, e virou o rosto para a parede em seu beliche. Aggie se aproximou dele e cutucou nas costas.

“Tentando dormir agora,” ele resmungou.

“Obrigado,” ela sussurrou em voz alta.

Ele espiou por cima do ombro e sorriu. “Não tem problema.” Ele fugiu por cima em sua cama. “Tem espaço para você aqui em cima, se você quiser agradecer pessoalmente.”

“Hmm,” ela murmurou. “Assim que eu conseguir um chicote novo, vou ter a certeza de mostrar minha gratidão.”

Ele riu. “Assim você assusta a merda fora de mim.” Ele se virou para a parede e puxou as cobertas até o queixo.

Ela bebeu um copo grande de água da pia da cozinha. Sua cabeça latejava como o tambor de Eric. Jon saiu do banheiro. Quando passou por ela, levantou o punho, como se fosse bater nela e depois riu quando ela se encolheu.

“Você não é tão durona.”



Se ele não parasse de foder com ela, ela estava indo para mostrar-lhe a durona. "Você gostaria que eu chutasse o seu traseiro na frente de seus amigos? Eu ficaria mais do que feliz em fazer."

"Tanto faz." Ele voltou para o sofá, e quando deitou fez um show grande, de sua falta de conforto.

Ela esperava que Jace se recuperasse logo para que eles pudessem chutar essa bunda. Ela gostava dos outros caras da banda e agora mais de Eric, que ela não tinha entendido em primeiro lugar. Jon? Ela se perguntava se alguém se importaria se ela acidentalmente o atirasse para fora do ônibus sobre uma ponte.

* * * * *

Até atravessar a fronteira com o Canadá era uma aventura com os Sinners. Aggie não conseguia se lembrar da última vez que ela riu tanto.

Eric marchava pra cima e para baixo do corredor do ônibus como um soldado britânico, usando uma baqueta como um bastão enquanto cantava no topo de seus pulmões.

"O Canadá! O Canadá! Como frio maldito és Tu!"

"Sente-se, Eric," Sed exigiu.

"O Canadá! O Canadá! Uma população de vinte e três!"

"Eric! Eu disse sente-se."

Aggie agarrou seu abdômen para impedir que seu baço se rompesse de seus ataques histéricos.

"O Canadá! O Canadá! Pelo menos você tem algumas árvores!"

"Eric!" Sed gritou da cadeira de capitão. "Espere até que estejamos do outro lado da fronteira. Você quer que nós sejamos presos de novo?"

"Trey está sempre em busca de algo para as cavidades de seu corpo," disse Eric.



Aggie caiu fora do sofá, ainda rindo. Ela estava deitada no chão de costas, segurando sua cintura com ambas as mãos enquanto tentava pegar sua respiração. “Pare. Pare, eu vou vomitar.”

“Olha o que você fez para Aggie, Eric,” Brian disse com um sorriso. “Ela está danificada.”

“Ela parece saudável para mim,” Trey murmurou, olhando para ela de seu poleiro no braço do sofá. “Mmmmm, incrivelmente saudável. Claro, que eu poderia estar enganado. Nós poderíamos brincar de doutor por algumas horas. Vou te examinar cuidadosamente para ter certeza.”

“Ajude-me.” Ela estendeu a mão no ar, e Jace bateu em Trey no caminho para ajudá-la a levantar. Ela se esforçou para não abraçá-lo quando percebeu as pontadas de ciúmes faíscarem em seus profundos olhos castanhos quando baixou o olhar para o chão. Ela sabia que ele não gostava de demonstrações públicas de afeto, mas era tão difícil manter suas mãos para si mesma. Os caras sempre pareciam estar ao redor.

“Você precisa de ataduras novas?” Ela perguntou esperançosamente. Se ela o pegasse sozinho no quarto, poderia sufocá-lo com carinhos, sem repercussões.

“Não agora.”

“E...” Dave chamado a partir do banco do motorista. “Eles querem nos revistar. Todos peguem seus passaportes e saiam do ônibus.”

“Merda,” Sed resmungou e bateu em Eric na parte de trás da cabeça.

“Você realmente não acha que eles querem revistar o ônibus porque eu estava tirando sarro de seu hino nacional, não é?”

“Não, eu só gosto de bater em você. Eles querem revistar o ônibus porque assumem que nós somos músicos de rock, devemos estar com drogas ilegais.”

“Eu fodo de amor pelo Canadá,” disse Eric. “Não posso esperar até que reabilitem o projeto e assim eu posso ter uma razão legítima para me mover daqui.”

“Patrulha da Fronteira,” um oficial uniformizado anunciou quando entrou no ônibus. “Qualquer coisa a declarar?”



"Declaro que isso é uma merda," disse Trey, passando por ele.

"Hei," Eric disse ao oficial e apontou para Trey. "Eu vi que o cara enfiou algo na bunda."

Sed bateu em Eric novamente. "Ele está brincando, senhor. Apenas brincando."

"Eu o vi enfiar algo na bunda. O pau de outro cara." Ele bufou com o riso.

Sed empurrou Eric para a saída. "Apenas o ignore, oficial. Ele não tem noção de quando uma piada é inadequada."

"Foi engraçado, certo?"

"Oh, sim, divertido, Eric. Nós não vamos dizer ao oficial agradável sobre o que você colocou na sua bunda."

"Eu não — "

Sed cobriu a boca. "Apenas o ignore. Ele fica nervoso quando desce das drogas. Essa foi outra piada, por sinal. Este ônibus está limpo. Eu garanto."

Um segundo oficial entrou no ônibus com um pastor alemão, que estava lutando contra a coleira e latindo animadamente. O homem aguardou com o cão na área do motorista, enquanto todos saiam.

"Você tem certeza que está limpo?" Aggie sussurrou para Sed.

"A menos que você trouxe algo com você."

Aggie balançou a cabeça. "Não, eu desisti das drogas após o ensino médio. Quase tive uma overdose algumas vezes."

"Bem, lá vai. Você tem algo em comum com Jon."

O lábio de Aggie se enrolou em desagrado. Agora havia algo para se orgulhar. Ela olhou para Jon, que estava olhando para Jace com o veneno de costume.

Aggie ficou encolhida contra Jace para bloquear a brisa fresca. Ela não estava esperando que fosse tão frio em setembro e não tinha colocado um casaco. Depois de uns quinze minutos, a patrulha da fronteira saiu do ônibus.

"Podemos dar uma olhada embaixo?"

"Você tem o direito legal?" Sed perguntou.



"Sim."

"Então por que se preocupa em perguntar?"

Dave abriu as portas para os compartimentos de armazenamento sob o ônibus. O cão farejou ao redor e colocou as patas na jaqueta de alguém. O oficial a colocou no solo. Depois de um segundo cheirar, o cão perdeu o interesse.

Por nenhuma razão aparente, Jon resvalou em Jace, batendo-o em Aggie. No suspiro de Jace de dor, Aggie virou-se para a carranca de Jon.

"O que fez você está fazendo?"

Ela o viu empurrar algo no bolso da calça de Jace e depois a mão vazia recuou.

"Vocês dois só pareciam que precisavam de algo mais para cuidar," Jon disse com uma risada. "Houve pelo menos um quarto de uma polegada entre você."

Aggie enfiou a mão no bolso de Jace. Sentiu o pequeno saco cheio de folhas secas dentro. Sabia o que o filho de uma cadela tinha feito. Antes que ela pudesse voltar o saco de maconha para ele, o cão capturou o cheiro da erva.

"Onde está, menino?" Perguntou o policial.

Enormes patas pousaram no centro do peito de Jace. Jace estremeceu e virou em um tom alarmado.

"Espere!" Aggie agarrou o braço de Jace, mas o segundo oficial arrancou-o de sua mão e bateu-lhe no asfalto. Tendo seu braço preso em uma tipoia, ele não tinha nenhuma maneira de travar a sua queda.

"Calma. Ele está gravemente ferido," Sed disse, agarrando o oficial pelo ombro.

O cão localizou o saco no bolso de Jace. "Bom menino," disse o homem ao seu cão. "O que temos aqui?"

"Não é meu," Jace disse, ofegante através de sua dor.

"Claro, que não é."

"Ele está dizendo a verdade. Alguém plantou sobre ele." Aggie olhou para Jon, que estava fazendo um trabalho precário em fingir inocência.



O homem da patrulha levantou o saco do bolso de Jace e examinou. Tendo um olhar estranho em seu rosto.

Jon se arrebentou em rir.

"O que diabos você está rindo?" Sed resmungou em sua voz de barítono profundo.

O policial abriu a bolsa, mastigando as folhas verdes com a ponta dos dedos, e deu um hesitante cheirar. Mergulhou um dedo dentro molhado e tocou uma folha para sua língua. "Isto não é maconha."

Jon riu mais ainda. "É apenas orégano. Melhor brincadeira de sempre, hein, gente?"

Ninguém estava rindo.

"Então, o que chamou a atenção do cão?" Perguntou o policial. "Ele não iria atrás de orégano." Ele balançou a bolsa no cão, que apalpou seu nariz e choramingou.

Jon encolheu os ombros. Ele se inclinou sobre Jace. "Você está bem, amigo?"

Aggie ajudou Jace a levantar. Ele cambaleou tentando recuperar o equilíbrio. O sangue havia atravessado o curativo em seu ombro e através de sua camiseta branca em vários pontos. Ele investiu contra Jon, assassinato escrito em seus olhos. Aggie envolveu-se em torno dele e ampliou sua postura de segurá-lo.

"Não aqui, doce," ela sussurrou, apontando para os oficiais. "Pegue ele mais tarde."

"Precisa de sua namorada para segurá-lo, homenzinho?" Jon disse, sarcástico.

"Isso foi tão chato," disse Eric. Ele tocou o ombro de Jace. "Você está bem? Está sangrando."

Jace assentiu um pouco, respirando com dificuldade enquanto trabalhava para enterrar sua raiva. Ele tinha todo o direito de estar com raiva, e se não tivesse dois policiais bem ali, Aggie daria uma surra em Jon, ela mesma.

"Policial, eu posso levá-lo no ônibus e reparar seus ferimentos?" Aggie perguntou.

"Ele parece muito mal," disse o policial. "Talvez você deva levá-lo a um hospital."

"Eu vou ficar bem," Jace murmurou. Ele tropeçou em Aggie. Ela agarrou-o para mantê-lo em seus pés.

"Posso levá-lo para dentro?" Ela perguntou de novo.



"Sim, nós terminamos aqui. Vocês estão livres para ir embora." O oficial apontou para Jon. "É melhor vê-lo, amigo. Isso não foi nada engraçado. Seu amigo não podia cair no chão. Parece que ele está gravemente ferido."

"Desculpe, senhor." Jon sorriu cruelmente. "Isso não vai acontecer de novo."

O grupo fez seu caminho na direção do ônibus, andando lentamente atrás de Jace, que se apoiava em Aggie. Ela não tinha certeza de como ele ainda estava em seus pés. Ela estava indo para chutar a merda de Jon.

"Deixe-me ajudá-lo," disse Brian oferecendo.

Brian pegou o braço de Jace e aliviou seu peso fora de Aggie.

"Estou bem," Jace disse.

"Você não está bem," disse Brian. "E nós estamos levando-o a um hospital. Nós não vamos deixar você fazer Trey nos distrair que não precisava de atenção médica."

"Viva a medicina socializada," Eric aplaudiu.

"Você tem que ser um cidadão canadense para obter esse benefício, idiota," disse Sed.

"Eu disse que estava me mudando para aqui."

"Dave, pergunte ao policial para explicar onde fica o hospital mais próximo," disse Trey a Dave quando Brian ajudou Jace a subir os degraus. Aggie seguiu um passo atrás, preparada para pegar Jace, caso caisse para trás. Ele mal conseguia levantar a perna alta o suficiente para chegar até os degraus íngremes.

"Não estou indo para o hospital," disse Jace, sua respiração ofegante. "Ele só bateu o vento fora de mim."

"Você está sangrando por todo o fodido lugar," disse Trey, um passo atrás de Aggie. "Você não está com pouco sangue?"

"Alguns litros," Jace disse. "Eu vou ficar bem. Só preciso descansar um minuto."

E ele se deitou — sobre o chão no topo dos degraus.



Capítulo Trinta e Um

"Vá em frente sem a gente," disse Aggie. "Vou alugar um carro em algum lugar, e nós os alcançaremos em poucos dias. Ele não será capaz de fazer nada de qualquer jeito. Não é está a razão inteira que você trouxe Jon com você?"

"Eu não tenho certeza se trazer Jon foi a mais brilhante ideia," Sed murmurou. "Sei que ele jogou toda apreensão de drogas como se fosse uma brincadeira, mas sei que Jon, queria tirar o foco de si mesmo, porque ele tinha algo a esconder."

"Ele está limpo agora, Sed," disse Eric. "Ele sabe que a banda não tolera drogas ilegais em turnê. Dissemos a ele isso antes de vir."

Sed bateu na parte de trás da cabeça. De Eric "Bote esse cérebro de merda pra funcionar, cara. Você acha que ele seria honesto sobre isso? Ele quer estar no palco novamente mais do que qualquer coisa. Porque acha que ele é mau para Jace?"

"Jace é um alvo fácil."

Sed revirou os olhos e voltou sua atenção para Aggie. "Nós temos um show amanhã a noite aqui em Vancouver. Provavelmente, podemos ficar outra noite se for necessário e ainda ir para o nosso próximo show em Edmonton. Vamos ver se Jace está se sentindo melhor até então. Se não, você pode nos pegar dois dias mais tarde."

Aggie assentiu. Ela supôs que havia uma razão pela qual elegeram Sed como líder da banda. Ele era natural.

"É melhor mantê-lo no hospital por mais tempo possível," disse Sed.

Eric riu. "Um dia, se você tiver sorte. O médico disse que tudo o que ele precisava era de repouso na cama."

"E não apanhando," Sed acrescentou.

Os olhos de Aggie estreitaram. "Isso foi tudo culpa de Jon."

"Eu vou lidar com Jon," disse Sed.



"Vai romper com Jon quando Jace estiver melhor."

Sed olhou para ela. Por um minuto, pensou que ele ia gritar com ela, mas ele balançou a cabeça. "Eu vou dizer isso a ele."

Aggie sorriu.

"Infelizmente, temos que ensaiar agora. Jon está um pouco enferrujado."

"Como um portão de ferro de cem anos de idade, em um pântano," Eric murmurou.

"Obrigado, pessoal. Vou te dar o meu número no caso de vocês precisarem chamar," disse Aggie.

Depois que eles saíram, Aggie afundou na cadeira ao lado da cama de Jace. Ela observou-o dormir por um tempo. Esperava que ele voluntariamente concordasse em permanecer no hospital por alguns dias. Ela sabia que o estresse de estar em torno de Jon estava acabando com ele. Bocejando, decidiu ir pegar uma xícara de café na máquina automática no fim do corredor. Seu telefone tocou. Pensando que era alguém da banda, ela respondeu imediatamente.

"Você está falando comigo agora?" Sua mãe perguntou.

"Não."

"Você está voltando para casa em breve?"

"Não."

"Um cliente regular seu esteve aqui na última noite. Disse que estava tentando falar com você no clube, mas disseram que estava em férias prolongadas."

Provavelmente um permanente. Roy tinha ficado furioso quando ela chamou e lhe disse que não tinha certeza de quando estaria de volta ao trabalho. Aggie colocou seu café no balcão e inclinou-se contra a parede. Sua mãe sempre prefaciava grandes revelações com declarações sem compromisso. "E você disse a ele que eu estava fora da cidade, certo?"

"Ele gostou de mim."

"Quem?"

"Gary."

Gary *o Perdedor*? "Você não o levou para o santuário, não é?"



"Talvez."

Aggie apertou a ponte do nariz entre o polegar e o dedo indicador. "Mãe, você não sabe o que está fazendo, você pode realmente machucar alguém. "

Ela riu. "Mas esse não é o ponto?"

"Não. Eu treinei com uma domme profissional por dois anos antes de fazer qualquer sessão sozinha."

"Você poderia me treinar." Ela parecia animada — agora. Aggie sabia que estava interessada no trabalho real, e que isso iria requerer sua atenção por cerca de três horas.

"Você não tem vergonha do que eu faço?" Aggie disse.

"Vergonha? Não, querida, eu nunca poderia ter vergonha de você. Você só tem vinte e seis anos, e olhar para tudo que realizou. Já possui uma boa casa, tem um emprego bem remunerado, cuida de duas empresas, tem um homem que a ama o suficiente para levar duas balas por você. Você impõe respeito. O que eu tenho, Aggie? O que fiz com minha vida? Nada. Você é a única que deveria ter vergonha. Não de si mesma. De mim."

Aggie apertou o coração de ouro pintado de plástico entre os seios e piscou para conter as lágrimas. "Eu não tinha ideia de que se sentia assim, mãe," disse ela, engatando sua voz. "Você está sempre dizendo o quanto você quer me tirar do clube. Eu pensei..." *Pensei que você me odiava.*

"Então você vai me treinar para bater nos homens?"

Aggie riu. "Não é um acaso."

"Por que não?"

"Eu sou especialista. Se você realmente quer fazer isso, precisa ser treinada por alguém que é boa em tudo."

"Parece difícil."

"É difícil."

"Falando de difícil. Você deve ter visto o quão duro ficou Gary — "

"Não diga isso!" Aggie sentiu seu rosto corar. Ela não sabia que ainda era capaz de corar.



Uma mulher de cabelos grisalhos entrou no quarto e trouxe uma xícara de café. Ela sorriu docemente para Aggie, que voltou seu sorriso e virou para enfrentar na outra direção.

"Não posso falar sobre isso agora, mamãe. Estou no hospital com Jace."

"Pensei que ele estava fora do hospital."

"Ele teve que voltar para descansar."

"É por isso que você se apaixonou por ele? Ele não faz o que você diz?" Aggie podia ouvir a diversão em sua voz.

Era mais complicado do que isso, mas ela não queria discutir Jace com sua mãe. "Eu não sei. Talvez. Eu tenho que ir. Prometa que vai se comportar."

"Eu não faço promessas que não posso cumprir."

Aggie praticamente podia ver o sorriso travesso da mulher. "Mamãe."

"Tenha cuidado. Obrigado por falar comigo." Ela desligou.

A senhora idosa, adicionou açúcar no café, sorriu para Aggie. "Sua mãe é um desafio?"

Aggie bufou. "Isso é um eufemismo."

"Eu tive uma assim. Você vai sentir falta dela quando se for."

Se ela se for. Aggie sorriu para a mulher, pegou seu café, e voltou para o quarto de Jace. Ele estava completamente vestido, incluindo suas botas de couro, sentado na beira da cama esperando por ela.

"Você está pronta para ir?" Ele perguntou, puxando a linha IV na mão. "Eu me sinto bem agora."

Ela suspirou e sentou-se ao lado dele, sabendo que não seria dissuadido. "Deixe-me terminar meu café."

Ele balançou a cabeça e olhou para os joelhos enquanto ela tomou goles pequenos de sua xícara de café. Se sua mãe não lhe desse um ataque cardíaco induzido pelo estresse, seu namorado, certamente o faria.



Capítulo Trinta e Dois

Jace caminhou pelo corredor enquanto ele e Aggie esperavam o fim do show da banda para voltar ao ônibus. Ela se sentou no balcão da cozinha observando ele caminhar para frente e para trás dela. Ela não o tinha deixado fora de sua vista o dia todo, mas pelo menos o tinha tirado do hospital de merda. Ele devia-lhe outro.

"Por que você não vai assistir o show?" Aggie perguntou. "Você não está tendo nenhum descanso."

"Eu não posso ver." Apenas o pensamento de Jon no palco, tocando sua música, estava fazendo-o louco. Só que não era música de Jace. Não na verdade. Jon tinha composto cada linha de baixo na sua lista de conjunto atual. O novo álbum? Sim, Jace tinha algo a ver com essas composições — tinham seu selo sobre elas — mas os seus três álbuns anteriores eram todas de Jon.

"Por que você não me diz o que está te incomodando?" Aggie o agarrou pela cintura enquanto passava e envolveu suas pernas longas em torno de seus quadris para impedi-lo de escapar.

Ele olhou para o medalhão em forma de coração barato aninhado entre os seios. "Por que você sempre usa essa coisa?" Perguntou ele pegando entre os dedos.

"Uh-uh," disse ela. "Não sei."

Ele olhou para ela em questão.

"Você está mudando de assunto? Eu não vou deixar você."

Ele baixou os olhos e deu de ombros. Ela puxou-o mais perto, com os braços em volta do pescoço.

"Diga-me, Jace. Ninguém está aqui além de mim."



Ele acariciou o coração de plástico e ouro frustrado com a ponta dos dedos enquanto lutava para encontrar as palavras. Não era que ele não queria dizer a ela. Falar de seus sentimentos em voz alta o fazia suar palmas e seu coração disparar.

Aggie correu os dedos sobre a borda de sua orelha. "Você sente falta de estar no palco tanto assim?"

Ele balançou a cabeça ligeiramente. Ele adorava tocar ao vivo, mas não para a glória como Sed, ou a excitação como Brian, ou a diversão como Trey, mas para compartilhar a música, a sua alma... como Eric. Não era isso que o estava incomodando embora.

"Será que é porque Jon está lá fora tentando substituí-lo?"

Ele acenou com a cabeça.

Seus dedos deslizaram em sua mandíbula sob o queixo. "Olhe para mim."

Ele respirou profundo e forçou os olhos para os dela. Ele esperava seu olhar compassivo, mas encontrou sua expressão sincera e tão carinhosa que seu coração subiu para a garganta, roubando-lhe o ar.

"Ele não vai. Não se preocupe. Há apenas um Jace. Você é cem por cento insubstituível." Ela o abraçou apertado, pressionando seu rosto contra o seu. "Insubstituível," ela sussurrou.

Ele envolveu os braços ao redor de seu corpo, puxando-a ainda mais perto. Ele inclinou-se contra ela, segurando-a. Não, ela estava o segurando, confortando-o. Era bom se inclinar sobre ela e, ao mesmo tempo assustador. Ele queria deixá-la entrar, deixar ver tudo que ele era. Mas se algo acontecesse com ela? E se o deixasse? E se morresse? E se ela visse o que estava realmente dentro dele e o odiasse? A maneira como sua mãe o odiava... e seu pai... e Kara. Cada pessoa que ele já amou o odiava antes de morrer.

Jace a empurrou para fora de seu alcance, virou-se e pressionou as têmporas com as palmas das suas mãos. Ele teve que forçar as memórias de seus pensamentos. Ele não podia lidar com elas. Não agora. Nem nunca. Estar com Aggie, os trouxe para a superfície. Coisas que pensou que tinha enterrado anos atrás. Não sabia quanto tempo poderia deixá-la ficar — para o bem de sua sanidade.



Ela pulou o balcão, inclinou-se contra suas costas, e colocou os braços ao redor da cintura. "Você está bem?"

Ele torceu longe, incapaz de suportar a sua ternura.

"Eu vejo," ela murmurou. "Você quer falar sobre isso?"

"Não, eu não quero falar merda nenhuma sobre isso." Ele ergueu a mão, a palma da mão em seu rosto. "Só me dê um minuto."

Ela o agarrou pela frente de sua camisa e puxou-o para o quarto.

"Eu disse que não queria falar sobre isso."

Ela olhou para ele por cima do ombro. "Terminei de falar, Jace. É hora da sua punição."

O olhar duro e frio em seu rosto tinha instantaneamente se transformado em excitação. *Punição.* Isso é exatamente o que ele precisava. Mas como ela poderia machucá-lo de forma eficaz? Ela não tinha seus instrumentos de tortura. Ela empurrou-o para o quarto e bateu a porta. Suas mãos se moveram para a cintura de sua jeans. Ela desabotoou o cinto e puxou-o livre dos laços.

"Vire-se," ela exigiu.

Mesmo sem as botas de couro de coxa alta, ela o virou. Seu comportamento de comando foi o suficiente para obter o seu bombeamento no sangue.

"Bata-me."

"Vou bater em você quando achar que é a hora. Você me deve um pedido de desculpas."

Sua testa franziu com a confusão. "Por quê?"

"Desrespeito. Descartando a minha preocupação, colocando a mão no meu rosto."

Se ele tivesse feito isso, ele não estava pensando claramente. Nunca fez quando o seu passado se intrometeu em seus pensamentos. "Eu sinto muito."

"Sinto muito, Senhora V," disse ela, lembrando-lhe para tratar com respeito.

"Sinto muito, Aggie. Eu só..." Ele voltou seu olhar desfocado para o chão.

"Eu sei, querido," ela sussurrou. "Vire-se."

Ele se virou.



Quando o couro estalou com força contra o seu lombo, seu corpo estremeceu. Ela bateu-lhe no mesmo lugar novamente. Novamente. Cada vez que a dor intensificava, seu pênis crescia mais duro. Ele sabia que havia algo de errado com ele. Esta conexão entre a excitação sexual e a dor fisica. Mas não poderia evitar. E Aggie deu-lhe exatamente o que precisava sem criticar. Ela entendia.

O entendia. Ele não sabia como. Não tinha certeza que queria.

Ela manteve todos os seus golpes pungentes para sua bunda. Ele queria sentir a mordida do couro contra sua carne nua, mas ela não lhe tinha dito para remover suas roupas.

"O seu pau está duro, Jace?"

"Sim." Ele chupou a palavra entre os dentes.

"Mostre-me. Solte suas calças e puxe-as para fora para que eu possa ver."

Ele fez o que ela disse, ficando ainda mais duro quando soltou seu pênis do confinamento.

"Muito bom," ela murmurou. "Você quer que eu bata na sua bunda?"

"Por favor."

"Abaixe as calças até os joelhos."

Tremendo de antecipação, ele desceu a calça jeans para baixo de seus quadris e coxas.

"Sua pele já está vermelha. Você tem certeza disso?"

"Ah Deus, Aggie. Me machuque. Por favor, me machuque."

"Bem, já que pediu tão bem."

O cinto estalou atingindo a pele sensibilizada de sua bunda. Seu corpo estremeceu, e ele engasgou. Concentrou-se na dor, necessitando-o como uma tampa, necessitava-o para apagar a dor viva que manchava sua alma negra. Com cada estalo, a sensação quente pressionava a escuridão mais profunda, onde ele poderia fingir que não existia.

Após vinte ou trinta estalos, Aggie moveu seu corpo contra suas costas. Ela acariciou seu traseiro, picadas aqueceram com sua mão livre. Ele estremeceu de emoção quando ela continuou a acariciá-lo.

"Toque-se," ela sussurrou em seu ouvido.



Ele abriu os olhos e pegou o seu olhar no espelho sobre a cômoda. Ela estava olhando para o seu reflexo, sua atenção concentrada em seu pau duro.

"Tocar-me?"

"Envolva a mão em torno desse grande pau e acaricia-o." Ela mordeu sua orelha. Ele estremeceu novamente, mas não obedeceu. Ele não poderia trazer seu próprio prazer. Nunca teve antes. Não planejava a partir de agora.

"Faça isso," ela insistiu.

"Não."

Ela se afastou. "Você está desobedecendo a sua Senhora?"

"Eu não posso, Aggie."

"Mentira."

Ela foi até a mesa do lado e puxou a gaveta onde Brian mantinha seus brinquedos. Jace olhou com cautela. O que ela estava pensando em fazer com ele?

Ela tirou uma garrafa de óleo da gaveta e esguichou um pouco em sua mão. Ele resistiu quando ela tentou dirigir sua mão para seu pênis.

"Aggie, não."

"Você parece pensar que a única razão que anseia a dor é porque você merece."

"Eu mereço isso."

Ela balançou a cabeça para ele. "Você gosta. Não faria você duro se você gostasse."

"Não. Não é por isso," ele insistiu.

"Bebê, não há problema em gostar."

"É estranho." Ele sabia que era. É por isso que tentou enganar-se em pensar que precisava da dor por uma razão. Não porque gostava.

Ele merecia.

Ela fechou as mãos combinadas e puxou sua mão lubrificada até o comprimento de seu pênis, fazendo uma pausa em sua cabeça inchada. Jace ofegou como o prazer percorrendo em seu corpo, já para além de excitado com o pulsar da picada na bunda.



"Talvez algumas pessoas pensam que é estranho," disse ela, "mas eu não. Eu gosto que você gosta. Isso me faz quente vê-lo assim."

"É mesmo?" Ela puxou sua mão para baixo do seu eixo em direção a sua base. O prazer não era tão intenso como tinha sido quando a dor tinha estado fresca. Já estava se dissipando.

"Sim. Diga-me o que você quer, Jace."

"Eu quero..." Ele hesitou. "Eu quero a dor."

"E o que mais?"

Ela deslizou as mãos combinadas de seu pênis novamente. Ele estremeceu. "E o prazer."

"Isso não foi tão difícil de admitir, não é?"

Sim, de uma forma foi, na verdade. Ele nunca quis admitir nem para si mesmo.

"Quanto mais rápido você se masturbar mais duro vou bater," disse ela. "Você quer que bata duro?"

"Sim." Suas mãos se moviam rapidamente combinadas sobre seu pênis. Bombeando. Mais rápido.

"Bata-me com força, Aggie. Me machuque."

Ela soltou sua mão e deu um passo para trás. Ele esperou o próximo golpe, mas nunca veio. Ele olhou por cima do ombro.

"Você acabou?" Questionou.

"Você parou de mover sua mão."

Ele mordeu o lábio e fechou os olhos, esfregando a palma da mão na cabeça latejante de seu pênis até a sua base. O cinto bateu em sua bunda. Ele acariciou mais rápido. Ela bateu com mais força.

Mais rápido. Bombeando mais difícil. Saboreando sua resposta. Seu prazer construído. Seu entusiasmo intensificou. Ele trabalhou a cabeça sensível com sua mão oleada, os sulcos entre os dedos batendo por cima da borda. Ela estava golpeando-o tão duro agora que sua carne formigava em protesto, mas ele queria, mais.



"Ah Deus, Aggie." Ele acariciou seu pênis ainda mais rápido, massageando sua cabeça até que a dor e o prazer convergiram. "Espere. Pare. Vou gozar. Espere." Ele lançou seu pênis. O cinto caiu ainda. "Não. Continue a bater-me, por favor."

"Você parou de tocar-se."

"Sim, eu sei. Eu não queria gozar. Eu não... Eu não mereço isso."

"É preciso a liberação, Jace. É a segunda vez no dia que você realmente deixa tudo ir. Eu quero isso de você."

"Eu preciso de mais a dor."

"Não acredito em você. Além disso, observando a sua masturbação estava realmente me fazendo vir."

Ele olhou para ela por cima do ombro de novo, as sobrancelhas levantadas. "É mesmo?"

"Oh, sim." Ela tirou sua camiseta vermelha fora e depois jogou o sutiã de lado.

"Quero que você venha em meus seios, bebê. Você vê como meus mamilos estão?"

Ele os viu — tudo bem — queria aquelas pontas esticadas contra sua língua. Ela bateu a bunda com o cinto novamente.

"Continue se acariciando até que venha."

Ele continuou. Principalmente porque ela o queria, mas uma parte dele gostava do prazer misturado com a dor, gostava de a fazer quente — mas não conseguia o suficiente. Perguntou por que nunca havia lhe ocorrido se masturbar enquanto alguém batia nele. Acariciando-se tão vigorosamente quanto podia, não demorou muito para estar na borda. Quando estremeceu e ofegou, Aggie o virou, e caiu de joelhos na frente dele, ofereceu-lhe os seios. Ele deslizou seu pênis entre os globos melados e os pressionou juntos. Sua respiração engatou quando espasmos agarraram a base de seu pênis, e ele jorrou seu esperma entre os seios, sobre o peito, e até sua garganta. Quando seu corpo acalmou, Aggie pulou nele sobre a cama.

"Oh meu Deus, eu estou tão excitada agora," disse ela.

"Você deveria ter me dito antes de perder minha carga."



"Isso foi um desperdício." Ela ergueu o peito grande em direção a sua boca e lambeu o líquido no que pode chegar com a língua.

"Você pode continuar com isso, e eu vou estar duro novamente em um momento."

Ela se levantou, tirou o resto de suas roupas, e se arrastou ao lado dele na cama. "Chupe-os, Jace."

Ele não hesitou em colocar um mamilo duro em sua boca. Ele provou seu próprio esperma sobre eles. Amando como se misturava com o sabor de sua pele.

Ela estremeceu. "Deus, eu estou quente."

Foda-se, sim, que ela estava. Ele assistiu a mão se mover para baixo de sua barriga e entre suas coxas. Quando seus dedos desapareceram de vista, ele levantou a cabeça e mexeu seu corpo para uma melhor visualização. Ela deslizou dois dedos dentro e fora de sua inchada e molhada boceta. Sua outra mão esfregando o clitóris.

"Oh," ela engasgou. "Não pare ainda, Jace. Sugue meus mamilos. Por favor."

Ele estava dividido entre dar a ela o que queria e assistir dar seu prazer a si mesma. Ele não podia fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Aggie estremeceu e gritou. A porta se abriu.

Jon estava no limite, olhando levemente divertido. "Vocês dois terminaram? Eu tenho quatro pintinhos fáceis e uma furiosa ereção. Nenhum deles estão dispostos a esperar mais um minuto."

"Sai daqui," Jace gritou.

Jace levantou-se e puxou as calças para cima, às pressas. Ele se dirigiu para a porta com um punho fechado. "Eu já tive o suficiente de sua besteira, Jon."

"É minha culpa que você não fecha a porta?"

Aggie agarrou Jace pelo braço, mas ele encolheu os ombros com ela.

"Não há fechadura na porta, idiota. E a culpa é sua que você não bateu," Jace disse.

Os olhos de Jon mudaram-se para Aggie, que estava ao lado Jace tentando chamar sua atenção. Jace olhou para ela. Linda, como de costume, e inteiramente nua.

"Vá colocar uma roupa, maldição!"

"Não grite comigo," ela resmungou.



"Meu Deus, Aggie, você é uma bomba." Jon apontou o polegar na direção de Jace. "O que você vê neste idiota?"

Jace tinha tomado o suficiente deste idiota. Ele ainda não havia dado de volta para o plantio de ervas falsas sobre ele na fronteira. Jace colocou ambas as mãos no peito de Jon e empurrou. Jon tropeçou para trás para as meninas jovens que o tinham acompanhado no ônibus. E como eram jovens — isso significava jovens que ainda estariam no segundo grau, provavelmente. Jace ficaria surpreso se Jon soubesse suas idades. O que esse cara estava pensando?

"Saia do ônibus," Jace disse.

"Você é quem tem que descer do ônibus. Eu nem tenho certeza do que você ainda está fazendo aqui. Obrigado por fazer minha folga enquanto estive fora, mas estou de volta. A banda não precisa mais de você. "

"Isso não significa muito, vindo de você," Jace disse.

"E sobre os fãs? O que eles querem? Quando foi a última vez que eles cantaram o seu nome?"

Bem, nunca, para ser honesto, mas isso não importava. Sed, Brian, e Trey mantinham o público entretido. Jace apenas fazia o seu trabalho e colocava seu coração e alma em sua música. Ele não precisava dos holofotes. Os caras tentaram levá-lo a interagir com o público mais, mas...

Merda, talvez Jon estivesse certo. Talvez Jon era melhor para a banda. Não musicalmente. Jace sabia que ele tocava melhor do que Jon no baixo, mas como um artista, Jon tinha a personalidade mais extrovertida. Jon envolvia a multidão e tinha um bom tempo no palco. Talvez isso é o que realmente importava para os fãs. Talvez a música não era tão importante, afinal.

Jon sorriu. "Isso te calou, não é? Agora caia fora do meu caminho. Preciso fazer sexo. E os meus pintinhos não ficam fora, ao contrário do seu." Ele olhou para Aggie, que ainda estava nua. "Aggie, se você precisa ser fodida, minhas calças estão sempre abertas."



Jace realmente não avaliou o soco. Sua treinamento, seus instintos de boxe, tinham o controle total. Ele nem sequer sentiu o punho acertar. Jon desabou no solo. Jace sentiu mais satisfação em nocauteá-lo do que pensava. Seu braço direito e ombro protestaram contra a força que tinha colocado atrás do soco, mas até a dor o fez sentir melhor.

* * * * *

"Eu disse a ele para não desrespeitar a minha mulher de novo," Jace murmurou, antes de cair por cima do beliche superior para descansar como era suposto. O caminho mais rápido para se livrar de Jon era ficar melhor. Desfrutando de Aggie e entrar em brigas não era exatamente propício para a cura.

Aggie tropeçou no corpo caído de Jon e pisou na cama de baixo para olhar para Jace, que estava "descansando" na parte superior do beliche. Ele estava respirando tão difícil, ela temia que fosse hiperventilar. "Você está bem?"

Ele apoiou em seu travesseiro, mas não se virou para olhar para ela. "Por que você fica me perguntando isso? Estou bem. Somente preciso de sono."

Ela esfregou a parte inferior das costas, sentindo a tensão em seu corpo. Ela só trabalhou alguns fora dele e então... Jon apareceu.

"Se você está com fome, eu poderia te fazer alguns ovos ou algo assim."

"Talvez mais tarde."

Ela deu um beijo na nuca de seu pescoço e desceu até o chão.

Duas das meninas que Jon tinha trazido no ônibus tinha fugido. As outras duas se dobraram sobre Jon, tentando reanimá-lo.

"Quantos anos vocês tem?" Aggie perguntou.

"Dezoito," disseram em uníssono.

"Sim, e eu sou um homem negro com bolas gigantes, peludas." Seus olhos pousaram em seu corpo nu. Para verificar gigantes, bolas peludas, ela supôs.



"Acho que vocês duas deveriam ir. Eu vou cuidar dele." Aggie levou cada menina pelo braço e as levou para a saída.

"Não nos faça ir. Queremos encontrar Trey."

"Trey? Então, por que vocês estão aqui com Jon?"

"Ele era o único interessado."

Aggie sorriu. "Eu vejo. Isso faz mais sentido. Talvez se você esperar do lado de fora do ônibus por um tempo, Trey vai aparecer e dar-lhe um autógrafo ou algo assim." Ela odiava colocar Trey nisso, mas ela não queria que os rapazes tivessem problemas por ter meninas menores de idade no ônibus, mesmo se o pervertido que tinha planejado abusar delas estava morto no chão.

"Isso é provavelmente o melhor." A garota olhou para o corredor para Jon, que ainda estava deitado imóvel no chão. Ela riu. "Jace realmente o bateu para fora."

"Você sabe quem Jace é?"

"Claro que sei quem Jace é. Ele é o melhor baixista do planeta. Eu sinto muito, eu não cheguei a vê-lo no palco. Ele é como uma boneca. Tão tímido e bonito. E um docinho. E oh Deus muito bonito, hein." Ela sorriu e se abraçou. "Sed disse que estava doente, por isso Jon estava substituindo."

Aggie desviou o olhar. "Algo como isso."

"Diga a Jace que espero que ele melhore rápido de sua diarréia explosiva rapidamente."

Os olhos de Aggie se arregalaram, e então começou a rir. "É isso o que disse Sed a todos?"

"Ele estava brincando com a gente?"

Aggie enxugou os olhos com as costas da mão. "Sim, Sed estava brincando com você, o braço direito de Jace está ferido, mas tenho certeza que ele vai estar de volta no palco em pouco tempo."

A menina deu a Jon um olhar decepcionado e, em seguida, pulou do ônibus.

Eric parou do lado de fora, olhando a jovem confusa. "Pensei que você estava com Jon esta noite."



"Jon não pode estar com ninguém esta noite," disse Aggie. "Só com o chão."

"Jace o nocauteou bonito," acrescentou a menina e depois riu.

"Não, merda" Eric subiu os degraus e parou no final do corredor. "Ele ainda está respirando?" Ele passou um braço em torno dela, sua mão deslizando sobre a pele nua de seu quadril. Aggie deu de ombros fora de seu alcance.

"Eu não verifiquei," Aggie admitiu. Ela honestamente não queria saber.

"E onde está Jace?"

"Está descansando em sua cama. Eu não iria incomodá-lo. Ele está um pouquinho mal-humorado."

Eric se mexeu para o corredor e trabalhou em reavivar Jon. Aggie foi para colocar algumas roupas. Quando voltou, ela fez uma pausa para assistir Eric dar uns tapas na bochecha de Jon.

"Vai se foder!" Jon reclamou quando se concentrou em abrir os olhos.

"Eu lhe disse para não mexer com Jace," disse Eric.

"Você mexe com Jace."

"Isso é diferente. Ele gosta de mim. Ele odeia seus intestinos de merda."

Jon esfregou o queixo machucado. "Isso é óbvio. Nossa, eu não posso nem brincar com ele."

"Você não estava brincando com ele." Aggie cruzou os braços sobre o peito. "Você estava sendo um idiota, e fez isso a você mesmo."

"Tanto faz." Jon pegou a mão que Eric ofereceu e puxou-se a seus pés. Ele olhou em volta do ônibus. "Onde as minhas meninas foram?"

"Espero que tenham voltado para seus pais. Acho que já passou da hora de dormir," disse Aggie.

Os olhos de Jon estreitaram. "O que é que isso quer dizer?"

"Elas não poderiam ter muito mais do que dezesseis."

"Então?"

Aggie torceu o nariz em desgosto. "Porco."



"Vaca."

"Será que você pode calar a boca?" Jace gritou. "Estou tentando dormir."

"Você pode muito bem pegar o quarto," Jon resmungou. "Você completamente arruinou meus planos para a noite."

Jace saltou de sua cama e foi para o quarto dos fundos.

"Você estragou todos os meus planos para a noite homenzinho," disse Eric.

Jace olhou por cima do ombro para Eric. "Você realmente não queria vê-lo violar quatro meninas jovens."

Eric sorriu. "Deixe-me ver você violar Aggie na próxima vez, e vou te perdoar."

"Eu não acho que você vai ser capaz de lidar com isso."

Aggie coçou a cabeça. O que esses caras estavam falando?

"Tente-me," disse Eric desafiando.

"Isso é com Aggie," Jace disse, e entrou no quarto. Ele tirou as roupas e subiu na cama.

Eric apertou as mãos na frente do peito. "Por favor, deixe-me ver, Aggie. Eu vou ficar fora do caminho."

"Ver? Ver o que?"

Ele passou um braço ao redor de seus ombros. "Ver você e Jace foderem, o que mais?"

"Ele não está em condição de sexo hoje à noite," disse ela.

A respiração de Eric parou. "Você não disse que não."

"Mas eu também não disse que sim." Algo sobre o olhar faminto e brilhante nos olhos azuis de Eric tinha feito Aggiem ficar quente novamente.



Capítulo Trinta e Três

Aggie abriu os olhos para olhar curiosa para Eric. "Você está acordada?"

Ela começou a cobrir os olhos com um travesseiro. "Meu Deus, como posso dormir com você me olhando desse jeito?"

"Você não teve um problema pela última hora."

"Você me observou dormir por uma hora?"

"Uh huh."

"Eric, você tem um problema."

"Estou bem ciente disso. Estou pronto."

"Para quê?"

"Para assistir."

"Esse tipo de espontaneidade leva o romance fora do ato, sabe?"

Eric se inclinou para trás e sentou-se no chão com as costas contra a parede. "Basta fingir que eu não estou aqui."

"Sim, como se isso fosse possível."

Jace se encolheu contra suas costas. "É cedo," ele murmurou.

Ela virou a cabeça para olhar para ele. Seus lábios se curvaram em um sorriso gentil, mas manteve os olhos fechados.

"Desculpe. Acordei você?" Ela perguntou.

"Sim. Você sabe que eu não sou uma pessoa madrugadora."

Suas mãos moveram para seus seios. Aparentemente, ele não estava ciente da presença de Eric. Ela não sabia por que o pensamento de ver Eric a teve quente e necessitada. Ela teve alguns momentos selvagens em salões de sexo em sua juventude, mas não tinha feito isso na frente de um público por anos. Ela tinha obtido um certo nível de excitação em volta do dia, sabendo que outras pessoas poderiam ver os seus desempenhos no ato sexual e de ter atos

praticados nela. Aqueles que tinham sido estranhos, estes eram diferentes. Ela teria que olhar no olho de Eric após acabar.

"Você não se importa que ele assista?" Jace perguntou.

"Você sabia que ele estava aqui?"

"Não estou tão grogue de manhã." Seu sorriso se arlagou, e sua mão escorregou para baixo em sua barriga.

"Eu acho que vai ser sexy. Eu quero que ele assista."

"Eu também," ele murmurou.

Ela rolou em seus braços e passou os dedos pelo cabelo. Ele não tinha colocado gel recentemente, e ela amava sua textura sedosa sob as palmas das mãos e entre as coxas.

Ela o beijou e dirigiu a mão entre as pernas dela. "Nunca cheguei a gozar ontem à noite," ela sussurrou. "Quero a sua boca bem aqui."

Ela apertou sua mão contra seu montículo.

"Acho que posso lidar com isso."

Ele tirou a calcinha de seu corpo. Ele a surpreendeu rolando de costas. Quando ela enrugou a testa para ele em confusão, ele sorriu e disse: "Venha aqui, bebê. Sente-se no meu rosto."

Ela subiu na cama e mexeu seu corpo para escarranchar em seu rosto. Ele passou os braços ao redor de suas coxas e levantou a cabeça para sugar seu clitóris.

"Uau," ela suspirou.

Ele sugou cada pedaço de carne lisa entre as coxas e mergulhou sua língua dentro dela. Ela estremeceu. "Jace."

Sua barba incipiente áspera raspou contra sua carne sensível quando ele esfregou em sua buceta. Beijar, chupar e lamber até que ela não aguentasse mais. Ela mexeu para trás com a intenção de deslizar para baixo de seu corpo. Ele passou os braços em torno de suas coxas e não deixou se movimentar. Depois de um longo momento, Jace virou a cabeça, com falta de ar. Aggie se sentou sobre seu peito para deixá-lo recuperar o fôlego.

"Eric, você pode ver?" Jace perguntou.



"Na verdade não."

"Venha aqui com a gente."

Eric lançou-se sobre a cama.

"Você quer que ele participe?" Jace balançou a cabeça em direção de Eric.

"O que você quer dizer?" Aggie perguntou.

"Ele pode tocar em você?"

Os olhos de Aggie se arregalaram de surpresa. "Pensei que ele estava apenas para ver."

"Assim é a coisa com Eric. Ele começa observando, mas às vezes ele se deixa levar. Se você não quer que ele te toque, não vou deixar, mas se você não se importar, ele pode me ajudar a dar prazer."

Ela riu. "Eu não posso lidar com a quantidade de prazer que você me dá sozinho, como você acha que vou lidar com ainda mais?"

Jace deslizou sua parte superior sobre sua cabeça. Eric rosnou, metade gemendo quando seus seios foram revelados.

"Acho que você pode lidar com isso," Jace murmurou, os dedos roçando sobre um mamilo tenso.

Ela olhou para Eric. Ela não tinha problema com ele participando. Ela achou um pouco desanimador que Jace não tinha escrúpulos com outros homens colocando as mãos sobre ela. Ou vê-la nua. Sim, ela fez topless no palco, mas isso era diferente. Isso era muito mais pessoal. Ou talvez não. Não tinha que ser.

"Ele pode me tocar. Me lamber. Me chupar. Foder-me. Qualquer que seja."

"Sim," disse Eric, fazendo um punho de vitória.

"Não," Jace disse. "Ele não vai te foder. Só eu vou te foder."

Aggie sorriu para si mesma. Ok, isso a fazia se sentir melhor. Ela não sabia por que. Ele não era muito de limites, mas era algo.

"Mas eu posso gozar nela, certo?" Eric perguntou.

Jace encolheu os ombros. "Isso é com ela."

"Vamos ver."



Jace aliviou de seu peito para sentar-se no centro da cama e foi ajoelhar-se ao lado dela. Ele escovou o cabelo de lado e deu um suave beijo em seu ombro. "Ela não é linda?" Ele perguntou a Eric.

"Sim. Linda," Eric concordou. Ele estendeu a mão em direção a seu peito, mas hesitou num milímetro entre sua pele. Mamilo endureceu, esforçando-se para a ponta dos dedos. Ele tomou uma respiração profunda, tremeu e baixou a mão para descansar em um punho apertado na coxa.

Jace sorriu torto. Ele estava com um humor estranho esta manhã. Mais calmo do que o habitual. Tipo arrogante. Ela decidiu que era porque Eric estava lá, e sabia que ele era um homem bizarro.

Jace tomou o queixo de Aggie e virou a cabeça em sua direção. Ele a beijou com ternura e acariciou seu rosto. Ele sussurrou em seu ouvido para Eric não poder ouvir.

"Isto é apenas sexo, Aggie, ok? Não se apegue a isso emocionalmente."

Ela assentiu com a cabeça, entendendo o que ele queria dizer. Isto não teria a sua ligação habitual emocional. Tudo bem para ela, enquanto estivesse dentro de seu coração quando estavam sozinhos.

"Eu sei a diferença. Eu teria dito 'não' se eu tivesse problemas com isso. Não se preocupe com os meus sentimentos."

Ele beijou-a profundamente e então se afastou. Quando ele olhou para ela, ela teve a sensação de que ele não a veria como Aggie, mas uma estranha para experimentar. Ela tentaria esquecer seus sentimentos por ele esta manhã, mas sabia que não seria fácil. Ela o amava. Não achava que ele tinha os mesmos sentimentos por ela, mas esperava que, algum dia ele teria.

De joelhos, Jace moveu-se na frente de seu corpo e abaixou a cabeça para esfregar a língua sobre o mamilo. Eric, ainda totalmente vestido, encolheu-se contra suas costas, seus lábios contra seu ombro enquanto ele observava Jace puxar o mamilo em sua boca.

Ela estremeceu. Eric levemente acariciou a pele nua de seus braços com a ponta dos dedos, tirando arrepios para a superfície de sua pele.



Ela se inclinou para trás contra o seu peito sólido, concentrando-se em não levantar as mãos e acariciar ao cabelo de Jace enquanto ele amamentava. Ela queria praticar autocontrole por tanto tempo quanto possível. Uma prova de sua força de vontade. O sentimento puxando em seu peito se espalhou para baixo em sua barriga e entre as coxas, apertando seu ventre com espasmos suaves, fazendo seus lábios inchar e crescer molhada de desejo. Quando Jace moveu sua boca para o outro seio, Eric beijou uma trilha ao longo do topo de sua volta e se estabeleceu contra seu outro ombro para que ele pudesse assistir Jace levá-la louca de desejo.

Aggie apertou as mãos em punhos, deixando Jace ter sua maneira com ela, quando cada instinto lhe pedia para segurá-lo.

As mãos de Jace deslizaram sobre a pele da parte inferior das costas. Eric se mudou para circundar sua cintura. Eles a mantiveram em um abraço de casal. Seu coração batendo em antecipação.

"Vire-a de costas," Jace instruiu.

Eric moveu atrás dela e virou de costas. Jace puxou as pernas em linha reta e voltou a mamar o seu mamilo esquerdo.

Aggie engasgou entrecortada quando Eric passou para o seu lado direito e chupou o outro mamilo em sua boca. Ela levantou os braços acima da cabeça e olhou para os dois. Suas técnicas eram totalmente diferentes. Jace chupava e acariciava com a língua. Eric mordiscava e acalmava com os lábios. Ela fechou os olhos, inclinando a cabeça dela para trás em êxtase. Jace deslizou a mão pela sua barriga. Ela abriu as pernas, querendo que ele colocasse em sua miséria dolorida. A mão de Eric espelhou os movimentos de Jace alguns segundos depois.

Aggie gemeu quando seus dedos se moveram entre as coxas em uníssono. Eles acariciavam sua carne até que ela não podia aguentar mais. Um par de dedos deslizaram dentro dela. Ela perdeu o controle de quem pertencia a mão, que boca chupava seu mamilo esquerdo, brincava com o direito. Outro par de dedos deslizou em sua boceta. Espalhando-a, mergulhando e retirando, eles trabalhavam um contra o outro.

"Oh, que se sente bem."

A terceira mão acariciou seu clitóris.



Eric lançou seu seio de sua boca e deslizou para assistir a ação entre as coxas.

"Faça-a vir, Jace. Ela está perto. Olha como ela está inchada."

"Não fale, Sticks."

"Sinto muito."

Ela sentiu a respiração quente de Eric contra seu monte e então sua língua sacudiu sobre seu clitóris, juntando os dedos ainda acariciando. Ela nunca sentiu qualquer coisa como dedos — lábios e línguas. Aqui. Lá. Ela balançou os quadris, impaciente, gemendo na parte de trás de sua garganta.

Seu prazer construiu rapidamente e em poucos segundos ela estava tremendo com a liberação. Eric descansou a cabeça em seu ventre, seus dedos ainda dentro dela. Jace lançou seu mamilo de sua boca, tirou as mãos de seu corpo, e deslizou para fora da extremidade da cama.

Os dedos de Eric deslizaram livre, um momento depois, deixando-a completamente vazia.

"Você vai transar com ela agora?" Eric perguntou animadamente.

"Ainda não."

Jace a agarrou pelos quadris e puxou-a para o final da cama. Ele se ajoelhou no chão e mergulhou sua língua em seu corpo. Ela arqueou e estremeceu. Abriu os olhos quando ouviu um barulho de zíper. Eric estava em suas mãos e joelhos, olhando entre as pernas de cabeça para baixo, olhando Jace comê-la. Eric agarrou seu pênis, longo e duro em uma mão, acariciando-se com o ritmo de Jace.

"Será que ela está achando bom Jace?"

"Mmm," ele murmurou em concordância.

Aggie não podia tirar os olhos da mão de Eric enquanto se acariciava lentamente. Ela estremeceu quando Jace chupou seu clitóris em sua boca. Ele mergulhou seus dedos dentro e fora dela, trazendo-a ao orgasmo tão rapidamente que levantou o colchão. "Jace!"

Ele não lhe deu tempo para se recuperar — continuou chupando e mergulhando dentro dela.



"Sim," Eric sussurrou, ainda olhando e acariciando seu pênis. Aggie estendeu uma mão na direção de Eric correndo os dedos sobre seu escroto.

Sua boca abriu, e seus olhos fecharam.

"Jace. Olhe para ele. Ele está preste a vir em cima de mim. Coloque o seu pênis dentro de mim," disse Aggie, observando a reação de Eric quando ela mal tocou. Se assistir Jace come-la deixava Eric muito animado, ela só podia imaginar o quão animado estaria quando o pau de Jace entrasse nela.

Jace levantou-se e abriu as pernas mais amplas. Agarrou seu pênis e empurrou dentro dela, deslizando para dentro e para fora para molhar em seus sucos.

"Oh, Deus, como é quente," Eric engasgou. Ele deslocou ainda mais para baixo do colchão para melhorar sua visão.

Jace segurou os quadris de Aggie quando se enterrou dentro dela.

"Jace," ela engasgou. Arrepios subiram para a superfície de sua pele. Eric poderia dizer como eles se encaixam perfeitamente juntos? Ela queria que ele reconhecesse.

"Você se sente incrível," ele sussurrou.

Ele retirou-se. Seus olhos estavam sobre a conexão entre seus corpos. Quando quase uma polegada dele permaneceu dentro dela, ele empurrou para frente.

Ela gritou quando seus corpos colidiram. Ele pegou o ritmo, encontrando rapidamente o ritmo familiar. Aggie olhou Eric acariciar seu pênis ao mesmo tempo.

"Deus, eu estou prestes a vir," Eric engasgou. "Este ritmo é insano."

"Perfeito," disse Aggie. "Ele é perfeito. O ritmo... perfeito."

"Sim, se o seu objetivo é chegar. Jesus, cara. Eu posso ouvir quão molhada que ela está. Qual é a sensação?"

"Sedosa," Jace murmurou. "Macia. Quente."

Eric choramingou.

"Apertada e macia."

Eric afrouxou o controle sobre seu pênis, deslizando sua superfície mais suave, enquanto continuava a acariciar-se no ritmo, com os golpes profundos de Jace.



"Aggie, qual é a sensação de ter Jace dentro de você?"

"O máximo, duro quente e grosso. Duro. Completo. Cheio. Oh, Deus."

Jace continuou o mesmo ritmo incansável por um longo tempo. Aggie levantou a cabeça para olhar para Jace e encontrou-o olhando para ela. Ele sorriu suavemente, e seu coração derreteu. Parecia estranho permitir que Eric se juntasse a eles, a ligação entre eles foi reforçada. Foi como tendo uma testemunha e compartilhar isso torna-se mais profundo, não menos. Ela não esperava isso, quando concordou com este arranjo. Ela esperava que presença de Eric iria estragar a experiência.

Eric gritou, chamando a atenção de Aggie. Ele jorrou sobre a parte inferior da barriga, tremendo incontrolavelmente enquanto gozava. "Droga," ele engasgou.

"Terminou?" Jace murmurou, ainda mantendo o ritmo que deixou Aggie suspensa à beira do orgasmo.

"Já? Quanto tempo você planeja continuar?"

"Oh, uma hora, embora sem preservativo não possa durar muito tempo. O corpo de Aggie é o céu."

"Eu aposto."

Eric baixou a cabeça e sugou o clitóris de Aggie em sua boca. Suas costas arquearam quando ondulações de prazer irradiaram para fora de seu núcleo, apertando duramente o pau de Jace. Ela gritou com o lançamento inesperado.

"Oh, Deus, não pare. Não pare," ela implorou. Eles não pararam. Jace bateu contra ela, enchendo-a como só ele podia, e Eric chupou muito tempo depois de seu primeiro orgasmo diminuir.

"Eu vou gozar novamente," ela chorou. "Ah. Oh."

Eric apertou seu seio, apertando-lhe o mamilo quando ela gozou pela segunda vez.

O prazer era tão intenso que estava em lágrimas.

Jace puxou para fora.

"Por favor, não pare," ela engasgou.

"Eric," Jace disse para chamar sua atenção.



Eric parou de chupar o clitóris de Aggie, e ela gemeu de tormento.

"Minha vez?" Questionou.

"Não, eu estou mudando de posição."

Eric se afastou enquanto Jace colocava Aggie sobre suas mãos e joelhos.

"Oh inferno, sim," disse Eric.

Jace subiu no colchão, ajoelhou-se atrás dela, e espalhou seus joelhos afastados.

"Espere," disse Eric. "Não coloque ainda."

Jace riu. Ele parecia estar gostando disso. Outra coisa que Aggie não esperava.

Eric deslizou de costas debaixo de Aggie até que sua cabeça estava entre os joelhos, e ele estava olhando para onde a ação estava preste a acontecer.

Seus quadris estavam entre as mãos no colchão e, quando ela olhou para baixo, seu pênis estava em seu campo de visão.

"Ok, pronto quando você quiser," disse Eric.

Aggie riu. Ela sentiu a cabeça do pau de Jace na borda de sua boceta, e seu riso tornou-se um gemido de tormento.

"Devagar," Eric persuadiu. "Deslize devagar."

Jace deslizou bem devagar. Aggie viu o pau de Eric pulsar animadamente em resposta.

"Deus, olha para ela esticando e te engolindo. E ela cheira tão bem."

Eric levantou as mãos para esfregar os dedos para cima e para baixo em sua barriga. Aggie estremeceu.

"Jace, profundo. Leve-a profundamente."

Jace já estava totalmente inserido, mas ele moeu contra ela a dirigiu-se mais profundo.

"Dê-lhe prazer, Eric, ou você está saindo," Jace disse.

Os dedos de Eric encontraram seus mamilos e acariciaram persistentemente.

"Será que se sente bem, Aggie?" Jace perguntou.

"S-sim," ela suspirou, movendo seus quadris para estimular o pau de Jace. Ela puxou para frente e, em seguida, balançou para trás para enterrá-lo profundamente de novo.

"Acho que ela quer que você transe com ela, Jace."



"Sim." Ela gemeu. "Eu quero isso."

O pau de Eric alongou e engrossou quando Jace começou a se mover. O dedo de Jace deslizou em sua bunda, e suas pernas fraquejaram. "Sim, Jace, isso é bom. Enfie na minha bunda. Eric, esfregue meu clitóris. Esfregue-o."

Eric esfregou seu clitóris com uma mão, e foi o maior tesão. Ela adorava assistir Eric enquanto Jace enchia e mergulhava os dedos em sua bunda. Uma gota brilhava na cabeça do pau de Eric. Incapaz de resistir a sua oferta, ela abaixou a cabeça e lambeu-o. Salgado. Doce.

"Oh doce céu," Eric engasgou.

Encorajada, chupou a cabeça de seu pênis em sua boca. Seu corpo inteiro convulsionou. Jace pegou seu ritmo, suas estocadas profundas e estáveis. Ele enterrou dois dedos na bunda dela e enrolou-os para baixo para estimular a cabeça de seu pênis quando empurrou para dentro dela. Aggie gritou: ofegante na cabeça do pau molhado de Eric. Eric acariciou seu clitóris mais rápido duas vezes mais rápido. Jace vocalizou seu prazer mais alto a cada impulso.

"Faça-a vir, Eric. Faça-a vir."

Eric não estava fazendo-a vir, Jace estava. Sua espessura. Enchendo-a. Esfregando nela. Seus dedos enchendo-a ainda mais.

Enquanto seu corpo convulsionava com a liberação, Jace deslizou lentamente os dedos de sua bunda.

Ela perdeu o controle do número de vezes que ela veio. Ela chupou o pau de Eric quando pensava nisso, mas a maior parte do tempo ela estava delirando para prestar atenção ao que ele estava fazendo debaixo dela. Jace aumentou o ritmo, engatando sua respiração na parte de trás de sua garganta. Ele puxou no último momento e veio devolta em Aggie com um grito assustador, jorrando seu lançamento.

"Acabei de perder o lançamento?" Eric perguntou. "Ah, foda-se."

Jace desmoronou na cama ao lado dela, ainda respirando com dificuldade. "Deixe-me recuperar o fôlego, e vamos começar de novo. Vou fazer melhor da próxima vez. Eu não vou gozar tão rápido."



"Melhor? Isso foi incrível," disse Aggie, ainda tremendo, na sequência de orgasmos múltiplos. "Maravilhoso."

Jace estava ao seu lado, imóvel, os olhos fechados.

"Ok, ok." Eric estremeceu, jorrando em toda a sua barriga. Ele gemeu quando ergueu os fluidos com um punho fechado. "Deus, eu precisava disso."

Quando Eric deitou, as respirações ainda estavam ofegantes em tremor, Jace forçou seus olhos abertos. Ele sorriu gentilmente para Aggie e tentou levantar-se. Ele conseguiu levantar-se em um braço antes de afundar de volta na cama.

"O que há de errado?" Aggie perguntou.

"Acho que preciso de um café da manhã."

Ele tinha exagerado novamente. "Não há mais sexo até que você esteja completamente curado," Aggie insistiu.

"Vou ficar bem. Estou só com fome."

"Vou fazer alguns ovos mexidos," disse Eric. Ele limpou o sêmen fora de sua barriga e enfiou o pau amolecido em suas cuecas boxer azuis antes de ir para a porta. Eric deveria sempre andar de cueca. Caro senhor, que corpo, longo, magro era extremamente sexy.

"Espere!" Jace chamou desesperadamente.

Eric parou na porta e olhou por cima do ombro. "O que?"

"Não seja criativo com as especiarias, só sal e pimenta."

"Qual é a graça disso?" Eric sorriu e saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

"Aggie, você tem que detê-lo," Jace sussurrou, como se Eric estivesse em uma missão de assassinato. "A última vez que ele preparou, colocou canela, alho e manjericão."

O nariz de Aggie enrugou. "Nos ovos?"

"E eu estou morrendo de fome. Eu preciso comer."

Aggie beijou os lábios e se levantou da cama. "Eu cuido de você, bebê. Você só descansa." Ela pegou suas roupas.

Enquanto Eric fingiu ser o Chef sueco do Muppet Show, Aggie monitorava seu progresso e cozinhava o bacon. Sempre que ele chegava perto de um tempero para polvilhar na



panela enorme de ovos, Aggie batia para fora de sua mão. Eric preparou como só ele faz: com a batida de um baterista, e colocou todo o coração e entusiasmo que conseguiu reunir. E, enquanto que ela esperava que as coisas fossem ficar estranhas entre eles agora (Ela tinha acabado de lavar o seu sêmen de sua barriga, depois de tudo), ele não agia de forma diferente em torno dela. Pelo contrario, parecia mais relaxado e mais amigável do que antes.

Aggie espalhou tiras de bacon sobre uma toalha de papel para coletar a gordura e jogou batatas congeladas para fritar na panela do bacon. Ela colocou uma tampa por cima para parar os salpicos.

"Por que você não faz uma torrada? O pão está naquele armário lá." Ele apontou com a espátula.

Enquanto ela estava ocupada com torrando o pão, Eric pegou a pimenta da Jamaica.

"Não," ela disse, agarrando a garrafa de sua mão.

"É chamado de pimenta da Jamaica," disse ele. "O que não significa que deve ser usada para temperar tudo?"

"Eric, adicione essa porcaria a seus próprios ovos, para que todos possam ficar salvo."

"Salvo? Chatos, você quer dizer."

"Os ovos devem ser chatos."

Jace abriu a porta do quarto e saiu mancando para a mesa. Vestindo apenas jeans e sua tipoia (que estava usando, e pela sua aparência significava que seu ombro estava incomodando), ele deslizou para dentro da mesa. Descansando o cotovelo esquerdo em cima da mesa, apoiou sua testa com a mão.

"Você cansou seu traseiro, Aggie. Olhe para ele."

Ah, ela estava olhando para ele, tudo bem.

"Cale-se, Sticks," Jace murmurou.

A torradeira espulsou os pães, e Aggie passou manteiga numa fatia. Ela entregou a Jace. "Coma esta, enquanto espera por seus ovos."

Jace levantou a cabeça de sua mão, acariciou sua bunda carinhosamente, e aceitou a torrada. "Obrigado."



"Sinto cheiro de comida," disse Brian, inclinando-se para fora de seu beliche. "Cheira bem. Quem está cozinhando?" Ele piscou os olhos à luz da mesa até que focou em Eric no fogão. "Sticks? Não importa. Eu vou morrer de fome." Ele fechou a cortina novamente.

"Bom," Jace falou com a boca cheia de pão. "Sobra mais para mim."

"Aggie está com ele sob controle," disse Trey, pulando fora de seu beliche e roubando o bacon do balcão.

Trey sentou em frente a Jace e entregou-lhe um pedaço de seu bacon. "Você está bem, cara?"

"Sim."

Sed saiu de sua cama e deslizou ao lado de Trey, seu grande corpo ocupando mais do que sua parte da mesa. "É meu," ele disse. Quando tentou pegar o mesmo bacon que Trey, ele deu um tapa em sua mão.

Brian saltou de sua cama. "Acho que se vocês vão morrer de intoxicação alimentar, não há nenhuma razão para que eu fique aqui sozinho."

"Pense em Myrna," Trey disse.

"Estou pensando mais no meu estômago." Brian sentou no lado de Jace. "Cara, você tem certeza que deveria estar fora do hospital? Você se parece com a morte requentada."

Agora Aggie se sentia culpada. Ela trocou olhares com Eric. "Nós deveríamos ter deixado ele dormir mais nesta manhã," ela sussurrou quando virou as batatas fritas.

"Ele não costuma sair da cama antes do meio-dia. Ele sempre evitava a merda da manhã."

Aggie foi até a geladeira e empurrou a cerveja de lado até que encontrou uma garrafa de suco de laranja. Despejou num copo e colocou em frente de Jace. "Aqui, querido, beba isso."

Ele corou com o carinho, e isso não passou despercebido pelos outros caras. "Sim, querido, beba seu suquinho todinho," disse Trey. "Seja um bom menino."

Brian beliscou as bochecha de Jace. "Esse bebê é bonito, não é? Ele precisa beber seu suquinho em seu copo com canudinho."

Carrancudo, Jace deu um tapa na mão de Brian.



Aggie sorriu. Os caras o amavam. É por isso que o provocavam implacavelmente. Ele era como seu adorado irmão mais novo. Por que Jace não podia ver isso? Talvez Aggie precisava ajudá-lo a ver o que já estava lá.



Capítulo Trinta e Quatro

Jace estava atrás do palco observando os assistentes instalarem o cenário para o concerto em Edmonton. Podia ficar ali até que eles tivessem terminado, então teria que ir embora porque Jon começaria a ensaiar com a banda para seu show. Não podia forçar a si mesmo a assistir aquilo.

Na noite seguinte haveria uma sinfonia tocando naquele local, e os instrumentos da orquestra já tinham sido entregues. Eles estavam alinhados ao longo da parede dos fundos, atrás da área do palco, o que tornava difícil para os assistentes manobrarem as seções de palco no local. Sentindo-se tonto de olhar para tantos cabos, Jace se desviou para o banco na frente do piano de cauda da sinfonia. Sentou-se pesadamente e respirou fundo. Talvez devesse se checar em um hospital. Não conseguia sua força, o que provavelmente tinha a ver com manter Aggie satisfeita, pois era impossível manter as mãos longe dela. Ele não se incomodou em tentar.

Jace se debruçou contra o teclado do piano e este zumbiu discordante. Alguém havia esquecido de cobrir as teclas. Ele se virou no banco, jogou para trás a lona pesada cobrindo o instrumento, e estendeu a mão para o pequeno botão conectado a tampa de madeira. Seu pulso bateu nas teclas e ele fez uma pausa, imediatamente transportado de volta no tempo. Quase conseguia sentir sua mãe sentada ao seu lado, o braço apertado contra seu ombro, sua perna contra a dele. Durante aqueles momentos, ele fingia que ela se importava com ele.

Jace ajeitou a tipoia de lado e permitiu que seus dedos pousassem nas teclas, com os pés nos pedais. Definitivamente sentiu a mãe quando seus dedos encontraram uma melodia familiar. Conseguia ouvi-la, falando naquele sussurro quase imperceptível dela. *Não toque a música, Jason. Deixe a música tocar você. Entregue-se a ela, deixe-a entrar. Está viva. Você a sente?*

Música era vida. Ele a sentia, sempre sentiu. Era mais real que sua própria existência.

Deixou a melodia tocá-lo, dando rédea livre aos seus dedos. As teclas ao seu lado, onde os dedos de sua mãe deviam estar descansando, continuavam quietas, mas ele a ouviu tocando



com ele, tão certo como se estivesse sentada ao seu lado. Quando chegou ao final da canção, a nota final tocou e sua mãe desapareceu.

"Eu não sabia que você tocava piano," Aggie disse. "Isso foi lindo." Ela deslizou sobre o banco ao lado dele. "Toque alguma outra coisa."

Ele balançou a cabeça e puxou a tampa para esconder o teclado. Rapidamente deslizou seu braço de volta na tipoia para que ela não o perturbasse sobre tocar. Aggie tomou sua mão esquerda e apertou. Como ela sempre sabia quando ele estava se sentindo mais vulnerável? Ela o sentia como um abutre sentia a carniça, e circulava em volta, esperando pela oportunidade perfeita de mergulhar e arrancar seu coração.

"Onde você aprendeu a tocar?" Ela colocou o cabelo dele para trás de sua orelha com a mão livre. Estava ficando muito longo e espetando, e ele precisava clarear a raíz, mas já que não estava se apresentando, ele não se incomodou.

A capa preta brilhante que escondia o teclado borrou, ficando fora de foco. "Minha mãe me ensinou."

"Ela deve ter sido talentosa."

"Sim. A música foi a única coisa que ela realmente amou."

A mão de Aggie deslizou sobre suas costas, e ela se inclinou contra ele. "E você. Ela amou você."

Ele negou ligeiramente. "Não. Ela nunca me quis."

"Não acredito nisso."

Ele encontrou a raiva — a encontrou e agarrou-se a ela. "Eu não dou a mínima para o que você acredita."

Empurrou-a para longe e tentou se levantar, mas ela o pegou pela cintura e o puxou de volta no banco.

"Também não acredito nisso. Fale." Ela deslizou a mão pelo seu rosto e virou sua cabeça. Ele não conseguiu encontrar seus olhos, então encarou seu queixo. "Converse comigo, Jace."

Não queria conversar. Ele queria apodrecer. Por que ela não o deixava em paz?



"Diga-me por que você acha que sua mãe não o quis."

A dor em seu peito se espalhou sobre sua garganta, roubando seu ar. "Porque…" Ele deu um suspiro profundo. "Porque ela me disse. Todo dia ela me dizia."

Ele lutou contra a dor pungente atrás de seus olhos. *Homens não choram, filho*. Sim, Pai. Eu sei. Eu sei. É culpa dela. De Aggie. Ela não vai me deixar em paz, ela continua me forçando. E forçando.

"O que ela disse exatamente, Jace?" Aggie perguntou. "Talvez você tenha entendido mal."

Ele riu amargamente. "Sim, eu era apenas um garoto estúpido. Devo ter entendido mal." Ele a desvencilhou de seu corpo e se levantou. Ia se trancar no banheiro masculino por algum tempo até que conseguisse ficar sob controle. Seguramente ela não o seguiria ali.

Aggie o empurrou de volta no banco e suas costas atingiram a tampa que cobria as teclas do piano. Uma dor serpenteou pelo ferimento cicatrizado em seu ombro. Ela montou seu colo, encarando-o, e agarrou seu queixo em uma mão. Tinha aquele olhar frio de dominatrix em seus olhos. E isso eficazmente conseguiu a atenção dele.

"Você não vai sair dessa tão facilmente. Pode fingir estar louco comigo, mas isso não vai me tirar do seu caso."

"Quem está fingindo?"

"Você está. Conte-me o que sua mãe disse que o magoou tão profundamente."

"Não estou magoado."

"Você está magoado, imbecil, e essa dor nunca vai desaparecer a menos que você a deixe ir. Eu quero ajudá-lo, mas não sei do que estou contra, Jace. Converse comigo. Diga-me."

"Talvez eu não queira que ela vá embora. Talvez eu goste dela. Você foi a única que me fez admitir que gosto da dor."

Ela bateu em seu peito com ambas as mãos. "Isso não é mais um jogo, droga. Você não entende?" Então o abraçou inesperadamente, pressionando o nariz em seu pescoço. O hálito quente roçou a pele em baixo de sua orelha. "Desculpe ter batido em você. Estou tão frustrada. O que ela lhe disse, querido? O que ela disse? Vá embora? Dê-me um minuto para mim mesma?



Vá brincar em seu quarto por um tempo, pois mamãe está muito ocupada no momento? O que foi? Apenas me diga."

Jace bufou. Se sua mãe tivesse sido tão gentil. Ele repetiu o mantra de sua mãe para Aggie no mesmo sussurro baixo que ela sempre usava. Sua mãe sempre o sussurrou perto de seu ouvido, como se não estivesse *realmente* dizendo aquelas palavras ofensivas, se as dissesse em voz baixa o suficiente, ninguém as ouviria além dele. "Se não fosse por você, Jason, eu podia ter tido o meu sonho. Se não fosse por você, Jason, eu não teria que ter casado com seu pai. Por que fiquei grávida? Eu devia ter lhe entregue para adoção. Eu nunca o quis. Você é a razão pela qual eu vivo desse jeito. Neste casebre, com aquele homem. Eu podia ter sido uma pianista de concerto, podia ter sido alguém. E agora, você sabe o que eu sou? Sou apenas sua mãe e isso é tudo o que sou. *Esposa dele, sua* mãe. Eu não sou ninguém. E não quero ser sua mãe, Jason. Nunca quis. Eu vou doá-lo. Dar você a alguém que pode suportar olhar para você."

Suas mãos agarraram a cintura de Aggie quando velhos medos encontraram o caminho para seu coração. "Ela me deixou em lugares, Aggie. E fingia que estava feliz em me ver quando os policiais me levavam para casa. 'Ele está sempre rondando por aí sozinho' ela dizia a eles e então lhes dava café e biscoitos enquanto lhes contava histórias sobre minhas escapadas. Eles riam sobre o quanto eu era bonito. 'Ele é adorável. Você tem sorte por ninguém tê-lo levado', eles diziam. Eu tinha medo de sair de casa com ela, pois nunca sabia onde ela me deixaria. Quando estávamos fora, não me atrevia ir ao banheiro ou virar as costas ou deixá-la de fora da minha visão, porque se o fizesse, ela iria embora e eu podia nunca encontrá-la. Eu procurava por ela, chamava por ela, mas ela tinha ido embora. Ela não me queria, Aggie. Nunca me quis. Mas quando tocávamos piano juntos, eu sentia algo — alguma proximidade com ela. Não sei o que era." Algo quente e molhado deslizou pela bochecha dele. "Ela amava aquele maldito piano, mas nunca me amou." Ele enxugou uma lágrima furiosamente. "Vê por que não quero falar sobre isso? Agora estou chorando como uma maldita garotinha."

Aggie esmagou o rosto em seu tórax, seu corpo tremendo com os soluços. Sobre o que ela estava chorando? Ela queria que ele lhe contasse, então ele contou. E agora ela estava chorando? Mulheres. Ele não as entendia.



Aggie beijou o topo de sua cabeça, roçando o rosto contra seu cabelo e deixando-o molhado de lágrimas. Bagunçando tudo e fazendo-o se sentir como um idiota total. E se um dos caras os vissem daquele jeito? Ele nunca ouviria o fim daquilo.

"Ela se foi, Jace. Não pode mais machucar você."

Ela se foi. Sua mãe. E antes dela morrer, ele nunca chegou a dizer-lhe que não se importava que ela não o amasse. Ele a amava. E aquele seu maldito piano? Ele a amava também. Uma semana depois que ela foi enterrada, seu pai doou o piano para uma escola — livrou-se dele porque este o lembrava dela. Aquilo foi pior para Jace, de alguma maneira, que a real morte dela. Seu pai não queria lembranças dela em sua casa. A mulher tinha sido tudo para ele. Não apenas sua esposa, sua vida. Ele mudou depois que ela morreu. Ficou mais cruel que sua mãe já pensou em ser, porque ele precisava de alguém para culpar pela morte prematura do amor de sua vida, e Jace tinha sido o único disponível para arcar com a responsabilidade.

Jace fechou os olhos com força, bloqueando os pensamentos de seu pai da mente.

Aggie beijou sua têmpora com ternura. "Eu acho que ela amou você, Jace, mas isso não importa. Ela se foi, e eu estou aqui. Eu amo você. Amo. Eu amo você."

O medo o paralisou. Ele não podia se mover quando cada instinto lhe dizia para correr. "Não," ele sussurrou.

"Shhh," Aggie murmurou. "Está tudo bem. Sei que você não sabe como responder. Eu entendo. Jamais abandonarei você e estarei aqui sempre que precisar de mim."

E isso foi muito mais apavorante do que ter seis anos de idade e ser deixado sozinho na casa dos répteis do jardim zoológico. Pelo menos lá, as coisas que o assustaram estavam em gaiolas e não podiam chegar até ele. Mas Aggie chegou e aquilo o assustava como o inferno. "Você vai me machucar?" Ele perguntou. "Eu preciso disso." A dor era muito crua e ele precisava de ajuda para enterrá-la novamente.

Ela tomou seu rosto em ambas as mãos — beijou suas pálpebras, a ponta de seu nariz, seus lábios. "Sim. Vou machucar você. E sei o que fazer agora."

O pânico inundou seu peito. Ela sabia o que fazer? O que ela quis dizer com isso?



"Nós precisamos de algum lugar privado," ela murmurou. "Você acha que os rapazes estariam dispostos a instalar um quarto à prova de som no ônibus da turnê?"

Jace riu. "Sabe, eles poderiam. Nós não seríamos os únicos a se beneficiar disso."

Ela o beijou novamente, sorrindo para ele. "Vamos."

* * * * *

Aggie abordou Sed, que estava largado no sofá assistindo à televisão em um estado de transe próximo a Eric. Jace foi diretamente para o quarto.

Sed a olhou. "O que está acontencendo?"

"Você acha que pode tirar todo mundo deste ônibus por mais ou menos uma hora? Jace e eu precisamos de um pouco de privacidade. Bem, muita privacidade."

"Estamos somente eu e Eric aqui. Não se importe com a gente, pois já ouvimos tudo isso antes."

"Eu posso assistir?" Eric perguntou ansiosamente.

"Não, isso é diferente. Ele não vai me deixar entrar se achar que vocês podem ouvi-lo." Ela se inclinou para os rapazes e sussurrou para que Jace não pudesse escutar. "Ele sempre se preocupa com o que vocês pensam dele — que não vão aceitá-lo por quem ele é. Nós vamos trabalhar nisso algum dia, mas nesse momento, eu preciso ajudá-lo a enterrar sua mãe."

"A mãe dele morreu?" Sed perguntou, parecendo atordoado. "Quando?"

"Cerca de quinze anos atrás. Você não sabia?"

Sed balançou a cabeça. Ambos, ele e Eric olharam pelo corredor para Jace, que estava tentando levar aquilo numa boa, inclinando-se contra a armação da porta. Ele parecia pronto a saltar de sua pele.

"Ele nunca fala de si mesmo," Sed disse. "Tem esta coisa de parede que ele faz."



Aggie sabia exatamente o que Sed quis dizer. A parede de Jace. Ele se escondia atrás dela muitas vezes e, uma vez que a colocava, era quase impossível derrubá-la. "Estou trabalhando nisso também," Aggie disse. "Então, vocês acham que podem sair por uma hora?"

Sed se levantou. "Sim. Eu podia treinar um pouco, de qualquer maneira."

"E manter todo mundo fora do ônibus?" Aggie acrescentou.

Eric puxou uma baqueta do bolso interno de seu casaco de couro e a segurou na frente do peito como uma espada. "Eu devo guardar esta moradia, senhora, e derrotar a todos que ousarem tentar uma transgressão." Deu uma punhalada em Sed com sua arma improvisada. "Para trás, Besta Imunda."

"Com esse cara como seu cavaleiro, seria melhor você não se esquecer de trancar a porta." Sed deslizou em sua jaqueta e desceu os degraus do ônibus.

Eric piscou para ela e rodopiou atrás de Sed. Aggie fechou a porta do ônibus e a trancou. Ela respirou fundo e deixou a Dominatrix V vir à tona. Por mais que tivesse amado ajudar Jace conversando, escutando, e enchendo-o de carinho, ela sabia que não conseguiria chegar até ele daquela forma. Mas a Dominatrix V podia. Ela podia quebrá-lo. Dominatrix V o quebraria.

Ela correu pelo corredor. "Entre," ela exigiu, empurrando-o em direção ao quarto. Ele cambaleou pelos lados da entrada aberta.

"Por que Sed e Eric foram embora?"

"Você quer que eles o ouçam implorar?"

"Eu não vou implorar."

Ela ergueu as sobrancelhas. "Quer apostar?"

Ele riu. "Sim, na verdade — "

"Tire suas roupas." Ela foi para o armário e puxou a grande mala dele. Tinha que ter alguma coisa lá dentro que ela pudesse usar.

Encontrou a corrente e as algemas sobre suas ferramentas de prazer e subiu na cama para suspendê-las no teto.

"Aggie, o que — "



Ela pulou da cama e o agarrou pela orelha. “Dominatrix V,” ela corrigiu.

“Dominatrix V,” ele disse sem fôlego.

“Eu disse para tirar a roupa. Tire a tipoia também.” Ela o soltou e retornou para a mala. Encontrou uma palmatória, bateu-a contra sua coxa e a deixou de lado.

Jace se dispôs prontamente de suas roupas e se moveu para ficar sobre o ombro dela, perscrutando na mala. “Acho que tem um chicote em algum lugar.”

“Eu disse que você podia falar? Vá retirar o colchão e colocá-lo contra a parede.”

“Por quê?”

“Não me questione.”

Ele fez como ela pediu e revelou uma plataforma de madeira debaixo dos colchões. Perfeito.

“Fique aí,” ela apontou para o centro da plataforma, direito sob as restrições.

“Eu não gosto de ser contido.”

“Ninguém perguntou o que você gosta.”

“Mas — “

“Nós fazemos isso do meu jeito ou não fazemos nada.”

Ele olhou para as restrições e de volta para ela. Balançou a cabeça. Desistiu de seu poder, exceto de sua força de vontade. Mas ela planejava tomar muito e dar-lhe mais em troca.

Ela subiu na plataforma e tomou sua mão esquerda. Ergueu-lhe o braço acima de sua cabeça, e ele o segurou imóvel enquanto ela firmava a algema ao redor de seu pulso. Antes que pudesse prender sua outra mão, ele afundou os dedos em seu cabelo e puxou sua boca para a dele, roubando seus pensamentos com um beijo profundo. Ela poderia tê-lo acorrentado no teto, mas ela era a única enlaçada, e ela sabia disso.

Quando ele se afastou, ela olhou fixamente em seus olhos. “Não me odeie por isso, ok?”

“Não acho que é possível odiá-la.”

“Eu não estaria tão certa.” Ela cuidadosamente ergueu seu braço direito ferido, olhando por sinais de angústia. A única angústia que ele mostrou foi quando ela tentou remover a algema de couro naquele pulso. “Não, não o tire.”



"Por quê?"

"Não quero que você o tire."

Ela deu de ombros e prendeu seu outro pulso acima da cabeça, firmando a restrição sobre o bracelete cravejado. "Seu ombro está bem nessa posição?"

Ele assentiu. Ela começou a trabalhar.

Ela o bateu com a palmatória até que ele tremeu de excitação e então colocou o instrumento de lado. Moveu-se para ficar atrás dele e suavemente correu a mão sobre seu peito e barriga enquanto arrastava beijos gentis ao longo de seus ombros e costas. Como imaginou que ele faria, ele lutou em suas restrições. Ela continuou suas carícias tenras até que ele se contorceu para fora de seu aperto.

"Gentil não, Aggie. Por favor, não aguento mais."

"Dominatrix V," ela o lembrou.

"Bata-me, Dominatrix V. Agora."

"Acho que não," ela sussurrou, moldando-se contra ele e passando a mão em sua barriga e lugares mais sensíveis no interior dos sucos dos ossos de seu quadril.

Ele riu. "Ah, cócegas."

Aquela risada. Fez o coração dela doer de desejo. Ela quase não teve estômago para continuar.

"O fracasso da sua mãe não foi sua culpa, Jace," ela disse.

Ele ficou imóvel.

"Ela ainda poderia ter sido uma pianista. Você não estava no caminho dela, ela fez seu próprio caminho. Fez aquilo para si mesma e usou você como desculpa."

"Não fale da minha mãe. Você não sabe nada sobre ela."

Ela devia ter esperado sua raiva vir à tona em primeiro lugar, mas esta não era a reação que ela estava procurando. Tinha que forçar mais – cavar mais fundo. Deus, ela esperava que ele não a odiasse depois disso. Não sabia se seria capaz de lidar com o ódio dele, ainda que fizesse aquilo para seu próprio bem. "Ela era uma cadela egoísta, Jace. Por que a está defendendo? Que tipo de mãe culpa uma criança inocente por seu próprio fracasso?"



"Não fale mal da minha mãe, Aggie."

"Por que não?"

"Ela era minha mãe."

"Sim, ela era, mas também era uma pessoa. Uma pessoa que machucou você. E não gosto quando as pessoas machucam aqueles que eu amo."

"Você mesma precisa infligir toda a dor? É isso?"

Ela bateu em seu traseiro com a palmatória, e ele gemeu, inclinando a cabeça para trás.

"Eu não o machuco do jeito que ela fez," Aggie disse.

"Mas está tentando."

"Não, eu — "

"Você acha que sou estúpido, Aggie? Que não sei o que você está tentando fazer? Você acha que estou quebrado. Acha que pode me consertar. Toda essa besteira de 'eu amo você' não significa uma maldita coisa, não é? Você não me ama, não de verdade. Você ama o que acha que pode me fazer."

"Isso não é verdade."

"Sim, é. Solte as algemas. Já terminei com isso."

Então esse era o jogo dele. Ela não ia soltá-lo — não importava o quão afetado ele fingia estar.

"Não. Nem mesmo perto de terminar." Ela soltou a palmatória de lado e acariciou sua pele com mãos e lábios. Tocou nele. Beijou-o com a mesma ternura que ele muitas vezes lhe mostrava.

Depois de vários minutos, ele se desviou, puxando em suas restrições. "Tudo bem, você venceu. Deixe-me ir. Meu ombro dói."

"O que quer dizer com, eu venci? Você acha que isso é um jogo?"

"Sim."

"Você culpa a si mesmo pela morte da sua mãe?" Ela perguntou. "Ou só pelos fracassos da vida dela?"

"Cale a boca."



"Acha que ela teria sido mais bem sucedida se você nunca tivesse nascido?"

"Eu disse, cale a boca, Aggie! Não estou no clima para jogos."

"Você queria ter morrido naquele acidente de carro em vez dela? Acha que ela teria ficado feliz se você tivesse morrido? Você — "

"Cale a boca, Aggie." Ele puxou com mais força em suas correntes agora, tentando puxar o gancho do teto. "Apena cale a boca. Você não sabe uma fodida coisa sobre como me sinto."

"Porque você não vai falar comigo. Se estou errada, então me diga como realmente se sente."

"Você não está errada," ele gritou. "Tudo bem? Eu desejava ter morrido no lugar dela. Eu arruinei a vida dela." Ele respirou fundo, estremecendo. "Apenas… apenas me deixe ir. Solte as algemas."

"Então você vai correr. Vai se esconder."

"Isso é tudo o que sei fazer. É tudo que posso fazer, me esconder disso. Se não o fizer, aquilo vai me achar. Vai me machucar. Até que eu sinta como se tivesse sido estripado, até que a morte seria uma bênção."

Ela tocou em seu rosto, e ele encarou seus olhos. Nunca tinha visto sua dor tão perto da superfície. Aquilo rasgou seu coração.

"Eu amo você," ela sussurrou.

Seu olhar se desviou para a testa dela.

"Olhe para mim, Jace. Eu quero que você acredite no que digo. Quero que veja em meus olhos."

Depois de um longo momento, seus olhos se fixaram nos dela.

"Eu amo você," ela disse.

"Por quê?"

"Preciso de uma razão?"

Ele apertou os olhos fechados. Ela o estava perdendo novamente. E tinha motivos de sobra. Ela não estava certa do qual conseguiria chegar até ele.



"Amo a forma como faz amor comigo, com tanta ternura, e com tanto cuidado, que me sinto como a única mulher no mundo."

"Isso é apenas sexo, Aggie."

Ela acariciou o vinco em sua testa suavemente. "É mais que isso para mim. É uma forma de me conectar com você. Eu amo seu sorriso, sua risada, seus pontos de cócegas."

Os olhos dele se abriram.

"Adoro a forma como você coloca tudo o que é em sua música."

Ele sorriu ligeiramente.

"Amo quando confia em mim. Sei que você não confia em muitas pessoas, e isso me faz sentir como você confia em mim, e em algum lugar aí dentro, você sabe que eu o amo, ainda que não ache que seja merecedor."

"Eu não sou merecedor."

"Você é. Eu não sou uma grande pessoa, Jace. Também tenho um passado obscuro — coisas que eu desejava voltar atrás, mudar, mas percebi há muito tempo que não se pode mudar o passado. Você tem que deixá-lo ir. Seguir em frente."

"Não posso esquecer, Aggie. Eu tentei."

Ela balançou a cabeça. "Você nunca vai esquecer. E não devia esquecer, mas você tem que perdoar a si mesmo. E não há nada a se perdoar até onde sua mãe está preocupada. Nascer não é algo que precisa ser perdoado."

Ele a olhou, suas defesas desmoronando. "Eu nunca disse adeus a ela, Aggie. Estava com muito medo."

"Por que tinha medo? Diga-me."

Ele não baixou o olhar enquanto falava. "Ela parecia um monstro. O acidente torceu seu corpo, esmagou seu rosto. Cada centímetro dela estava inchado, quebrado, sangrento e contundido. Eu não podia continuar olhando para ela. Meu pai me disse que seria melhor eu dizer-lhe adeus antes que fosse tarde demais, mas fui embora e me escondi. Eu me escondi por horas até que meu pai me achou e me bateu tanto que não consegui sair da cama. Perdi o funeral dela. Não pude impedi-lo de livrar-se de seu piano. Eu estava muito fraco, e muito



assustado." Seus olhos se encheram de lágrimas. "Não havia nada dela para eu poder guardar. Nada." Ele respirou profundamente e estremeceu. "Eu devia ter dito adeus. Não fui forte o suficiente. Eu não fui…" Lágrimas escorreram de ambos os olhos, e ele os fechou apertados.

"Claro, você tinha medo. Você era uma criança, Jace. Não devia ter sido forçado a ser forte. Está tudo bem. Você tem que se perdoar. Tem que se perdoar."

Ele mordeu o lábio e balançou a cabeça.

Ela estendeu a mão e soltou-lhe as mãos das restrições. Quando ele tentou se virar, ela pôs os braços ao redor de sua cintura e o segurou. Não se afastou como ela esperava, mas ao invés disso, enterrou o rosto em seu pescoço e tremeu com as emoções. Ela não o forçou. Deixou-o desmoronar ou se recompor, seja o que for que ele precisava.

Aos poucos, sua respiração irregular voltou ao normal. Em algum momento nos longos minutos que ele a abraçou, ela percebeu que precisava daquilo tanto quanto ele. Ele lhe deu algo que ninguém mais já deu. Deu-lhe uma razão para viver — um futuro para esperar ansiosamente e alguém para amar. Com tudo o que ela era ou se atrevia a esperar ser.

"Vamos assistir ao show," ele murmurou.

Ela se afastou para olhá-lo. "Huh?"

"O concerto. Eu quero vê-lo hoje à noite."

"Mesmo com Jon no palco?"

"Sim."

"Eu chego a ser sua acompanhante?"

Ele corou e sorriu. "Não é?"

"Claro. Você vai me contar sobre seu pai?"

O sorriso dele se transformou em uma carranca. "Você já não me forçou o suficiente sobre meu passado?"

Ela observou sua parede sentimental fortalecida deslizar em lugar.

"Quando estiver pronto, bebê," ela emendou. "Eu vou esperar. E quero que saiba que você pode me dizer qualquer coisa."

"Posso dizer que você é muito intrometida?"



Ela riu. "Sim."

"Posso dizer que apesar de sempre arrancar meu coração, você realmente faz com que eu me sinta melhor?"

"Eu faço?"

Ele assentiu. "Não sei por que continua por aqui."

"Eu já lhe disse o motivo. Amo você. Algum dia vai entender." Ela o beijou suavemente. "Vista-se. Temos um show para assistir."

* * * * *

Jace sentou-se na cadeira dobrável na borda do palco escuro. Aggie ficou de pé atrás dele e descansou as mãos em seus ombros. Ele sabia que ela estava apostando sua reivindicação — praticamente podia sentir as vibrações de 'meu homem' vindo dela — mas ele não se importou, pois estava se acostumando à ideia de que pertencia a ela. Concentrou-se no barulho da multidão e não no som de Jon dedilhando seu baixo atrás deles enquanto se aquecia.

"Quando você vai começar a fazer shows novamente?" Aggie perguntou.

"Assim que Jon for embora."

"Você está bem o suficiente para tocar agora?"

"Acho que sim."

"Então por que não diz algo para os rapazes?"

Jace deu de ombros. Ele não quis parecer um resmungão. Jon estava lhes fazendo um favor tocando em sua folga. Além disso, Eric preferia Jon. O resto da banda provavelmente o preferia também. E os fãs. Sabia que eles prefiram assistir a apresentação de Jon.

Aggie se inclinou e beijou sua têmpora. Ele a olhou e seu coração se encheu de emoção. Os sentimentos que ele tinha para aquela mulher eram estranhos, e ele não sabia o que estes significavam.



"Você devia tocar pelo menos uma música para os fãs esta noite," ela pressionou. "Eles sentem a sua falta."

"Não."

"Uma música para *mim* então. Quero ouvi-lo tocar. Vá dizer algo para Sed."

"Dizer o que para Sed?" Sed perguntou no espaço escuro próximo do cotovelo direito de Jace.

Jace virou sua atenção para o palco vazio. "Esqueça."

"Sua mulher precisa falar por você?"

Jace suspirou. "Ela quer que eu toque uma música no palco esta noite."

"Que tal 'Twisted' nos bis?" Brian disse.

"Sim, isso seria doce," Trey disse.

Havia algum que não tenha ouvido a conversa deles?

"Sim, boa ideia," Sed disse. "Vou dizer a Dave." Ele correu os degraus para o chão ao lado do palco onde toda a mistura de equipamento tinha sido instalada. Pegou um fone de ouvido com um microfone e começou a falar com Dave, que estava manipulando a mesa de som e os controles no meio da plateia.

Jace supôs que ele tinha que tocar agora e se perguntou como Jon reagiria. E não estava certo por que ele se importava.

Assim que Sed retornou, uma luz azul inundou o palco no nível do solo. Eric bateu as primeiras batidas de "Gates of Hell," e Trey e Brian atravessaram o palco para tomar seus lugares. Jon seguiu vários passos atrás, inclinando a cadeira de Jace no caminho. Jace plantou os pés firmemente no chão para se impedir de tombar. As mãos de Aggie se apertaram em seus ombros.

"Ops, não vi você ai, homenzinho," Jon disse, antes de juntar-se a banda no palco.

"Ele fez de propósito. Babaca," Aggie disse entre dentes cerrados.

Sed entrou com sua assinatura de grito de guerra, tendo abandonado de usar o violino em várias músicas agora. As luzes do palco vieram de cima e a multidão ficou selvagem. Sed ergueu a mão para o público, aumentando a excitação com sua atenção. O cara nasceu para ser



uma estrela. Jace estava acostumado a ver a nuca de Sed enquanto estava no palco, então observar suas expressões faciais enquanto ele cantava com o coração deu-lhe um estranho fascínio. Como fizeram as tentativas descaradas de Jon para ofuscá-lo. Jon moveu-se inclinado contra Trey, que estava rindo para caramba, de pé no centro da plataforma com luzes de frente a Sed e balançando a cabeça para o acorde do baixo.

"Eu sou a única que acha que ele é um idiota?" Aggie murmurou.

Aparentemente, a multidão devorou cada minuto, especialmente quando Sed tirou Jon do caminho com uma cotovelada, e este deu uma cambalhota para trás, fora da plataforma.

Durante o solo da guitarra de Brian, Jon tocou o baixo deitado de costas aos pés de Brian. Trey entrou no solo no meio, para tocar o duelo segmentado da progressão insanamente rápida. Ele se inclinou contra as costas de Brian, a sincronia entre os guitarristas era intima da perfeição. Trey colocou o pé no centro do peito de Jon enquanto tocava. Os três — era uma unidade. Jace desviou seu olhar da cena, a dor em seu peito era aguda, e se focou no par de baquetas que se agitavam atrás da bateria. Ele não sabia por que o incomodava que Jon estivesse se divertindo tanto em ser parte do grupo. Jace sabia desde o começo que ele nunca se encaixou com os Sinners. Não completamente.

Começou a sair de sua cadeira, mas Aggie se inclinou contra ele, com as mãos firmemente em seus ombros. "Ele está muito ocupado se exibindo para perceber que soa como um lixo."

Ele a olhou e ela sorriu com aquele olhar de pena condenável nos olhos. Tirou as mãos dela e se levantou.

A música terminou e Sed falou com a multidão. "Como estamos indo esta noite, Edmonton?"

O barulho foi ensurdecedor.

"Temos um especial para o final do show, então não vão a lugar algum." Sed olhou para a lateral do palco onde Jace estava. "Como devem ter ouvido, nosso baixista, Jace, está um pouco para baixo. Alguns devem se lembrar de Jon Mallory dos nossos tempos antigos. Ele está preenchendo a vaga até Jace se recuperar de um caso de diarréia explosiva."



Os olhos de Jace se arregalaram. O quê?

Sed sorriu como um tubarão e olhou do palco para Jace novamente.

"Ele precisa deixar de comer aqueles burritos vencidos," Trey disse em seu microfone.

Foi isso o que eles disseram para os fãs? Jace riu e balançou a cabeça. Deus, aqueles caras eram demais.

"Eu tenho um passe para os bastidores para o primeiro fã que oferecer uma lata de um poderoso purificador de ambiente," Brian disse em seu microfone na lateral mais distante do palco. "A ventilação no nosso ônibus de turnê é um saco."

Jace cruzou os braços sobre o peito, alargando o sorriso.

"Ei, estamos apenas zoando com vocês," Sed disse para a multidão. "Jace, venha aqui. Há rumores se espalhando de que você está morto."

Jace olhou para Aggie, que estava enxugando lágrimas de alegria de seus olhos, e em seguida, atravessou o palco. A multidão aplaudiu quando ele se aproximou do centro. Sed pôs o braço nos ombros de Jace e falou ao microfone. "Ele parece muito bem para um homem morto, vocês não acham?" Ele fez uma pausa enquanto a multidão respondia com gritos entusiasmados. "Diga oi para os fãs." Sed segurou o microfone na boca de Jace.

Seu coração bateu forte e um calor inundou seu rosto. "Oi para os fãs."

Sed riu. "Você acha que pode reunir forças para tocar alguma coisa no final do show?"

"Acho que pode ser arranjado."

Jace ficou atordoado com o entusiasmo da multidão.

"Você realmente levou um tiro, Jace?" Um fã gritou excessivamente alto por trás da barreira na frente do palco.

Sed prontamente girou em torno de Jace e puxou sua camisa para revelar o grande curativo em seu ombro direito. "Porra, ele foi baleado, duas vezes, cara. Brutal, não é? Não parece, mas ele é um merdinha durão, porque se fosse comigo, estaria caído de costas."

"Tipo, como uma vez que você passou uma semana inteira fora depois que estourou um vaso sanguíneo na garganta?" Trey perguntou.



Sed coçou a cabeça e sorriu timidamente. "Uh, sim, isso mesmo." Ele achatou a palma da mão em um lado da cabeça de Jace e o beijou na têmpora oposta. Jace ficou atordoado demais para responder. Viu Sed fazer aquilo com Brian mais de uma vez, era sua marca de amizade, mas por que a estendeu para ele?

Respirou fundo. A atenção de Sed era provavelmente apenas um show para os fãs e Jace não significava nada para ele. Ele sabia que não.

"Vamos esfregar nossos narizes no traseiro de Jace a noite toda ou vamos tocar alguma música para estas pessoas?" A voz aborrecida de Jon veio acima do sistema de som.

"Vá descansar um pouco, amigo. Nós o veremos no final do show."

Jace ergueu uma mão para a multidão enquanto retornava para a lateral do palco. Aggie o abraçou assim que ele esteve ao alcance.

"Eles amaram você lá," ela disse.

"Não."

"Honestamente você não vê como as pessoas se sentem sobre você, não é?"

Ele encontrou seus olhos. "O que quer dizer?"

"Há muito amor em sua vida, mas você não o reconhece, não admite. É por isso que se sente tão sozinho, querido. Não entende? Não são eles. Eles se importam com você. É você que não vê isso."

Ele franziu o cenho e observou a banda tocar a próxima música enquanto contemplava as palavras de Aggie. De qualquer forma, como o amor se parecia? Qual era a sensação? Ele pensou tê-lo experimentado algumas vezes. Seus pais, a primeira garota por quem se apaixonou. Sua banda. E seus sentimentos mais recentes por Aggie. Algum deles foi realmente amor? Tudo isso foi amor em formas diferentes? Ele não sabia, não tinha nada para julgar. Mas estava sozinho — estava sempre sozinho. Mesmo em uma multidão. Mas não quando Aggie estava por perto.

Virou-se para olhá-la e a encontrou dançando ao som da música. Ele sorriu. "Divertindo-se?"

"Sim, esta música é ótima. Eu tenho que conseguir uma cópia do seu CD."



"Eu provavelmente possa conseguir um de graça."

"Vai autografá-lo para mim?"

"Talvez."

Ele observou seus movimentos sensuais enquanto ela dançava com os braços estendidos acima da cabeça. Era definitivamente uma dançarina profissional, usava seu corpo como uma obra de arte em movimento. Ele se perguntou se ela sentia falta de seu trabalho. Sua casa. Sua vida. Sua mãe era realmente tão horrível? Supôs que ele não era o único com problemas familiares. E sim, seu pai tinha sido cruel, mas pelo menos ele o conheceu. Aggie nunca conheceu o pai.

Aggie gritou de surpresa quando Jace pôs um braço ao redor de sua cintura e a puxou em seu colo.

"Você está distraindo os assistentes do trabalho deles," disse perto da orelha dela.

Ela olhou ao redor. "Não acho que alguém está assistindo."

"Talvez eu quisesse uma desculpa para abraçá-la."

O sorriso dela derreteu o nó frio em seu peito que ele estava começando a reconhecer como seu coração. Ela pôs ambos os braços em seu pescoço e o abraçou.

"Está preocupada em deixar sua mãe no comando de sua casa?" Ele perguntou.

"Ela provavelmente a queimou até o chão até agora. Eu tento não pensar nisso. Não há sentido em me preocupar com coisas que não tenho nenhum controle."

Ele realmente desejava poder viver a vida pelo modelo dela. "Verdade."

"E tenho um ótimo seguro, então posso simplesmente construir uma nova casa."

"Mas temos ótimas lembranças daquele calabouço."

Ela deslizou os dedos em seu cabelo e o beijou. "Podemos fazer algumas novas lembranças nesta cadeira."

"Você me deve uma dança de colo."

Ele não esperou que ela o levasse a sério. A banda tinha acabado de começar a tocar sua primeira e única balada, "Good-bye Is Not Forever." Tinha uma batida profunda e sensual, e ele amava tocar esta música ao vivo. Jon não fez justiça a ela, mas Jace estava tentando



arduamente ignorar cada oportunidade perdida de enriquecer a linha do baixo, adicionar corpo a ela, de sutilmente apoiar as guitarras e a bateria sem atrair atenção para o provisório. Verdade seja dita, Jace estava tentando muito fodidamente duro ignorar Jon completamente. A iluminação sempre era mantida muito fraca para esta música, então a lateral do palco era banhada pela escuridão. Jace desejou que pudesse ver Aggie melhor enquanto ela usava seu corpo como apoio ao longo de sua dança sensual. Suas mãos e corpo roçavam sobre ele enquanto ela se movia ao seu lado, atrás dele, acima dele, nele. Seus olhos se fecharam e ele se concentrou na sensação. A mulher. Ele sabia que tinha que superar aquela merda, ou ela ficaria cansada dele e iria embora. Ele não tinha medo de ser solitário por tanto tempo — não desde que era uma criança. Mas agora? Não conseguia imaginar um dia sem Aggie. Não queria imaginar.

Quando ela deslizou em seu colo de costas, ele pôs ambos os braços ao redor de sua cintura e a abraçou. Ela tentou levantar, mas ele apertou o abraço.

Ela hesitou brevemente e então relaxou. Ele pressionou o rosto contra seu ombro e inalou seu perfume.

"Você está bem?" Ela perguntou depois de um momento.

Ele sabia que estava tremendo, mas não conseguia parar. "Sim," sussurrou.

Ela cobriu-lhe a mão com a sua e apertou tranquilizadora.

"Por que você é tão boa para mim?" Ele perguntou. "Tudo o que faço é afastá-la."

"Você não está me afastando agora."

Isso era verdade. Embora soubesse que devia, ele não conseguia deixá-la. E, embora seu corpo estivesse apertado contra o dele do ombro até a perna, ele a queria mais perto. Fisicamente. E emocionalmente. Isso significava que a amava? Sua frequência cardíaca aumentou. "Você vai me deixar depois que me consertar?"

Por que perguntou aquilo? Ele não queria saber, precisava se agarrar ao momento. Parar de se preocupar com o passado, de se afligir sobre o futuro. Era isso o que ela lhe dava. O que ela dava a ele agora, e era tudo que devia lhe ser importante, mas não era.

"Por que eu faria isso?"



"Às vezes acho que sou seu atual projeto de estimação, e assim que tudo terminar, nós estaremos terminados."

"Isso é nocivo, Jace."

Nocivo? A testa dele franziu em confusão. "Por quê?"

"Porque você acha que tenho algum motivo oculto. Não é suficiente para mim deixá-lo saber que me importo. Você questiona isto, rebaixa-o."

"Eu não quis dizer isso. É só…" Ele respirou fundo.

"Só o que?"

"Só não quero que vá embora." Depois que disse aquilo, ele se sentiu tão descaradamente exposto que desejou poder engolir tudo de volta.

Ela ergueu sua mão e beijou suas juntas. "Sem chance. Você está preso com esta cadela louca, quer você goste ou não."

Ele riu, a tensão saindo de seu corpo, e firmemente a apertou. "Eu gosto disto."

Ela relaxou contra ele e o deixou abraçá-la enquanto assistiam ao show. No meio do cenário, Brian foi deixado sozinho no palco para entreter a multidão com seus solos de guitarra. O resto da banda filtrou-se para fora do palco e rodeou a cadeira de Jace.

"Vocês viram aquela super-gata na primeira fila?" Jon disse excitado. "Ela não conseguia tirar os olhos de mim. Preciso arranjar um pouco disso esta noite."

"Tenho certeza que ela estava olhando para Sed," Trey disse, erguendo a alça da guitarra sobre a cabeça e entregando o instrumento para um assistente. Depois engoliu metade de uma cerveja e seguiu com uma garrafa de água.

"Sim, ela estava olhando para mim, garoto-Jon," Sed disse, mastigando alcaçuz vermelho para manter as cordas vocais lubrificadas, "mas estou no vagão. Nada de boceta para mim até voltarmos para Los Angeles."

"Cinco semanas sem boceta?" Jon desatou a rir. "Você? Claro, Sed. Isso é possível."

Sed cruzou os braços sobre o peito resolutamente. "Isso mesmo. Mais três semanas. E já se passaram quase duas."



Trey riu e bateu nas costas de Sed. “Jessica nunca mais vai andar novamente.” Depois se sentou no colo de Aggie, contorcendo-se para esmagá-la em Jace. “Esta cadeira é foda de tão irregular.”

Aggie riu e pôs os braços na cintura dele.

Ele olhou por cima do ombro. “Oh, desculpe, Aggie. Não vi você ai.” Trey se recostou e cruzou as pernas na altura do tornozelo.

Esmagado em baixo deles, Jace não podia respirar decentemente. “Droga, Aggie, você ganhou peso?” Sua piada lhe valheu uma cotovelada nas costelas.

Eric chegou para ficar com o grupo. Ele tirou a camisa encharcada de suor e a jogou no rosto de Trey, que a esmagou no chão. “Por isso, eu sugiro que não vá dormir esta noite, Sticks.”

Eric tomou um longo gole de água e então despejou a garrafa sobre a cabeça. Em seguida, balançou a cabeça como um cachorro molhado, enviando gotas de água e suor em todas as direções. “O que? Você vai me machucar?”

“Você devia ter tanta sorte,” Trey disse.

Eric continuou seu banho público e depois se secou levemente com uma toalha de mão antes de vestir uma camisa limpa.

Trey estava agora observando Brian no palco. “Ele fica cada vez melhor, não é?”

“Cara, minhas pernas estão adormecendo,” Jace reclamou, tentando desalojar Trey do topo da pilha se contorcendo. “Saia.”

“Você ouviu algo, Aggie?” Trey perguntou.

“Não. Estou muito gorda para ouvir qualquer coisa.”

O coração de Jace fraquejou. Ele feriu os sentimentos dela? Ela era perfeita. Como possivelmente ela podia pensar que ele tinha falado sério quando lhe perguntou se ela ganhou peso? Deslizou as mãos entre as costas de Trey e o abdômen de Aggie, puxando-a com firmeza contra seu peito.

“Você não está gorda,” ele sussurrou em sua orelha. “Eu quis dizer que Trey era pesado.”



"Não foi o que você disse."

"Mas foi o que eu quis dizer. Era uma piada."

"Desde quando você faz piadas, Jace?"

Desde que comecei a acreditar que posso ser eu mesmo quando estou com você. Mas ele não podia dizer aquilo. Não com Trey sentado ali. Sua mandíbula cerrou quando a emoção ameaçou borbulhar para a superfície. "Que seja."

"Se vocês dois forem discutir, eu vou me juntar a Brian no palco." Trey se retirou do colo de Aggie e colocou a guitarra vermelha elétrica no lugar. Estava atravessando o palco antes que Jace pudesse tomar uma respiração decente.

Aggie não tentou se retirar de seu colo, mas seu corpo estava rígido e inflexível.

Ele beijou seu ombro, não sabendo o que fazer para fazê-la perdoá-lo por seu comentário improvisado. Achava-a perfeita. E ainda que fosse gorda, ele não se importaria. Ele a amaria não importava com o que ela se parecesse. Deveria dizer-lhe coisas assim? Que a amava não importava o quê? Sua garganta se fechou, estava ofegante novamente e não podia obter um controle sobre si mesmo. Não desde que contou a ela sobre sua mãe. Que lhe contou coisas que ele nunca disse a ninguém. Coisas que nunca admitiria até para si mesmo.

"Amo você," ele sussurrou.

Imaginou que tinha dito baixo demais para ela ouvir acima do duelo de guitarras de Brian e Trey, mas seu corpo relaxou no dele, ela apertou sua mão. "Fico feliz," ela disse.

Observaram em silêncio enquanto a banda retornava ao palco e continuava o show. Ela deve ter sentido sua agitação ao expressar seus sentimentos em voz alta. Foi compassiva, mas não o forçou. Sabia que se ela o tivesse feito, ele teria deslizado de volta em negação. Nunca compreendeu como ela conseguia entendê-lo tão completamente. Ninguém o entendia, nem mesmo ele se entendia. Gentilmente esfregou sua mão esquerda sobre o antebraço dela, precisando da sensação tátil de sua pele nua contra as pontas dos dedos.

Quando chegou a hora do bis da banda, Aggie saiu de seu colo e ofereceu-lhe uma mão. Ele a olhou e encontrou seu rosto molhado de lágrimas. O coração dele tropeçou várias batidas.

Ele se levantou e tomou seu ombro com a mão livre. "Aggie. O que aconteceu?"



Ela balançou a cabeça, fechou os olhos e engoliu em seco. “Estou feliz.” Abraçou-o de forma inesperada, roçando o rosto úmido de lágrimas contra seu pescoço.

“Estou feliz,” ela sussurrou.

Um assistente, Jake, cutucou as costas de Jace. “É melhor você se preparar para o palco.”

Jace soltou Aggie, e seu baixo preto sólido e favorito foi empurrado em sua mão boa. Ele colocou a familiar alça ao redor do ombro, estremecendo ligeiramente quando o peso total do instrumento se instalou sobre seus músculos do trapézio e da clavícula. Talvez tenha superestimado sua habilidade de tocar. Ele deslizou o braço da tipoia e testou a mobilidade dos dedos. Um pouco rígidos, mas conseguia tocar. Tinha certeza.

A multidão estava cantando. “Sinners, Sinners, Sinners.” As luzes do teto da arena ainda estavam apagadas, então, embora o palco estivesse escuro e vazio, eles sabiam que o show não tinha terminado.

“Quebre uma perna,” Jon rosnou no ouvido de Jace quando lhe entregou seu fone de ouvido. “Melhor ainda, seu fodido pescoço.”

Sem tempo para dizer a Jon para se foder, Jace pôs o fone no ouvido para poder ouvir a música e as instruções dadas por Dave. Então correu atrás de Brian e Trey sobre o palco. Havia um brilho suave de luzes azuis ao nível de seus pés, e quando suas sombras atravessaram o palco, a multidão aplaudiu. A frequencia cardíaca de Jace chutou alguns entalhes. Ele realmente esperou que não tivesse estragado tudo.

Eric bateu um címbalo, começando a introdução para “Twisted,” e Jace entrou com sua progressão grave. Havia rigidez em suas juntas, e a dor em seu ombro direito era dolorosamente aguda enquanto ele tocava, mas as grossas cordas entre as pontas dos dedos e a sólida borda dos trastes eram reconfortantes. Ele sentiu falta daquilo. De pé ao lado da bateria, ele fechou os olhos e deixou o ritmo o levar, batendo a cabeça a tempo do tambor grave de Eric.

Sed entrou na música com uma nota longa em seu violino. As luzes piscaram tão brilhantes que Jace podia vê-las através de suas pálpebras fechadas. Um braço pesado envolveu seus ombros e o persuadiu para frente. Aparentemente, Sed não o queria se escondendo atrás



do kit da bateria esta noite. Jace esperou que ele não fosse querer que ele se contorcesse no chão da forma que Jon o fez. Sed sorriu entre a letra e deu-lhe uma piscadela. Ele acenou para a multidão.

Sim, Jace entendeu. Ele devia tocar. Fazer sua breve apresentação no palco especial para os fãs. Ele vagou para fora do aperto de Sed em direção à frente do palco. Aproximou-se para uma parada na lateral e se inclinou para frente para tocar o constante refrão do baixo ao nível da canela. Ele jogava a cabeça enquanto tocava, a adrenalina atravessando seu corpo, seu ombro protestando a cada movimento de seus dedos. Brian moveu-se para ficar ao lado dele, colocando um pé em um alto falante na frente do palco enquanto tocava os acordes da guitarra insanaente rápido. Jace se endireitou e se inclinou contra o guitarrista. Brian sorriu e pressionou o braço firmemente contra o ombro de Jace. Sed passeava na frente do palco agora, erguendo a mão para cima e para baixo para fazer a multidão participar, e empurrando o microfone em direção ao público durante o coro para que cantassem juntos. Eles amavam especialmente cantar a parte que era, “Twisted, crazy hell-born bitch.” Provavelmente porque esta era a única parte que podiam entender facilmente. Sed gritou o resto do coro com seu rosnado de barítono como assinatura, o que era fodidamente incrível.

Trey foi para o outro lado de Brian durante seu solo de guitarra. Jace teve que se concentrar no som da bateria de Eric para continuar seu acorde baixo e repetitivo, o que era reconhecidamente difícil de manter com Brian lamentando ao seu lado. O homem era malditamente talentoso naquela guitarra. Jace queria ficar ali e olhar estupidamente para ele com admiração. Os fãs gritaram sua aprovação para a habilidade de Brian quando ele ergueu a guitarra acima da cabeça para levar a nota final de seu solo.

Jace não soube o que o possuiu para acrescentar um mini solo de baixo de sua própria autoria antes do refrão final. Trey e Brian o olharam surpresos, a multidão aplaudiu de forma inesperada. Jace sentiu o calor do embaraço crescer em seu pescoço e rosto até que suas orelhas estavam queimando. Retornou para o repetitivo acorde grave que levou os tons baixos da música inteira. Sed bateu-lhe em seu ombro bom carinhosamente.



Quando a música terminou, a multidão ovacionou. Sed se empolgou e ergueu Jace do chão com um braço fortemente musculoso. "Jace Seymour, senhoras e senhores."

E eles gritaram. "Jace, Jace, Jace."

Para ele.

Jace sorriu até suas bochechas doerem, não conseguiu evitar. Sed o colocou de pé e ele foi para a frente do palco, jogando sua palheta para o público. A multidão afundou em um círculo à procura do prêmio. Jace ergueu o baixo de seu ombro e o levou do palco com seu braço bom. Estava realmente ansioso para colocar o braço direito de volta na tipoia, pois por mais que odiasse a maldita coisa, esta tirava o peso de seu ombro e o fazia se sentir mil vezes melhor.

"Cara, aquilo foi fodidamente incrível," Trey disse. "Quando você escreveu aquele solo grave? E por que o escondeu de nós?"

Jace não tinha exatamente escrito aquele solo, este lhe veio espontaneamente no palco e, antes que pudesse explicar aquilo para Trey, um corpo curvilíneo e quente pressionou contra ele.

"Meu Deus, bebê, aquilo foi incrível," Aggie disse. Ela capturou seu rosto entre as mãos e o beijou apaixonadamente.

Alguém pegou o baixo de sua mão, e Jace pôs os braços ao redor dela — ambos os braços. Retornou seu beijo, sugando seus lábios suavemente. Alguém apertou seu ombro, e ele se afastou de Aggie para encontrar Eric sorrindo.

"Ótimo show, cara."

Jace se encontrou sorrindo novamente. "Obrigado. Você também."

Sed abraçou Aggie e Jace em um abraço gigante. "A multidão amou. Você tem que tocar os bis toda noite até que esteja melhor, cara. E se apresse a melhorar, ok? O show não é o mesmo sem você."

Ele realmente quis dizer aquilo?

Jace olhou ao redor. "Onde está Jon?"



"Ele saiu amuado logo depois que você começou a tocar," Aggie disse. "Ciúmes de sua habilidade superior, tenho certeza." Ela o beijou novamente. "Deus, eu quero você. Você é tão sexy quando toca no palco." Ela soltou um suspiro ofegante quando o olhou.

"Sou?"

"Oh sim." Ela lhe ofereceu seu sorriso mais sedutor. Seu desejo súbito de empurrar notas de cem dólares sob a blusa dela era errado? Provavelmente.

Sed soltou o casal. "Calma aí, garanhão. Você precisa se concentrar em se curar."

A mão de Aggie segurou-lhe a virilha sobre a calça jeans e seu pênis despertou contra a palma de sua mão. "Que tal um pouco de cura sexual?"

"Estou no jogo."

Ele aliviou seu braço de volta na tipoia e a deixou guiá-lo pelos degraus pela fivela do cinto.

* * * * *

Jace manteve Aggie suspensa à beira do orgasmo por uns bons trinta minutos agora. Ela estava gemendo e se contorcendo em êxtase atormentado, mas não lhe pediu para parar uma única vez. Seu pênis estava tão duro, suas bolas tão cheias que ele quase quis que ela implorasse para que já pudesse possuí-la, mas até que ela se rendesse, ele continuaria a dar-lhe prazer. Arrancou o prendedor de roupa de seu mamilo e o dispositivo puxou o mamilo duro quando se soltou.

"Oh," ela ofegou.

O mamilo rosado corou para vermelho com a superestimulação. Jace baixou a cabeça para acalmar o broto tenro com os lábios e no momento que a tocou, ela estremeceu, as correntes que suspendiam seus braços acima da cabeça se sacudindo com seus movimentos bruscos. Enquanto beijava seu mamilo com a sucção mais leve que conseguiu administrar, ele



baixou o prendedor, cuidando para não tocar suas coxas lisas de suor e alertá-la para o que ia fazer, e o prendeu em seu clitóris.

"Oh," ela gemeu e seus quadris se rebolaram em tormento.

Ele sacudiu o prendedor, que se arrastou em seu clitóris.

"Jace!"

Vamos, bebê, implore por isto.

Mas ela não o fez. Tomou respirações trêmulas e profundas, tentando conter sua excitação como tinha feito nas últimas duas horas. Ele continuou movimentando o maldito prendedor e beijando o mamilo tenro até que a excitação dela foi ao auge. Assim que seu corpo se agitou com a primeira onda de liberação, ele puxou o prendedor de seu clitóris e se afastou, deixando-a lá completamente vazia.

Certamente agora ela ia implorar. Quantas vezes ele teve que fazê-la quase gozar antes que ela não aguentasse mais? Ela choramingou. Seu corpo inteiro — liso de suor e escorregadio com o xarope — tremeu.

Jace estava ficando sem meios para excitá-la. Tinha usado todos os objetos de sua mala, em todos os sentidos que tinha imaginado, mas ainda assim ela não se rendeu ao prazer, deixava-o dar-lhe mais. Olhou para ela, amarrada e vendada, e se perguntou como proceder, pois estava sem ideias. Pegou um pano molhado e o esfregou sobre o ânus dela. Despejou xarope de chocolate sobre a área e baixou a cabeça para lambê-lo, pressionando a ponta da língua dentro dela.

"Mmmm," ela murmurou, afastando ainda mais as pernas para que ele pudesse pressionar a língua mais profundo e com menos resistência. Ele chupou e moveu a língua em círculos aleatórios. Ofegando, ela rebolou os quadris em excitação.

"Eu gosto disso."

Ele deslizou dois dedos em sua boceta ensopada e deu prazer ao seu ânus até que seus músculos internos se convulsionaram. Então se afastou novamente, observando-a se contorcer desejo não satisfeito, lágrimas escorriam por baixo de seus olhos vendados, fluidos escorriam de dentro de suas coxas.



Ele não aguentava mais. Talvez ela pudesse passar a noite toda sem gozar, mas ele não conseguia. Saiu da cama, pegou um pouco de óleo do criado mudo e o despejou em sua mão, esfregando em seu pênis. Sua cabeça caiu para trás e ele ofegou entrecortado.

"Jace?"

Ele devia fazê-la ver aquilo. Subiu na frente dela, ajoelhou-se na cama e empurrou sua venda para cima. Ela piscou quando seus olhos se ajustaram à luz. Finalmente seu olhar baixou para o pênis retesado dele. Ela ofegou e seus quadris se projetaram para frente involuntariamente. Então ela queria! Ele não iria lhe dar até que ela implorasse.

Ele fechou os olhos, tentando ignorar seus pequenos gemidos aflitos enquanto acariciava seu pênis com ambas as mãos.

"Jace!"

Ele se acariciou mais rápido. Assim que gozasse, poderia dar prazer a ela novamente. E começaria sua rotina desde o início.

"Porra, não se atreva a gozar antes de mim, seu idiota!" Aggie gritou, empurrando em suas restrições.

Ele abriu os olhos para olhá-la. Sua atenção estava voltada para o pênis dele, seus quadris ondulavam com o movimento enquanto ele bombeava vigorosamente.

"Você quer?" Ele murmurou.

"Não," ela rosnou.

Acariciou-se lentamente, no ritmo que ele sabia que ela respondia melhor. Seus quadris se agitaram. "Não?" Ele deu de ombros, fechou os olhos e massageou a cabeça de seu pênis com a palma da mão. Realmente não queria mais gozar daquele jeito, mas continuaria se dando prazer para deixá-la louca. Ele absolutamente amava sua resposta.

Moveu a mão livre para suas bolas e as massageou também. "Minhas bolas estão tão pesadas que provavelmente vão jorrar por uns dez minutos uma vez que eu conseguir gozar."

Aggie soluçou.

"Onde você o quer? Em seu montículo?"

Ela balançou a cabeça vigorosamente.



"Em suas tetas?"

"N-não."

"Seu rosto? Diga-me, Aggie. Onde você o quer?"

"Dentro de mim. Ponha-o dentro de mim. Por favor, por favor." Ela balançou a cabeça, o cabelo voando em todas as direções "Foda-me, Jace. Não posso mais aguentar isso."

Jace soltou um suspiro de alívio. "Finalmente," ele ofegou e soltou-lhe os tornozelos das algemas que a mantinham na posição ajoelhada na cama.

"O que quer dizer com, finalmente? Eu tenho tentado lhe dar o que você quer por horas."

"O que você acha que eu quero, Aggie?"

"Uma mulher que pode aceitar toda sua tortura de prazer até que tenha terminado."

Jace sorriu. "Nem mesmo perto, querida."

"O quê?"

"Eu só quero fodê-la quando você quiser. Quando me disser quando precisar disto."

"Eu precisei disto duas horas atrás."

"Então por que não me disse?"

Ele se moveu ao redor ela e se ajoelhou. Lentamente, deslizou as mãos sobre seus braços em direção as suas restrições, pensando que gostaria de provocá-la apenas um pouco mais. Rangendo os dentes, ela envolveu as pernas ao redor de sua cintura e o puxou contra ela. O pênis deslizou contra sua fenda quente. Ele estremeceu.

"Coloque-o, droga," ela rosnou.

Ele moveu uma mão entre seus corpos e redirecionou seu pênis no corpo dela. Suas costas se arquearam e ela afundou nele. Gritaram juntos. Ela moveu os pés para a cama atrás dos quadris dele e empurrou, atraindo-o para sua boceta quente e escorregadia antes de dirigir seu corpo contra ele e tomá-lo profundamente de novo. Ele avançou para dar-lhe mais jogo em suas correntes e girou os quadris enquanto ela controlava a conexão de seus corpos.

"Oh, oh, oh," ela choramingou e seu corpo estremeceu em um orgasmo. Sua vagina se apertou sobre ele, tentando convencê-lo a segui-la em êxtase. Ele lutou, querendo dar-lhe tantos



orgasmos quanto os reteu mais cedo. Provavelmente aquilo levaria a noite toda. Ele esperava que ela tivesse cereal para o café da manhã.

Aggie desmoronou contra seu peito, respirando forte.

"Ah, Deus, eu precisava disso," ela ofegou.

Ele sorriu e desatou suas restrições. Quando seus braços ficaram livres, ela os colocou ao redor dele e então girou os quadris, esfregando aquele pênis duro dentro dela. Ele a inclinou de costas e a seguiu sobre a cama, dirigindo-se mais fundo. Então se retirou a meio caminho e balançou com ela repetidas vezes, implacavelmente, até que ambos estavam ofegando e ela gritando, "Mais fundo, mais fundo."

Empurrou nela uma vez e então recuou, bombeando rápido, mas superficial. Um impulso profundo e em seguida, rápido e superficial novamente. Ela se apegou aos seus ombros quando outro orgasmo a agarrou. Ele retirou-se até que ela parou de tremer e então deslizou em seu interior novamente.

"Ahhhhh," ela gritou quando um segundo orgasmo convergiu com o primeiro.

Empurrou nela lentamente agora, concentrando-se em não se deixar gozar — tentando pensar em qualquer coisa além daquele corpo quente e suave contra ele, em torno dele. Não adiantou. Oh, Deus querido, sentia-se tão bem com ela. Ele empurrou mais rápido. Mais profundo. Entregou-se ao prazer e este se construiu ainda mais, consumindo-o até que não tivesse nenhuma escolha além de se deixar levar. Jace estremecia incontrolavelmente enquanto sua semente bombeava dentro dela. Quase insuportável em intensidade, o clímax roubando o seu fôlego. Seus pulmões ardiam, em protesto pela falta de ar, mas as pulsações de prazer em sua virilha lhe tornaram impossível se concentrar em algo tão desnecessário quanto respirar. Afastou-se um pouco e se lançou para frente novamente, ainda estremecendo com a liberação. Aggie o abraçou com seus braços, pernas e vagina quando ele gozou, murmurando palavras doces de amor contra sua garganta. Quando seu corpo desmoronou contra o dela, ela o puxou para mais perto. Ele sugou o ar desesperadamente, tentando se recuperar.

"Está muito cansado para continuar?" Ela perguntou vários minutos depois.



Ele riu. Aparentemente, tinha gozado muito mais forte do que ela. Ele a ajudaria com isso, assim que pudesse se mover novamente. "Não ainda."

Aggie se contorceu de debaixo dele e o convenceu a ficar de costas. Quando pegou o pedaço de cetim sobre a cama, o que ele usou para levá-la à loucura antes, ele não tinha certeza de quanto tempo duraria antes de implorar para que ela o fodesse. E estava mais do que pronto para descobrir.

* * * * *

Jace sabia que estava sonhando e não queria acordar. Gostava desta parte do sonho e desejou que pudesse continuar para sempre. No entanto, ele desistiria alegremente do bom se pudesse evitar reviver o que ele sabia que viria no final.

Jovem, tolo e cheio de esperma, Jason se abaixou no lado do passageiro do Ford Mustang amarelo que esperava no estacionamento.

"Você conseguiu?" Kara perguntou com seus intensos olhos castanhos arregalados de excitação.

Jason abriu a jaqueta de couro e mostrou-lhe a garrafa de uísque escondida lá dentro. "Vamos sair daqui. Acho que o balconista estava suspeitando."

Kara bateu a marcha ré e saiu, antes de passar a primeira e sair em velocidade pelo estacionamento com os pneus cantando. Tanto para ser discreto e fazer um refúgio tranquilo.

"Abra-o, Jason. Eu preciso de uma bebida."

Ele puxou a garrafa de sua jaqueta e retirou a tampa. Depois a passou para ela, que tomou um longo gole, passando por um sinal de parada sem um momento de hesitação. Kara Sinclair era sem dúvida a garota mais bonita que Jason já tinha visto. E já estava fazendo um nome por si mesma no mundo da moda. Mas isso não foi o que o deixou sob seu feitiço. Ela era selvagem, despreocupada. Ele a procurou porque ela era a irmã caçula de Brian Sinclair, e

originalmente esperava que ela o apresentasse para a banda de Brian, os Sinners. Mas cinco minutos com ela o havia convencido que nada disso importava. Estava apaixonado por ela.

Kara lhe passou a garrafa de uísque e ele tomou um gole, o que queimou sua garganta e fez seus olhos lacrimejarem. Jason fez uma careta, desejando que tivesse roubado algo de melhor qualidade. Ela merecia o melhor, e ele não tinha absolutamente nada para oferecer. Ela entrou na longa calçada de uma propriedade de Beverly Hills. Por que o tinha trazido para sua casa?

Estacionou na calçada e pegou o uísque dele, tomando um longo gole da garrafa. "Eu gosto disto," ela disse. "Obrigado por pegá-lo."

"Não foi nada."

"Você realmente entrou naquele lugar e o roubou bem na frente do balconista?"

Jason deu de ombros. "Acho que sim."

"Você é tão mau." Ela se inclinou para mais perto e ele pegou a doce fragrância de seu perfume caro misturado com o álcool. As pulseiras em seus pulsos se agitaram. "Eu gosto de meninos maus."

Ele podia ser mau. Tão mau quanto ela queria que ele fosse.

Sua respiração fez cócegas na orelha dele. "Você quer me beijar?"

Seu coração fraquejou e em seguida disparou. Ela se afastou para olhar em seus olhos e a próxima coisa que ele soube, eles estavam se beijando. Seus lábios suaves tinham gosto de uísque e o pênis dele ficou imediatamente duro, empurrando contra seus jeans. Ele não conseguia pensar em nada além dela. Em possuí-la. Ergueu uma mão trêmula para seu peito. Não sabia o que esperar de como seria a sensação de um seio. Não tão macio, e rendendo-se ao seu toque quando ele apertou.

O bofetão brutal em seu rosto fez com que ele retirasse a mão.

"Eu não disse que você podia me sentir," ela disse, olhando-o no interior escuro do carro.

Ele não soube como responder, pois seu bofetão só conseguiu excitá-lo ainda mais, e ele não sabia como lidar com aquela realidade inesperada, então a beijou novamente. Teve cuidado



para manter suas mãos para si mesmo enquanto sugava seus lábios. Lambia-os. Mordiscava-os. Acariciando seus lábios com os dele.

"Jason," ela ofegou em sua boca.

Kara se lançou pelo carro de forma que ficasse montada em seu colo, de frente para ele. Esfregou a virilha contra a dele, gemendo no fundo de sua garganta. Ele podia sentir o calor entre suas pernas contra seu pênis. Somentes as camadas de tecido o separavam de afundar em seu corpo. Qual seria a sensação de se enterrar em seu calor úmido? Em sua… boceta. Oh, Deus, ele ia explodir.

"Toque-o," ele murmurou contra seus lábios. Era tudo o que ele precisava — de seus dedos contra sua pele nua. Ele poderia se contentar com isso. "Por favor, Kara."

"Amanhã," ela sussurrou. "Acho que quero que minha primeira vez seja com você. Se eu aparecer em sua casa amanhã à noite, você saberá com certeza."

Kara Sinclair era virgem? Ele não sabia por que aquilo o surpreendeu. Talvez porque ela parecesse tão mundana, e ele esperava que ela fosse muito mais experiente do que ele. Sem dúvida a desapontaria com sua falta de habilidade. No entanto, aquilo o impediu de querer tentar.

Kara deslizou de seu colo para o assento do motorista, apertando os dedos em suas bochechas.

"Saia," ela disse.

Estava brava com ele agora? "Kara?"

"Preciso pensar sobre isso, então você precisa ir agora. Talvez eu o veja amanhã. Talvez não."

Ele caminhou cerca de nove quilômetros para chegar em casa. Tinha um caso enorme de bolas azuis, mas a dor agonizante era agridoce. Kara iria aparecer amanhã? Ele estava meio que feliz por ela tê-lo posto para fora por pelo menos um dia, pois tinha planos a fazer. Ele queria satisfazê-la. Fazer aquilo especial para ela. Deixar que fosse mais sobre ela e menos sobre ele.



Seu pai se aproximou no momento em que ele entrou. “Onde diabos você estava, seu inútil pedaço de merda?”

“Não é da sua conta.”

Seu pai o agarrou pela frente do casaco. “Você cheira a uísque. Andou bebendo?”

“Talvez.”

O pai o puxou pela orelha e Jason gritou de dor, cobrindo sua orelha com uma mão. Tinha se acostumado com o cinto anos atrás, então seu pai começou a usar os punhos, e quando aquilo não mais fez com que Jason implorasse por clemência, ele começou a puxá-lo pelas orelhas. Jason nunca se acostumou com aquela dor. “Sua mãe está olhando para você do céu, lamentando pelo que você se tornou. Lamentando que seu filho não seja melhor do que um delinquente, um criminoso, uma pilha inútil de merda. Você nunca vai ser nada na vida.”

Jason zombou, fingindo que as palavras não o afetaram, mas embora as ouvisse mil vezes, elas ainda ardiam, e ele acreditava nelas um pouco mais cada dia. “Você terminou?”

Seu pai puxou a outra orelha. “Leve sua bunda até seu quarto, menino. Você está de castigo.”

Jason tinha ambas as orelhas cobertas com as mãos agora. “Pelo quê?”

“Por beber. E qualquer outro problema que você conseguiu para si esta noite.”

“Tire suas mãos de mim.” Jason empurrou o pai, que tropeçou de costas contra a parede. “Eu vou embora e nunca mais vou voltar.”

Ele se virou para ir embora, se perguntando onde poderia ficar, desejando poder pegar o contrabaixo de seu quarto, mas sabendo que tinha que sair imediatamente.

Ele devia ter aprendido até agora que seu pai não tinha medo de bater nele até deixá-lo inconsciente para fazê-lo obedecer. E ele não sabia por que nunca tinha lutado de volta, pois provavelmente podia ter superado o velho se realmente quisesse. Mas em algum lugar dentro dele, ele sabia que merecia aquilo. Aquela dor.

Quando Jason recuperou a consciência no chão do quarto, era meio da tarde do dia seguinte. A porta havia sido trancada com um cadeado pelo lado de fora, e suas janelas tinham



sido intencionalmente pintadas fechadas há muito tempo. Não havia como escapar daquele quarto.

Ele entrou no minúsculo banheiro conjugado e lavou-se na pia. Uma contusão escura marcava seu rosto, mas esta era a única evidência visível. O resto de seus hematomas estava sob suas roupas. Foi preciso um grande esforço para respirar fundo e imaginou que tinha outra costela quebrada. Apalpou a caixa torácica, procurando por evidência de ossos salientes. Pelo menos, não tinha nenhuma fratura completa desta vez. Nenhum sangramento. Estava dolorido, mas ia sobreviver.

Como esperado, seu pai confiscou o contrabaixo novamente e, sem nada para fazer, ele se sentou na cama, recostou-se contra a parede e sonhou com dias melhores. Dias da liberdade de tocar seu baixo no palco com sua banda favorita, Sinners. E noites fazendo amor com a garota mais bonita do planeta, Kara Sinclair.

Vagou assim por horas, e quando não conseguiu mais aguentar a dor em seu coração, ele girou o botão do seu aquecedor até as bobinas brilharem com uma cor laranja. Tinha removido as grelhas protetoras meses atrás e, como tinha feito inúmeras vezes, ele apertou o pulso direito contra as bobinas quentes até que sua pele chamuscou e criou bolhas. Por fim, a dor ficou demais e ele se afastou da punição do calor. Respirando com dificuldade, pressionou a algema de couro em torno da pele queimada e cheia de bolhas para manter a dor constante, pois precisava de algo para machucá-lo mais que a mágoa em seu interior. A dor que ele não podia retirar, não importa o quão duro ele tentasse.

Alguém bateu em sua porta, e ele chutou o aquecedor contra a parede no caso de seu pai entrar e vir o que ele estava fazendo. Não queria que ele soubesse, não queria que ninguém soubesse que ele se machucava quando ninguém estava olhando.

"Você quer jantar?" Seu pai chamou.

"Não."

"Fique à vontade." Os passos desapareceram no corredor.

Algum tempo depois, Jason ouviu um carro com um grande motor de tração puxar para uma parada do lado de fora de sua casa e foi para a janela olhar na escuridão. Do outro



lado da rua, Kara tinha estacionado. Ela buzinou e ficou sentada ali, esperando por ele com o motor em marcha lenta. Ela pensaria que ele a tinha deixado lá esperando, que ele não a queria.

Ele lutou com a janela por vários minutos, sabendo que esta não ia ceder e, desesperado por liberdade, pegou um troféu de boxe de sua estante e o quebrou contra o canto da janela. O som do vidro se quebrando foi mais alto do que ele esperou. Os pedaços caíram sobre o telhado da varanda. Fez uma pausa, esperando que seu pai subisse as escadas para permanentemente tirá-lo de sua miséria, mas ele não apareceu. Deve ter adormecido na frente da TV.

Jason jogou o cobertor sobre o vidro quebrado na estrutura da janela e pisou no aquecedor para se ajudar acima do peitoril. Então caiu sobre o telhado, parou para se certificar que seu pai não estava indo matá-lo, e em seguida deslizou para baixo sobre o pórtico da varanda, entre os arbustos. Ele fugiu pelo quintal e correu em direção ao carro de Kara. E antes que pudesse entrar, ela acelerou.

Jason a observou recuar as luzes – com o coração simultaneamente batendo e afundando.

As lanternas traseiras brilharam, e então as luzes inversas apareceram. Ela quase o atropelou quando voltou com o carro em alta velocidade. Parou, sem olhar para ele. Então desviou a vista do pára-brisa e se remexeu no assento. Jace subiu ao lado dela, que saiu em disparada na noite.

"Achei que você não viria," ela disse sem fôlego. "No começo, fiquei louca de raiva, e depois um pouco aliviada. Quando o vi descendo a varanda, fiquei com medo. Desculpe ter acelerado."

"Está tudo bem. Se você não estiver pronta…"

"Eu estou pronta," ela disse. Estendeu a mão e apertou a dele. Sua mão estava úmida, mas ele não se importou, pois ele mesmo estava bem nervoso. "Meus pais estarão em uma festa até tarde. Eu pensei que… pensei que podíamos… na casa da piscina."

Ele ergueu a mão dela para seus lábios. "O que fizer você feliz."

Ela sorriu, parecendo tímida e acanhada. Ele nunca a tinha visto daquele jeito, e gostou daquele lado dela, talvez até mais que o lado despreocupado e selvagem. Ele não tinha certeza.



Quando chegaram em sua casa, ela tomou-lhe a mão e o levou para a casa de piscina. O coração dele disparou com uma mistura de expectativa e ansiedade. Ela abriu a porta, acendeu uma luz, e eles entraram em uma área de estar aberta ladeada por duas portas, uma rotulada por senhoras e a outra por cavalheiros. Havia um sofá e duas cadeiras na área comum, mas nenhuma cama. Não era exatamente o que Jason tinha imaginado para o primeiro encontro deles, mas ele podia improvisar.

Ela o olhou e seus olhos se arregalaram. "O que aconteceu com o seu rosto?" tocou a contusão na maçã do seu rosto com as pontas dos dedos. "Você entrou em uma briga?"

"Algo assim."

Ela sorriu, franzindo o nariz enquanto olhava feliz em seus olhos. "Oh, Jason, você é tão mau. Beije-me."

Ele a puxou contra seu corpo, e ela pôs os braços ao redor dele. A dor serpenteou por seu corpo machucado quando ela se agarrou a ele. Ele ofegou ligeiramente, e quando ela o olhou em questão, ele a beijou. Ela enrijeceu em seu abraço, então ele continuou a beijá-la até que seu corpo finalmente relaxou.

"Posso tocar em você?" Ele perguntou. Realmente não se importaria se ela lhe batesse novamente, mas não queria forçá-la se ela não estivesse pronta.

"Você pode me tocar em qualquer lugar que quiser."

Ele prendeu a respiração. "Em qualquer lugar?"

"Em qualquer lugar."

"E posso beijar você em qualquer lugar?"

Ela estremeceu contra ele. "Sim."

Ele pegou seu rosto entre as mãos e moveu os lábios para seu queixo, sua garganta, sua orelha. Ela suspirou, submetendo-se à sua boca inquisidora. As pontas dos seus dedos cravaram no peito dele, encontrando contusões que ele não sabia que tinha, enviando-o a um estranho lugar entre dor e prazer. Quando a mão dele achou seu seio, ela ofegou e então se afastou. Surpreendeu-o arrastando a camiseta sobre a cabeça e em seguida desabotoando o sutiã nas costas. Ela o olhou. Ele podia ver sua pulsação vibrando rápido e forte em seu



pescoço. Corando, ela deixou a peça de roupa cair livre, deixando os seios perfeitos nus para o olhar ávido dele. Ela era a coisa mais bonita que ele já vira. Traçou um mamilo rosa com a ponta do dedo, fascinado pela resposta de sua pele enquanto seu mamilo ficava mais duro a cada toque.

"Jason."

Ele baixou a cabeça e estalou a língua sobre o cume seixoso. Ela estremeceu e enterrou os dedos no cabelo dele. Conseguiu achar uma contusão na parte de trás de sua cabeça, mas a dor que infligiu inadvertidamente alimentou seu fogo.

Ele a moveu em direção ao sofá. Quando ela tentou remover sua camisa, ele se afastou e balançou a cabeça. "Isso é sobre você," ele disse, mas na verdade, não queria que ela visse seu corpo e as horríveis marcas pretas e azuis.

"Jason?" Ela sussurrou incerta.

"Está tudo bem. Quero fazer você se sentir bem." Ele não se importou com seu próprio prazer. Queria mostrar a ela como fortemente se sentia sobre ela ao dar prazer ao seu corpo. Teria que mostrar-lhe, porque sabia que não conseguia dizer aquilo. Ele acariciou, beijou e sugou cada centímetro de sua pele sedosa da cintura para cima, prestando atenção as suas reações, buscando os pontos que lhe trouxeram mais prazer. Quando ela puxou a camiseta dele, ele saiu de seu alcance e tirou-lhe a calça jeans e as sandálias. Seu corpo ficou rígido de ansiedade, então ele deixou a calcinha no lugar, dando-lhe tempo para ficar acostumada ao seu toque. Ele se encontrou beijando o interior de suas pernas, fazendo-a gemer e se contorcer de prazer. Acariciou as partes de trás de seus joelhos enquanto sugava a pele de suas coxas internas.

"Jason, por favor."

Por favor, o quê? Ela estava pronta para que ele tirasse sua calcinha? Ele cobriu seu montículo com a boca e soprou um hálito quente através de seu último pedaço de roupa.

"Ah Deus," ela ofegou e agarrou seu pulso direito, apertando o bracelete cravejado em um aperto sólido.



Ele quase perdeu o controle quando a dor que ela infligiu se registrou em suas queimaduras. Ele agarrou seu pulso e a forçou a soltá-lo antes de fazer uma bagunça em sua calça jeans.

"Você está pronta?" Ele perguntou.

"Sim. Estou tão quente e dolorida que não posso mais aguentar."

A calcinha de renda preta se juntou ao resto de suas roupas no chão. Jason sabia os nomes das peças femininas, sabia o que elas faziam e como se pareciam pelas fotos. No entanto, nada o preparou para o cheiro dela. Ele inalou profundamente e seus olhos vagaram fechados. Seu pênis protestou a negligência, suas bolas doeram. Quis enterrar o rosto entre as pernas dela e respirar sua essência, mas achou que ela não estava bastante pronta para aquilo, então acariciou a pele suave e inchada de suas dobras internas com duas pontas dos dedos. A textura de sua pele exposta o fascinou, era mais suave que a pele normal. E escorregadia. Quente. Ele a assistiu inchar, avermelhar e umedecer sob seu toque persistente. Os quadris dela rebolaram, e ela chamou por ele em sua excitação. Ele procurou seu clitóris, depois de ter ouvido que o maior prazer da mulher era centrado naquele lugar minúsculo. Achou difícil de acreditar até que seus dedos roçaram o pequeno e inchado pedaço de carne, e Kara gritou de prazer, arqueando as costas para fora do sofá.

"Oh sim, Jason. Aí mesmo."

Ele hesitou e então baixou a cabeça para chupar seu clitóris. Ela gritou, assustando-o quando seu corpo convulsionou inesperadamente. Ela teve um orgasmo? Ele não estava certo, mas amou saber que estava atraindo aquela resposta do corpo dela. Que podia dar prazer a ela. Que podia fazer aquilo para ela. Ele não tinha dinheiro, seu próprio carro ou qualquer outra coisa para oferecer, mas podia dar-lhe prazer. Atingiu seu clitóris com a língua enquanto o chupava e os movimentos dela ficaram exagerados, necessitados. Os dedos acariciaram a pele lisa e quente de seus lábios internos.

"Oh, Deus. Ponha os dedos dentro de mim, Jason. Por favor, não me provoque mais."

Ela pensou que ele a estava provocando? Moveu a mão e lentamente inseriu um dedo em sua vagina pequena e apertada. Era tão pequena por dentro. Como seu corpo acomodaria o



pênis dele? Ele não era um daqueles caras provocadores do vestiário. Precisava abri-la para se ajustar em seu interior. Girou o dedo em um círculo largo, estirando-a até que pudesse deslizar um segundo dedo do lado de dentro.

A respiração dela ficou presa. "Coloque-o, Jason. Estou pronta. Coloque-o agora."

Colocá-lo? Ele ficou imóvel e se inclinou levemente para trás, soltando seu clitóris da boca.

Engoliu em seco. "Agora?"

"Sim, sim. Agora."

Sua mão trêmula moveu-se para sua braguilha. Ele a queria. Queria empurrar seu pau latejante naquela boceta quente, mas e se envergonhasse a si mesmo? E se gozasse assim que pusesse nela?

"Depressa, Jason."

Ele soltou a braguilha e seu pau pulou livre. Estava superexcitado e ele sabia disso. Ela remexeu por baixo da almofada e retirou um preservativo.

"Coloque isto primeiro."

Ele empurrou as calças pelas coxas e se atrapalhou para conseguir o preservativo no lugar.

"Oh Deus, você é enorme," Kara disse enquanto o observava. "Vá devagar, ok?"

"Ok."

Assim que conseguiu colocar o preservativo, ele subiu em cima dela e se instalou entre suas coxas. Usou a mão para guiar a cabeça do pênis em seu corpo.

Oh Deus, era tão bom. Aprofundou-se mais, o corpo dela lutando para aceitá-lo. Empurrou para frente, e ela sugou uma respiração de dor por entre dentes.

"Espere," ela ofegou. "Isso dói."

Como podia doer? Ele nunca sentiu algo tão maravilhoso em sua vida. Empurrou mais fundo e a carne dela resistiu.

"Ai."



Estava tentando ir o mais devagar que podia, mas sua pequena e quente boceta era felicidade pura, e todo pensamento racional deixou a mente dele. Incapaz de controlar o desejo de se enterrar profundamente, ele avançou. A carne dela rasgou, finalmente cedendo a sua, e ela gritou de dor. Ele não lhe deu tempo para se recuperar, mas recuou e impulsionou em seu corpo novamente.

"Não tão forte." ela reclamou.

Ele não conseguia pensar, só conseguia sentir. Sua urgência se construiu e a possuiu com mais força. Mais forte. Mais rápido. Oh Deus, mais forte. Tome-o, Kara. Mal compreendeu que ela estava chorando, apenas precisava possui-la. Isso é tudo. Ele não quis lhe causar dor. Ela o bateu no ombro com o punho.

"Jason, você está me machucando. Pare de fazer isso com tanta força."

Mas seu segundo golpe só o excitado mais. "Bata-me novamente, Kara. Machuque-me."

"O quê?"

"Bata-me." Ele a olhou, encontrando seu rosto molhado de lágrimas. Bateu o pênis em seu corpo. "Por favor, Kara, me machuque. Eu preciso de… dor."

Pelo olhar em seu rosto, ele soube que disse algo de errado, algo misterioso, mas queria que ela o machucasse, precisava dela para fazê-lo. Tanto prazer não podia ser certo. Ele não estava acostumado ao prazer. Da dor ele entendia.

"Seu doente bastardo, saia de cima de mim."

O cotovelo dela bateu em suas costelas fraturadas, e seu corpo convulsionou quando ele gozou inesperadamente. Parou de se mover e seu corpo bombeava a semente dentro dela, reunindo-se na ponta do preservativo. Deleitou-se com a dor que se irradiou pelo seu lado quase tanto quanto os espasmos de prazer que se agarraram à base de seu pênis.

"O que há de errado com você?" Ela perguntou, lutando sob ele para tirá-lo de seu corpo.

"Eu não sei." Ele pressionou a testa em seu ombro, lutando contra as lágrimas. "Sinto muito, não quis machucá-la. Você está bem?"

"Não, não estou bem. Saia de cima de mim!"



Ele se retirou e ela se contorceu sob ele, caindo no chão.

"Kara."

"Não chegue perto de mim," ela disse, agarrando suas roupas e rumando para a porta.

Ele viu sangue nas coxas dela, em seu pênis, na almofada do sofá. Aquilo o deixou enjoado. Oh Deus, ele *realmente* a machucou. "Espere, não vá. Eu sinto muito."

"Tem algo de errado com você. Basta ficar longe de mim. Nunca mais quero vê-lo novamente." Ela abriu a porta e correu da casa da piscina.

O coração dele torceu. "Mas eu amo você."

Ele não sabia se ela o ouvir dizer aquilo. O prédio inteiro estremeceu quando ela bateu a porta.

"Não vá embora." Mas ela já tinha ido.

A viagem para casa foram os mais longos quilômetros que ele já caminhou. Ele desejou que pudesse voltar tudo atrás. Bem, não tudo. Apenas do momento em que começou a sentir seu prazer, pois foi quando tudo tomou um rumo para o pior. E agora Kara o odiava, nunca mais queria vê-lo novamente. A dor que seu pai lhe infligiu não chegou nem perto daquela agonia paralisante em seu coração. Apertou o pulso direito sob o bracelete, precisando da dor para dar outro passo em direção a sua casa.

Quando se aproximou de sua casa e de seu certamente-furioso-pai, Jason notou algo brilhante no horizonte. Fumaça ondulando no céu da noite. Fogo. Um caminhão dos bombeiros soou quando virou uma esquina e foi em direção a rua. Uma ambulância seguiu um momento depois.

Parecia que o fogo era próximo da sua casa, e quanto mais perto ele chegava da origem, mais rápido seu coração batia, até que não podia negar a realidade. O fogo era em sua casa. Ele correu os últimos dois quarteirões. Bombeiros corriam pela rua, ligando uma mangueira de incêndio no hidrante mais próximo, vizinhos estavam saindo de suas casas de pijama, abraçando um ao outro, observando a destruição com temor. Jason encarou sua casa em chamas com descrença, caminhando pelo quintal em transe. Chamas enormes estavam lambendo a



janela quebrada de seu quarto. Ele podia ouvir seu pai na casa gritando seu nome. "Jason! Filho, onde você está?"

"Papai, eu estou aqui!"

Houve um alto som de estilhaço e o telhado do seu quarto desmoronou em um spray de faíscas. Os primeiros jatos da água das mangueiras soprou nas chamas, silvando quando a água evaporava no vapor.

"Papai!"

Ele disparou em direção à casa e o fez até a varanda antes que alguém o agarrasse pela cintura. "Solte-me," ele exigiu, lutando com toda sua força. "Ele ainda está lá dentro. Meu pai. Acho que está lá em cima. Eu o ouvi me chamando. Mas…"

Um par de bombeiros irrompeu pela porta da frente e ele podia ouvi-los gritando um com o outro dentro da casa. "Dê-me uma mão. Alguém está preso debaixo daquela viga." Por fim, um deles apareceu carregando um corpo inerte sobre um ombro. "Médico! Precisamos de um médico aqui."

O corpo carbonizado que ele colocou no chão era do pai de Jason. "Meu filho," ele murmurou, agarrando-se a bota do bombeiro. Frases coerentes eram confusas pelas sílabas indistinguíveis. "Salve meu filho. Eu o tranquei em seu quarto e não pude chegar até a porta. O teto desabou." Ele tossiu e seus olhos estavam vidrados de dor. "Ele ainda está lá." Se não fosse por sua voz familiar, Jason não o teria reconhecido. Sua pele estava tão gravemente queimada que ele era não identificável.

Jason pairou acima dele, tremendo. "Estou aqui, papai. Estou bem."

"O helicóptero está a caminho," um paramédico disse. "Vamos levá-lo para o centro de queimadura assim que pudermos."

"Como você saiu?" Seu pai sussurrou. "Você pôs fogo na casa? Foi você? Eu não o faria, seu pequeno vagabundo. Foi você, não foi? Para se vingar de mim por castigá-lo. Por jogar seu contrabaixo estúpido no lixo."

Jason balançou a cabeça. "Não. Eu não fiz isto." Olhou para seu quarto. Não havia dúvida que o fogo começou ali. Era onde o dano estava centrado. Enquanto observava, restos



esfarrapados de um cobertor voaram do telhado da varanda quando uma explosão de água o retirou de sua posição. Ele reconheceu sua colcha, metade queimada. A colcha que tinha colocado sobre o vidro quebrado na janela. E seu aquecedor. O que ele tinha esquecido de desligar depois que queimou o pulso.

Então percebeu. Ele começou o fogo.

Jason agarrou seu pulso direito com força, como punição, apertando a pulseira de couro em sua carne com bolhas até que sua visão se turvou.

Eles o permitiram entrar no helicóptero quando souberam que ele não tinha outro jeito de ir ao hospital. Nenhuma outra família, ninguém que se importava com ele. Jason não podia agüentar seus olhares de piedade. Ou o absurdo que seu pai tagarelava. Seu pai estava delirando de dor e continuava repetindo, "É tudo culpa sua. Tudo culpa sua."

Ele se inclinou no canto, com as mãos sobre as orelhas, não mais um jovem de quinze anos, mas um garotinho assustado. Sem nada. Sem ninguém. Estava sozinho. Sozinho. Sem ninguém para feri-lo. Feri-lo quando ele precisava disso.

Eles levaram seu pai para o centro de tratamento assim que o helicóptero pousou. Perguntaram a Jason se ele queria ficar com ele, advertindo-o que seu pai provavelmente não passaria pela noite. "Você pode querer dizer adeus para ele, filho," um médico havia lhe dito a um ponto.

Mas ele não quis. Estava com muito medo, assim como com sua mãe. Sua última lembrança de seu pai foi dos olhos sem cílios olhando-o inexpressivamente enquanto eles o levavam de maca para o centro de tratamento.

Jace começou a acordar, com o coração disparado no peito, a imagem de seu pai horrivelmente queimado circulando em sua mente. O quarto estava completamente escuro, mas ele podia ouvi-la respirando, sentir o movimento suave do ônibus, e ambos lhe trouxeram conforto. Amava estar na estrada. E ele a amava. Sua Aggie.

Sua mão buscou Aggie por baixo das cobertas. Ele agarrou seus dedos, sentindo-se estúpido por precisar tanto dela, por buscar seu apoio enquanto ela dormia inconsciente de sua



aflição. Não que ela pudesse fazer qualquer coisa sobre os fantasmas que o assombravam. Sobre a dor da lembrança do seu pai, sobre a culpa que Jace sentia. O medo.

Ou talvez pudesse. Ela o ajudou a lidar com a dor de perder sua mãe. Suas lembranças ainda estavam nas sombras, mas não mais ameaçadoras. Ele encontrou consolo, Aggie deu aquilo para ele. Ela conseguia lhe dar tudo que ele precisava. Até coisas que ele não percebia serem importantes. Quando o sol surgiu, ele a observou dormir, perguntando-se como sobreviveria se a perdesse também.

* * * * *

Aggie abriu os olhos para encontrar Jace olhando para ela. Ela sorriu, alongando-se letargicamente.

"Bom dia, querido," ela murmurou. "O que está fazendo acordado tão cedo?"

"Eu estou pronto," ele disse.

Ela sorriu, pôs um braço ao redor de seu pescoço e chegou mais perto de seu corpo aquecido. "Imaginei que depois de ontem à noite você estaria satisfeito por uns dois dias pelo menos."

"Não foi o que eu quis dizer," ele falou sério. "Estou pronto para lhe contar."

O coração dela pulou uma batida, e seu sorriso desapareceu. "Sobre seu pai?"

"Sim."

Ela não estava certa se queria que ele lhe contasse. Que lhe dissesse que o matou. E se tivesse feito algo verdadeiramente imperdoável? Seus sentimentos por ele mudariam? Ela não queria aquilo, pois era incrivelmente feliz com Jace. Nunca se sentiu assim em relação a um homem por tanto tempo, e não estava pronta para aquilo acabar. Ela sabia que ele estava dando um enorme passo ao confiar nela, então não era como se pudesse se recusar a escutar. Tinha que ser forte, pois sabia que o fardo dele era muito grande para um conjunto de ombros.



Ela lutou para liberar o braço do lençol emaranhado e então ergueu a mão para acariciar sua sobrancelha com ternura. "Estou ouvindo."

Ele fechou os olhos. "Por onde eu começo?"

Ela não achou que ele estava realmente endereçando a pergunta a ela, então esperou que ele prosseguisse.

"Eu não era um adolescente fácil e entrei em muitos problemas. Em casa. Na escola. Com a lei. Quanto mais papai tentava me endireitar, mais eu agia. Gritar comigo não funcionava, o castigo físico não funcionava. Punição, tomar meus pertences. Nada funcionava. Na época eu o odiava, mas não tanto quanto ele me odiava. Por cinco anos nós vivemos assim — em guerra constante."

"Rebeldia não é incomum, bebê. Muitos adolescentes crescem desse jeito," Aggie tocou seu rosto. "Ele batia em você?"

Jace deu de ombros. "Eu preferia isso que os gritos. As contusões desapareciam, mas as palavras, elas ainda estão comigo."

Ele baixou a cabeça e fechou os olhos. Ela o esperou se recompor e, após um momento, ele olhou em seus olhos. "O dia em que ele morreu." Ele respirou fundo. "O dia em que eu o *matei*, eu deveria estar de castigo em meu quarto, mas fugi para ficar com uma menina. Kara Sinclair."

"Sinclair?"

"Irmã caçula do Brian."

"Eu não sabia que você conhecia os caras naquela época. Quantos anos tinha?"

"Quinze. Eu conhecia a banda, mas eles não me conheciam. Namorei Kara para conseguir me aproximar deles, mas… e então alguns meses depois, ela…" Ele balançou a cabeça. "Esta é uma história para um dia diferente. Enquanto eu estava fora…" Seus olhos foram para a testa dela. "Perdendo minha virgindade, na verdade." Quando ele corou, ela não conseguiu deixar de sorrir. Ele pareceu estar doente do estômago por alguns segundos, mas passou. "Enquanto eu estava fora com Kara, a casa pegou fogo. Começou em meu quarto. Papai pensou que eu estava trancado lá dentro, então ele subiu para me pegar. Eu não estava lá. Ele



me pôs de castigo e me trancou em meu quarto. Eu deveria estar lá, mas não estava, Aggie. Se não tivesse desobedecido… se não tivesse quebrado uma janela e fugido para me divertir… se não tivesse ligado aquele aquecedor, ou lembrado de desligá-lo." Ele desabotoou o bracelete que sempre usava no pulso direito e mostrou a ela a pele embaixo — cicatrizes de queimaduras numerosas demais para contar. "Liguei o aquecedor para fazer isso comigo mesmo, e depois pus o cobertor sobre ele sem pensar. Isso começou o fogo. As cortinas queimaram, em seguida a mobília. Se eu tivesse dado ouvidos a ele, meu pai nunca teria ficado preso nas chamas, e não teria sofrido queimaduras de terceiro grau em noventa por cento de seu corpo. Ele não teria morrido horas depois." Ele olhou fixamente em seus olhos, desafiando-a a negar seu envolvimento. A dor que ele trabalhou tão duro para esconder estava ali mesmo na superfície, tão tangível que ela acreditou que podia tocá-la. "Deveria ter sido eu. Eu devia ter sido o único a morrer. Eu o matei, Aggie. Poderia muito bem atirar na cabeça dele."

Ela sabia que ele devia se sentir assim, e não estava certa de como fazê-lo ver que a morte do seu pai foi um acidente horrível, trágico, mas não foi culpa dele. Seu pai não devia tê-lo trancado no quarto. E ele não ateou o fogo de propósito, tinha sido um garoto descuidado. Em meio a tanta dor.

"Está no passado, querido. Eu amo você hoje. Agora," ela murmurou, tocando em seu rosto. "É isso que importa." Ele a olhou através da luz fraca filtrando pelas cortinas. Parecia miserável até as profundezas de sua alma.

"Você ainda me ama?" Ele disse sem fôlego.

"Amo."

"Mesmo sabendo que…" Ele engoliu em seco.

"Eu disse que você pode me dizer qualquer coisa. Fico triste que esteja sofrendo, e lamento que não tenha família por perto. Pelo menos você tem sua banda — e a mim. Nós somos sua família."

"Sentimento bom, Aggie, mas eu não sou realmente tão próximo dos caras. Eles me toleram —"



Aggie cobriu sua boca. "Certo, eu disse que você pode me dizer qualquer coisa, mas isso não significa que pode mentir. Você é próximo dos rapazes. Eles o adoram e fariam qualquer coisa por você. Você só não os deixa entrar. Você me deixou entrar, não é tão ruim, é?"

"É diferente com você, Aggie. Você tem me provado repetidas vezes que me aceita como eu sou. Os caras? Eles nem mesmo sabem quem eu sou."

"Você podia deixá-los chegar a conhecer você. Pode confiar neles, pois não vão machucá-lo."

"Talvez." Ele não lhe pareceu convencido.

"Do que tem medo?"

"Nada."

"Você acha que se eles vissem atrás de sua parede iriam substituí-lo na banda?"

Ele hesitou e então balançou a cabeça levemente.

"Você obviamente tem uma avaliação muito baixa dos seus companheiros de banda."

Uma faísca de raiva tocou em seus olhos. "O que quer dizer? Eu penso o mundo deles. Eu daria minha vida para qualquer um deles."

"Ainda assim, você nem mesmo vai deixá-los verem o verdadeiro você. Acha que eles têm alguma ideia de como você se sente sobre eles?"

"Eles precisam saber? Eu os idolatro. Isso é constrangedor."

Ele nunca aprendera a demonstrar afeto quando criança, e ninguém já lhe mostrou algum, então ele não sabia como e não o reconhecia. Era por isso que não entendia que os rapazes estavam lhe mostrando carinho quando eles o provocavam. Talvez eles a ajudassem. Ela não estava certa de como podia conseguir com que cooperassem, mas queria aquilo para Jace, que precisava reconhecer o amor em sua vida. Ela podia ter sido egoísta em mantê-lo para si mesma, que até poderia ser feliz somente com ela para confiar, mas ele precisava de uma rede maior de apoio. Agarrar-se muito forte a uma pessoa pode ser devastador quando as coisas não saírem como planejadas ou as circunstâncias separarem as pessoas. Jace precisava de



pessoas encorajadoras em sua vida, pois tinha estado sozinho por tempo demais. Talvez ele admitisse seus companheiros de banda, um de cada vez.

"Estou feliz por você ter me contado o que aconteceu com o seu pai." Ela precisava desviar o foco dos mortos. Ajudá-lo a se concentrar nos vivos. "O que aconteceu com você depois que ele faleceu? Você viveu com parentes?"

Ele balançou a cabeça. "Não tenho parentes vivos que me reivindicaram. A família da minha mãe a renegou quando ela foi embora da Croácia para morar na América. Ela deixou um morador local no altar ou algo do tipo. Lembro-me dela trazendo isso à tona quando ela discutia com papai. Os pais do meu pai trabalharam duro e morreram jovens." Jace rolou de costas e encarou o teto. "Então eu fiquei em uma detenção até que completei dezoito anos, e depois eu estava por mim mesmo."

Ela se abraçou contra seu lado e beijou seu ombro. "A primeira vez que o vi, eu soube que você foi forçado a crescer muito rápido."

Ela observou as emoções atravessarem seu rosto. Ele obviamente tinha mais demônios para exorcizar.

"Como foi a detenção?" Ela perguntou.

Ele deu de ombros. "Lute ou morra. Eu decidi lutar."

"Você não fez amigos lá?"

Ele negou. "Havia uma razão pela qual éramos os indesejados. Eu peguei meu contrabaixo, o retirei do lixo. Foi a única coisa que sobreviveu ao fogo. E foi o suficiente."

Aggie se perguntou como ele não acabou um assassino em massa. Quantas experiências traumáticas uma criança podia aguentar? E agora ali estava ela fazendo-o disparar e bagunçar tudo com o qual ele trabalhou tão duro para alcançar.

"Você não é indesejado. Eu quero você, Jace."

Ele fechou os olhos e respirou fundo. Tomou a mão dela e a apertou, mas não disse nada. Ela ficou ali deitada, pensando em um jeito de aproximá-lo de seus companheiros de banda. Ele parecia se identificar mais com Eric, provavelmente porque nenhum teve pais. Ou talvez Jace e Brian pudessem se ligar acima de Kara.



"Brian sabe que você namorou a irmã dele?"

"Deus, eu espero que não. Ele acha que ela era um anjo perfeito. Eu não ia querer manchar a memória dela."

"A memória dela?"

"Kara morreu em um acidente de carro. Eu nunca mais a vi depois da nossa noite juntos. Fui muito rude com ela. Eu a machuquei, a assustei. Ela me chamou de aberração e disse que nunca mais queria me ver novamente." Ele chamou sua atenção. "Vou calar a boca agora. Nada pior que discutir velhas relações com a namorada."

"Sinto muito que ela morreu. Ela devia ser tão jovem."

"Dezesseis."

Muito jovem. "Você a amou?"

"Sim."

"E ela o fez feliz?"

"Por um tempo."

Aggie sorriu tristemente. "Então sou grata a ela por isso. Mas você não é uma aberração. Acontece que gosto quando você é rude."

"Isso é por que você é uma aberração também."

Ela riu e o cutucou nas costelas com o cotovelo. "Ei."

"Acho que pertencemos um ao outro, Aggie."

"Eu não acho."

Seu corpo enrijeceu. Ela colocou uma mão em seu peito e ergueu o corpo para olhá-lo nos olhos.

"Eu sei que sim," ela disse. Ele sorriu, e ela derreteu. Eles se encararam até que as bochechas dele ficaram rosadas e ele desviou o olhar.

Ela decidiu que ligar Jace a Brian, usando Kara como algo em comum, não era a melhor ideia. Mudou para o plano B. "Sabe quem é muito parecido com você?"

As sobrancelhas dele se atraíram quando ele contemplou sua pergunta.

"Eric."



"Eric?" Jace riu. "Fui forçado a crescer muito rápido. Ele nunca cresceu mesmo."

"Ele está vivendo sua infância agora, já que não teve uma quando criança. Ele está lidando com algumas das mesmas coisas pelas quais você passou de um jeito completamente diferente."

"Aggie, você devia ter sido psiquiatra. Como sabe tudo isso?"

Ela sorriu e baixou a cabeça para tocar a língua no piercing do mamilo nele. "Acho que eles tomariam minha licença assim que eu estalasse meu chicote para um cliente. Mas suponho que ajudo os homens com certos componentes da psicologia deles — de um modo não convencional."

"E eu sou seu *magnum opus*[15], presumo."

Ela balançou a cabeça. "Você é meu coração, querido."

Ele pôs o braço bom em volta dela e a atraiu para seu peito. Seu coração disparou contra o ombro dela quando ele beijou sua testa ternamente. "Eu não a mereço."

"Acho que eu devia ser o juiz disso."

A mão de Aggie deslizou sobre seu abdômen plano, achando todos seus pontos de cócegas com facilidade. Ela queria ouvi-lo dar risada. Talvez um dia ele administrasse aquilo sem que ela recorresse a cócegas.

A porta se abriu e Eric enfiou a cabeça do lado de dentro. "Parece que alguém está se divertindo."

O riso de Jace morreu, e ele agarrou os pulsos de Aggie para parar as cócegas. Ele pegou seu bracelete do colchão e depressa o prendeu ao redor de seu pulso marcado. Aggie ofereceu-lhe um sorriso triste e o firmou para ele.

Vestindo nada além de sua cueca boxer preta, Eric entrou no quarto e fechou a porta atrás de si. "Eu posso entrar?"

"Você já não entrou?" Aggie perguntou.

"Eu quis dizer nas cobertas."

"Não estamos fazendo nada," Jace disse. "Apenas conversando."

[15] A maior e única obra de um artista, compositor, escritor, etc..



"Você? Conversando? Eu não sabia que você sabia como." Ele atravessou o quarto e mergulhou na cama ao lado deles. "Estou tão entediado. Me entretenham."

"Você? Entediado?" Jace disse. "Eu não sabia que você sabia como."

Eric riu e lhe bateu no ombro. "É tudo culpa de Sed. Desde que ele e Jessica ficaram noivos, a única ação que ele tem conseguido é entre sua orelha e a mão."

Aggie ergueu uma sobrancelha. "Orelha?"

"Você tem sorte de ter tido permissão para usar o quarto durante toda essa parte da turnê, e não tem que ouvi-lo sussurrar em seu telefone todas as horas da noite e se masturbar."

"Ah, sexo por telefone. Eu gostaria de ouvir isso na verdade," Aggie disse com um sorriso. "Eu aposto que ele realmente entra nessa."

"Na verdade, ele tenta ficar quieto, mas todos nós sabemos o que ele está fazendo." Eric revirou os olhos. "Como Jessica fosse saber se ele fodesse uma fã ou duas."

"Ela saberia." Jace riu. "Sed nunca pode esconder uma consciência culpada."

"Isso é verdade," Eric disse.

"Vocês realmente não têm privacidade alguma neste ônibus, não é?" Aggie perguntou.

"Não. Isso tem sido a ruína de muitas bandas. O bom é que tolerarmos um ao outro tão bem," Eric disse. "No entanto, sinto falta das performances de Sed. E não estou me referindo a sua voz. Mas acho que vocês dois terão que fazer. Ficarem ocupados." Ele escorou a cabeça em uma mão e ergueu as sobrancelhas.

"Realmente não estávamos fazendo nada além de conversar," Aggie disse.

"Sobre o que estavam conversando?"

Sua abertura com Eric se apresentou propriamente, então ela a aceitou. "O pai de Jace. Como ele morreu."

Eric olhou para Jace. "Como?"

"Não gosto de falar sobre isso," Jace disse.

"Você tem alguma outra família?"

"Não. Nenhum pai. Nenhuma família."



Jace se contorceu para levantar, mas Aggie espreguiçou seu corpo sobre o dele e descansou a cabeça em seu ombro. Ficou deitada como um peso morto para impedi-lo de evitar aquela conversa.

"Você foi para um orfanato?" Eric perguntou.

"Eu tinha quinze anos com um antecedente criminal. Ninguém quis abrir sua casa para um abandonado. Fiquei em uma detenção por quase três anos."

"Você passou tempo na prisão?"

"Corredor juvenil por alguns meses. Por um par de acusações de furto em lojas — nada muito excitante."

"A chave de ser um bom ladrão de lojas é não ser pego."

"Você roubou em lojas?"

"Eu era um terror quando criança," Eric disse.

Jace bufou e parou de tentar escapar de baixo de Aggie. "Nada mudou."

Eric riu. "Talvez, mas eu não roubo mais. Encontrei outros meios para chamar atenção."

"Então você nunca foi pego?"

"Eu não disse que era um bom ladrão de lojas. Fui pego mais de uma vez. Uma das muitas razões que fiquei pulando de orfanato em orfanato. No entanto, nunca tive que ficar numa detenção. Ouvi dizer que aqueles lugares são bem rudes."

Jace deu de ombros. "Eu vivi."

"Então como seu pai morreu?"

"Não é da sua cont.."

Aggie cobriu a boca de Jace com sua mão. "Ele morreu em um incêndio," ela disse.

"Oh, cara, essa seria uma forma horrível de morrer. Realmente sinto muito que você o perdeu."

Jace tirou a mão de Aggie de sua boca. "Por quê? Ele era um filho da mãe abusivo."

"Talvez. Mas era seu pai, e tenho certeza que você não queria que ele morresse."

"Você estaria errado."

Não, não seja o cara durão, Jace. Deixe seu coração se mostrar, bebê.



"Bem, que seja. Vocês vão começar a trabalhar agora, ou tenho que ir ver pornografia chata na internet?"

E agora ela perderia Eric também. Aquilo ia ser mais desafiador do que Aggie imaginou. Ela tinha que reduzir as defesas de Jace e aumentar a sensibilidade de Eric. Sem problema. Sim, certo. Talvez um pouco de intimidade sexual funcionasse — pelo menos para fazer Jace relaxar. Quando ela o beijou, seu corpo inteiro enrijeceu. Bem, com exceção da parte que ela queria que endurecesse.

Ela ergueu a cabeça para olhá-lo e o encontrou encarando-a.

"O que há de errado?"

Ele olhou para Eric e depois de volta para ela. "Talvez eu não goste que você conte às pessoas sobre minhas coisas pessoais."

"Não sei qual é a grande coisa, homenzinho. É legal," Eric disse. "Tenho certeza que seu passado não é metade tão deprimente quanto o meu, mas quem se importa? Está acabado, e você não pode mudá-lo, então esqueça. Não desconte em Aggie."

Ela olhou para Eric. "Não, Jace está certo. Se cruzei a linha, então ele tem o direito de me chamar atenção." Seu olhar deslocou-se para Jace, que parecia atordoado por suas palavras. "Desculpe por interferir." Mas isso não significava que ela ia parar.

"Está tudo bem," ele falou baixinho, com os olhos abatidos.

Desta vez quando ela o beijou, ele respondeu com entusiasmo. Estava tão clemente com qualquer um, por que ele não podia perdoar a si mesmo? Ela beijou uma trilha para sua orelha. O que era do lado oposto de onde Eric estava apoiado, então Eric não escutou.

"Eu amo você." Ela sentiu o rosto de Jace ficar quente contra sua bochecha enquanto ele corava. Ah, Deus, ele era condenadamente atraente. Chupou o lóbulo de sua orelha, tocando o pequeno brinco de argola com a língua. O pênis dele se mexeu contra seu quadril. Ela roçou o nariz contra seu rosto enquanto sussurrava, "Você quer que Eric nos deixe sozinhos? Vou expusá-lo."

"Ele pode ficar."



"Uau!" Eric saiu da cama e começou a tirar coisas da gaveta da mesa lateral. "Estou tão excitado que mal posso aguentar."

Aggie riu e ergueu a cabeça para olhar a gaveta. "Alguma coisa com sabor de cereja ai?"

"Se você usar todos os óleos com sabor de cereja de Trey, ele nunca vai perdoá-la."

"Vou arriscar."

Eric colocou um tubo em sua mão estendida.

Ela jogou as cobertas de lado e deslizou pelo corpo de Jace. "Sua vez, bebê. Eu lhe devo algum prazer depois de ontem à noite."

"Perdi alguma coisa boa?" Eric perguntou.

Ela despejou o aroma de cereja sobre o pau enrijecido de Jace. "Você perdeu algo fenomenal, mas eu não teria querido você lá de qualquer maneira. O único que chega a me ver implorar é Jace."

Ela amou o sorriso de auto-satisfação que cruzou o rosto de Jace. "Eu tive bastante prazer da experiência," ele murmurou. "Você não me deve..."

Jace ofegou quando ela pôs seu pau na boca. Estava duro como pedra em instantes.

"Ei, esperem por mim," Eric reclamou e se instalou na cama ao lado deles, com a cabeça quase no quadril de Jace enquanto observava os movimentos de Aggie. Aggie o observava pelo canto do olho. Ele despejou óleo na palma da mão e pegou seu pênis, então o acariciou com o mesmo ritmo que Aggie encontrou para dar prazer a Jace. Ela fechou os olhos, concentrando sua atenção em trazer o máximo de prazer a ele. Passou as mãos em seus quadris estreitos, arrastando os polegares ao longo dos cumes dos ossos sob sua pele. Ele estremeceu e agarrou seu cabelo. Ela o chupou mais forte e sua respiração irregular lhe disse que ele estava perto. Então ela se afastou e soprou respirações frias sobre a cabeça de seu pau. Jace estremeceu incontrolavelmente por vários instantes até que recuperou o controle. Aggie segurou a base de seu pênis, esfregando o polegar para cima e para baixo no lado inferior. Então arrastou a cabeça em sua boca, trabalhando-a entre sua língua e o céu da boca, aplicando uma sucção leve. Ouviu a respiração dele quando sua excitação se construiu novamente, esperando até que ele estivesse



perto de se deixar levar antes de se afastar novamente. Então ela separou as pernas dele, pingou o óleo com sabor de cerejas sobre suas bolas, em seguida as chupou e lambeu até que ele estava contorcendo os quadris em tormento.

"O que você quer, bebê?" Ela murmurou, lambendo a prega entre suas bolas e continuando no lado inferior de seu membro. "Diga-me."

"Boceta," ele ofegou.

Ela sorriu. "A minha?"

"Sim, sim. Por favor."

Ela subiu em seu corpo e montou seus quadris. Ele pegou seu pênis e o conduziu em sua abertura molhada, arqueou as costas e empurrou para cima. Ela não desceu para encontra-lo, mas segurou seu corpo suspenso sobre o dele e o observou erguer os quadris para fodê-la profundamente.

Ela tocou seu rosto. "Acomode-se, querido. Eu tenho você."

"Ah, Aggie, não posso suportar isso."

Ele relaxou no colchão depois de um momento e ela se baixou para tomá-lo profundamente. Sua cabeça caiu para trás em êxtase. Ela queria que ele recebesse todo o prazer esta manhã, mas não havia como não tomar algum para si mesma quando ele estava enterrado dentro dela.

Eric se mexeu e apoiou a cabeça no abdômen de Jace.

Jace ficou tenso. "O que está fazendo?"

"Eu posso ver melhor daqui," ele disse.

"Saia de cima de mim."

"Não me negue isso, cara. Por favor. Estou morrendo aqui."

Jace posicionou o lençol debaixo da cabeça de Eric para que seu rosto nu não ficasse tocando sua barriga nua. Ele não fez mais nenhum protesto.

Aggie começou a se mover. Ela não conseguia decidir o que era mais sexy, o rosto de Jace enquanto ela o tomava no fundo de seu corpo, ou o de Eric enquanto ele observava e acariciava seu pau com entusiasmo.



"Você sabe porque a pornografia é tão chata?" Eric perguntou. "Não há nenhum cheiro." Ele aproximou o rosto da vagina de Aggie e inspirou. Seus olhos se fecharam. "Ainda mais que as imagens e os sons, é o maldito cheiro que eu não posso ter o suficiente. Ou o gosto." Sua língua roçou contra o clitóris dela, que estremeceu.

Jace agarrou um punhado do cabelo de Eric e o puxou para trás. "Você deveria olhar, não participar."

"Não posso sentir o gosto se não participar."

"Que pena."

Aggie ficou um pouco desapontada que Jace parou Eric. Seu clitóris latejava de excitação. Ela começou a subir e a descer mais rápido sobre o pênis grosso de Jace, girando os quadris para se esfregar contra seu osso púbico a cada movimento descendente. Eric parou de golpear seu pênis e sua mão escorregadia deslizou sobre o quadril de Aggie para seu ânus. Os olhos dela encontraram os dele, que lhe sorriu conscientemente. Ela desviou o olhar para Jace. Ele tinha os olhos fechados e estava completamente inconsciente de que Eric a estava tocando, deslizando as pontas dos dedos pela sua fenda, e escorregando a ponta de um dedo longo em seu ânus. Ela gemeu e balançou para trás. O dedo deslizou mais fundo. Os olhos dela se fecharam.

"O que você está fazendo?" Jace perguntou.

"O ânus dela está vazio, Jace. Olhe para ela. Ela gosta disto. Ela quer isto."

Ela queria, mas só se Jace estivesse bem com aquilo. Eric deslizou um segundo dedo em seu ânus e ela estremeceu.

"Você gosta?" Jace perguntou.

Ela mordeu o lábio e assentiu ligeiramente.

"Tudo bem, então."

Eric se mexeu e seus dedos deslizaram mais fundo.

"Oh, Deus," Aggie gemeu, esfregando-se contra a mão de Eric e o pau de Jace.

"Estou nessa," Eric disse.



Ele puxou os dedos e foi se sentar atrás dela. Montou nas pernas de Jace, deslizando contra as costas de Aggie. Eric tomou um momento para colocar um preservativo e então ela sentiu aquele membro contra seu ânus. Dedos escorregadios lubrificaram sua passagem, e em seguida, ele pressionou a cabeça o pau em sua entrada. Ela respirou entre dentes. Eric agarrou seus quadris e a puxou para baixo, seu corpo se esforçou para aceitar dois pênis profundamente nela. Cheia. Oh, *Deus*, tão cheia. Ela não conseguia respirar.

Jace se sentou e ela afundou ainda mais, gritou e estremeceu incontrolavelmente.

"O que diabos você pensa que está fazendo?" Jace rosnou para Eric sobre o ombro dela.

"Compartilhando?" Eric tentou.

Aggie ergueu os quadris um pouco, e seus paus deslizaram levemente para fora. Até aquela pouca fricção a teve completamente subjugada. "Oh, Deus. Oh, Deus. Oh, Deus."

"Ela está totalmente nessa," Eric disse. "Apenas deixe ir."

"Suas bolas estão tocando nas minhas," Jace disse entre dentes cerrados.

"O que é um pouco de conexão de bolas entre amigos?"

Jace hesitou. "Aggie?"

"Demais," ela ofegou.

"Você a ouviu, Eric. Retire-se."

"Vocês estão me matando," Eric disse.

"Lide com isso."

Eric bufou, mas saiu. Aggie exalou de alívio. A circunferência espessa de Jace era mais do que suficiente para ela, mas tinha gostado dos dedos longos e finos de Eric.

"O que você precisa para gozar, bebê?" Jace perguntou a ela.

"Honestamente, Jace, eu só preciso de você," ela sussurrou, "mas os dedos dele foram incríveis."

Jace e Eric trocaram olhares acima de seu ombro e, alguns segundos depois, aqueles dedos massagearam sua abertura em um movimento firme e circular. Ela gemeu e esfregou os quadris, esperando convencer um daqueles dedos a entrarem. Segurou o rosto de Jace entre seus seios e beijou o topo de sua cabeça, amor brotando em seu peito, sua garganta, seus olhos.



Seus sentimentos para ele eram tão fortes que ela pensou que eles poderiam sufocá-la. Seu Jace. Tão altruísta. Tão dado. Oh, como ela o amava.

Quando ela aliviou o aperto, Jace caiu de costas na cama e mexeu os quadris para que pudesse montá-lo. Ela se ergueu e caiu em cima dele, conduzindo-o fundo e observando seu rosto enquanto compartilhavam o prazer. Fechando os olhos, ele mordeu o lábio e deu-lhe controle total. O olhar dela foi para o bracelete em seu pulso, desabotoou a larga pulseira e levou o pulso nu para os lábios, beijando as cicatrizes. Os olhos dele se abriram. *Amo você*, ela gesticulou enquanto continuava a beijar-lhe o pulso. Ele a olhava como se fascinado e o leve sorriso se iluminava a cada toque dos lábios dela.

"Estou ficando chateado de novo," Eric disse.

Jace enrijeceu como se tivesse esquecido que Eric ainda estava presente. Aggie riu.

"Então talvez você deva ir embora," Jace disse.

"Se Aggie apenas se inclinasse um pouco para frente, eu podia ver melhor." Eric colocou uma mão no centro das costas dela e empurrou até que estivesse satisfeito com a posição. "Assim é melhor." Então os dedos dele deslizaram em seu ânus e pressionaram fundo.

"Oh!" Suas pálpebras tremularam quando a obtenção da liberação se tornou seu objetivo. Jace moveu ambas as mãos para segurar seus seios enquanto ela o montava mais forte e mais rápido. Beliscou seus mamilos até que ela pensou que ia enlouquecer.

"Isso mesmo," Eric disse. "Foda-o, Aggie."

Podia ouvir Eric golpeando a si mesmo atrás dela e se encontrou movendo-se para combinar seu ritmo. As costas de Jace inesperadamente se curvaram, ele ergueu os quadris da cama e conduziu profundamente no corpo de Aggie. Os olhos dele se apertaram quando ele gritou em êxtase.

"Jace perdeu," Eric disse. "Ele gozou primeiro." Ele sugou uma respiração por entre dentes. "Estou me juntando a ele."

"Se gozar em mim, eu vou matar você," Jace disse para Eric.



Ele não gozou em Jace. Gozou no bumbum de Aggie. Ela sentiu os fluidos tocarem sua pele — quente e espesso. "Deus, isso é quente," Eric gemeu e esfregou a cabeça do pau em seu sêmen para espalhá-lo sobre a pele dela.

"Realmente precisa encontrar uma mulher para você," ela disse. "De preferência uma estrela pornô."

"Prefiro compartilhar você com o homenzinho."

"Não sei por que deixamos você participar," Jace murmurou. "Eu a satisfaço melhor sozinho."

Eric se deixou cair na cama ao lado de Jace. "Porque sou seu melhor amigo, e você não quer que eu morra de um caso gigante de bolas azuis?"

"Não acho que seja fatal," Aggie disse.

"Você já teve bolas azuis?" Eric perguntou.

Ela sorriu e virou o olhar para o teto. "Bem…"

"Eles não são apenas para os Smurfs."

Jace riu e estendeu a mão até arrastar Aggie contra seu peito e abraçá-la contra ele. "Isso não seria uma condição constante para eles?"

"Pobres homenzinhos," Eric disse com uma carranca conturbada.

"Isso provavelmente tem mais a ver com eles terem apenas uma fêmea de sua espécie, mais do que com sua cor de pele," Jace disse.

Eric riu.

"Aposto que a Smurfette tem muito caso de UTI," Aggie disse.

Eric gargalhou até que Aggie pensou que ele ia desmaiar por falta de ar. Após vários minutos, ele enxugou as lágrimas, ainda rindo esporadicamente. "Vocês me matam."

Aggie se aconchegou mais perto do peito de Jace. Ele teria visto aquilo agora? O quanto ele significava para Eric?

Eric esticou os braços acima da cabeça e bocejou. "Eu podia tirar um cochilo. Você termina com ela sozinho? Eu não tenho energia, pois não tenho dormido o suficiente."

Jace revirou os olhos e balançou a cabeça. "Você é um imprestável."



"Talvez," Eric disse, "mas pelo menos não tenho uma margarida tatuada no topo do meu pé."

"Babaca." Jace o esmurrou no braço e recebeu um de retaliação.

Aggie apenas sorriu. Ver as paredes de Jace se desintegrarem era o maior presente que ele podia lhe dar.



Capítulo Trinta e Cinco

Jace removeu a tipoia e estirou o braço ferido acima da cabeça. Mal havia alguma dor agora, mas sua força diminuiu significativamente desde que ele usou a maldita coisa. Estava na hora de se tornar proativo em sua recuperação para que pudesse voltar aos shows. Dane-se o Jon. Esta era a banda de Jace agora. Estava farto de sentar no banco de trás, não correr atrás do que queria, de se preocupar com o que todos sentiam. Jace deixou o ônibus e foi procurar Sed atrás do caminhão de equipamentos. Ele normalmente podia ser encontrado ali levantando pesos, especialmente quando estava sexualmente frustrado. E já que não tinha visto sua noiva em quase um mês, ele estava aumentando como um Sr. competidor olímpico.

Ele subiu na traseira do caminhão. Embora estivesse frio lá fora, o ar no interior estava abafado, grosso e úmido. E cheirava como uma meia suja de ginásio. Sed estava em um banco pressionando duas vezes o peso de Jace, os músculos salientes repuxando contra sua pele.

Jace ficou de pé próximo a cabeça de Sed e olhou para seu rosto vermelho e suado. "Precisa de um observador?"

Sed ergueu uma sobrancelha, mas em vez de apontar que Jace seria um observador irritante, ele assentiu. "Claro."

Jace o observou fazer algumas repetições, esperando em Deus que ele nunca realmente precisasse de um observador. Com um braço inútil, não havia como Jace possivelmente pudesse segurar tanto peso, muito menos tirá-lo do peito de Sed.

"Você entrou aqui por uma razão?" Sed perguntou.

Jace deu de ombros.

"Escondendo-se de sua garota ou algo do tipo?"

"Nah, ela é um anjo."

"De Eric?"

"Não. Nós estamos numa boa." Pela primeira vez.



Sed grunhiu e ergueu a barra de metal para colocá-la no suporte do banco. O caminhão balançou ligeiramente com a mudança do peso. Sed se sentou e enxugou o rosto em uma toalha. "Tem algum problema?"

"Mais ou menos. Preciso aumentar a força em meu braço. Está sarado, mas…" Ele deu de ombros.

"Você não deveria usar aquela tipoia por mais duas semanas?" Sed agia mais como seu pai do que o verdadeiro que Jace teve. Ele sempre achou aquilo reconfortante e nunca quis desapontar o cara.

Jace baixou a cabeça, a decepção afundando em seu peito. "Sim."

Ele se virou para deixar o caminhão, mas Sed o pegou pela parte de trás da camisa. "Vamos dar uma olhada."

Ele hesitou e então puxou a camisa de seus braços e a deixou em volta do pescoço. A pele enrugada da cicatriz em seu antebraço parecia um pouco menos vermelha e dolorida a cada dia. Ele precisava de um espelho para ver atrás do ombro, mas tinha se curado e fechado bem. E não mais exigiam bandagens. No entanto, o problema não eram os ferimentos, era a perda de massa muscular por usar a tipoia por tanto tempo. Jace podia ver a diferença no tamanho de seus dois braços, e aparentemente, Sed também. Ele cutucou o bíceps direito de Jace.

"Você deve começar bem leve e aumentar para o material mais pesado. Vamos lhe conseguir um plano nivelado, mas não quero que se machuque apressando tudo. Nós temos o Jon até que você fique melhor."

Jace puxou a camisa de volta no lugar, envergonhado por seu braço fraco na companhia do rasgado-além-da-confiança de Sed. "É por isso que estou pronto para ficar mais forte. Agora." Jace ergueu a cabeça, forçando seu olhar a não vacilar. "Não quero que Jon tome mais o meu lugar."

Sed sorriu, o que sempre lhe fez parecer menos durão e lembrou a Jace que ele realmente era um cara legal e se importava genuinamente com as pessoas. "Acho que seria



chato ficar preso no ônibus por um mês e não chegar ao palco. Vamos levá-lo de volta para lá em breve."

"Eu nunca quis que Jon tomasse o meu lugar," Jace esclareceu.

Sed coçou a cabeça, perplexo. "Mas você não poderia tocar um mês atrás e teríamos que cancelar as datas da turnê."

O coração de Jace disparou. Ele sabia que suas próximas palavras deixariam seus sentimentos perfeitamente claros, e não tinha ideia de como Sed responderia. Esperava que ele lhe dissesse para se mandar. Permanentemente. "Você fez isso com Trey."

"Mas não tinha ninguém prontamente disponível para tomar o lugar de Trey como havia com você." Um olhar de compreensão cruzou o rosto de Sed. "Oh." ele corou. Jace não sabia que Sed era capaz de corar. "Se você se sentia assim, idiota, por que não disse algo mais cedo?"

Jace esfregou a argola em sua orelha. "Era egoísta da minha parte me sentir desse jeito."

"Então o que. Não vamos saber como você se sente sobre as coisas a menos que nos diga. Não quer dizer que isso vai mudar nossas decisões, mas pelo menos vamos entender onde você está nisso. Você é parte desta banda também, sabe disso?"

Sed não disse que ele se mandasse. Embora meio que o tenha castigado. Jace embebeu aquilo como uma esponja.

"Quero voltar ao palco assim que puder ficar mais forte," Jace disse, "mas não quero ser um saco, quero tocar corretamente. Sei que não estou pronto para um show completo ainda. Talvez eu possa tocar metade do próximo show ou algumas músicas pelo menos."

"O que você achar que pode lidar." Sed foi para uma prateleira de pesos de mão e ergueu um conjunto de cerca de sete quilos. Ele os entregou para Jace e selecionou pesos de dezoito quilos para si. "Vamos nos ocupar então."

Sed o colocou através do toque com repetição após repetição. O peso era extremamente leve para o braço esquerdo de Jace, mas ele se esforçou para erguer até mesmo os sete quilos com o seu direito. No entanto, ele nunca deixaria Sed saber aquilo. Trabalhou até que seus músculos se recusaram a contrair.



"Você acabou." Sed disse.

Sed deixou seus pesos na prateleira e tomou os de Jace. Que bom, pois ele provavelmente os teria soltado em seu pé. Sed apoiou os pesos e em seguida pôs as mãos no lado da cabeça de Jace. "Vá descansar um pouco, podemos trabalhar novamente amanhã."

"Que tal mais tarde hoje à noite?" Jace devia ter se recuperado o suficiente para se mover até lá.

"Você não deve exagerar, Jace."

Jace baixou o olhar. Ele preferia trabalhar com Sed, o cara era um construtor do corpo e sabia o que estava fazendo, mas Jace podia fazer aquilo sozinho se necessário.

Sed riu. "Você realmente está determinado a ficar mais forte, não é?"

Jace encontrou seus olhos. "Sim."

"Então é um encontro."

"Um encontro?" Uma voz feminina disse do final da cama do caminhão. "Desculpe, Jace, mas eu sou a única que ele vai encontrar pelas próximas quarenta e oito horas."

Sed ofegou, seus olhos se arregalaram com o choque quando localizaram sua convidada. "Jessica."

"Ei, querido," ela disse, com um belo sorriso no rosto. Subiu no caminhão e limpou as mãos em seu vestido branco de babados. A mulher era incrivelmente sexy. Não era de se admirar que Sed já estava correndo em direção a ela. "Você sentiu falta..."

Suas palavras foram cortadas pelo beijo entusiasmado de Sed. Ele a estava abraçando tão perto que Jace não ficaria surpreso se quebrasse as costelas dela. Após um longo momento, Sed se afastou e a olhou como se incapaz de acreditar que ela estava realmente lá. Tocou em seu rosto, em seu longo cabelo louro avermelhado, e então pôs ambas as mãos em seus ombros, inclinando suas costas ligeiramente de forma que sua barriga roçasse contra o torso nu e suado dele. "Como você chegou aqui?"

Ela riu e segurou as laterais de seu rosto. "Brian me mandou uma passagem de avião. Ele me disse que abandonasse a faculdade e trouxesse minha bunda para o Canadá antes que



você entrasse em combustão espontânea. Eu teria vindo mais cedo, mas precisei de um passaporte."

"Brian fez isso?"

"De nada," Brian disse do chão no final do caminhão. Ele tinha os braços cruzados sobre o peito e parecia satisfeito consigo mesmo. Jon estava ao seu lado sorrindo, mas quando percebeu Jace, ele fez uma careta e se esquivou para longe.

"É melhor vocês dois fazerem bom uso daquele quarto esta noite," Brian acrescentou, "porque Myrna estará aqui amanhã, e nós não vamos deixar o quarto por dois dias."

Jace não sabia se Sed e Jessica sequer o ouviram, pois estavam perdidos nos olhos um do outro. "Você está todo suado, querido," ela murmurou. "E caramba, está bem torneado. O que tem feito com você mesmo?" as mãos dela acariciaram os bíceps salientes com aprovação óbvia.

O abraço de Sed afrouxou. "Desculpe, eu não quis espalhar meu fedor por você inteira."

Jessica se inclinou ainda mais perto e lambeu o suor de sua clavícula. O corpo dele ficou tenso. "Eu quero tudo de você, Sed. Por toda parte de mim." A mão dela desapareceu entre seus corpos e Sed ofegou entrecortado quando ela encontrou seu objetivo. "Dentro de mim."

Sed rosnou e reivindicou a boca de Jessica novamente. Ele girou, apertou-a contra a parede de aço, e deslizou uma mão debaixo da barra de seu vestido. Agarrou-lhe a coxa e a ergueu para o quadril dele antes de se esfregar contra ela.

Jace duvidou que aqueles dois fossem fazer aquilo no quarto.

Ele sorriu. Sed era tão apaixonado por Jessica, era maravilhoso de ver. E ainda mais maravilhoso experimentar aquilo ele mesmo com Aggie. Sim, ele a amava. Perguntou-se o que ela estava fazendo. Pulou para fora do caminhão e aterrissou próximo a Brian, deixando Sed e Jessica se adaptarem a semiprivacidade.

"Ponha-o, Sed," Ele ouviu Jessica chorar contra os lábios de Sed enquanto eles se afastavam. "Não posso esperar…"

"Foi uma coisa muito legal que você fez," Jace disse para Brian.



Brian riu e eles voltaram para o ônibus. "Eu sabia que Sed era teimoso demais para dizer a ela o quanto ele precisava dela aqui. E Myrna é teimosa demais para vir aqui, não importa o quanto digo que preciso dela."

"Então como você a convenceu?"

"Eu fiz parecer que era ideia dela. Acho que finalmente compreendi como conseguir o que eu quero. Ela é psicóloga, então geralmente vê meus métodos de manipulação vindos a quilômetros de distância." Brian riu.

Jace sorriu, segurando o olhar dele. Aqueles intensos olhos castanhos eram tão parecidos com os de Kara que aquilo roubou sua respiração. E aparentemente, sua capacidade de raciocinar. "Eu provavelmente não devia lhe dizer isso."

Brian fez uma pausa. "Dizer-me o quê?"

"Namorei sua irmã." Ele não sabia por que queria revelar tudo aquilo tão de repente.

"Não é possível. Minha irmã morreu há dez anos."

Jace balançou a cabeça. "Sim. Nós éramos adolescentes. Terminamos bruscamente algumas semanas antes dela…"

Os olhos de Brian se estreitaram subitamente. "Você é o Jason?"

O coração de Jace falhou uma batida. "Huh?"

"Você é o idiota que tirou a virgindade dela e depois nunca mais ligou?"

Brian sabia? Como ele podia saber? Ele nunca disse a ninguém — com exceção de Aggie.

"Eu-eu acho que sim."

Brian deu um soco nele, que se abaixou instintivamente.

"Seu maldito idiota," Brian rosnou. "Ela chorou por semanas por sua causa."

"Ela chorou?"

O próximo balanço de Brian bateu em casa e Jace alegremente o tomou no queixo.

"Eu pensei que ela me odiava," Jace murmurou.

"Não, *ela* o amava. *Eu* odiava você."

"Sinto muito, Brian. Eu não tinha ideia, nunca quis magoá-la."



"Bem, você a magoou." Brian o considerou por um longo momento. Jace desejou que ele apenas lhe batesse novamente e superasse aquilo. Ao invés disso, ele relaxou sua posição e estalou as juntas. "Deus, isso foi bom. Você sabe há quanto tempo eu quis esmurrar a cara deste Jason?"

"Dez anos?" Jace adivinhou.

Brian riu. "Sim." Ele tocou o hematoma que se formou no queixo de Jace. "Você está bem?"

"Sim. Estou feliz que tenha me batido, me sinto melhor agora. Aquele segredo estava me comendo vivo."

"Nunca mais vamos falar disso novamente. Entendeu?"

Jace assentiu. "Entendi."

Eles começaram em direção ao ônibus. "Então você e Aggie vão amarrar o laço?" Brian perguntou inesperadamente.

Amarrar o laço. Como um *casamento*? Jace ficou tão atordoado pela ideia que parou a meio passo de entrar. Ele tropeçou, batendo contra o ombro de Brian. Casamento nunca tinha passado pela sua cabeça. Nem uma vez. Mas não era o que um casal fazia quando estava apaixonado?

"Não?" Brian apertou-lhe o ombro. "Acho que você ainda é muito jovem. Não há necessidade de apressar as coisas."

"Você acha que ela iria?" Jace estalou. "Casar. Comigo?" Por que sua voz soava como se ele tivesse entrado novamente na puberdade?

"Você terá que perguntar a ela."

A sobrancelha de Jace se ergueu. "Sim. Talvez eu pergunte."

* * * * *

Aggie sorriu quando Jace surgiu atrás dela e pôs os braços ao redor de sua cintura.



"Estou morrendo de fome," ele murmurou. "O que está cozinhando?"

"Espaguete. Nós temos uma convidada." Ela cobriu suas mãos enlaçadas com as dela. "Jessica está aqui," disse a ele. "Brian acabou de trazê-la do aeroporto."

"Sim, eu a vi."

"Aliás, onde esteve? Você se foi quando eu acordei." Quando ela abriu os olhos, Eric tinha se aninhado contra seu corpo nu. Não ficou confortável em ser deixada sozinha com ele e ficou um pouco desanimada por Jace tê-la abandonado e não ter feito Eric ir embora.

"Estava malhando com Sed."

"Seu corpo está pronto para isso?"

"Está pronto para transar com você umas duas vezes em um dia. Acho que posso lidar com o levantamento de sete quilos."

O que o deixou daquele jeito? "Qual é o problema, querido?" Ela estendeu a mão para trás e a passou por seu cabelo macio. Estava ficando longo, e as raízes castanhas se mostrando novamente. Estava feliz por ele não tê-lo espetado com gel hoje. Era como seda contra as pontas dos seus dedos.

"Como se sente sobre o casamento?" Ele perguntou.

O coração dela falhou uma batida. "Casamento?" Ela balbuciou ofegante.

Ele ficou ali em silêncio por um longo momento, e quando ela não disse nada, ele a soltou e recuou. "Foi o que eu pensei." Desapareceu no banheiro e fechou a porta antes que ela pudesse entender o que acabou de acontecer.

Jace queria *casar* com ela? Ela? Uma dominatrix barata de Vegas. Como esposa idolatrada? Certamente ele estava apenas perguntando o que ela pensava sobre casamento em geral.

O fogão silvou quando sua panela de espaguete transbordou. Ela agarrou as alças e derramou o excesso de água na pia antes de retornar a panela para o queimador.

Casamento?

De onde isso veio?



Em todo seu tempo juntos, casamento nunca passou por sua mente, e ela se sentia um tanto quanto culpada sobre isto. Há quanto tempo ele estava pensando nisso? Ela caminhou pelo corredor e ficou do lado de fora da porta do banheiro com as juntas levantadas para bater. O som do chuveiro sendo ligado a fez parar. Não queria deixá-lo estragar. Ela sabia como ele interiorizava as coisas que o machucavam, mas precisava de tempo para pensar sobre isso. Ela não tinha achado que se casaria algum dia, aquilo não tinha estado em sua lista de coisas a fazer na vida. Mas amava Jace. Adorava-o, e não queria perdê-lo. Mas se casar com ele? Não tinha certeza se isso era o melhor para qualquer um deles.

Eric encostou-se na parede ao lado dela. "O que ele fez agora?"

Aggie olhou para os olhos azuis cintilantes de Eric. "Quem?"

"Jace."

"Nada." Ela se afastou da porta e retornou para o fogão para mexer o molho de espaguete. Verificou as almôndegas no forno. Olhou por cima de seu ombro para a porta do banheiro. Mexeu o molho. Verificou as almôndegas. Olhou para a porta do banheiro.

Eric pulou para se sentar no balcão da cozinha entre o fogão e a pia. "Ele fez alguma coisa." Eric insistiu. "Eu nunca vi você chateada assim."

"Não estou chateada."

"Está sim."

"Não."

"Você pode me dizer," Eric disse. "Eu a ajudarei a endireitá-lo."

"Ele não precisa se endireitar."

Eric se agarrou à borda do balcão e balançou as pernas longas, batendo os calcanhares contra o armário de baixo repetidamente.

"Pare com essa inquietação," Aggie exigiu. "Você está me deixando louca."

"Alguém está irritada." Ele pulou do balcão e ficou de pé atrás dela massageando seus ombros. "Relaxe. Vai ficar tudo bem."

Enquanto as mãos fortes trabalhavam em seus músculos, Aggie ficou mais tensa ainda. Ela se torceu para longe e brandiu a colher de espaguete nele. "Basta ir para lá e se sentar."



"Jace e eu podemos resolver toda essa sua agressão, sexy. Vamos começar sem ele."

Quando a boca dele desceu para a lateral de seu pescoço, ela ficou tensa. Exatamente que tipo de reivindicação Eric pensou que tinha sobre ela? Ele pegou seus seios entre as mãos e a puxou contra seu corpo duro. Ela se afastou, virou-se e o empurrou com ambas as mãos.

"Eu não disse que você podia me tocar, Eric."

A testa dele franziu. "Eu preciso de permissão?"

"Não só minha. De Jace também."

Eric sorriu. "Tenho certeza que Jace não vai se importar."

Aggie baixou o olhar. Eric provavelmente estava certo. E por que era isso exatamente? Jace não devia ter pelo menos um pouco de ciúmes sobre Eric tocá-la? Beijá-la? Gozar nela? Ela sabia que se Jace tivesse que escolher entre ela e sua banda, a banda ganharia, fato. Não que ela o fizesse escolher — mas se ele tivesse que. Ele disse que a amava e na maioria das vezes agia como se amasse. Mas às vezes, ela não tinha certeza. Estava tão confusa que sentiu vontade de chorar. Seu lábio infeiror tremeu.

Endireitou os ombros, virou as costas para Eric e retornou ao fogão. Forçando os pensamentos turbulentos saírem de sua mente, ela escorreu o espaguete e o adicionou ao molho. As almôndegas foram em seguida. Desligou o queimador, pegou a jaqueta mais próxima foi para a saída do ônibus. "O jantar está pronto," ela murmurou para Trey e Brian enquanto passava pelo sofá. Eles a olharam passar, e então trocaram olhares questionadores.

"Eric, que merda você disse?" Trey perguntou enquanto Aggie descia os degraus.

"Nada, eu juro! Vamos comer."

Aggie deslizou na jaqueta jeans que tinha pegado emprestado e foi em direção ao bosque após o ônibus. Precisava de um momento longe dos rapazes para reunir seus pensamentos. Não estava fugindo. Não estava.

Ela entrou no bosque, as folhas de outono esmagando sob seus pés. Circulou por trás da árvore grossa mais próxima e se recostou contra ela, encarando o céu escuro. O que ia fazer? Nunca gostou de pensar sobre o futuro, pois este nunca fez o que ela esperava — o que planejava. Ela tinha que viver o agora, e não sabia se tinha um futuro com Jace. Estava com



medo de insistir demais naquilo no caso das coisas não darem certo com ele. Por que ele teve que trazer essa possibilidade à tona agora? Folhas rangeram ao seu lado. Ainda não estava pronta para conversar com ele.

Ele parou próximo a ela.

"Esta jaqueta é minha."

Não era Jace. Jon.

Ela se afastou da árvore e começou a remover a jaqueta, mas Jon pegou seu braço. "Está tudo bem. Eu não me importo se você pegá-la emprestada."

Ela sentiu como se estivesse vestindo a camiseta de jogo do time adversário, mas se a retirasse, sabia que teria que voltar para o ônibus imediatamente. A temperatura estava caindo rapidamente enquanto o sol afundava atrás do horizonte.

"O que está fazendo aqui fora sozinha?" Ele perguntou.

"Tendo um pouco de ar fresco."

Ele se recostou na árvore ao lado dela. "Sufocante lá às vezes, não é?"

Ela assentiu ligeiramente.

"Eu sei que você não gosta de mim."

Era tão óbvio assim?

"Não sou sempre um idiota detestável. Isso é apenas o que os caras esperam, não posso desapontá-los."

"Acho que eles cresceram desde que você esteve com eles originalmente."

Jon passou uma mão pelo cabelo preto e ondulado no comprimento do colarinho. "Acho que sim. E não tenho muito para oferecer. Sei disso."

Ele bufou um suspiro e olhou para as poucas folhas ainda agarradas aos galhos estéreis acima.

"Seu cara," ele disse. "Ele tem muito talento."

Aggie o olhou, se perguntando onde ele estava querendo chegar.

"A banda não vai me aceitar de volta, não é? Não na verdade."



Aggie não sentiu nenhuma necessidade de proteger os sentimentos do cara. "Provavelmente não."

"Não a menos que algo aconteça a Jace."

O coração de Aggie disparou. "Isso é algum tipo de ameaça?"

Ele revirou os olhos cinza esfumaçados e balançou a cabeça. "Se fosse uma ameaça, eu teria lhe contado?"

Suas palavras não a fizeram se sentir melhor. Ela precisava dizer a Jace o que Jon acabou de falar. Adverti-lo que ele precisava vigiar suas costas.

"Eu vou entrar," ela disse. "Está frio aqui fora." Ela contornou a árvore e quase se chocou com Jace.

"O que está fazendo aqui fora com Jon?" Jace perguntou da escuridão próxima.

Ela não sabia por que sentiu como se tivesse sido pega enganando. Provavelmente porque sabia o quanto Jace repugnava Jon.

"Nada importante."

"Por que está se esgueirando na escuridão? Diga-me."

Espere. Jace estava com ciúmes? De Jon? Aggie riu.

"Por que está rindo?"

"Você não confia em mim, Jace?"

Ele hesitou. "Sim, eu confio você. Mas por que estava do lado de fora sozinha com Jon? E esta não é a jaqueta dele?"

"Eu não sabia que era dele quando a peguei. Vamos conversar lá dentro. Estou com frio."

"Os caras estão lá dentro."

Aggie sorriu para seu anjo doce, previsível e rude. "Você tem medo que eu o envergonhe?"

"Bem, você não vai?"

"Sim, provavelmente." Ela laçou seu braço no dele. Eles tinham muito sobre o que conversar, se ela estava pronta para encarar o futuro ou não. Isso foi o que a deixou tão



assustada. Mencionar casamento sugeria que Jace estava pensando sobre o futuro de uma forma grandiosa. "Suponho que Sed e Jessica estão ocupando o quarto."

"Obviamente."

"Onde devíamos ir para podermos conversar e eu não envergonhá-lo na frente dos rapazes?"

"Não temos que conversar."

"Sim, nós temos. Você falou em casamento."

"Foi uma pergunta, Aggie. Simplesmente perguntei o que você achava do casamento. Eu não quis dizer..."

Ela achou seus lábios no luar e os cobriu com as pontas dos dedos. "Ainda precisamos conversar. Isso me deixa nervosa também."

"Deixa?" Ele murmurou contra seus dedos.

"Você está preso ao seu passado e eu tenho medo do meu futuro."

"Medo?"

"Apavorada."

De repente ela se encontrou nos braços dele, os lábios contra sua testa. "Não tenha medo, bebê. Eu tenho você."

Mas ele teria sempre? Ela se aconchegou mais perto. Realmente se encontrou esperando — por um futuro. Com aquele cara. Seu coração bateu mais rápido quando sua mente correu através das possibilidades, a boa e a ruim.

"Talvez devêssemos nos concentrar no agora," ela sugeriu. "Esquecer o passado. Não se preocupar com o futuro. Apenas ser."

"Se é isso que você quer."

"Eu não tenho certeza do que quero, mas acho que é tudo com o qual posso lidar."

"Ok."

"Mas ainda precisamos conversar."

"Amanhã?"



"Amanhã," ela concordou. "Vamos comer, e depois você pode me levar para seu beliche e ficar comigo."

"Os caras vão nos ouvir."

Aggie riu. "Como se eles não nos ouvissem quando estamos no quarto."

"Só não me chame da nada embaraçoso como Docinho, Ursinho Doce."

"Eu nunca o chamaria disso. E se eu o chamasse de Mestre do Pau Enorme Encantador de Boceta? Estaria tudo bem?"

Ele riu, e seu coração se aqueceu com o som. "Acho que eu podia conviver com isso."

Entraram no ônibus e Aggie tirou a jaqueta de Jon, jogando-a no sofá a caminho da cozinha. O resto da banda estava espremido junto às pequenas cadeiras que cercavam a mesa de jantar comendo o espaguete. Jessica estava sentada no joelho de Sed, e a mão dele descansava na base de suas costas. Ele poderia muito bem ter rosnado minha, minha, minha debaixo de sua respiração. Aggie sorriu, feliz de ver Jessica, mas, mais feliz ainda por vê-la radiante. Ela sempre foi uma beleza, mas com Sed ao lado dela, estava radiante. Sed a alimentava de seu prato enquanto ela conversava animadamente com Trey.

"Eu realmente não posso falar sobre isso, mas o Reitor Taylor ainda está negando todas as quatorze acusações de assédio sexual. Se ele fosse inteligente, teria pleiteado uma barganha. Nós temos um caso incrível contra ele." Ela aceitou metade de uma almôndega na boca, mastigando devagar.

"Você acha que vai conseguir passar por aquela aula que teve que retomar depois?" Trey perguntou.

Jessica engoliu em seco e assentiu. "Ellington e eu tivemos uma longa conversa. Ela transferiu seu ódio para a festa apropriada. Nós nos damos bem agora." Ela virou e esfregou o nariz contra o de Sed. Ele sorriu, mostrando um par de covinhas que Aggie nunca notou que existiam. Ele enfiou a outra metade da almôndega em sua boca.

"Coma mais rápido," ele sussurrou e olhou ansiosamente para a porta do quarto.

Ela mastigou e engoliu.



"Estou feliz que tudo esteja dando certo," Brian disse, parecendo doente enquanto observava Jessica roubar os lábios de Sed para um beijo tenro. "Mal posso esperar até amanhã," ele murmurou baixinho.

Jace entregou a Aggie um prato cheio de espaguete e almôndegas. Ela sorriu com gratidão. "Obrigada."

Jessica olhou o som da voz de Aggie. "Você está aí," disse, com um sorriso brilhante. "Eu me perguntei onde você tinha desaparecido. Trey disse que Eric irritou você."

"Para falar a verdade não." Aggie deu de ombros. Mas ela precisava conversar com ele também. Sobre a relação inexistente deles.

Ela olhou para Eric, que estava sentado entre o grande corpo de Sed e a parede. Ele se concentrava na comida e não notou que seu nome havia sido mencionado. Suas sobrancelhas escuras estavam juntas, os lábios finos em uma linha dura enquanto ele mastigava. Aggie nunca o tinha visto chateado. Ele dava de ombros para tudo, como se a vida fosse alguma grande piada. Ela esperou que não tivesse ferido seus sentimentos, porque se tivesse, significava que ele tinha sentimentos por ela, e não queria lidar com aquilo. E ela certamente não queria se tornar uma fenda entre Eric e Jace.

Como não havia lugar à mesa, Aggie se recostou no balcão, equilibrou seu prato no peito com uma mão, e usou a outra para comer. Com um braço preso em uma tipoia, Jace estava de pé ao lado dela e olhava para seu prato como se esperasse que a comida pulasse em sua boca.

"Estou cheia," Jessica declarou.

"Finalmente." Sed levantou da mesa, arremessou uma sorridente Jessica para cima de um ombro e correu para o quarto.

Brian moveu-se para o lado oposto da mesa para que Aggie e Jace pudessem se sentar próximos um do outro e Jace realmente pudesse comer. Eles estavam a meio caminho de sua comida antes de Aggie notar que Eric não estava realmente comendo. Ele repetidamente espetava uma de suas almôndegas com o garfo.

"O que está errado, Eric?" Aggie perguntou.



"Ele está menstruado," Trey disse.

"Foda-se," Eric murmurou.

"Você ainda está amuado, Eric?" Brian perguntou. "Trey não quis ferir seus sentimentos, mano."

"Eu estava apenas brincando com você, cara," Trey disse. "Alguma garota de sorte vai acabar se apaixonando por você. Casar com você. Dá a luz aos seus filhos feios. Você vai viver feliz para sempre e toda essa merda."

"Você provavelmente vai encontrar alguém sério antes de mim," Eric resmungou.

"O garoto de festa?" Brian apontou um polegar em direção a Trey e riu. "Eu não acho. Quem seria louco o suficiente para ficar a sério com ele? Ele é tão monogâmico quanto um salmão."

"Um *salmão*?" Trey desatou a rir. Aggie riu com ele e balançou a cabeça.

"Quer dizer, até Jace está se casando," Eric reclamou.

Jace enrijeceu. O riso de Aggie morreu. Eles trocaram olhares nervosos.

"Estou?" Jace disse com voz estranhamente estridente.

"Desde quando?" Aggie exigiu.

"Eu o ouvi perguntar a você, Aggie," Eric disse, parecendo aborrecido por sua estupidez óbvia.

"Ele não estava me pedindo para casar com ele." Pelo menos foi o que ele tentou lhe dizer lá fora. Seus olhos se arregalaram com a compreensão. Talvez ele tenha pedido. Jace não era bom em se expressar verbalmente, ela estava bem ciente daquele fato. A cabeça de Aggie virou para que pudesse olhar para Jace. O rosto dele estava da cor de mirtilo enquanto ele examinava o prato com interesse incomum. "Você estava, não estava?"

"O quê?" Ele olhou para a parede. "Não. Eu já lhe disse. Eu só queria saber …" Ele se contorceu contra ela, tentando empurrá-la do assento. "Deixe-me sair. Eu preciso ir ao banheiro."

Trey riu. "Ele estava. Oh, meu Deus, Jace, como você administrou essa merda de forma tão espetacular? Ela nem mesmo soube que você estava perguntando a ela."



"Cale a boca, Trey. Eu não estava." Ele surpreendeu Aggie erguendo-lhe a mão para seus lábios. Beijou suas juntas suavemente. "Se eu estivesse perguntando, ela saberia disso."

Ela sorriu e seu coração derreteu. Inclinou-se para beijá-lo, mas hesitou quando percebeu que o envergonharia na frente dos rapazes. Ele fechou a distância e seus lábios acariciaram os dela com uma ternura incomparável. Seus dedões do pé se curvaram em êxtase.

"Ha!" Brian disse. "Você me deve vinte dólares, Mills."

"Droga." Trey retirou sua carteira e entregou os vinte dólares.

Brian os beijou e deslizou em seu bolso.

Aggie se afastou de Jace e virou com a cara feia para os dois guitarristas. "O que exatamente vocês dois apostaram?"

Brian piscou. "Que Jace nunca ficaria sentimental com você na nossa frente."

Estremecendo, Trey baixou o olhar para evitar o de Jace. "Desculpe, Jace."

Jace riu. "Por que vocês apostariam isso?"

"Ele achou que era uma vitória certa," Brian disse. "Mas Trey nunca esteve apaixonado, então ele não sabe como isso muda um homem."

"Eu *estive* apaixonado."

Brian ergueu as sobrancelhas. "Por quem?"

Trey corou e baixou os olhos. "Ninguém que você conheça."

"Foi o que eu pensei," Brian disse.

Brian era realmente tão burro? Era óbvio que Trey estava apaixonado. O único que não reconhecia era Brian. Aggie observou Trey esconder seus sentimentos atrás de um sorriso travesso.

"Você acha que Myrna vai estar no clima para outro dos nossos famosos ménages?" Trey piscou para Brian.

As sobrancelhas de Aggie se ergueram rapidamente pela surpresa. Das observações improvisadas, ela sempre assumiu que Myrna era regrada e pudica. Aparentemente não.



"Não tenha esperanças, Mills. Eu não conto em compartilhá-la com ninguém neste fim de semana," Brian disse. "Além disso, ela está fora do controle de natalidade agora. Eu não quero vocês nus a cem metros dela."

"Uh, como vamos tomar banho?" Trey perguntou.

Brian revirou os olhos com aborrecimento. "Você pode tomar banho, idiota. Só se certifique de usar proteção."

Os lábios de Jace roçaram a parte de trás da orelha de Aggie. Seu sorriso divertido desapareceu, e ela estremeceu quando arrepios percorreram ao longo de seu pescoço e ombro.

"Vamos para a cama," ele sussurrou.

Oh, inferno sim.

Aggie tomou-lhe a mão e o arrastou da cabine atrás dela.

"Crianças mantenha isso ali embaixo," Trey disse. "Não acho que Brian pode lidar com os sons de dois casais transando quando ele não tem ninguém."

"Abstinência não é muito minha coisa," Brian murmurou.

"Eu disse que te ajudaria com isso."

Brian balançou a cabeça. "Eu posso me ajudar muito bem, muito obrigado."

Aggie jogou os sapatos no corredor próximo à área de dormir. "Qual beliche é o seu?" perguntou a Jace.

"Depende de quem está no quarto. Já que este é de Sed, seria a cama de baixo ao lado do banheiro."

Ela hesitou. "Você não tem sua própria cama?"

Ele negou. "Há somente quatro, e nós revezamos no quarto, então eu durmo onde quer que exista uma cama vazia."

Ela não sabia porque aquilo a deixou triste, mas deixou. E aquela familiar necessidade de abraçá-lo a agarrou.

Antes que pudesse envergonhá-lo, prendendo-o em um estrangulamento afetuoso, ele sorriu. "Desde que você está aqui, eu tenho conseguido muito mais do meu quinhão da cama confortável."



"Eu vou dizer," Trey disse. "Vocês caras com as namoradas firmes sempre monopolizam o quarto."

À menção do quarto, a atenção de Aggie se focou nos sons que se filtravam através da porta. Sed e Jessica não eram tímidos sobre alguém ouvi-los, isso era óbvio. Jessica era particularmente alta e entusiasmada, mas foram os grunhidos baixos de aprovação de Sed que deixaram o calor inundar a região lombar de Aggie.

Eric empurrou Brian para fora da cabine. Ele jogou o prato na pia antes de disparar para fora do ônibus.

"O que o está comendo?" Brian perguntou.

"Ele gosta de Aggie. E o que há para não gostar." Trey piscou para ela.

"Sim, e ele gostava de Myrna também," Brian disse, "mas ele nunca ficou desse jeito."

"Eu vou falar com ele," Jace disse.

Jace ia conversar com ele? Mas e quanto…? Ela olhou ansiosamente para a cama de baixo.

"Só vou levar alguns minutos," ele murmurou em sua orelha. "Você vai esperar?"

"Eu não sei," ela sussurrou. "Estou muito excitada agora e poderia começar sem você."

Ela estava brincando, mas o pequeno grunhido de tormento dele fez seu sistema ir. "Eu vou me apressar."

Ele a beijou e saiu do ônibus atrás de Eric.

Aggie subiu no beliche e arrastou a cortina, fechando-a. Lutou para tirar suas calças e as jogou no chão. A blusa foi a próxima.

Ela ouviu Brian praguejar baixinho. Pobre sujeito. Mas não conseguir resistir em tornar as coisas piores para ele. Deslizou sua calcinha, e depois de balançá-la do lado de fora da cortina, soltou-a em sua pilha crescente de roupas descartadas.

"Ah, Deus, não aguento mais isso," Brian gemeu.

Quando ela soltou o sutiã no chão, alguém se chocou com o banheiro e fechou a porta.

"Brian, você devia guardar isso para Myrna," Trey repreendeu severamente do corredor. "Ou para mim," ele acrescentou baixo demais para Brian ouvir, mas Aggie ouviu.



* * * * *

Jace estava do lado de fora do ônibus, permitindo que seus olhos se ajustassem à escuridão. Aquele parque à margem da estrada realmente estava no meio do nada. Se tivesse um pouco mais quente, ele teria pedido a Aggie para dormirem sob as estrelas. As brilhantes manchas brancas eram um contraste totalmente contra o céu escuro, e um pedaço da lua dava formas sombrias para as árvores ao redor.

O cascalho rangeu ao lado dele.

"Eric?"

"Não é bem assim," Jon murmurou e o empurrou para entrar no ônibus.

Jace notou um cheiro estranho ao redor de Jon, mas não conseguiu identificá-lo. Não era maconha — era algo mais químico. Talvez ele tivesse limpando um banheiro.

Ele captou um movimento pelo canto do olho. Eric estava recostado na lateral do ônibus bebendo de seu frasco. O fino recipiente de prata brilhava na luz do luar limitado.

Jace se recostou ao lado dele. O frio do metal em suas costas se infiltrou pela camiseta. Ele estremeceu. Tinha esquecido a jaqueta de couro. "Você está bem, cara?"

"Por que não estaria?" Eric tomou um longo gole e engasgou quando afastou o frasco.

"Não pensei que você tinha se apegado a Aggie. Simplesmente pensei…" O que ele pensou? "Que ela teria mais prazer se você participasse. Quis que ela realmente gostasse de um ótimo sexo e não deveria significar mais nada."

"Não estou apaixonado por ela, se é o que está pensando."

Então qual era o problema dele? Jace puxou o brinco em sua orelha direita.

"É…" Eric tomou outro longo gole. "Eu quero o que você tem. O que Sed tem. O que Brian tem. Ninguém nunca me amou, não de verdade."

Jace o amava — de um jeito platônico. Ele só não tinha bebido o suficiente para dizer aquilo.



"Minha mãe me abandonou quando eu tinha quatro anos. Ela me deu à luz, e nem mesmo ela me amou." Eric ridicularizou. "Você pensaria que pelo menos o amor dela seria garantido."

Jace considerou contar-lhe sobre sua mãe — como ela também não amou seu filho — mas ele não conseguiu encontrar as palavras. "Os caras se importam com você." Eles eram uma família. A única que Jace já teve. Eric também não os via daquele jeito?

"Não é a mesma coisa. Eu realmente não importo — para ninguém." Eric respirou fundo. "Agradeço que tenha vindo aqui para me animar e essa merda, mas vou superar isso. Tequila conserta tudo." Ele tentou um gole, inclinando a cabeça para trás, e em seguida ajeitou o frasco no chão. "Imagino que vou fugir do suco do entorpecimento tão longe da civilização."

"Quer uma cerveja?"

"Não. Preciso de alguns minutos para colocar minha cabeça no lugar. Volte para Aggie." Tentou outro gole do frasco vazio, suspirou, e então o colocou no bolso interno do casaco de couro. "Vá em frente. Você está me entediando."

Jace hesitou, querendo fazê-lo se sentir melhor. Ele sabia que era estúpido por se sentir daquele jeito, mas não gostava de Eric está tão chateado. "Há algo que você devia saber sobre mim."

"Eu já sei que você é pequeno." Eric riu sem entusiasmo.

Jace respirou fundo. Tudo era uma piada com aquele cara. Ele empurrou adiante com o que tinha a dizer, embora soubesse que Eric o usaria para tirar sarro dele no futuro. "Você é a razão pela qual eu sou o que sou hoje. Você, Eric. Você mudou a minha vida. Então se acha que não importa para ninguém, está errado. Você é importante para mim."

Jace se empurrou da lateral do ônibus e voltou para a entrada. Ele soprou em suas mãos e cerrou os punhos para calor. As pontas de suas orelhas formigavam e seu traseiro estava entorpecido pelo frio. Havia uma mulher quente e disposta esperando por ele lá dentro e se perguntou por que ele ficou no frio tanto tempo.

"Espere. Jace?" Eric chamou. "O que quer dizer com: eu mudei a sua vida?"



Jace já tinha falado demais. Ele ergueu a mão para se despedir e subiu os degraus para entrar no ônibus. Estava ansioso para rastejar na cama com Aggie. Ou estava, até que viu Jon sentado no chão do lado de fora de seu beliche com as costas contra a parede. Estava conversando baixinho pela cortina e brincando com a calcinha descartada com um dedo.

Jace não precisava daquela merda nesse momento, não queria mais brigar com Jon. Queria que ele fosse embora — para as coisas voltarem a ser como eram antes dele ser baleado — antes dele conhecer Aggie. Tudo tinha sido um inferno de muito mais fácil de lidar na época. Ele simplesmente tinha que voltar para dentro de si mesmo, e todo mundo o deixava em paz. De volta quando ele tocava com a banda, mas não era um deles. Sim, mais fácil.

Mas solitário.

Ele suspirou. Não queria voltar para aquele lugar. As coisas não eram mais fáceis agora, mas eram melhores.

Jon o notou de pé no topo dos degraus. Ele disse algo para Aggie, ficou de pé, e roçou em Jace a caminho de fora. Jace se perguntou que tipo de mentira Aggie diria para se explicar. A traidora.

Ela empurrou a cortina de volta e espiou pelo corredor. Quando o avistou, sorriu e acenou para ele entrar com uma onda. Como se tudo estivesse bem. Nada estava bem. Ela sabia o quanto Jace odiava aquele sujeito.

A caminho do corredor, Jace passou por Trey assistindo seus Maiores Momentos do Beisebol em DVD. Ele podia ouvir o estrondo baixo da voz de Brian de sua cama, enquanto ele falava baixinho em seu celular. Sed e Jessica caíram em silêncio no quarto, o que significava que todos iam ouvir quando ele confrontasse Aggie sobre Jon.

“O que está fazendo?” Ele perguntou.

“Esperando por você.”

“Com Jon?”

Ela cobriu seus lábios com um dedo. “Entre aqui,” sussurrou e em seguida, empurrou a cortina de volta, dando-lhe um vislumbre de seu corpo curvilíneo e nu. Seus pensamentos cresceram espessos com o desejo, mas não tão espesso que ela ficaria livre facilmente.



"Eu quero uma resposta direta, Aggie."

"E você vai conseguir uma. Entre aqui comigo."

Ele se sentou na beira da cama, afundado para frente para que não batesse a cabeça. "Por que estava conversando com ele?"

"Tire suas botas."

"Aggie," ele disse impaciente.

Ela se sentou e se inclinou perto de sua orelha. "Apenas entre aqui, e eu vou explicar."

Ele tirou as botas e subiu na cama. Era um ajuste apertado para duas pessoas, então depois de se apressar e se reorganizar, acabou de costas, com Aggie ao seu lado, de costas para a parede, a respiração quente contra seu ouvido.

"Eu realmente não queria conversar com ele, Jace," ela sussurrou. "Sabia que você não gostaria disso, mas estava presa aqui nua. Ele quer lhe perguntar algo, mas está com muito medo, então quer que eu pergunte a você."

"Ele está com medo? Do quê?"

"Provavelmente que você vá socá-lo no rosto novamente."

"Cara esperto. Então o que é?"

"Eric disse a ele que você estava tocando piano no novo álbum."

"Algumas músicas. E daí?"

"Então se você estiver tocando piano, quem vai tocar o baixo?"

"Eu vou gravar as duas faixas separadamente, e depois eles vão misturá-las."

"Mas quem vai tocar ao vivo?"

As sobrancelhas de Jace franziram. Ele não tinha pensado nisso. "Eu não sei. O álbum não está nem pronto ainda. Por que ele está perguntando isso agora?"

"Ele não quer perder a banda. Não completamente."

"Então eu deveria estender uma mão de boas vindas?"

"Isso é com você. Ele disse que não quer ir para o resto dos caras. Ele quer que você tome a decisão."

"Isso é estranho," Jace disse. "Por que devia ser a minha decisão?"



"Você é o baixista. Ele disse que depois que ouviu você tocar ao vivo, ele soube que estava se pegando em palhas. Estava esperando que você pudesse dar a ele uma última palha para se agarrar."

"Eu vou levar isso para os caras," Jace prometeu.

Aggie se aconchegou contra ele. "Eu amo você."

Jace não sabia por que jogar um osso para Jon a deixou toda sentimental, mas aceitou aquilo. Ele tocou em seu peito macio com as pontas dos dedos.

Ela gritou. "Suas mãos estão congelando!"

"Então as aqueça."

"Eu vou aquecê-lo," ela disse em um tom ameaçador.

Ele riu. "Esta é a ideia."

Aparentemente, sua ideia do melhor caminho de gerar calor e a ideia dela não eram as mesmas. Ela lhe fez cócegas até que ele riu e se contorceu para fora da cama. Aterrissou no chão com um baque e, ainda rindo, rolou para se levantar. Inesperadamente, ele se encontrou sendo erguido no ar quando alguém o ergueu do chão e o jogou de volta à cama.

"Você perdeu algo, Aggie," Eric disse com um sorriso.

"Obrigada, Eric. Eu não queria que ele fosse embora."

"Mantenha-o em rédea curta."

O sorriso diabólico de Aggie imediatamente deixou Jace quente e suas calças apertadas. "É uma ideia," ela murmurou.

Ele estava feliz por ela já está nua, pois foi mais fácil encher suas mãos e boca com aquela pele quente e convidativa.

"Acho que não há espaço aí para mim," Eric disse e arrastou a cortina, fechando-a.

"Eric vai ficar bem?" Aggie sussurrou.

Jace soltou seu mamilo e deslizou em cima de seu corpo para olhá-la nos olhos. A luz no beliche fechado era limitada, e ele não conseguia avaliar sua expressão. "Ele vai ter que ficar. Chame-me de egoísta, mas eu não vou mais compartilhar você. E terei que ser suficiente para alimentar seu apetite sexual insaciável."



Aggie sorriu, enfiou os dedos em seu cabelo e o beijou avidamente. Quando ele tentou se afastar para lhe perguntar sobre seu entusiasmo lascivo, ela o segurou rápido, sugando seus lábios, cravando os dedos em seu couro cabeludo, movendo seu montículo febrilmente contra o pênis duro como pedra. Todo o pensamento racional lhe escapou e ele mergulhou no prazer das curvas de Aggie. Bem, o melhor que pôde com a maldita tipoia prendendo o braço contra seu corpo.

As mãos dela desceram pelas costas dele para arrastar sua camisa impacientemente. Quando achou seu progresso impedido pela tipoia, suas mãos deslizaram entre seus corpos e desabotoou suas calças. Ambas as mãos se enfiaram em sua braguilha aberta e puxaram seu pênis duro. Ela o acariciou de cima a baixo vigorosamente entre suas palmas, as pontas dos dedos dançando contra sua carne. Jesus, ele gostava daquilo rude assim. Sua respiração ficou presa em sua garganta.

"Deus, bebê, não me faça esperar. Me tome," ela implorou, contorcendo-se debaixo dele.

Por que ela estava tão ansiosa? Ele não entendeu aquilo. Entendia quando ela ficava daquele jeito depois que ele passava horas provocando seu corpo, mas mal teve tempo de tocá-la! Inferno, ele estava completamente vestido. Sua excitação seria porque os caras estavam do lado de fora da cortina e capazes de ouvi-la? Ou porque Brian estava conversando sujo com Myrna, masturbando-se e gemendo baixinho no beliche do outro lado? Ou porque Sed e Jessica tinham começado a segunda rodada do seu concurso "quem pode vocalizar mais alto?"

"Aggie? O que está acontecendo…"

Ele perdeu a linha de pensamento quando ela deslizou o pênis em seu núcleo quente e liso, e arqueou as costas para tomá-lo fundo. Ele sugou uma respiração entre dentes. Ela empurrou os quadris contra ele, persuadindo-o em um ritmo profundo, duro. A cama tinha um pequeno espaço para manobra, mas isso acabou por ser uma bênção disfarçada. Ele plantou os pés contra uma parede, e ela ergueu os braços sobre a cabeça para manter-se estável contra a outra enquanto ele bombeava nela com estocadas cada vez mais fortes. Ele rosnou quando o instinto assumiu o comando. Tudo no que conseguia pensar era em reivindicá-la, fazendo-a



senti-lo. Tomando-a e tudo que ela lhe dava, o que era muito mais do que isso. Mas, Deus, era o que ele queria — estar dentro dela — ser parte de seu corpo. Não podia ficar melhor do que aquilo. Ela ergueu as pernas e plantou os pés na cama de cima, rebolando a pélvis para aumentar a fricção na cabeça do seu pênis. Uau. Deus, ele estava tão errado. Podia melhorar. Empurrou nela com mais força, mais rápido. Suas bolas estavam pesadas e cheias a estourarem, mas ele não queria que aquilo acabasse. Queria fodê-la daquele jeito para sempre.

Ela girou os quadris, roçando o inchado clitóris contra ele, as mãos de alguma maneira encontrando caminho em torno de seu corpo para seu bumbum e o encorajando a bombear dentro dela com mais força. Ela gozou com um grito incrível, seu corpo inteiro ficou rígido enquanto sua vagina se apertava ao redor dele em fortes espasmos. *Sim, bebê, goze para mim. Goze*. Ele quase a seguiu, mas isso significaria que ia acabar, e não estava pronto para parar.

"Jace," ela o chamou desesperadamente. "Jace. Oh Deus, eu amo você. Eu amo você."

E ele não se importou que todos no ônibus pudessem ouvir. Queria que ouvissem. Queria que eles soubessem que de alguma maneira ele ganhou o carinho daquela mulher sensacional, embora soubesse que nunca havia feito nada para merecê-lo.

As mãos dela foram de seu bumbum até seu rosto, e ela o beijou apaixonadamente, ainda esfregando os quadris enquanto ele impulsionava nela.

"Sinto muito," ela sussurrou. "Eu me empolguei. Os rapazes provavelmente ouviram isso."

"Eu não me importo," ele lhe assegurou.

Ela parou. "Você não se importa?"

Ele balançou a cabeça e mordiscou seu queixo enquanto continuava a empurrar em seu corpo. "Você sabe o que eu me importo, no entanto?"

"O quê?"

"Que você parou de fazer aquela coisa com os quadris. Era muito bom."

Ela girou, apertando seu membro, soltando, apertando, enquanto seus músculos vaginais se contraíam com o movimento. "Assim?"

Ele prendeu a respiração. "Ah, Deus, Aggie."



"Que tal assim?" Ela balançou a pélvis de cima a baixo, o que mudou a fricção na cabeça de seu pênis de um ponto de prazer a outro.

"Sim, é bom demais."

Ela trabalhou seus quadris contra ele, e o prazer era tão intenso, que ele sabia que não iria durar muito mais tempo, mas estava pronto agora. Ele queria se deixar levar e enchê-la com sua semente. Encontrar a liberação que somente ela podia lhe oferecer. Não apenas a liberação física, mas a emocional que ele nunca encontraria com mais ninguém além dela. Com Aggie. Sua Aggie. Doce e Rude Aggie.

"Vou gozar de novo," ela ofegou. "Oh, Jace. Jace. Jace!"

Quando seu corpo ficou rígido desta vez, ele empurrou fundo e se deixou levar. Os músculos na base de seu pênis de contraíram com pulsações rítmicas de prazer, banhando-lhe as entranhas com seus fluidos. Seu braço bom cedeu e ele desmoronou em cima dela. Ela pôs ambos os braços e pernas ao seu redor e o segurou firmemente enquanto ele tremia em sequência.

"Eu amo você, Aggie," ele sussurrou.

"O que foi? Não ouvi você."

"Amo você."

"Novamente. Mais alto."

"Eu amo você!"

"Vocês ouviram isso, rapazes? Ele me ama," ela gritou.

"Oh, nós ouvimos isso, e muito mais," Trey disse de algum lugar próximo a mesa do jantar.

"Minhas bolas doem demais," Eric gemeu. "Vocês percebem que não existe uma boceta disponível em quilômetros."

"Eu percebo," Jace murmurou. Ele tirou o cabelo de Aggie de suas bochechas e deslizou seu pênis flácido para dentro e para fora dela algumas vezes. "Porque esta é minha."

"Foda, sim, é," ela murmurou e o beijou.



"Todos podem calar a boca?" Brian falou miseravelmente de seu beliche. "Não posso fazer isso com toda essa falação."



Capítulo Trinta e Seis

Jace moveu a barra de seus suportes e lutou até mesmo para mantê-la. O braço fraco tremeu instantaneamente. Sed estava de pé acima de sua cabeça como seu apoiador.

"Eu me pergunto quando Brian vai voltar para o ônibus com Myrna," Sed disse. "Espero que não tenha acontecido nada, pois eles já deviam está aqui. Vamos nos atrasar para nosso show se não pegarmos logo a estrada."

"Eles estão provavelmente transando em algum lugar. Você sabe como aqueles dois são. Mesmo casados, eles não podem tirar as mãos um do outro." Jace baixou a barra no peito e empurrou para cima. Manter a barra era quase malditamente impossível, mas sempre que a balançava, Sed pressionava na parte alta como um lembrete gentil para trabalhar mais forte na extremidade baixa.

Jace tentou colocá-la de volta em seu suporte, mas Sed a empurrou para frente. "Mais três."

Jace já estava molhado de suor. O espaço fechado na parte de trás do caminhão de equipamentos deixava o ar quente e pesado e, mesmo com as portas traseiras escancaradas, a circulação era mínima. Dentro de minutos, todo o corpo de Jace estava encharcado. Seu braço estava tão cansado, que ele duvidava que conseguisse erguer um clipe de papel, mas baixou a barra, confiando que Sed não o deixaria esmagar seu peito se ele entrasse em problemas. Rangeu os dentes e empurrou para cima.

"Mais dois."

Novamente.

"Mais um."

O braço fraco tremeu incontrolavelmente e ele sentiu o peso escorregar. A mão de Sed pairou próxima a barra, mas ele não a pegou.

"Concentre-se, Jace. Você pode fazer isso."



Jace não conseguia explicar o sentimento que Sed lhe dava. Que sempre lhe deu. Era como se ele quisesse que Sed ficasse orgulhoso — uma ambição meio estranha. Aquilo lhe deu coragem para erguer a barra uma última vez enquanto arrastava uma força que ele não sabia que possuía. Sed agarrou a barra de uma vez e a colocou sobre o suporte. "É isso."

Jace se forçou a se sentar.

"Como se sente?"

"Exausto, mas ótimo. Já estou ficando mais forte, obrigado por sua ajuda."

"Sem problemas." Sed acrescentou pesos para a barra. "Apoia-me?"

Jace tentou não sorrir tão amplamente ao ser convidado, mas não conseguiu evitar. Ninguém mais malhava com Sed. Só ele. "Sim, claro."

"Jessica não pode tirar as mãos de mim. Eu acho que são os músculos extras, e devo me certificar de mantê-los."

Jace imaginou que era o amor eterno dela, não o tamanho da impressionante massa de Sed, que mantinha as mãos dela nele, mas não quis parecer um estraga-prazeres, então manteve aquelas palavras presas para si.

Eric se arrastou para a traseira do caminhão. "O que vocês estão fazendo aqui?"

"O que lhe parece?" Sed perguntou.

Os olhos azuis e vívidos de Eric foram de Jace para Sed e de volta para Jace. "Hum, tendo um concurso de 'quem está mais suado?' Acho que Jace está ganhando."

"Ele está trabalhando para conseguir a força de volta em seu ombro e braço," Sed explicou.

Jace se preparou para o discurso que ele tinha certeza ia irromper da boca de Eric.

"Ótimo. Então podemos mandar Jon para casa."

Jace estava sorrindo como um idiota agora. Quando as coisas mudaram? Quando aqueles caras, a quem ele sempre admirou, até mesmo idolatrou, começaram a inclui-lo como um deles? Talvez estivessem apenas brincando com ele, e não podia deixar sua guarda baixar demais. Então ele lembrou que deveria perguntar sobre Jon tocar baixo ao vivo naquelas músicas em que ele tocaria piano.



"Nós poderíamos precisar ter Jon por perto," Jace disse.

Eric e Sed se olharam incrédulos.

"Para as músicas no novo álbum onde eu toco piano. Talvez ele possa tocar o baixo quando fizermos aquelas músicas ao vivo."

"Não," Sed disse sem hesitar.

"Por que não?" Eric disse.

"Eu o peguei compartilhando um cachimbo de crack com um de nossos assistentes temporários ontem." Sed disse. "Despedi o assistente no local e Jon teve sua primeira e única advertência. Não podemos nos livrar dele rápido o suficiente."

"Talvez se ele tivesse algo pelo qual esperar ansiosamente, ele possa deixar as drogas," Jace disse.

Eric assentiu. "Eu concordo."

Sed deitou de volta no banco de peso e envolveu as mãos grandes na barra, flexionando os dedos para uma boa aderência. "Duvido."

"Pense nisso." Eric insistiu.

"Sei que ele é seu melhor amigo, Eric, mas o cara é notícia ruim," Sed rosnou, erguendo a barra pesada de cima a baixo como se estivesse em guerra com ela.

A sobrancelha de Eric franziu. "Ele não é o meu melhor amigo. Ele me usa, sei disso. Jace é o meu melhor amigo."

O coração de Jace bateu forte até que ele percebeu que Eric estava brincando com ele novamente. A estúpida piada seguinte nunca veio.

Sed fez um som de esforço, e Jace o ajudou a erguer a barra de pesos sobre seu suporte. Sed se sentou e enxugou o rosto suado em uma toalha.

"Eu não sei. Vamos ver o que Brian e Trey pensam. Até onde estou preocupado, Jon não merece outra chance."

"Eu preciso falar com ele," Eric disse e pulou da parte traseira do caminhão.

Sed levantou, pegou um haltere de doze quilos e o entregou a Jace. "Comece a trabalhar. Nós precisamos de você de volta. Logo."



* * * * *

Uma discussão alta no lado oposto do ônibus tirou Aggie de seus pensamentos. Ela desceu do tronco de onde estava sentada, observando um esquilo enterrar nozes embaixo do lixo de folhas. Ela passou as mãos na calça jeans e foi investigar. Eric e Jon estavam a um canto do ônibus.

"Como você pôde fazer algo tão estúpido novamente?"

"Eu não sei do que você está falando," Jon disse.

"Sed me contou sobre o cachimbo de crack, Jon. Você me prometeu, implorou e implorou que eu lhe desse uma segunda chance com a banda. Sem mais drogas. Lembrou-me do quanto eu lhe devia, até que finalmente cedi e prometi que a primeira abertura que se apresentasse propriamente, eu conseguiria colocar você. Como diabo eu ia saber que Jace ia levar um tiro e eu teria que cumprir a promessa?"

"Por que está chutando o meu traseiro? Relaxa. Sed não vai me pegar usando novamente. Eu vou ter mais cuidado."

Eric rosnou de frustração. "Você simplesmente não entende. Prometi a Sed que você estava limpo. Eu garanti, sabendo que Sed me responsabilizaria por cada coisa estúpida que você faz. Até mesmo isolei Jace para conseguir você aqui, e você faz isso?" Eric empurrou Jon contra o ônibus com as duas mãos.

Jon o empurrou de volta. "Não aja como se fosse mais santo, Eric. Você realmente acha que essa coisa temporária nos deixa quites? Você ainda me deve."

"Acha que eu não percebo isso?"

"Então saia da porra do meu caso."

"Como conseguiu com que Jace nos pedisse para mantê-lo? Você o ameaçou?"

Jon riu. "Você realmente acha que eu poderia ameaçar Jace? Ele não leva desaforo de ninguém além de vocês quatro. Eu pedi a Aggie. Sabia que ele não conseguia dizer não para ela, que o tem enrolado em seu dedo."



Aggie deu um passo hesitante para frente e o cascalho rangeu sob seus sapatos. Ambos os homens viraram para olhá-la. "Aquela rotina de cara agradável ontem à noite foi tudo encenação, não foi?" Ela disse.

"Cale a boca," Jon disse.

Eric pôs as mãos no lado da cabeça dele. "Quer saber? Apenas fique longe de mim. Não suporto continuar olhando para você."

Um táxi virou à margem da estrada, puxando para uma parada ao lado deles. Brian abriu a porta e arrastou uma linda mulher de trinta e poucos anos do banco traseiro enquanto saía do carro. Ela usava um elegante terno de saia cor de ameixa e saltos altos combinando. O que provavelmente tinha sido um limpo e organizado penteado, estava todo bagunçado como se alguém tivesse passado os dedos por ele. A mulher não conseguia tirar os olhos, boca, ou as mãos do guitarrista principal, e ele não conseguia parar de sorrir.

"Myrna," Brian disse sem fôlego, "Esta é a namorada de Jace, Aggie, e aquele cara é Jon. Você ouviu um pouco sobre ele."

Seu bonito olhar castanho tocou brevemente em Aggie e Jon antes de retornar para a razão pela qual voou para o Canadá. "Bom conhecer você dois," ela disse. "Odeio ser rude, mas se não montar A Besta nos próximos cinco minutos, eu vou morrer."

Brian riu e a arrastou em direção aos degraus do ônibus. "Bem, não vamos querer isso, querida. Eric, você se importaria de pagar ao motorista e pegar a bagagem de Myrna do porta-malas?" Ele disse isso sem tirar os olhos de sua esposa.

"Suponho que sim," Eric disse com um sorriso maroto.

O casal desapareceu no ônibus.

"Oi, Myrna!" Jessica disse dentro do ônibus. "Como tem passado?"

"Vamos nos entender depois, Jess."

Um momento depois tropeçou degraus abaixo, um rubor manchando suas bochechas. "Eles fizeram isso tão logo chegaram ao sofá," ela murmurou.

"Oh, inferno sim," Eric disse e entrou no ônibus com a mala de Myrna na mão. E não retornou. Sem dúvida, encontrou um novo casal para olhar.



"Então o que fazemos agora?" Aggie perguntou.

"Parece que fomos banidos para o ônibus do chiqueiro." Jessica estremeceu e esfregou os braços nus. Garotas do sul da Califórnia não tinham guarda-roupas apropriados para os outonos canadenses.

Sed e Jace vieram do caminhão de equipamentos com os corpos lisos de suor. Ambos pareciam completamente desejosos. Aggie não foi a única a notar, pois Jessica fez um som em algum lugar entre um grunhido e um ronronado.

"Por que vocês duas estão de pé aqui sozinhas?" Sed perguntou, puxando Jessica contra seu corpo e fazendo algo em seu ouvido que a fez estremecer com algo diferente do frio.

Aggie olhou ao redor. Elas estavam sozinhas. Jon aparentemente tinha fugido para algum lugar novamente. Alguém bateu a porta traseira do caminhão de equipamentos. "Veremos você em Montreal," o assistente, Travis, gritou antes de entrar na cabine e se retirar do estacionamento à margem da estrada. Um momento depois, o ônibus do chiqueiro o seguiu, deixando-os lá fora no frio.

"Brian e Myrna se apropriaram da sala de estar do ônibus," Jessica disse. Ela traçou uma gota de suor na lateral do pescoço de Sed com um dedo até que esta desapareceu no decote de sua camiseta branca.

"Isso significa que o quarto está disponível?" Sed disse em um grunhido baixo.

Eric enfiou a cabeça para fora da porta do ônibus. "Aggie, Brian quer ver você."

A sobrancelha de Aggie se ergueu com confusão. Ela apontou uma mão para o centro do seu peito. "Eu?"

"Acho que você foi voluntariada para uma das experiências de exploração sexual de Myrna."



Capítulo Trinta e Sete

Aggie subiu os degraus do ônibus e encontrou Brian e Myrna ofegantes no sofá, ainda completamente vestidos, parecendo simultaneamente famintos e satisfeitos. Myrna estava escarranchanda no colo de Brian, com a saia em torno de sua cintura e o pênis dele enterrado dentro dela. Ele estava sussurrando, "eu amo você," em seu ouvido repetidamente.

"Eric disse que você queria me ver," Aggie disse.

"Você faz com casais?" Myrna perguntou.

Os pelos da nuca de Aggie se arrepiaram. "Se eu faço com casais?"

"Ela não quis dizer isso assim," Brian disse, soltando um beijo carinhoso na testa de sua esposa. "Ela quis dizer se você instrui casais na maneira correta para, você sabe… fazer o que você faz?"

Oh!

Oh, sim…

Cada nervo no corpo de Aggie ficou em alerta quando a Dominatrix V clamou para se libertar. Ela amava trabalhar com os casais, ensiná-los e ajudá-los a explorarem sua sensualidade sombria juntos. Era sua coisa favorita para fazer no calabouço. Infelizmente, aquilo não era possível ali. "Na verdade, não há espaço para se fazer corretamente, especialmente quando o ônibus estiver em movimento," ela disse. "Quando voltarmos para casa, eu convidarei vocês para um pouco de terapia de casal."

"E a nós também?" Sed perguntou da entrada do ônibus. A cabeça de Jessica se virou para encará-lo com surpresa. Ele pôs um braço ao redor dela quando o ônibus avançou e foi para a estrada.

"Claro," Aggie disse. "Eu amo ver caras grandes e durões implorarem por misericórdia."

"E eu posso olhar, certo?" Eric disse.



"E eles todos vão praticar suas técnicas em mim, certo?" Jace murmurou.

Aggie riu. "Você gostaria disso, não é?"

Jace assentiu ansiosamente.

"Devíamos entrar em um negócio juntos, querido. Nós teríamos uma parceria considerável. Eu ia chefiar um grupo de dominantes, que é muito mais divertido que assistir homens rastejarem em minhas botas. E você conseguiria toda a dor que pode desejar. Nós estaríamos no sétimo céu."

Ele acariciou o cabelo da bochecha dela com carinho. "Já estou lá."

"Ei, pessoal!" Dave gritou do assento do motorista. "Está nevando."

Aggie nunca viu a neve cair.

Ela correu para a frente do ônibus para encarar o céu cinza. Flocos grandes e macios de neve voavam em direção ao largo pára-brisa, acumulando-se nos limpadores e lentamente pintando a desolada paisagem branca.

"É lindo!" Ela disse, observando a corrida de flocos em direção a eles. "Parece que estamos viajando no espaço em uma grande velocidade."

"Vamos chegar a Montreal na hora certa, Dave?" Sed perguntou enquanto sua sobrancelha franzia de preocupação.

Aproximando-se para ficar atrás dela, Jace pôs as mãos em sua cintura e Aggie apoiou o queixo em seu ombro para observar a neve pelo pára-brisa. Cobriu-lhe as mãos com as suas e relaxou contra ele. Algumas semanas atrás, ele nunca a teria abraçado na frente do pessoal. Ele cresceu muito desde que ela forçou caminho em sua vida, mas nem a metade do tanto que ela cresceu.

A atenção de Dave foi para seu velocímetro. "Devemos. Você quer que eu empurre o pedal?"

"As estradas estão escorregadias?"

"Ainda não," Dave disse.



"É melhor prevenir do que remediar," Eric falou da salar de jantar. Tinha se recostado contra o balcão e puxado seu pé de coelho da sorte do bolso para esfregá-lo com os polegares. Então o beijou sete vezes para garantir.

"Que porra é essa?" Myrna gritou.

Aggie conseguia ouvi-la mesmo através da porta fechada do quarto, onde ela e seu marido desapareceram para continuar a pegação. Brian disse algo em resposta para sua esposa que Aggie não conseguiu ouvir, mas lhe pareceram desculpas.

A porta do quarto se abriu. "Eric Sticks, eu vou chutar a porra do seu traseiro," Myrna berrou. Ela estava sem sua jaqueta e blusa, mas não parecia se importar que todos no ônibus pudessem vê-la de sutiã.

Eric agarrou Jessica, que tinha ajoelhado em uma cadeira olhando a neve ao longo da lateral do ônibus. Eric a usou como escudo humano. "O que eu fiz, Myrna?"

"Como você *pôde*? Na bunda dele, Eric. Brian tem um maldito gatinho montado em um unicórnio gravado permanentemente em sua bunda!"

Huh? Aggie olhou de um membro da banda ao outro, sem ter ideia do que eles estavam rindo.

"Ei, o arco-íris ao fundo foi ideia de Jace," Eric disse.

Myrna o perseguiu com uma palmatória e o atingiu duas vezes antes que ele conseguisse escapar.

"Eu tenho um também," Trey disse.

Ele desabotoou a calça jeans e mostrou o traseiro nu para os ocupantes de ônibus. Uma vibrante e colorida tatuagem de um gatinho malhado e fofo montando a galope em um majestoso unicórnio adornando um terço da nádega esquerda de Trey. Um arco-íris e finas nuvens brancas cercavam a criatura mítica. Garotinhas teriam vergonha de ter aquela monstruosidade feminina em suas lancheiras, então por que um cara teria aquilo tatuado na bunda? Correção — dois caras.

Aggie se juntou ao riso. Abraçando o abdômen com ambos os braços, e lágrimas escorrendo de seus olhos, Sed estava deitado no chão, rolando para frente e para trás enquanto



ria. Myrna parou e passou a mão pelo quadril de Trey enquanto inspecionava a "arte" que combinava com a de seu marido.

"Filho da mãe! Você marcou Trey com essa coisa grotesca também? Eu vou chutar seu traseiro duas vezes, Eric Sticks."

"Não é culpa minha. Eles perderam a aposta," Eric gritou. Preso no canto entre o banheiro e o quarto, ele tentou pegar o final da palmatória de Myrna enquanto ela atingia sua coxa.

"Você pode me bater se quiser, Myrna," Jace disse, sorrindo. "Eu sugeri o fundo de arco-íris."

"Eu não vou bater em você, Jace Seymour," Myrna rosnou. "Você ia gostar."

"Se eu não tivesse tão assustado agora, eu lhe diria o quanto você é sexy de sutiã, Myrna," Eric disse. "Você está me deixando com tesão."

Ela o bateu mais forte.

O interior do ônibus escureceu quando este entrou em um túnel e Aggie espiou pelo pára-brisa. Mais na frente, ela podia ver a luz do dia e algo piscando em vermelho. Luzes de obstáculo?

"Dave? Acho que alguém está parado lá na frente," ela disse ao motorista.

"Eu o vejo," ele disse e diminuiu o acelerador. Quando saíram do túnel, eles se depararam com um caminhão parado no meio da estrada. Seu proprietário estava pondo correntes nos pneus e, sem tempo para parar, Dave desviou para a esquerda para evitá-lo. O ônibus deslizou em direção a um *guard-rail* no lado oposto da estrada. Batendo nos freios, Dave desviou para a direita e por pouco perdeu o caminhão.

Uma área de gelo enviou o ônibus girando lateralmente ao redor de uma curva fechada. O veículo se inclinou sobre duas rodas. Aggie estendeu a mão para a parte de trás de seu assento para equilíbrio. Uma buzina alta — como de um caminhão pequeno — soou uma advertência.

"Oh, foda!" Dave gritou quando faróis se aproximaram em alta velocidade.



Alguém agarrou Aggie pela cintura justo quando o caminhão atingiu o lado direito do ônibus e o enviou girando em um círculo incorrigível. A parte traseira do ônibus bateu no *guard-rail*, mandando todo mundo para o chão. Sons de vidro quebrando, metal rasgando e seus próprios gritos ricochetearam pela mente de Aggie. O ônibus capotou de lado, Jace se segurou nela enquanto eles caíam, batendo contra superfícies duras e extremidades afiadas enquanto o ônibus rolava lado sobre lado. Deslizou lateralmente atravessando o asfalto — arranhando o metal — e finalmente, balançado para uma parada brusca enquanto se chocava em algo sólido.

* * * * *

Jace deu um suspiro trêmulo, segurando a cabeça de Aggie contra seu coração disparado. Completamente mole, ela estava esparramada sobre o corpo dele. *Ela está morta,* ele pensou. *Aggie está morta.* Assim como todas as outras pessoas que ele já amou. Aggie estava morta. Uma angústia paralisante tomou conta dele. Garras afiadas puxaram seu coração e alma separando-os em toda direção. Ele a puxou para mais perto, querendo segui-la na morte, ao invés de enfrentar a vida sem ela.

Após um momento, ela se mexeu. Gemeu.

"Aggie?" Sua voz falhou.

"Jace," ela sussurrou.

Seus braços se apertaram ao redor dela. Ele abriu os olhos, mas tudo estava borrado pelas lágrimas. "Você está bem?" disse roucamente. "Aggie?"

"Acho que sim." Ela tentou se afastar, mas ele era incapaz de soltá-la de seu abraço. "Solte-me, Jace."

"Não posso." Ele beijou o topo de sua cabeça. "Não posso soltá-la. Nunca mais."

"Precisamos sair daqui agora. Você pode me abraçar para sempre depois."



Ela estava certa. Eles precisavam sair do ônibus e se certificar que todos os outros estavam bem. Ele se forçou a soltá-la e notou que eles estavam deitados nas costas do sofá — exceto que este não estava na orientação adequada. A janela lateral de onde Jessica olhava não menos que cinco minutos atrás estava quebrada e virada em direção ao céu. O ônibus estava apoiado pelo lado do motorista. E alguém ajudou Aggie a descer do corpo de Jace.

Sed. Ele tinha um corte na têmpora e sangue escorria no lado de seu rosto, mas nunca pareceu tão sólido. Aggie deu um passo em direção à parte de trás do ônibus, esmagando vidro debaixo de seus pés. "Você não pode sair por aí," Sed disse. "Tem um precipício."

"Onde estão os outros?"

Parecendo fisicamente mal, ele balançou a cabeça. "Eu não sei."

Sed a impulsionou para fora da janela quebrada acima e ela se arrastou para sair do ônibus.

Um cheiro ácido encheu o nariz de Jace e queimou seus olhos. O ônibus estava cheio de fumaça. Sed o ajudou a se levantar. "Nós temos que sair daqui," Sed disse.

"Todos estão bem?"

Sed não respondeu, mas olhou ansiosamente por cima do ombro. Jace seguido seu olhar. A metade da parte traseira do ônibus estava faltando, e além da lateral rasgada estava um espaço aberto — um abismo sem fim além de um precipício.



Capítulo Trinta e Oito

Aggie estava de pé no lado do ônibus que agora encarava o céu e olhava para os destroços espalhados na estrada. A parte de trás não tinha caído sobre a borda do precipício como ela tinha suspeitado pela primeira vez. Estava a metros de distância da entrada do túnel, enterrada sob uma avalanche de troncos enormes. O semirreboque que transportava a madeira estava caído de lado contra um barranco rochoso e o caminhão no qual eles desviaram estava intacto próximo ao fim do túnel. Seu dono estava gritando em um telefone celular — esperançosamente pedindo ajuda. Jessica estava sentada no meio da estrada, segurando a cabeça com as duas mãos e gritando o nome de Sed. Aggie estava atordoada demais para dizer a ela que Sed estava bem, pois seu cérebro e corpo operavam em câmara lenta. Observou Brian puxar Myrna dos destroços e Trey escapar ali perto. Inexplicavelmente, ela esperava por uma pessoa, com o coração batendo como se estivesse preso a um túnel do tempo.

"Eric?" Brian chamou dos destroços.

Nenhuma resposta.

"Eric!" Trey gritou.

Ainda sem resposta.

Sed desceu da lateral do ônibus e correu em direção a Jessica. Ele a puxou em seus braços e eles se abraçaram, alheios ao caos. Uma mão se instalou na base das costas de Aggie e ela se virou para olhar Jace. Ele tinha pequenos cortes sangrando por toda parte de seu rosto por ter sido bombardeado com vidro quebrado, e sujeira enegrecida em sua pele, mas ela honestamente podia dizer que ele nunca esteve melhor.

"Então, estão todos bem?" Ele perguntou ofegante.

"Eric," ela sussurrou.

O rosto dele caiu. Ele desceu a subestrutura do ônibus e a ajudou para o asfalto, seu tornozelo protestou quando ela pôs peso nele, mas ela o ignorou. Eles correram e mancaram, de



mãos dadas em direção à parte traseira do ônibus. "Onde está Eric?" Jace perguntou a um Trey desnorteado.

"Acho que ele ainda está lá dentro."

"Você o viu lá?" Jace perguntou a Trey, tentando rastejar entre dois troncos que estavam organizados como um jogo gigante de Pega-Varetas, em torno do que restou do ônibus. "Você viu Eric?"

"Como nós estamos vivos?" Trey murmurou, seus olhos verdes estavam distantes e vidrados. "Como estamos vivos? Todos deviam estar mortos."

"Eric!" Jace chamou, empurrando um tronco com o ombro, que se recusou a se mover. "Eric!"

"Ho- homenzinho?" A voz quase imperceptível de Eric veio do fundo do ônibus.

"Ele está vivo," Jace disse sem fôlego.

Ele empurrou um braço no espaço aberto entre dois troncos. "Pegue minha mão, Eric. Vamos tirar você."

Dentro do ônibus, Eric ofegou em agonia. "Não posso me mexer. Minha perna está presa."

Jace se contorceu para se estender ao seu alcançe. "Tente, Eric. Segure a minha mão."

"Acho que não tenho mais que me perguntar quando a maldição do novo álbum vai me pegar." Eric riu.

Conte com Eric para fazer piada no momento menos apropriado. Aggie não conseguiu deixar de sorrir e revirar os olhos.

"Preciso de mais alguns centímetros e posso entrar lá," Jace disse enquanto tentava se espremer entre os troncos.

"Espere pela equipe de emergência," Brian sugeriu.

"Estamos a quilômetros e quilômetros de distância dos serviços de emergência," Jace disse. "Vai levar muito tempo para eles chegarem aqui."

Aggie sabia que Jace não seria capaz de ficar ali e esperar enquanto Eric estava preso, então se agachou próximo a ele para ver se havia um jeito de ajudar.



"Sed," Jace chamou por sobre o ombro. "Você acha que pode mover este tronco?"

Sed beijou o rosto de Jessica e a soltou. Quando ele se afastou, ela fez um som como de um animal ferido. "Está tudo bem," ele prometeu. "Volto logo." Então se aproximou do ônibus. "Onde você está, Eric? Eu não quero esmagá-lo com um destes troncos."

Eric riu. "Estou no maldito banheiro. Meu pé está preso atrás do vaso e não posso soltá-lo."

"Mas você está bem?"

"Acho que sim. No entanto, sinto cheiro de gás."

"O banheiro sempre cheira assim," Sed disse.

Eric riu. "Verdade."

Sed agarrou o tronco, bloqueando a entrada de Jace, e rosnou pelo esforço, seus músculos salientes enquanto ele o erguia vários centímetros. Jace moveu-se rapidamente pelos destroços, prendendo-se voluntariamente para ajudar um amigo. O peito de Aggie se encheu de orgulho. "Você é tão corajoso, bebê," ela disse, com lágrimas escorrendo pelo rosto. "Tão altruísta. Eu te amo tanto."

Sed soltou o tronco e este se instalou de volta no lugar.

Ela podia ver um pouco da camiseta branca de Jace na escuridão interior, mas nada mais. "Tenha cuidado."

Aggie ouviu os destroços se dispersarem enquanto Jace escolhia sua passagem no ônibus para o banheiro.

"Que bom que você é tão pequeno, cara," Eric disse. "Ninguém mais podia ter se espremido aqui e vindo me salvar. Ai, foda, cara, minha perna não se dobra desse jeito."

"Dobra agora," Jace disse. "Por que está molhado?"

"Uh, água do banheiro. Oláá."

"Espero que a última pessoa que o usou tenha se lembrado de dar descarga."

"Obrigado por acrescentar isso a minha lista de preocupações, homenzinho."

Jace riu.

Após vários minutos de grunhidos, Eric gritou, "Estou livre!"



"Agora, como saímos daqui?" Jace perguntou.

"Não tenho ideia."

"Como vocês saíram?" Sed perguntou a Jessica, que estava se agarrando a cintura dele. Ele tocou em seu cabelo.

"P-por baixo da mesa de jantar," Jessica conseguiu dizer.

"Tentem por baixo da mesa de jantar," Sed gritou.

Depois de um momento, Jace e Eric acharam o caminho. "Obrigado, tripé," Eric disse, segurando o peso na perna esquerda, enquanto abraçava Jace tão forte que seus pés se erguiam do chão.

"Tripé?" Jace perguntou.

"Tão pendurado como você é, praticamente tem três pernas."

Jace riu e deu-lhe um tapinha nas costas, com entusiasmo. "Não me importo se você me chamar de homenzinho. Estou bem com isso."

"Não minta. Sei que você odeia. Vou chamá-lo de tripé de agora em diante."

Sob a sujeira e o suor, Jace corou e olhou para Aggie pelo canto do olho. Seu brilhante sorriso fez o coração dele cantar.

"Estou feliz por todos estarem aqui," Brian disse com os braços ao redor de Myrna, que estava incrivelmente calma em seu estado seminu. "Acho que fiz cocô em minhas calças. Que passeio!"

"Somos os filhos da mãe mais sortudos do planeta," Sed disse e pôs os braços ao redor de Jace e Eric, esmagando Jessica entre eles. Brian arrastou Myrna e Trey no círculo contra as costas de Eric.

"Você não acha que sou estúpido pelas sete ferraduras penduradas na parede agora, não é?" Eric disse.

"Ainda achamos que você é estúpido, Eric," Brian disse.

"Mas estamos felizes que você não está morto," Trey acrescentou.

O braço de alguém serpenteou ao redor da cintura de Aggie, e ela logo se achou presa no meio de um abraço de grupo. Aquele pessoal. Família. Nenhuma outra palavra os descrevia.



Estava feliz por fazer parte do que eles compartilhavam. E duplamente feliz que Jace os tinha em sua vida.

Então, de repente, Jace se afastou do grupo. “Onde está Dave?”



Capítulo Trinta e Nove

Jace voltou seu olhar em direção à frente do ônibus. A fumaça ondulava, espessa e negra, da janela quebrada por onde ele, Aggie, e Sed escaparam há menos de quinze minutos. Chamas lambiam a abertura. Ele estava correndo naquela direção antes que sua mente compreendesse a gravidade da situação.

Jace encabeçou para a frente do ônibus e perscrutou pelo pára-brisa. A forma inconsciente de Dave estava suspensa do assento do motorista pelo cinto de segurança. O interior atrás do compartimento do motorista ardia em uma cor laranja agourenta. Fogo. O coração de Jace congelou. A pessoa que ele via em perigo não era Dave. Ele viu seu pai cercado pelas chamas.

"Pai!"

Jace bateu na janela, tentando despertá-lo. "Acorde!" Ele empurrou ambas as mãos e usou o seu soco de uma-batida, atingindo o vidro. Este se rompeu e um buraco estourou no meio de uma teia de aranha que moldava a rachadura. Ele bateu novamente, alargando o buraco. Jace agarrou seu pai pela pálida camisa pólo amarela. "Pai! Não morra. Não esteja morto. Eu sinto muito, não quis dizer a sério. Foi um acidente. Eu…"

Alguém quebrou mais vidro do pára-brisa e mãos lutaram para liberar o cinto de segurança. O calor das chamas trouxe Jace de volta ao momento e Dave, não seu pai, saiu livre do assento. Jace tomou uma respiração irregular e seguiu Sed, que estava carregando Dave dos destroços em chamas. A uma distância segura, Sed deitou o corpo flácido no asfalto. Havia algo não natural sobre o ângulo do pescoço de Dave.

Eric escutou seu peito. "Ele não está respirando." E começou uma ressucitação enquanto todos olhavam ansiosamente.

Jace tremia tanto que suas pernas cederam e ele caiu de joelhos no asfalto. Aggie apareceu diante dele. Seu demônio de preto. Não, seu anjo. Sua salvação.



Os dedos dela acariciaram carinhosamente seu cabelo e isso fez seu corção inchar. Ele não entendia. O que tinha feito para merecer aquela mulher maravilhosa? Pôs os dois braços em sua cintura, enterrou o rosto em sua barriga e soluçou.

"Estou com você, querido," ela sussurrou.

A dor dentro dele era insuportável — pior do que qualquer coisa em sua experiência. Ele não conseguia respirar. "Dói," ele ofegou. "Deus, dói. Piedade," ele implorou, esfregando o rosto contra a barriga dela. "Piedade, Aggie. Piedade."

"Deixe ir agora." Os dedos dela se apertaram em seu cabelo. "Só… deixe ir, Jace."

Deixar ir?

Sim. Deixe ir.

Alheio a tudo, exceto da dor que queimava sua alma, Jace chorou. Liberou quinze anos de tormento em uma torrente de lágrimas, rixas, suor e sangue nos pés da mulher que ele sabia que não poderia viver sem.



Capítulo Quarenta

Aggie tentou imaginar tudo que Jace estava lhe mostrando, mas só lhe parecia um porão enorme e vazio.

"Você pode construir pelo menos duas salas com isolamento acústico para seu calabouço aqui emabixo," ele disse. "E uma sala de costura, uma despensa. O que mais você quiser. É seu para fazer o que quiser."

"Você tem certeza, Jace? Vai ser incrivelmente caro fazer tudo isso."

"Você sabe o que isso é realmente para mim, não é?" Ele beijou seus lábios e a arrastou contra seu peito. "Além disso, minha senhora precisa de seus escravos."

"Eu não conheço um homem que pagaria para ter o porão de sua casa nova em folha convertido em um calabouço para sua namorada." Ela não esperou aquilo quando ele lhe pediu para se mudar para Los Angeles e viver com ele. Imaginou que ia ter que se redefinir e desistir da maioria das coisas que amava para que pudesse fazer uma nova vida com ele. Estava disposta a tentar, mas Jace não queria que ela mudasse. Ele a amava por quem ela era e a apoiava em tudo que ela queria fazer. Ele nunca parou de surpreendê-la e ela nunca ia parar de amá-lo por isso.

Jace ergueu a mão esquerda e deslizou algo em seu dedo anular. "Mas ele faria isso para sua esposa, não é?"

Os olhos de Aggie se arregalaram quando ela encarou o brilhante diamante marquesa em seu dedo. "Um…"

"Você vai realmente me fazer perguntar?" Ele murmurou em seu ouvido. Ela podia sentir o calor do rubor dele contra sua bochecha.

Ela forçou os olhos para ele antes de retornar ao anel. Uau! Era magnífico. E enorme. E brilhante. E… e… Jace lhe deu… isso significava que… Ele estava lhe pedindo… sério? Seus pensamentos se dispersaram como sementes de dente-de-leão. "Um…"



"Tudo bem, eu vou lhe pedir corretamente, mas eu tenho que fazer isso de joelhos? Você tem homens implorando em seus joelhos o tempo todo e me parece estúpido lhe propor casamento desse jeito."

"Um…"

Quando ele começou a se ajoelhar, ela o pegou pelo pescoço, esmagou o rosto em seu peito e gritou. "Oh, meu Deus." Aggie sempre se imaginou calma, tranquila e recomposta se alguém tivesse coragem para lhe propor casamento. E também tinha preparado um discurso sobre como recusar o pequeno verme, audacioso o suficiente para lhe pedir. Tal como toda a sua interação com Jace Seymour, as coisas não saíram como planejadas. "Sim. Sim. Sim. Sim!" Ela gritou, lágrimas voando. Beijou cada centímetro do rosto dele enquanto ele ria de seu entusiasmo.

Ele pegou sua boca com a dele e a beijou carinhosamente até que seus dedões se curvaram, e ela se agarrou a ele em necessidade.

"Vamos lá para cima," ela disse com voz rouca. "Quebrar aquela sua nova cama."

"Você quer dizer aquela nossa nova cama."

"Sim." Ela não conseguia parar de sorrir. Senhor, o homem a fazia tão feliz.

A campainha tocou e a gata de Jace, Brownie, sentou no topo dos degraus do porão e miou para eles.

"Nós temos um convidado," Jace disse.

"Um dos rapazes?" Ela perguntou, ansiosa para ver algum deles. Sentia falta de não estar em turnê com eles, mas tinham cortado as curtas apresentações canadenses até que conseguissem um novo ônibus. E encontrassem um substituto para seu engenheiro de áudio.

"Eric deveria parar para visitarmos Dave mais tarde. Ele está sendo transferido para casa hoje. Você quer vir conosco?"

"Claro."

Os médicos disseram a Dave que ele ficaria paralisado por toda a vida, mas aparentemente, o cara não pensava muitas em suas opiniões. Seis semanas de recuperação, ele



não estava caminhando ainda, mas um homem com tanta determinação não seria mantido para baixo por muito tempo. "Deve ser Eric então."

A campainha tocou novamente. "Você sabe que Eric nunca se incomoda em tocar a campainha," Jace disse. "Acho que é provavelmente outra pessoa." Ele soltou uma risada nervosa e passou uma mão em suas mechas loiro-descoloridas espetadas.

Outra pessoa?

Jace a levou para a porta da frente, pressionando beijos nas juntas de sua mão esquerda. Aquilo a deixou intensamente ciente do anel que ele colocou em seu dedo. "Você não tem permissão para me odiar por isso," ele disse.

"Eu nunca poderia odiá-lo."

Ele abriu a porta.

No degrau da frente, sob o pórtico extenso, a mãe de Aggie estava de pé.

"Você contou a ela onde nós moramos?" Aggie gritou. Propositalmente ela não contou a sua mãe sobre seu novo endereço, na esperança de que ia dissuadi-la de se mudar com ela. Sua mãe não tinha ficado feliz quando Aggie pôs sua casa em Las Vegas à venda.

Sua mãe fez uma careta e enfiou a mão na bolsa para um cigarro.

"Não fume dentro de casa," Jace disse. "Entre."

A mãe respirou fundo e removeu a mão de sua bolsa. "Não posso ficar por muito tempo."

Aggie revirou os olhos. Ela tinha ouvido aquilo antes.

Jace ofereceu a ela um sorriso triste. "Você podia ficar aqui por um minuto?" Ele pediu a mãe. "Eu preciso falar a sós com Aggie."

Ele tomou Aggie por ambos os braços e a levou para a sala de estar fora do vestíbulo de entrada. Os olhos de Aggie caíram sobre um piano a um canto. Pertenceu à mãe de Jace. Usando o que o pequeno Jace sabia sobre seu paradeiro, Aggie procurou por semanas e finalmente o encontrou armazenado no porão da escola onde o pai dele o tinha doado anos atrás. Aggie nunca esqueceria o rosto de Jace a primeira vez que ele o tocou para ela. Satisfação. Aceitação. Amor.



Jace a pressionou sobre seu novo sofá de couro e se sentou na mesa de centro com tampo de mármore na frente dela. Ambas as peças elegantes se chocavam horrivelmente com o piano danificado, mas Jace queria o instrumento por perto. Ele o tocava toda noite que estava em casa e a gata tola sempre rebatia os pés enquanto ele trabalhava com os pedais.

"Eu sei que você está louca com ela," ele disse.

"Louca? Não. Ela me deixa louca. Ela é intrusa."

"Ela tem algo importante para lhe dizer. Escute o que ela tem a dizer." Ele tomou sua mão e beijou suas juntas. "Por mim."

"Por *você*?"

"Eu gostaria de ter tido a chance de fazer as pazes com meus pais antes deles partirem. Isso teria me poupado anos de agonia. Você tem que aproveitar esta oportunidade para consertar as coisas. Não por ela. E não realmente por mim. Por você."

Aggie segurou-lhe o rosto entre as mãos, sabendo o quão duro tinha sido para ele deixar seu passado e perdoar a si mesmo. Ele queria salvá-la do arrependimento de uma vida com remorso. Ela nunca compreendeu o que tinha feito para merecer aquele homem tão maravilhoso, atencioso, compreensivo, altruísta, corajoso e amoroso, mas seria eternamente grata por tê-lo encontrado. E que ele era dela. Ela assentiu, incapaz de recusar seu pedido simples. "Tudo bem. Eu vou ouvi-la lá fora, mas se ela reivindicar o quarto de hóspedes, eu vou jogá-la para fora de bunda."

Ele apertou seu joelho. "Quer que eu fique enquanto você conversa com ela?"

Ela hesitou e então assentiu. O homem dava-lhe força, e ela estava plenamente certa de que precisaria dele para enfrentar sua mãe e dizer-lhe não. Jace se levantou, beijou-a suavemente, e foi buscar a mulher do vestíbulo. Aggie ficou surpresa por ela não está fumando um cigarro quando entrou na sala. Jace levou a Mãe para a cadeira azul e semicircular, e em seguida sentou-se ao lado de Aggie no sofá. Ele tomou-lhe a mão, oferecendo nada além de apoio infalível.

"O Maynard vai ouvir?" a Mãe perguntou, apontando a cabeça para Jace.

"Seu nome é Jace."



"Eu sei o nome dele."

"Ele logo será meu marido," Aggie disse. Dizer aquilo pela primeira vez fez seu coração palpitar de felicidade. "O que você tiver a dizer, pode dizer na frente dele."

"Oh," a Mãe ofegou baixinho e seus olhos buscaram o anel no dedo de Aggie. "Casamento? Sério? Bem, parabéns… eu acho."

Aggie revirou os olhos. Era possível para ela dizer alguma coisa que não a fizesse querer esbofeteá-la?

"Obrigado," Jace disse, corando carmesim debaixo de sua barba por fazer. O coração de Aggie se aquecia, derretia, aquela coisa palpitante toda vez que olhava para ele. Ela sorriu, e ele baixou os cílios sobre os olhos castanhos cor de chocolate.

"Gary está esperando por mim no hotel. Não posso ficar muito tempo."

Aggie bocejou para ela. "Gary? O Perdedor Gary?"

"Ele não é um perdedor. Nós nos casamos há algumas semanas e ele vai me levar para uma lua de mel. No Havaí."

"Você se casou?" Aggie estalou. "E como é a primeira vez que ouço falar disso?"

"Achei que você não aprovaria," ela disse em voz baixa.

"Parabéns," Jace disse e apertou o joelho de Aggie. Com força.

Ela o olhou em questão, e quando encontrou seus olhos, ele deu a sua mãe um olhar aguçado.

Aggie suspirou. "Parabéns, mãe. Espero que tenha uma relação longa e saudável com o Perdedor. Ele era um dos meus escravos mais bem-comportados."

Jace engasgou.

A Mãe ergueu o olhar para Aggie, que ficou surpresa por ver lágrimas se agrupando nos cílios de sua mãe. "Sei que não tomo boas decisões." A mãe suspirou, parecendo derrotada. "Eu amo você, Aggie. Deve saber disso. Sinto muito não ter sido uma mãe melhor."

Aggie a encarou. Pelo menos ela estava admitindo que não tinha sido uma boa mãe. Nunca a mãe que ela queria ou precisava. Era um começo. Aggie respirou fundo e pegou a mão de Jace. "Desculpas aceitas."



A mãe dela deu um suspiro trêmulo. "Todas as coisas consideradas, você está indo bem, garota." Ela olhou de Aggie para Jace e de volta novamente, um sorriso leve em seus lábios finos. "Você tem um grande cara ao seu lado que a ama. Você sabe quem é e o que quer da vida. Isso é mais que alguém pode dizer sobre mim."

Sua mãe levantou e beijou a testa de Jace. "Obrigada por cuidar da minha garotinha. Bem-vindo a família, Jace." A testa de Aggie foi a próxima que ela beijou. "Estamos bem?"

Aggie assentiu com a cabeça. Sim, a mulher a deixava louca, mas ela amava a maluca. O que ela podia fazer? "Estamos bem."

"Eu não sei quando estarei em contato. Quando nós voltarmos do Havaí, Gary quer comprar um trailer e ver o país. Tentarei fazê-lo para seu casamento." Seus olhos azuis correram de Aggie para Jace apreensivos. "Eu sou convidada, não é?"

"Claro," Jace disse.

A Mãe hesitou, parecendo como se tivesse sido atingida por um raio. "Espere um minuto. Vocês dois não estão contando em ter filhos, não é?"

"Em algum dia," Jace disse sem hesitar.

O coração de Aggie falhou uma batida. *Filhos?* Ela o olhou. Novamente com a coisa do coração aquecido, derretido e palpitante. Um bebê encheria Jace de carinho. O que poderia ser mais maravilhoso do que isso? "Sim, em algum dia," ela concordou.

O nariz de sua mãe plissou. "Adiem por umas duas décadas, se puderem, por favor. De jeito nenhum estou pronto para ser avó. Sou uma recém-casada."

Aggie revirou os olhos. "Sabe, não é tudo sobre você, mãe."

A porta da frente se abriu. "Vocês estão em casa?" Eric chamou do vestíbulo de entrada.

"Estamos na sala de estar," Jace gritou.

"Estou indo agora," a Mãe disse. "Gary está esperando, e eu tenho a única chave para a jaula do seu pau." Ela girou um chaveiro na ponta de um dedo.

Os olhos de Aggie se arregalaram. "Informações demais, Mãe!"



Sua mãe riu e a beijou no topo da cabeça, antes de pegar seu queixo em uma mão ossuda e encará-la duramente nos olhos. “Eu amo você, garotinha.”

“Amo você também, mãe.”

A mãe prendeu sua bochecha com uma junta e sorriu calorosamente antes de se virar. Ela passou por Eric enquanto deixava a sala.

“Ei, mãe da Aggie,” Eric disse, e a saudou com dois dedos.

A mãe dela olhou para seu corte de cabelo estranho e franziu os lábios. “Ei, esquisito.”

Aggie ouviu a porta se fechar atrás de sua mãe um momento depois e imaginou que da próxima vez que visse a mulher, ela estaria em apuros novamente. Esperava estar errada, mas algumas coisas nunca mudavam. Elas só tinham que ser aceitas.

“Acho que ela não gosta muito de mim,” Eric disse enquanto entrava na sala. “Vocês estão prontos para ir ver Dave?”

“Sim, nós seguiremos você na Harley.” Jace ficou de pé.

“Vocês podem ir,” Aggie disse. “Eu vou ficar aqui.”

“Tem certeza?” Jace perguntou. “Ela implorou que eu lhe dissesse sobre ela ter se casado, mas pensei que era algo que ela devia lhe dizer pessoalmente. Foi por isso que pedi que ela passasse aqui. Você está chateada?”

“Para falar a verdade não. Estou feliz que a tenha convidado. Só preciso de um pouco de tempo para me acostumar à ideia de que eu costumava enfiar plugues na bunda do meu padrasto.”

Jace mordeu o lábio e acariciou seu cabelo, pondo-o atrás da orelha. “Se precisar que eu fique em casa...”

“O que é isso?” Eric disse, erguendo uma baqueta de um par de ganchos na parede. Então o inspecionou mais de perto.

Os olhos de Jace se arregalaram e ele atravessou a sala apressado para pegar sua baqueta tesouro da mão de Eric. “Não é nada.”

“Por que você tem uma velha baqueta arranhada pendurada em sua parede?” Eric perguntou. “Você toca bateria também, tripé?”



"Não, eu não toco bateria. Foi algo que peguei de um show ao vivo." Jace cuidadosamente colocou a baqueta de volta nos ganchos que havia instalado para exibir seu bem mais precioso.

"Seu baterista favorito a jogou para você ou algo do assim?"

Jace sorriu. "Sim, algo assim."

Aggie não conseguiu resistir a oportunidade de se intrometer. "Esta é a sua baqueta, Eric."

Eric olhou para Jace, que estava fazendo sua melhor impressão de um mirtilo novamente. "Minha? Por que você roubou uma das minhas baquetas?"

"Eu *não* a roubei. Você a jogou no final de um show e eu a peguei."

As sobrancelhas escuras de Eric se juntaram. "Como conseguiu pegar uma baqueta enquanto estava no palco?"

"Não, imbecil. Aconteceu há dez anos e eu estava na plateia."

"Oh." Eric sorriu. "Então isto significa o que eu acho que significa?"

"O que você acha que significa?" Jace perguntou.

"Que *eu* sou seu baterista favorito." Eric pegou a baqueta novamente e a girou em sua mão direita.

Jace revirou os olhos. "Uh, não. Você é um idiota." Jace pegou a baqueta no meio dos giros e a colocou de volta na parede.

"Não se mantém a baqueta de uma idiota por dez anos e depois a pendura na parede como se fosse um Grammy ou um disco de platina."

Jace mordeu o lábio.

"Conte a história a ele, Jace," Aggie cutucou.

Após um pouco de hesitação, Jace contou. Sobre ver os Sinners pela primeira vez. Como ele pensou que Jon não era bom o suficiente, como pegou a baqueta e soube que estava destinado a ser parte da banda. Como se tornou um baixista para se juntar aos Sinners. O sorriso de Eric se alargava a cada revelação.



"Então *eu sou* responsável por inspirar a criação do melhor baixista do planeta," Eric disse. "É o que você está me dizendo?"

"O melhor baixista do planeta…" Jace murmurou. "Bem, eu não sei sobre isso. Você me inspirou."

"Sim, foi o que eu disse." Eric sorriu com orgulho. "Puta merda. Mal posso esperar para contar aos caras que você quis se juntar aos Sinners por minha causa."

"Eu não lhe contei a história para que pudesse se vangloriar."

"Vou pegar toda a glória se eu quiser, tripé. Não tenho muito sobre o que me vangloriar, você sabe." Eric avaliou a parede vazia acima da baqueta. "Sabe do que você precisa? Precisa de um cartaz gigante e autografado de mim para pendurar acima da baqueta. Eu vou assiná-lo: *Para Tripé, Meu maior/menor, secretamente obsessivo, mega-fã."*

Jace revirou os olhos e balançou a cabeça. "Sabe do que você precisa?"

"De uma cabeça pequena?"

"Não, de uma embaraçosa tatuagem de margarida sorridente no topo do seu pé."

Eric sorriu e assentiu. "É justo."

Jace sorriu e deu risadas. Deu a Eric um abraço armado e rude de homem e bateu em suas costas. Ele estava feliz. E bem amado. Justo como Aggie o queria. Sempre.